

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Maria de Lourdes Castilho de Freitas Nóbrega Martins

**PRIMEIRAS-DAMAS PRESIDENCIAIS
BRASILEIRAS: construção verbo-visual pela
revista *Veja* (1990-2018)**

Taubaté - SP

2019

Maria de Lourdes Castilho de Freitas Nóbrega Martins

**PRIMEIRAS-DAMAS PRESIDENCIAIS
BRASILEIRAS: construção verbo-visual pela
revista *Veja* (1990-2018)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo

Taubaté - SP

2019

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

**Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social**

M386p Martins, Maria de Lourdes Castilho de Freitas Nóbrega
Primeiras-damas presidenciais brasileiras: construção
verbo-visual pela revista Veja (1990-2018). / Maria de Lourdes
Castilho de Freitas Nóbrega Martins. - 2019.
199f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo, Departamento
de Comunicação Social.

1. Primeiras-damas. 2. Linguagem verbo-visual.
3. Gêneros jornalísticos. 4. Relações dialógicas. I. Título.

CDD – 410

Maria de Lourdes Castilho de Freitas Nóbrega Martins

**PRIMEIRAS-DAMAS PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS:
construção verbo-visual pela revista *Veja* (1991-2018)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Data: 25 / 04 / 2019

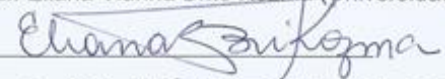
Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra.: Miriam Bauab Puzzo (Universidade de Taubaté)

Assinatura: 

Professora Dra.: Eliana Vianna Brito Kozma (Universidade de Taubaté)

Assinatura: 

Professora Dra.: Sonia Sueli Barti-Pinto (Universidade Cruzeiro do Sul)

Assinatura: 

À minha Vovó
Laura C. de Freitas
in memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Ariádne, por sempre acreditar em mim.

Ao Jean, por todo o amor e pelos sonhos que compartilhamos.

À minha irmã Leticia, por todo o carinho.

A todos aqueles que eu posso, carinhosamente, chamar de amigo, em especial, Alessandra, Amanda, Bia, Elis, Larissa e Sisenando.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, pelos ensinamentos.

À Profa. Dra. Eliana Vianna Brito Kozma e à Profa. Dra. Maria do Carmo de Souza Almeida, pela leitura atenta do meu trabalho e pelos comentários preciosos durante o Exame de Qualificação.

Aos meus colegas de Mestrado da turma 2017, especialmente aos amigos Thays, Ana Paula, Rafael, Marlise e Guto.

Aos funcionários da secretaria da PPG-LA e das bibliotecas de Letras e de Comunicação Social, pela gentileza e prontidão nos atendimentos.

A todos que estiveram comigo no decorrer desses dois anos e que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

E à minha querida orientadora, Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo, pelos diálogos estabelecidos e caminhos apontados durante a orientação.

[...]

*Já fui loira, já fui morena,
Já fui Margarida e Beatriz
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis.*

[...]

– Cecília Meireles

RESUMO

A dissertação tem como tema a construção pela mídia da imagem verbo-visual das primeiras-damas do Brasil. Como não é possível abordar todas as produções midiáticas, tem-se como delimitação a construção da imagem verbo-visual das quatro últimas primeiras-damas presidenciais brasileiras pela revista *Veja*. O objetivo geral é analisar como a revista constrói a imagem verbo-visual das primeiras-damas brasileiras. Os específicos são i) identificar e descrever as estratégias verbo-visuais empregadas pela revista *Veja*; ii) verificar as semelhanças e as diferenças entre os enunciados verbo-visuais; iii) observar e discutir as relações dialógicas entre cada capa da revista, sua reportagem interna e os textos complementares; e iv) analisar e compreender os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados verbo-visuais, respondendo ao contexto imediato. O *corpus* principal da pesquisa é constituído por quatro capas da revista *Veja*, com suas respectivas reportagens internas principais, editadas entre 1991 e 2017, que abordam sobre as primeiras-damas presidenciais brasileiras no período compreendido entre 1990 e 2018 (Roseane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer). Compõem o *corpus* secundário, que auxilia a análise, outra capa e oito reportagens internas sobre as primeiras-damas em outras edições da mesma revista. O levantamento dos *corpora* foi realizado por meio eletrônico no acervo digital da revista *Veja*. A fundamentação teórica de revisão bibliográfica tem como referência alguns conceitos de Bakhtin e o Círculo, tais como dialogismo, enunciado concreto, gêneros do discurso e verbo-visualidade. Complementam o estudo as contribuições de Brait, Dondis e Guimarães. Imprescindível se fez o levantamento do contexto sócio, histórico e político brasileiro dos anos acima referidos. Os resultados da análise apontam que capa e reportagem interna constroem, por meio da verbo-visualidade, a imagem das primeiras-damas, principalmente pelo emprego de fotografias e de adjetivos. Percebeu-se, nos enunciados, semelhanças, que remetem ao estilo do gênero e diferenças, que indicam o estilo individual. Constatou-se que há relações dialógicas entre cada capa e sua reportagem interna, entre esses enunciados e o contexto imediato, entre o enunciador e o leitor; esses diálogos levam à construção de diferentes efeitos de sentido. Considera-se o viés valorativo dos enunciadores, que muitas vezes se afasta da pretendida objetividade jornalística.

Palavras-chave: Primeiras-damas. Linguagem verbo-visual. Gêneros jornalísticos. Relações dialógicas.

ABSTRACT

The dissertation has as its theme the construction by the media of the verbo-visual image of the Brazil's first ladies. As it is not possible to approach all the media productions, the delimitation is the construction of the verbo-visual image of the last four Brazilian's first presidential ladies by *Veja* magazine. The general objective is to analyze how the magazine constructs the verbal-visual image of the Brazilian's first ladies. The specifics are i) to identify and describe the verbal-visual strategies employed by *Veja* magazine; ii) to verify the similarities and differences between the verb-visual statements; iii) to observe and discuss the dialogical relations between each magazine cover, their internal report and the complementary texts; and iv) to analyze and understand the meaning effects produced by these verbal-visual statements, responding to the immediate context. The main *corpus* of the research is composed of four covers of *Veja's* magazine, with their respective main internal reports, edited between 1991 and 2017, about the Brazilian's first presidential ladies from 1990 to 2018 (Roseane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Leticia and Marcela Temer). The secondary *corpus*, which assists the analysis, is composed of another cover and eight internal reports on the first ladies in other editions of the same magazine. The survey of the *corpora* was conducted by electronic means in the digital collection of *Veja's* magazine. The theoretical basis of bibliographical revision has as reference some concepts of Bakhtin and the Circle, such as dialogism, concrete utterance, discourse genres and verb-visibility. The contributions of Brait, Dondis and Guimarães complement the study. It was indispensable to survey the Brazilian social, historical and political context of the years mentioned above. The results of the analysis indicate that the cover and internal reporting construct, through the verb-visibility, the image of the first ladies, mainly by the use of photographs and adjectives. In the statements, similarities were observed, which refer to the style of the genre and differences, which indicate the individual style. It was found that there are dialogical relations between each cover and their internal reporting, between them and the immediate context, between the enunciator and the reader; these dialogues lead to the construction of different effects of meaning. It is considered the value bias of the enunciators, who often deviate from the intended journalistic objectivity.

Keywords: First ladies. Verbal-visual language. Journalistic genres. Dialogical relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 Bakhtin e seu Círculo	17
1.1.1 <i>Relações dialógicas</i>	18
1.1.2 <i>Enunciado, enunciado concreto, enunciação</i>	20
1.1.3 <i>Gêneros do discurso</i>	23
1.1.4 <i>Gêneros da área jornalística</i>	25
1.1.5 <i>O material não verbal</i>	29
1.2 Outras contribuições	31
1.2.1 <i>A verbo-visualidade</i>	31
1.2.2 <i>A sintaxe da linguagem visual</i>	35
1.2.3 <i>As cores como informação na mídia</i>	42
CAPÍTULO 2	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
2.1 Caracterização da pesquisa	47
2.2 Levantamento, delimitação e coleta dos <i>corpora</i>	48
2.3 Descrição do contexto da pesquisa	54
2.3.1 <i>A revista Veja</i>	54
2.3.2 <i>As capas da revista Veja</i>	58
2.3.3 <i>As reportagens internas</i>	59
2.3.4 <i>Enunciados complementares: outra capa e reportagens internas</i>	60
2.4 Procedimentos de análise	60
CAPÍTULO 3	
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DAS PRIMEIRAS-DAMAS	63
3.1 Contexto sócio, histórico e político brasileiro (1989-2018)	63
3.2 Primeiras-damas presidenciais brasileiras	67
3.3 Rosane Collor	68
3.3.1 <i>A capa da Veja e a reportagem interna</i>	68
3.3.2 <i>Outras reportagens internas</i>	77

3.4 Ruth Cardoso.....	83
3.4.1 <i>A capa da Veja e a reportagem interna</i>	83
3.4.2 <i>Outra reportagem interna</i>	94
3.5 Marisa Letícia.....	97
3.5.1 <i>A capa da Veja e a reportagem interna</i>	97
3.5.2 <i>Outra capa e reportagens internas</i>	106
3.6 Marcela Temer.....	113
3.6.1 <i>A capa da Veja e a reportagem interna</i>	113
3.6.2 <i>Outras reportagens internas</i>	120
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS.....	132
ANEXOS	138

INTRODUÇÃO

Esta dissertação relata uma pesquisa sobre a linguagem verbo-visual de capa de revista em diálogo com a reportagem interna. De acordo com a perspectiva teórica do círculo bakhtiniano, pode-se dizer que as capas de revista constituem um gênero discursivo, composto por elementos verbais e não-verbais, cujas informações são retomadas nas reportagens internas. Esses gêneros discursivos, por trazerem informações associadas a imagens e a textos, atraem a atenção do leitor. Além disso, comunicam muito mais do que se supõe e, por isso, tornam-se material relevante para os estudos da linguagem.

Nos dias atuais, observa-se que a mídia impressa faz uso de inúmeras estratégias para apresentar os fatos cotidianos e constituem um espaço importante para a produção e circulação de informações. Por esse motivo, realizar uma leitura a partir dos elementos verbo-visuais das capas de revista e das reportagens internas possibilita um novo olhar e uma compreensão mais crítico-reflexiva de um determinado período sócio-histórico-político brasileiro.

A pesquisa tem como tema a construção pela mídia da imagem das primeiras-damas do Brasil. Como não é possível, em uma Dissertação de Mestrado, abordar todas as produções midiáticas, tem-se como delimitação para o estudo a construção da imagem verbo-visual das quatro últimas primeiras-damas presidenciais brasileiras pela revista *Veja*, escolhida pelo fato de ser uma publicação informativa semanal, com grande circulação em todo o país.

Para direcionar o estudo, foram feitas as seguintes perguntas de pesquisa: i) Como a revista *Veja* constrói a imagem das quatro últimas primeiras-damas presidenciais brasileiras por meio da verbo-visualidade? ii) Quais são as estratégias verbo-visuais empregadas? iii) Quais são as semelhanças e as diferenças entre os conjuntos de enunciados verbo-visuais do *corpus* principal e secundário? iv) Quais são as relações dialógicas entre cada capa da revista, sua reportagem interna e os textos complementares? v) Quais são as relações dialógicas desses enunciados com o contexto social? vi) Quais são os efeitos de sentido produzidos pela verbo-visualidade das capas, das reportagens internas e dos textos complementares?

Como objetivo geral, estipulou-se analisar como a revista *Veja* constrói a imagem verbo-visual das primeiras-damas brasileiras. Os objetivos específicos são: i) identificar e descrever as estratégias verbo-visuais empregadas pela revista *Veja*; ii) verificar as semelhanças e as diferenças entre os enunciados verbo-visuais; iii) observar e discutir as relações dialógicas entre cada capa da revista, sua reportagem interna e os textos complementares; iv) analisar e compreender os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados verbo-visuais, respondendo ao contexto imediato.

Para responder às questões de pesquisa e cumprir os objetivos, o *corpus* principal é constituído por quatro capas da revista *Veja*, com suas respectivas reportagens internas, editadas entre 1991 a 2017. Elas abordam sobre as primeiras-damas presidenciais brasileiras no período compreendido entre 1990 a 2018 (Rosane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer). Para complementar, o *corpus* secundário, composto por uma capa e oito reportagens internas sobre o tema em outras edições da *Veja*.

A análise teve como fundamentação teórica alguns postulados de Bakhtin e o Círculo (2002, 2003a, 2003b, 2003c, 2010, 2012, 2013a, 2013b, 2016a, 2016b, 2017), como os conceitos de dialogismo, enunciado concreto e gênero do discurso; baseou-se também em concepções de Brait (1996, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014) sobre discursos verbo-visuais. Essas abordagens de Bakhtin e o Círculo, bem como as de Brait, explicam a linguagem sob o ponto de vista dialógico. Para a análise dos elementos visuais, como as formas e as cores, as contribuições de Dondis (1997) e as de Guimarães (2000, 2003) foram de grande relevância.

Quanto ao percurso metodológico, inicialmente caracterizou-se a pesquisa e explicitou-se, principalmente por meio de quadros, o levantamento, a delimitação e a coleta dos *corpora*. Em seguida, descreveu-se o contexto da pesquisa: a revista *Veja*, suas capas, as reportagens internas e os outros enunciados complementares. Finalmente, tratou-se dos procedimentos de análise dos dados dos *corpora*: identificação e descrição das estratégias verbo-visuais; verificação das semelhanças e das diferenças entre os enunciados verbo-visuais; observação e discussão das relações dialógicas entre cada capa, sua reportagem interna e os textos complementares; análise e compreensão dos efeitos de sentido produzidos por esses enunciados verbo-visuais, respondendo ao contexto imediato.

Procurou-se saber o que já foi pesquisado acerca do tema; para tanto, fez-se revisão da literatura dos últimos cinco anos (2013 a 2017), para realizar um levantamento de teses, dissertações, artigos de periódicos, bem como de resumos apresentados em congressos da área. As principais bases acessadas para o conhecimento do estado da arte foram o portal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e BDTC (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). Nos campos de busca nas fontes acima indicadas foram empregadas as palavras-chave “verbo-visual”, “capa de revista”, “dialogismo” ou “relações dialógicas” e chegou-se ao seguinte resultado: duas teses, duas dissertações, cinco artigos de periódicos e quatro resumos apresentados em congressos.

A pesquisa realizada mostrou que não há trabalhos que abordam acerca da construção, pela mídia, da imagem verbo-visual das primeiras-damas presidenciais brasileiras. No entanto, a busca ofereceu um panorama de estudos científicos que, baseados principalmente em Bakhtin e o Círculo, contribuem para os debates sobre a verbo-visualidade na mídia impressa. As informações obtidas foram organizadas em quadros referentes a cada tipo de produção e permitem apresentar um mapeamento das produções acadêmicas nos últimos cinco anos.

O primeiro quadro indica as duas teses defendidas que se relacionam com o tema da pesquisa empreendida nesta dissertação.

Quadro 1 – Teses

Data	Instituição	Título	Autor(a)
2016	PUCSP	Revista <i>A Violeta</i> : a verbovisualidade e o entrecruzamento de vozes	Eliete Huguoney de Figueiredo Costa
2015	UFRGN	Representações discursivas de Lula nas capas das revistas <i>Época</i> e <i>Veja</i>	Lucélio Dantas de Aquino

Fonte: Quadro organizado pela autora

A tese de Costa (2016) fundamenta-se nos estudos de Bakhtin e o Círculo para compreender como se constitui discursivamente o entrecruzamento de vozes na dimensão verbo-visual da revista *A Violeta*, publicada entre 1916 a 1950 em Cuiabá, Mato Grosso. A análise demonstra que, num período de primazia masculina nas diversas esferas da vida social, as vozes apresentam uma dupla face, referente ao conservadorismo em relação ao papel social de mulher e ao vanguardismo em relação às questões relacionadas com o progresso das cidades.

O trabalho de Aquino (2015) considera os elementos verbo-visuais constitutivos do gênero discursivo capa de revista, com o objetivo de descrever e interpretar as representações ou imagens discursivas feitas pelas revistas *Época* e *Veja* acerca de Lula. O autor procura também compreender a construção de sentido nas capas dessas duas revistas.

Em seguida, foram pesquisadas as Dissertações de Mestrado referentes ao tema da pesquisa que se empreende. No período dos últimos cinco anos, foram encontradas três dissertações.

Quadro 2 – Dissertações

Data	Instituição	Título	Autor(a)
2017	UFRGN	Revista <i>Mundo Estranho</i> : capa e ressonância dialógica	Maria Fabiana Medeiros de Holanda
2017	Mackenzie	Capas das revistas <i>Veja</i> e <i>Época</i> , cenas da enunciação e persuasão: uma análise verbo-visual	Maria Fernanda de Castro Andrade Pagani
2015	UNITAU	A linguagem verbo-visual e seus efeitos de sentido nas capas da revista <i>Geração JC</i>	Ivan Carlos de Oliveira

Fonte: Quadro organizado pela autora

A dissertação de Holanda (2017) analisa, sob a ótica de Bakhtin e o Círculo, quatro capas da revista *Mundo Estranho*. Considera-as enunciados concretos e verifica as relações dialógicas entre o verbal e o visual. A pesquisadora analisa imagem, diagramação, manchetes, cores, título e resumo principal da matéria. Conclui que o sentido desse gênero se constrói na relação dialógica entre o verbal e o visual, cabendo ao leitor recuperar o fio discursivo que une essas duas dimensões.

A pesquisa de Pagani (2017) analisa como são produzidos os efeitos de sentido pela relação entre a linguagem verbo-visual nas capas das revistas *Veja* e *Época*. Os resultados levam à compreensão de como o uso expressivo dos elementos visuais e verbais foi estabelecido em diferentes estratégias para persuadir o leitor e direcionar sentidos em sua compreensão das capas.

O trabalho de Oliveira (2015) considera a capa de revista, com imagens e textos, a grande responsável por atrair e despertar o interesse do leitor. Com base em Bakhtin e o Círculo, discute não só a importância, como também as características da linguagem verbo-visual de duas capas da revista *Geração JC*, com o objetivo de identificar as regularidades discursivas e as especificidades desse gênero. Aponta, ainda, como os sentidos da linguagem verbo-visual são construídos.

No quadro 3 estão listados os artigos de periódicos referentes à verbo-visualidade na mídia impressa, sob o aporte teórico de Bakhtin e seu Círculo. Foram pesquisados somente os periódicos com *Qualis* CAPES A1, B1 e B2 e, nessa busca, foram encontrados cinco artigos.

Quadro 3 – Artigos de Periódicos

Data	Periódico	Título	Autor(a)
2017	Bakhtiniana v. 12 (1)	“Vamos vencer o tráfico”; uma análise da verbo visualidade da significação e do tema de uma palavra em uma capa da revista <i>Época</i>	Madeline Gilbert; Anselmo Lima
2016	Caminhos em Linguística Aplicada v. 15 (2)	Lula e Dilma na <i>Veja</i> : a interdiscursividade em destaque	Miriam B. Puzzo; Jéssica Cristiane Pereira da Silva
2016	Entremeios: revista de estudos do discurso v. 13	“I watch you”: uma análise dialógica da linguagem verbo-visual da capa da revista <i>Época</i> sobre a espionagem digital do governo norte-americano	Elayne Gonçalves Silva; João Batista Costa Gonçalves
2015	Caminhos em Linguística Aplicada v.13 (2)	Análise da linguagem verbo-visual em capa de revista; uma proposta bakhtiniana	Miriam B. Puzzo; Edmilson Arlindo Lacerda
2013	Bakhtiniana v. 8 (2)	Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica	Beth Brait

Fonte: Quadro organizado pela autora

O artigo de Gilbert e Lima (2017) apresenta, com base em Bakhtin/Volochínov, uma análise verbo-visual da significação e do tema da palavra *tráfico*, em uma manchete da revista *Época*. Os autores têm como objetivo permitir uma compreensão histórico-crítica aprofundada do sentido dessa palavra. Para tanto, consideram o visual da capa e o conteúdo da matéria da revista, priorizando a ligação entre a palavra e o contexto social em que é proferida. Além disso, analisam as diversas implicações da palavra *tráfico* e alguns de seus efeitos de sentido sobre o leitor presumido.

O trabalho de Silva e Puzzo (2016) analisa, sob a ótica de Bakhtin e o Círculo, a interdiscursividade presente nos discursos da revista *Veja* sobre Dilma e Lula. As autoras consideram a linguagem verbo-visual, verificam as construções discursivas em duas capas dessa revista, identificam o contexto sócio-histórico de produção das capas, as estratégias discursivas e os efeitos de sentido construídos.

Com o aporte teórico do Círculo de Bakhtin, Silva e Gonçalves (2016) discutem os conceitos de dialogismo e de signo ideológico para analisar a linguagem verbo-visual de uma capa da revista *Época*. Investigam como os signos ideológicos verbo-visuais se associam para produzir sentidos nesse gênero discursivo.

O artigo de Puzzo e Lacerda (2015) verifica a função das relações dialógicas entre a linguagem verbo-visual e interpreta as duas linguagens como forma de materialização da ideologia do enunciado. Os autores baseiam-se em categorias de Bakhtin e o Círculo, como enunciado concreto, relações dialógicas e ideologia.

Brait (2013) analisa textos de diferentes gêneros, oriundos de diferentes esferas, nos quais a articulação verbo-visual funciona como projeto de construção de sentidos, de efeitos de sentidos. A estudiosa considera o que ela denomina *dimensão verbo-visual* de um enunciado e tem como suporte teórico-metodológico Bakhtin e o Círculo, que contribuem para uma teoria da linguagem em geral.

Finalmente, foram consultados anais de congressos tradicionais da área, para a busca de resumos. Os resultados encontram-se no quadro a seguir:

Quadro 4 – Resumos em Anais de Congressos

Data	Congresso	Título	Autor(a)
2017	X Congresso Internacional da ABRALIN	Dilma e Temer nas capas da revista <i>Isto É</i> : uma reflexão dialógica	Ana Karla Alves de Menezes
2017	X Congresso Internacional da ABRALIN	A linguagem verbo-visual nas capas de revista: uma reflexão dialógica	Ana Karla Alves de Menezes; Ranieri Marques de Melo
2015	InPLA 20	A representação da mulher durante o período eleitoral: uma análise de duas capas da revista <i>Veja</i>	Jessica Cristiane Pereira da Silva
2013	InPLA 19 SIL 5	Análise discursiva da capa da revista <i>Veja</i> em uma perspectiva dialógica do discurso	Tatiana da Silva Figueiras

Fonte: Quadro organizado pela autora

Os quatro resumos apresentam em comum o fato de terem como aporte teórico algumas categorias fundamentais de Bakhtin e o Círculo. Outro aspecto semelhante é a análise da linguagem verbo-visual do gênero discursivo capa de revista. Os resumos assemelham-se, ainda, porque investigam o contexto sócio-histórico em que as capas foram produzidas e verificam os possíveis sentidos construídos por elas.

As pesquisas em teses, dissertações, anais de congressos e revistas científicas da área dos últimos cinco anos revelaram que ainda são poucos os estudos sobre o tema, o que justifica a pesquisa que se empreende.

Esta dissertação, após a Introdução, organiza-se em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a fundamentação teórica que sustenta o trabalho. São discutidas as contribuições dos trabalhos do Círculo bakhtiniano e algumas questões sobre a verbo-visualidade, de acordo com Brait. São abordados ainda os aspectos visuais, como as formas e as cores, segundo Dondis e Guimarães, e dá-se destaque à fotografia. Esse primeiro capítulo foi fundamental para a realização da análise das capas e das respectivas reportagens internas, bem como para as reflexões das considerações finais.

O segundo capítulo trata dos procedimentos metodológicos do estudo, em que se caracteriza a pesquisa e se apresenta o levantamento, a delimitação e a coleta dos *corpora*. Faz-se a descrição do contexto de pesquisa, com informações acerca da revista *Veja*, suas capas e suas respectivas reportagens internas. Os enunciados complementares, como uma outra capa e oito reportagens também são objeto de análise.

O terceiro capítulo apresenta a análise da construção imagética das primeiras-damas presidenciais brasileiras pela revista *Veja*. Para tanto, inicialmente, caracterizou-se o contexto sócio-histórico e político brasileiro, no período entre 1989 a 2018. Em seguida, abordou-se sobre as primeiras-damas brasileiras, para, depois, verificar a construção da imagem verbo-visual de quatro delas: Rosane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer, procurando responder às perguntas de pesquisa e cumprir os objetivos propostos para o trabalho.

Por último, as considerações finais do trabalho, bem como as referências que embasaram a pesquisa desta dissertação.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta os principais fundamentos teóricos embaixadores da pesquisa. Inicialmente, algumas concepções desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, como as noções de dialogismo, enunciado, enunciado concreto, enunciação, gênero do discurso e seus três elementos (conteúdo temático, forma composicional e estilo) e material não verbal. Em seguida, com base em Brait (1996, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014), verifica-se como algumas dessas noções podem auxiliar na compreensão dos aspectos verbo-visuais do enunciado. Por fim, as contribuições de Dondis (1997) e de Guimarães (2000; 2003), imprescindíveis para a análise da visualidade, principalmente das formas e das cores.

1.1 Bakhtin e seu Círculo

O pensamento do Círculo de Bakhtin é constituído pelos escritos do filósofo russo da linguagem Mikhail Bakhtin e pela produção de intelectuais de diversas formações (engenheiro, biólogo, advogado, pianista, professor, jornalista), dentre eles Valentin Volóchinov e Pavel N. Medviédev. Clark e Holquist (2004) registram que, apesar da multiplicidade de profissões, a paixão pela filosofia e pelo debate era o interesse comum entre os membros desse grupo. Faraco (2003) acrescenta outro aspecto dos integrantes do Círculo: a paixão pela linguagem.

As discussões dos participantes do grupo ocorreram logo após a Revolução Russa de 1917, inicialmente em Nevel, pequena cidade da Rússia oriental, situada a aproximadamente 750 quilômetros de Moscou e, posteriormente, em Vitebski, a cerca de 100 quilômetros ao sul de Nevel. Sem entrar no mérito da questão da autoria de certos textos produzidos por Bakhtin e seu Círculo, ressalta-se que as obras não foram publicadas na ordem cronológica em que foram escritas e que há manuscritos inacabados, outros rascunhados; além disso, no Brasil, há problemas de tradução. Enfim, essa densa contribuição precisa ser refletida para ser compreendida.

Segundo Freitas (2008, p. 86), “a leitura da obra bakhtiniana não é tarefa das mais fáceis”. A pesquisadora explica que isso ocorre pelo fato de o Círculo ter produzido inúmeras obras, nas quais as noções apresentadas passaram, posteriormente, por muitas modificações. Ela sugere que, para um melhor entendimento das contribuições de Bakhtin e seu Círculo, é preciso fazer “um diálogo constante com suas diversas produções” (FREITAS, 2008, p. 86). Sobral (2009) apresenta o mesmo pensamento, afirmando que Bakhtin “nunca se empenhou em estabelecer uma versão canônica do que propunha, e as reformulava sempre que julgava necessário, chegando mesmo a apresentar várias versões de algumas propostas” (SOBRAL, 2009).

Freitas (2008) e Sobral (2009) propõem, além da leitura das obras do Círculo, um diálogo com estudiosos que comentam pontos fundamentais de conceitos de Bakhtin e seu Círculo, tais como Faraco (2003), Clark e Holquist (2004), Brait (1996, 2005, 2006) e Faraco, Tezza e Castro (2007). É o que se apresenta a seguir: alguns conceitos bakhtinianos fundamentais para este trabalho.

1.1.1 *Relações dialógicas*

As concepções de Bakhtin e o Círculo encontram-se presentes em várias obras e, apesar de parecerem espalhadas, isso não ocorre, tendo em vista a existência de um conceito presente em toda sua produção, o dialogismo, vinculado com o de interação. De acordo com o Círculo, ao se produzir discursos, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso; ninguém fala sozinho, pois nossa fala é sempre provocada por outros, vem de outros, dirige-se a outros interlocutores. Essa relação eu/outro constitui o ser humano.

Vale lembrar como o dialogismo aparece em alguns textos do Círculo bakhtiniano. Em *O discurso no romance* (2010), Bakhtin propõe que todo discurso é um diálogo vivo, pois se orienta para uma resposta futura. Em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (2016a), o filósofo entende as relações dialógicas como relações de sentido entre enunciados completos, nos quais se expressa um sujeito real. É o que se lê em:

Essas relações são profundamente originais e não podem se reduzir a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas ou a quaisquer outras relações naturais. É o novo tipo de relações *semânticas*, cujos membros só podem ser *enunciados integrais* (ou vistos como integrais ou potencialmente integrais), atrás dos quais estão (e nos quais *exprimem* a si mesmos) sujeitos do discurso reais ou potenciais, autores de tais enunciados. (BAKHTIN, 2016a, p.101-102).

Em *Reformulação do livro sobre Dostoiévski* (2003a, p. 348), Bakhtin afirma que a vida humana tem natureza dialógica e que “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.”.

Em *Metodologia das ciências humanas*, (2003b) o autor apresenta a mais abrangente descrição da concepção dialógica da linguagem:

Não existe a primeira nem a última palavra e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2003b, p. 410).

Finalmente, a tese defendida por Volochínov encontra-se em *A construção da enunciação*, ensaio produzido em 1930 e traduzido por Geraldi (2013a). Para o estudioso russo, a linguagem humana é um fenômeno com duas faces: “cada enunciação pressupõe, para realizar-se, a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte” (VOLOCHÍNOV, 2013a, p. 157). A partir dessa afirmação, ele examina, detalhadamente, a enunciação; explica que a língua não é estática, ela se move e este movimento é realizado no processo de relação verbal entre homem e homem, num intercâmbio comunicativo social.

Inúmeros autores comentaram a obra do Círculo de Bakhtin e acerca do dialogismo encontra-se em Brait (2011) uma clara explicação:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem. (BRAIT, 2011, p. 69).

Sobral (2009), ao comentar o conceito de dialogismo, considera-o de cunho filosófico e discursivo. Explica que o termo se refere a planos distintos: i) a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos, que só existem e agem na relação com outros sujeitos; ii) a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, da produção do sentido, o qual nasce de diálogos entre enunciados/discursos passados e enunciados/discursos futuros.

Faraco (2003), ao sintetizar o pensamento do Círculo a respeito da linguagem, identifica-o com a ideia de diálogo. Explica que Bakhtin não aceita o monologismo; “só há, para Bakhtin, a via do diálogo sem fim, que ele considera a única forma de preservar a liberdade do ser humano e do seu inacabamento” (FARACO, 2003, p. 73-74).

1.1.2 *Enunciado, enunciado concreto, enunciação*

Os conceitos dos três termos acima não estão prontos em somente uma obra do Círculo. Para entendê-los, é necessário um percurso de leitura de inúmeros textos do Círculo, cujos resultados são, resumidamente, expostos a seguir.

O ensaio *Discourse in life and discourse in poetry* (VOLOCHÍNOV, 1926) foi traduzido por Geraldini (2013b) com o título *A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*. Esse estudo revela que o autor russo se preocupava com a criatividade linguística, realizada na interação verbal, no diálogo entre falantes de uma comunidade linguística. Nesse texto, os três termos ligam-se diretamente à palavra, ao verbal, à arte e ao meio social.

Ao abordar acerca da arte, da comunicação artística, Volochínov (2013b) entende que há interação artística singular em uma obra de arte; para ele “o traço característico da interação estética é justamente o fato de se realizar plenamente na

criação da obra e nas suas constantes recriações mediante a contemplação criativa conjunta, e não necessita de nenhuma outra objetivação.” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 76-77). Ainda de acordo com ele, essa forma de comunicação não é isolada, participa da vida social.

Logo no início do ensaio, observa-se a apresentação do objetivo da obra:

O propósito de nosso trabalho é uma tentativa de compreender a forma da enunciação poética como forma desta específica comunicação estética realizada no material da palavra. Para isso, teremos que analisar mais detalhadamente alguns aspectos do enunciado artístico fora da arte, o discurso cotidiano comum, posto que neste se encontram os fundamentos, as potencialidades de uma forma artística futura. A essência social da palavra aparece aqui mais clara e nitidamente, e a relação do enunciado com o meio social circundante se submete com uma maior facilidade à análise rigorosa. (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 77).

O autor continua suas explicações, afirmando que a palavra na vida deriva da situação extraverbal da vida. Para comprovar, analisa o seguinte exemplo: duas pessoas estão em uma casa, caladas, quando uma diz “bem”, sendo que o outro nada responde. Segundo o autor, as pessoas que não estão na casa não compreendem esse discurso, que é sem sentido; porém, para os dois, a única palavra da conversação possui sentido e importância, explicados pelo contexto extraverbal.

Em *A palavra na vida e a palavra na poesia*, Volochínov faz duas perguntas. A primeira: “como se relaciona, então, a palavra da vida real com a situação extraverbal que a tem engendrado?”. (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 77). O autor mesmo responde, explicando a importância do contexto extraverbal do enunciado, que compreende três fatores: “1) *um horizonte espacial compartilhado* por ambos os falantes [...]; 2) *o conhecimento e a compreensão comum da situação*, igualmente compartilhada pelos dois, e, finalmente, *a valoração compartilhada* pelos dois, desta situação”.(VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 78). A segunda questão é “como, então, se relaciona este horizonte extraverbal com a palavra, como se relaciona o não-dito com o dito?” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 79). O autor revela que a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Assim, um enunciado concreto apresenta duas partes: a percebida ou realizada em palavras e a presumida.

Para o estudioso, uma enunciação concreta “nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 86). Mais tarde, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017, p. 200) reitera a noção de enunciação/enunciado, o ato de fala ou seu produto, que para ele não é individual, pois “o enunciado é de natureza social”. Assim, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, sendo a palavra do autor orientada para o interlocutor.

O enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para um interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Quanto ao enunciado concreto, Volóchinov (2017) parte de uma visão sociológico-dialógica do enunciado, o qual é constituído por um aspecto verbal, a língua e um aspecto não-verbal, a situação. Além disso, o autor propõe a natureza ideológica do enunciado concreto; segundo ele, “a filosofia marxista da linguagem deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura sócio-ideológica.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 223).

Outro texto em que Bakhtin discute acerca do enunciado concreto como real unidade da comunicação discursiva encontra-se em *Os gêneros do discurso* (2016b). Para o autor, o discurso só pode existir na forma de enunciações concretas dos sujeitos do discurso, o qual está sempre fundido em forma de enunciado. Apesar de essas enunciações serem diferentes, apresentam alguns elementos comuns. O primeiro é a *alternância dos sujeitos falantes*, em que “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016b, p. 29). O segundo diz respeito à *conclusibilidade* do enunciado; ela possibilita a resposta do interlocutor e é determinada por três elementos ligados ao enunciado: “1) a exauribilidade semântico-objetiva; 2) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) as formas típicas da composição e do acabamento do gênero” (BAKHTIN, 2016b, p. 36). O terceiro e último elemento comum é a relação do enunciado com o seu autor e com os outros interlocutores da comunicação verbal. Há diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e elas determinam a diversidade dos gêneros discursivos, aspecto tratado a seguir.

1.1.3 Gêneros do discurso

As discussões do Círculo de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso estão em diversos textos. A primeira referência aparece com Medviédev (2012), *O método formal nos estudos literários*, livro escrito em 1928. Ao fazer uma crítica aos formalistas, que só investigavam de forma mecânica o gênero no fim da análise, o autor propõe que a análise do enunciado deve ser iniciada pelo gênero, pois “o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero. O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 193).

Volochínov (2013b), no ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia*, trata do que ele denomina um gênero primário, a palavra na vida cotidiana, que explica como o gênero secundário, a poesia, funciona. O autor propõe que:

A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido. (VOLOCHÍNOV, 2013b, p. 77).

Em 1952-1953, Bakhtin escreve o capítulo *Os gêneros do discurso* (2016b) e nele concentra seus estudos sobre a questão do gênero. O filósofo russo tem como ponto de partida o vínculo intrínseco que existe entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Assim, o gênero vem de um dado campo de atividade como a do trabalho, a da escola, a da política e, fora dele, não pode ser pensado. De acordo com Bakhtin (2016b), gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados por campos específicos do emprego da língua. Por isso, o gênero não é uma forma fixa, está sujeito às diversas mudanças, devido a alterações nos campos de atividade humana e de comunicação. Os gêneros são dinâmicos e inúmeros:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. (BAKHTIN, 2016b, p. 12).

O autor salienta a grande heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos e considera a diferença entre os gêneros primários e os secundários. Os primários ou simples são todas as inúmeras modalidades de diálogo e comunicação cotidiana, como a conversa familiar ou de reuniões sociais; os secundários ou complexos, como os romances, os dramas, as pesquisas científicas de toda espécie, etc., surgem de um convívio cultural mais complexo, muito desenvolvido e organizado. Os gêneros secundários incorporam diversos gêneros primários, havendo uma interação entre eles.

Esses gêneros primários, ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Em seu conjunto, o romance é um enunciado, assim como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas difere deles por ser um enunciado secundário [...]. (BAKHTIN, 2016b, p. 15).

O autor ainda trata dos três elementos do gênero: tema, estilo e forma composicional. Segundo ele, a quantidade de gêneros é indeterminada, visto as inúmeras possibilidades das atividades humanas no uso da linguagem; no entanto, eles apresentam características específicas conforme o campo de circulação:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no *conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016b, p. 11-12).

O primeiro elemento constitutivo do gênero, o tema, é tratado por Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017). No capítulo *Tema e significação na língua*, o autor lista várias características que definem o tema de um gênero discursivo. Dentre elas, tem-se que o tema: deve ser único e ser definido pelas formas linguísticas e pelos aspectos extraverbais da situação; dentro dele dever haver significação, entendida como “aqueles aspectos do enunciado que são

repetíveis idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). O tema “*é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta adequar ao momento concreto da formação.*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). O tema de um enunciado é determinado tanto pela significação das palavras que o compõe como pela compreensão dos elementos não-verbais, assim como pela situação de produção, de recepção e de circulação.

Outro elemento do gênero é o estilo, que caracteriza a individualidade do escritor/falante diante das especificidades do gênero. O estilo está ligado, de modo indissolúvel, ao enunciado e aos gêneros. O enunciado, ao refletir a individualidade daquele que fala ou escreve, possui um estilo individual. No que se refere ao gênero, os mais propícios ao estilo individual são os literários e os menos favoráveis, os que requerem formas padronizadas, estáveis, como os documentos oficiais. No entanto, esses gêneros altamente estratificados variam conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento entre os participantes da comunicação verbal.

Para Bakhtin (2016b), todo enunciado é individual e todo discurso é também responsável, ou seja, direcionado a alguém. Por isso, o estilo do locutor, a seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua serão determinados pelo modo como ele percebe e imagina seu destinatário; a proposta comunicativa e as esferas de circulação e de veiculação também interferem no estilo. Assim, o estilo surge de um processo de interação entre o eu, o outro e o contexto.

O último elemento que constitui o gênero é a forma composicional, associada à materialidade linguística do gênero. Trata-se da estrutura típica relativamente estável do gênero, ou seja, da organização textual dos elementos verbais e (áudio) visuais de um enunciado. Todo gênero apresenta uma forma composicional que o caracteriza, mas ela pode ser flexibilizada de acordo com as especificidades de cada situação comunicativa.

1.1.4 Gêneros da área jornalística

No que se refere ao jornalismo de revista, Scalzo (2004) considera a revista um veículo de comunicação, uma mistura de jornalismo e entretenimento. Para a autora, o jornalista deve ser cuidadoso antes de publicar algo e afirma que “os

grandes princípios que regem o jornalismo em geral são, portanto, os mesmos que devem ser seguidos pelo profissional que deseja trabalhar em revistas” (SCALZO, 2004, p. 53).

São inúmeros os gêneros discursivos que circulam na área jornalística. Não é fácil realizar sua classificação, principalmente porque estão sempre em mudança: surgem, desaparecem, transformam-se. O que se pode fazer é levantar e explicar os principais e, para isso, foram escolhidos os gêneros que compõem os *corpora* desta dissertação: capa de revista e reportagem interna.

Os gêneros discursivos que circulam na área midiática procuram atender aos propósitos comunicativos da organização que os publica, tais como vender, informar, opinar, etc. Ao considerar sobre esse assunto, Medina (2001, p. 53) explica que “os gêneros jornalísticos são determinados pelo modo de produção dos meios de comunicação e por manifestações culturais de cada sociedade onde as empresas jornalísticas estão inseridas”.

Ainda sobre o papel que os gêneros da área jornalística exercem, Marques de Mello e Assis (2016) propõem um modelo classificatório. De acordo com esses autores, não se deve abordar somente as particularidades linguísticas e/ou textuais das matérias que circulam na mídia. Assim,

nosso pressuposto é o de que a compreensão dos gêneros jornalísticos e de suas extensões só tem sentido se inseri-los no ambiente que lhes é peculiar, ou seja, os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc. (MARQUES de MELLO; ASSIS, 2016, p. 42).

A partir de tais considerações, sugerem cinco vertentes de gêneros jornalísticos consagrados pelo jornalismo brasileiro: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Quanto ao formato, consideram a reportagem um gênero informativo e a carta um gênero opinativo. Os autores reiteram que, para se compreender o objeto, não é possível apenas considerar as análises textuais; é preciso apreender os bastidores e os antecedentes, para que não haja perigo de “se deixar levar apenas pela entonação ou pela aparente intenção de um texto”. (MARQUES de MELLO; ASSIS, 2016, p. 51).

Passa-se, agora, a algumas considerações acerca dos dois gêneros que compõem os *corpora* desta dissertação. Primeiramente, a capa de revista, considerada como um gênero discursivo visto apresentar conteúdo temático (assunto), forma composicional (logotipo, manchete/imagem principal e secundária, edição, ano, número, data, etc.) e estilo (texto verbal, imagens, cores). Puzzo (2014, p. 175) afirma que “as capas da revista *Veja* podem se configurar como gênero discursivo, pois circulam numa dada esfera de atividade humana, cumprem um determinado papel comunicativo e possuem um acabamento mais ou menos estável.”. Apresenta os mais variados temas, como educação, saúde, política, etc., retomados nas reportagens internas. Quanto à forma composicional, para perceber os elementos que a compõem, optou-se pela capa da edição 2 574, de 21 de março de 2018¹. Na sequência, cada um desses elementos é identificado e explicado.

Figura 1 – Forma composicional da capa da *Veja*



Fonte: *Veja*, n. 2 574, de 21 mar. 2018²

Esquema organizado pela autora

¹ Escolheu-se esta edição por ter sido até o Exame de Qualificação (novembro de 2018), a única a apresentar uma mulher na capa. Em 19/12/18, outra mulher, Dalva Teixeira, filha de João de Deus, médium acusado de assédio sexual, foi retratada na capa da edição 2 613.

² Todas as edições da revista *Veja* citadas neste trabalho encontram-se no Acervo Digital *Veja*, disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>.

Após a identificação dos elementos que compõem a capa, passa-se, agora, à sua explicação. Primeiramente, o logotipo, que é a marca, a identificação da revista. O nome está ligado à observação e aparece em letras minúsculas, na cor branca. Geralmente localiza-se na parte superior da página. Depois, a logomarca da editora Abril, a árvore verde. Após isso, a data e o número da edição e a data (n. 2 574, de 21 de março de 2018), mostram o tempo que constitui a capa. Outros elementos são ou o código de barras nas edições vendidas em bancas (à direita) ou a indicação (à esquerda) de exemplar do assinante, cuja venda é proibida.

Após, ocupando quase a totalidade da capa, a imagem principal, uma fotografia da vereadora Marielle Franco, que olha para frente e sorri. Segue-se a manchete principal, um texto curto, em letras brancas, com a pergunta: “A QUEM INTERESSAVA MATAR ESTA MULHER?” Logo abaixo, em letras menores, também brancas, o subtítulo, que esclarece a chamada principal. Observa-se que, nesta capa, à esquerda da imagem principal, há uma legenda, indicando o nome da personagem retratada, sua idade (38 anos) e o partido político ao qual era filiada (PSOL). A existência dessa legenda pode ser explicada pelo fato de a revista *Veja* ter circulação nacional, e a pessoa retratada ser uma vereadora do Rio de Janeiro, pouco conhecida nacionalmente antes de seu assassinato.

Por último, na parte superior da página, duas imagens secundárias e suas respectivas manchetes, que não têm tanta relevância quanto à imagem/chamada principal: uma exclusiva sobre política nacional, envolvendo o presidente Temer e outra internacional sobre a morte de Stephen Hawking. No entanto, ao aparecerem na capa, são consideradas como merecedoras de destaque, ainda mais que se referem ao presidente da república e ao conhecido cientista britânico.

Quanto ao estilo da capa, é constituído pelo texto visual como as imagens, as cores e o texto verbal. As frases são curtas, de impacto; seu projeto gráfico não apresenta muitas variações, para que o leitor reconheça a revista na banca.

O gênero discursivo capa tem duplo objetivo: veicular informações sobre os assuntos tratados na edição e, por meio de algumas estratégias verbo-visuais, chamar a atenção do leitor para adquirir a revista. Assim, a capa é, ao mesmo tempo, jornalismo, porque visa informar e publicidade, porque pretende vender a revista.

O segundo gênero discursivo é a reportagem interna, cujo objetivo é trazer informações sobre os assuntos ou as pessoas que interessam ao leitor da revista. Nem sempre está diretamente ligada aos acontecimentos recentes, mas procura oferecer aos fatos um ar de atualidade.

A estrutura da reportagem interna da revista *Veja* é relativamente estável: a maioria apresenta o título e o texto principal disposto em duas ou três colunas. Além disso, há nome do autor, imagens, cronologia dos fatos, box.

Esses dois gêneros foram escolhidos por apresentarem tanto o texto verbal quanto o visual, objeto de discussão a seguir.

1.1.5 O material não verbal

No capítulo escrito no final dos anos vinte, *O autor e a personagem na atividade estética* (2003c), Bakhtin contribui acerca do assunto, ao abordar a imagem, o retrato, o autorretrato visual e verbal. Para o filósofo russo:

A primeira tarefa do artista que trabalha o autorretrato consiste em *depurar a expressão do rosto refletido*, o que é possível com o artista ocupando posição firme fora de si mesmo, encontrando um autor investido de autoridade e princípio, um autor-artista como tal, que vence o artista-homem. Aliás, parece que sempre é possível distinguir o autorretrato do retrato a partir de uma característica um tanto ilusória do rosto, a qual parece não englobar o homem em sua totalidade, até o fim: o homem que ri no autorretrato de Rembrandt sempre provoca em mim uma impressão quase horripilante, assim como o rosto alheado de Vrubel. (BAKHTIN, 2003c, p. 31-32).

Em *O método formal nos estudos literários*, produzido em 1928, Medviédev (2012) também aborda acerca de alguns tipos de material não verbal, ao afirmar que “todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc. – são objetos materiais e partes da realidade que circundam” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48).

Um ano mais tarde, em 1929, outro autor do Círculo, Volóchinov (2017) retoma em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, no capítulo *A Interação Discursiva*, a relação entre atividade mental e enunciação, incluindo o visual. Segundo o estudioso

A consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação, de um material determinado (o material do gesto, do grito). Trata-se

aqui de uma construção ideológica ruim, criada por meio de uma abstração dos fatos concretos da expressão social. Todavia, a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211-212).

Na mesma obra, Volóchinov apresenta considerações ideológicas do material não verbal. É o que se tem em:

A palavra acompanha e *comenta* todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100-101).

Volóchinov continua suas considerações e em toda a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* encontram-se abordagens acerca do material não verbal. Pode-se verificar isso em:

Essa imagem artístico-simbólico de um objeto físico já é um produto ideológico. O objeto físico é transformado em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e a refletir outra realidade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 92).

Ainda no ano de 1929, Bakhtin escreve a obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*. O autor (2002), ao observar acerca das relações dialógicas, traz informações essenciais acerca do material não verbal, como se lê:

Lembremos para concluir que, numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria signíca. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística. (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Mais tarde, entre 1959-1961, Bakhtin (2016a) discute o conceito de texto e afirma que esse elemento é o ponto de partida de qualquer pesquisa. E mais: “Se concebe o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)”. (BAKHTIN, 2016a, p. 71).

Os conceitos do círculo bakhtiniano, principalmente os da perspectiva dialógica do discurso são importantes para a análise pretendida. Além disso, são a base teórico-metodológica responsável para a investigação que se delinea.

1.2 Outras contribuições

Para a análise da construção da imagem verbo-visual das primeiras-damas pela revista *Veja*, nas capas e nas reportagens internas, buscou-se em Brait (1996, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014) que, apoiada em Bakhtin e o Círculo, discute alguns fundamentos do verbo-visualidade. Depois, procurou-se em Dondis (1997) e em Guimarães (2000; 2003) estudos sobre a visualidade, principalmente no que se refere às formas e às cores.

1.2.1 A verbo-visualidade

A dimensão verbo-visual, sob a perspectiva de Bakhtin e o Círculo, tem sido pesquisada por Brait em diversas obras (1996, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013, 2014), nas quais fica bastante claro que o verbal e o visual não podem ser analisados separadamente.

Já em 1996, na obra *Ironia em Perspectiva Polifônica*, a autora aborda a ironia em textos jornalísticos e literários. Ao analisar a relação entre texto e imagem nas primeiras páginas de diferentes jornais, Brait mostra como uma manchete verbal e sua respectiva foto explicitam o assunto e criam sentidos. Para ela:

[...] é a diagramação, o projeto gráfico da página, a maneira de colocar as informações verbais e visuais nesse espaço que propõe o conjunto, a possibilidade de leitura e interpretação dos dois acontecimentos como se a foto fizesse referência à manchete e vice-versa. A foto está emoldurada pelas sequências verbais e as sequências verbais têm como centro catalisador a foto. (BRAIT, 1996, p. 37).

No segundo capítulo da mesma obra, a estudiosa analisa o romance brasileiro *Madame Pommeroy*, de Hilário Tácito; parte do conjunto capa e folha de rosto para apresentar leituras, tanto dos aspectos verbais, como o título, os subtítulos, a dedicatória e a assinatura do autor, quanto dos aspectos visuais, como os desenhos e sua simbologia.

Em outro texto, Brait (2008) reflete sobre o tema *práticas discursivas*. Discute leitura e escrita, tendo como fundamentação teórica os estudos de Foucault e os de

Bakhtin e seu Círculo. A autora postula prática discursiva como uma produção verbal, visual ou verbo-visual inserida em uma determinada esfera e analisa enunciados concretos como textos publicitários da *Coca-Cola* dos séculos XIX e XX: a logomarca, o desenho das letras, as cores, o projeto gráfico, o *slogan*. A pesquisadora considera “o trabalho cuidadoso e criativo com a linguagem, com o jogo estético verbal e visual”. (BRAIT, 2008, p. 24).

Posteriormente, também a partir das reflexões de Bakhtin e seu Círculo, faz uma leitura dos aspectos verbo-visuais da palavra mandioca em diferentes textos e aponta uma importante reflexão que irá permear seus estudos:

Em determinados textos ou conjunto de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual [...]. (BRAIT, 2009, p. 143).

Em suas considerações, exemplifica que, na esfera jornalística, os textos verbo-visuais articulam-se, como a foto e a legenda, para formar “um único enunciado, uma única enunciação” (BRAIT, 2009, p. 143). Na sequência, em 2010, na obra *Literatura e outras linguagens*, afirma que, ao se trabalhar a verbo-visualidade, essa dimensão forma um todo indissolúvel.

[...] a linguagem verbo-visual será aqui considerada uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará construído a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção. (BRAIT, 2010, p. 194).

Para exemplificar sua reflexão, cita o caso de uma foto, que, na esfera jornalística impressa, é sempre acompanhada de uma legenda. Ainda nesse trabalho, oferece contribuição para o estudo de textos da área jornalística, da qual ressalta a relevância dos mecanismos dialógicos e do papel do leitor do jornal.

Ainda com relação à esfera jornalística, compõem o projeto discursivo verbo-visual desenhos, ilustrações, gráficos e infográficos, sempre articulados a textos verbais com os quais estão constitutivamente sintonizados a partir da disposição das matérias numa dada página, da organização das páginas em cadernos, do forte diálogo mantido entre os cadernos e as formas diferenciadas de organizar verbal e visualmente os assuntos. Um mesmo assunto poderá fazer parte de diferentes cadernos e, como consequência,

produzir diferentes sentidos e efeitos de sentidos. E o leitor do jornal, incluído no projeto jornalístico, alfabetizado, por assim dizer, nessa maneira de organizar a linguagem, participa ativamente da produção dos sentidos. (BRAIT, 2010, p. 194-195).

Mais tarde, apoiada no círculo bakhtiniano, Brait (2012) insiste na articulação dos textos verbo-visuais, pois “o termo *verbal* é compreendido tanto em sua dimensão oral quanto escrita e [o] *visual* abrange a *estaticidade* da pintura, da fotografia, do jornalismo impresso” (BRAIT, 2012, p. 88). Ela contrapõe essa estaticidade com a dinamicidade de aspectos visuais, como a televisão e o cinema. A autora considera importante a participação do visual, do verbo-visual e do projeto gráfico para constituir um enunciado concreto, pois

Assim concebido, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato de que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais, mesmo nos casos extremos de ausência, indefinição ou simulação de autoria. (BRAIT, 2012, p. 88-89).

Outro artigo que dá continuidade à relação verbo-visual intitula-se *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*. Nele, Brait (2013) reafirma que a verbo-visualidade é relevante na produção de sentidos, de efeitos de sentido. Discute a sintaxe da verbo-visualidade por meio de leituras de diferentes textos e conclui que:

[...] o trabalho com a verbo-visualidade inspirado no pensamento bakhtiniano é possível, desempenha um papel importante na leitura da contemporaneidade e no ensino dessa leitura, mas exige empenho e rigor teórico-metodológico. (BRAIT, 2013, p. 20).

Finalmente, no trabalho em que faz uma leitura a partir da perspectiva dialógica de textos/enunciados verbo-visuais, cartazes e máscara, Brait (2014) revela discursos do trabalho e da violência, associados ao nacionalista, que circularam nas ruas nas manifestações de 2013.

Há outros importantes estudos acerca da verbo-visualidade, especificamente nas capas de revista *Veja*, como as de Puzzo (2009a, 2009b, 2011, 2012, 2014), de Puzzo e Lacerda (2015) e de Silva e Puzzo (2016).

Puzzo (2009a) analisa, a partir de Bakhtin e o Círculo, as relações verbo-visuais em uma capa da revista *Veja* do ano de 2006, que retrata o então presidente Lula e suas relações com os presidentes sul-americanos Hugo Chávez e Evo

Morales. A autora procura perceber alguns efeitos de sentido produzidos pela foto, pela diagramação, pelas manchetes e pelas cores. A autora acredita que as capas de revista são um importante material de leitura a ser trabalhado na escola, para formar alunos críticos.

Em outro artigo, Puzzo (2009b) tem como objeto de análise a linguagem verbo-visual de duas capas da revista *Veja*, cujo tema é Lula. Com base nas contribuições bakhtinianas, a autora objetiva observar as relações dialógicas e os implícitos que constituem o sentido. Além disso, considera que as capas de revista atraem a atenção do público e apresentam poder de persuasão.

Puzzo (2011) considera as capas de revista enunciados concretos e um gênero discursivo. Em seu artigo, analisa a linguagem verbo-visual de uma capa da revista *Veja* do ano de 2010, cuja manchete “HAITI: DO CAOS À ESPERANÇA” dialoga com a reportagem interna. A autora observa como o fato anunciado é trabalhado nessas duas instâncias e verifica as relações dialógicas que “os dois enunciados mantêm entre si, com o(s) leitor(es) presumido(s) e com o contexto sócio-histórico” (PUZZO, 2011, p. 1520).

Posteriormente, Puzzo (2012) faz uma leitura da linguagem verbo-visual de duas capas da revista *Veja*, cujo tema é Dilma Rousseff. Apoiada nas contribuições teóricas de Bakhtin e o Círculo, principalmente o conceito de gêneros do discurso com seus três elementos constitutivos: tema, forma composicional e estilo, a pesquisadora contrasta as duas capas para mostrar o tom valorativo da publicação acerca dos fatos anunciados.

No estudo de 2014, a mesma autora amplia sua pesquisa e investiga três capas da revista *Veja* que abordam a figura de Lula em três momentos distintos. Sob a ótica de Bakhtin e o Círculo, Puzzo analisa a linguagem verbo-visual das capas, principalmente a verbal, como as manchetes, e a visual, como as fotografias e as cores. A autora verifica como esses enunciados concretos estabelecem relações dialógicas, não só com o contexto imediato, mas ao longo do tempo e revela os possíveis efeitos de sentido produzidos.

Puzzo e Lacerda (2015) estudam a função das relações dialógicas entre a linguagem verbal e a visual em uma capa da revista *Veja*. Analisam a capa como gênero discursivo, procurando perceber os sentidos e o tom valorativo. Concluem

que, na análise desse gênero, deve-se considerar a materialidade linguística e, principalmente, as relações dialógicas mantidas com o contexto social.

Finalmente, o artigo de Silva e Puzzo (2016), no qual as autoras analisam, com o apoio do referencial teórico bakhtiniano, duas capas da revista *Veja*, para verificar a interdiscursividade nos discursos construídos acerca de Dilma e Lula, políticos representados por meio de caricaturas. Elas observam a linguagem verbo-visual, carregada de implícitos e o tom crítico da revista. Por fim, sugerem atividades em sala de aula que tenham por foco uma abordagem discursiva, o que contribuirá para a formação crítica do aluno.

1.2.2 A sintaxe da linguagem visual

Na obra *Sintaxe da linguagem visual*, Dondis (1997) apresenta um método que objetiva ensinar a ver e ler os dados visuais das artes. A autora, ao examinar os elementos visuais, as estratégias e opções das técnicas visuais, pretende que seus ensinamentos constituam um manual básico de todas as comunicações visuais. Para tanto, investiga, dentre outros elementos, a cor, a linha, a textura, a proporção e a simetria dos meios como a pintura, a fotografia, a arquitetura, a televisão e as artes gráficas, com o propósito de chegar ao que ela chama de *alfabetismo visual*.

Tendo em vista que a obra contempla diversos elementos, nesta dissertação foram escolhidos apenas os que interessam diretamente para a análise da visualidade das capas e das reportagens internas da revista *Veja*. Dondis (1997) inicia suas considerações afirmando que “as coisas visuais não são simples” (2003, p. 31). Examina os elementos básicos de todas as comunicações visuais: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala ou proporção, a dimensão e o movimento.

Em seguida, Dondis (1997) explica mais aprofundadamente cada um desses elementos básicos. Os primeiros detalhes que interessam para esta pesquisa são a cor e o tom; além deles, importam, ainda, a forma, a textura e a escala. A autora relaciona a *direção* com as formas básicas: o quadrado expressa a direção horizontal e vertical; o triângulo, a diagonal e o círculo, a curva. Para a estudiosa “cada uma das direções visuais tem um forte significado associativo e é um valioso

instrumento para a criação de mensagens visuais” (DONDIS, 1997, p. 59-60). A direção horizontal-vertical significa a estabilidade, o equilíbrio; a diagonal é mais instável, com significado ameaçador e quase perturbador; já os significados curvos estão associados à abrangência e à repetição.

Quanto ao *tom*, está relacionado à intensidade da obscuridade ou claridade de qualquer coisa vista. No que se refere à *cor*, Dondis (1997) afirma que esse elemento tem mais afinidade com as emoções, está impregnado de informação e é grande fonte para os comunicadores visuais. Cada uma das cores apresenta inúmeros significados associativos e simbólicos, como, por exemplo, o vermelho, que significa perigo, amor, calor, vida, etc.

Outros elementos são: a *forma*, que é descrita pela linha. São três as formas básicas: o quadrado, o triângulo equilátero e o círculo, às quais são atribuídos vários significados. Ao quadrado estão associados enfado, honestidade, retidão; ao triângulo, ação, conflito, tensão; ao círculo, infinitude e proteção. Segundo a autora, a *textura* é o elemento visual reconhecido pelo tato ou pela visão, ou por combinação de ambos; pode ser falseada de maneira convincente na fotografia, pois coisas vistas apresentam a aparência de uma textura que ali não se encontra. Finalmente, a *escala*. Em termos de escala, os resultados visuais não são absolutos, visto estarem sujeitos a diversas variáveis modificadoras. Por isso, “aprender a relacionar o tamanho com o objetivo e o significado é essencial na estruturação da mensagem visual.” (DONDIS, 1997, p. 75).

Para melhor compreensão, esses elementos foram organizados e explicados, de forma resumida, em um quadro.

Quadro 5 – Elementos básicos das mensagens visuais

Elemento	Explicação
Ponto	Indica e marca o espaço
Linha	É um ponto em movimento, articula a forma
Forma	Há três: círculo, triângulo, quadrado
Direção	Circular, diagonal, horizontal/vertical/perpendicular
Tom	Trata-se da presença ou ausência de luz
Cor	É um componente cromático
Textura	Indica caráter de superfície
Escala ou proporção	Indica medida ou tamanho
Dimensão e movimento	Estão implícitos

Fonte: Dondis (1997, p. 23)
Quadro organizado pela autora

No capítulo 6, denominado *Técnicas visuais: estratégias de comunicação*, Dondis (1997) apresenta as técnicas de comunicação visual mais usadas. Para tanto, a pesquisadora identifica a técnica do *contraste* como a mais dinâmica e relaciona outras, com suas respectivas forças antagônicas. Para esta Dissertação de Mestrado, algumas técnicas foram escolhidas e estão agrupadas segundo o binômio contraste/harmonia e são: irregularidade/regularidade, complexidade/simplicidade, exagero/minimização, ousadia/sutileza, ênfase/neutralidade, distorção/exatidão, profundidade/planura, espontaneidade/previsibilidade, variação/estabilidade e economia/profusão.

Outras técnicas são: luminosidade/embaçamento, cor/monocromatismo, angularidade/rotundidade, verticalidade/horizontalidade. Em conjunto, as técnicas visuais oferecem ao artista e ao leigo “os meios mais eficazes de criar e compreender a comunicação visual expressiva, na busca de uma linguagem visual universal.” (DONDIS, 1997, p. 160).

No capítulo 7, Dondis (1997) trata da função das artes visuais. Os dados visuais podem transmitir informação, mensagens específicas ou sentimentos expressivos. Um meio visual é capaz de desempenhar muitos papéis ao mesmo tempo, como é o exemplo de um pôster que tem por objetivo anunciar um concerto de piano, e que pode servir para decorar a parede de um estúdio, superando a finalidade comunicativa que motivou sua criação.

Ainda ao abordar a comunicação visual, Dondis (1997) afirma que os gestos, a expressão, a linguagem escrita e a simbolização estão ao alcance das pessoas leigas; no entanto, o mesmo não ocorre com as artes, o desenho industrial, a fotografia, a pintura, a escultura e a arquitetura. Esses meios de comunicação visual exigem dos que os praticam um talento e uma formação especial, pois cada um tem seus próprios elementos estruturais e uma metodologia única para a aplicação de técnicas em sua conceitualização e formulação. O entendimento dessas forças é importante porque amplia “o campo da experimentação e da interpretação tanto para o criador quanto para o observador, e os leva a um conjunto de critérios mais sofisticados de avaliação visual, capazes de unir mais estreitamente a realização e o significado.” (DONDIS, 1997, p. 189).

1.2.2.1 A fotografia

Sem deixar de dar importância aos diversos meios de comunicação visual, para esta dissertação, que analisa a verbo-visualidade das capas e as respectivas reportagens internas da revista *Veja*, um aspecto interessante é a fotografia.

Ao tratar sobre a fotografia, Kubrusly (1998, p. 8) indaga “Afiml, o que é fotografia?”. Ele mesmo, numa tentativa de esclarecer, apresenta diversas questões:

A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos? Ou apenas uma ilusão? Uma ilusão de ótica que engana nossos olhos e nosso cérebro com uma porção de manchas sobre o papel, deixando uma sensação tão viva de que estamos diante da própria realidade retratada? Ou ainda, o prodígio que nos mostra a face oculta da lua; o movimento exato em que espermatozoide penetra no óvulo; a bala de revólver que acaba de cortar ao meio uma carta de baralho; a complicada estrutura de uma bactéria ou nuvens de estrelas tão distantes que nem podemos suspeitar? (KUBRUSLY, 1988, p. 8-9).

Após tais indagações, o autor (1998, p. 9) resume sua resposta, afirmando que: “Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas, também.”.

Para se saber o que é esse “monte de coisas”, pesquisou-se em diversos autores acerca do assunto. Deve-se lembrar de que as imagens sempre foram importantes para o homem, pois desde os desenhos das cavernas, passando pelos desenhos das pirâmides do Egito, observa-se o registro de informações sobre a vida naquelas épocas.

Fotografia e imagem estão extremamente interligadas, pois sem a segunda, não há a primeira; além disso,

A imagem da vida, na fotografia, e posteriormente no cinema e na televisão, torna mais fácil, para o homem comum, assumir a posição de espectador, levando-o a reconsiderar muitos dos valores estabelecidos. Trazendo-lhe, em forma facilmente assimilável, uma visão muito mais ampla de seu universo, distribuindo mais democraticamente o conhecimento e o pensamento da humanidade. A imagem não está limitada pela barreira dos idiomas ou da alfabetização. (KUBRUSLY, 1988, p. 12).

Outro autor que investiga a fotografia é Kossoy (1989, 2002). Em suas reflexões, mostra o impacto cultural que a fotografia provocou junto à sociedade, principalmente por seu caráter inovador de transmitir informação e conhecimento, além de sua forma como expressão artística. Para o autor

o mundo tornou-se de certa forma 'familiar' pós o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais rico e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictória. (KOSSOY, 1989, p. 15).

E mais, o desenvolvimento da indústria gráfica, ao permitir a divulgação da fotografia impressa em grande quantidade, trouxe novos conhecimentos de um mundo em detalhe. Além disso, a fotografia possibilita a recordação, a criação artística e a documentação. Quanto a esse último aspecto, Kossoy (1989) considera a fotografia um documento visual, cujo conteúdo revela informações e produz as mais variadas emoções como sentimento de ódio, afeto etc.

Ao tratar dos fundamentos teóricos da fotografia, Kossoy (1989) relaciona e explicita os elementos essenciais para sua realização: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Para ele:

o produto final, a fotografia, é portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia em cada época. (KOSSOY, 1989, p. 23).

É importante observar que o ato do registro é feito em um determinado momento histórico, marcado por seu contexto político, econômico, social, etc. Outro aspecto relevante é verificar que a própria atitude do fotógrafo, sua visão de mundo e sua ideologia, vão refletir em suas imagens. Ele considera que na vida de uma fotografia, ocorrem manipulações e interpretações, e isso envolve não só o fotógrafo, mas também o cliente, a casa publicadora e os diferentes receptores. Por isso, o autor acredita que “toda fotografia tem atrás de si uma história” (KOSSOY, 1989, p. 29). Há uma intenção para que a fotografia existisse, além dos caminhos que ela percorreu, os olhos que a viram e as emoções que despertou.

Com os avanços da tecnologia, principalmente com o surgimento da fotografia digital, há novos caminhos, com destaque para a grande quantidade de imagens que

circulam e para a facilidade da manipulação dessas imagens. Apesar dessa constatação, o autor acredita que

A informação visual do fato representado na imagem fotográfica nunca é posta em dúvida. Sua fidedignidade é em geral aceita *a priori*, e isto decorre do privilegiado grau de credibilidade de que a fotografia sempre foi merecedora desde seu advento. [...] Esta objetividade positivista creditada à fotografia tornou-se uma instituição - na verdade um equívoco cristalizado - apoiada na aparência, no iconográfico. (Kossoy, 1989, p. 69).

Em outro estudo, Kossoy (2002) discute o papel histórico, empregado pela elite econômica e política do Brasil; ao fazer isso, o objetivo é mostrar um país moderno, progressivo e esplendoroso. Ele ressalta os processos de criação da realidade, possibilitados pela fotografia e a partir daí, sua natureza de ficção.

Kossoy (2002) aborda a produção da fotografia, em que são feitas adaptações para que sejam publicadas em jornais, revistas, etc. Cita inúmeras possibilidades estéticas e ideológicas de manipulação, cita os cortes no formato original, retoques, alterações da tonalidade. Outra forma de manipulação, com o objetivo de direcionar a leitura dos receptores, ocorre ao se aliar a imagem a um texto: em função do título que a fotografia recebe, de sua legenda, do modo como são diagramadas com outras fotos. Kossoy (2002, p. 55) explica que: “são, enfim, as interpretações pré-construídas pelo próprio veículo que irão influir decisivamente nas mentes dos leitores durante o processo de construção da interpretação”.

Outro autor que aborda a fotografia é Lima (1988), que a considera uma linguagem com dois tipos de usuários. De um lado, o emissor: o fotógrafo, o jornal, a revista; de outro, o receptor, os leitores, que se servem da imagem que a fotografia produz para ler e interpretar o fato ou a pessoa que ela ilustra. Essa leitura pode ser aprendida; já a interpretação depende do saber de cada pessoa. O autor lembra que na mídia impressa, a fotografia é predominantemente informativa, uma notícia com uma fotografia desperta mais interesse do que uma notícia sem imagem.

O autor destaca outro aspecto: como não há um aprendizado da leitura da fotografia, a imagem que ela produz pode ter sua leitura induzida pela escrita da legenda do texto, da manchete etc.; ele acredita que se pode ler uma fotografia sem palavras, por meio das comunicações não verbais, que se utilizam de suportes, como o corpo, os artefatos e o espaço.

No que se refere ao corpo, pode-se verificar a expressão do rosto, os olhos, os gestos e a postura. A face revela as principais emoções, como alegria, tristeza, surpresa, medo, cólera, desgosto ou desprezo e interesse. A expressão do rosto e do olhar dá significado à maioria das fotografias, principalmente na de informação; o gesto das mãos e dos braços revelam também emoções, assim como a postura do corpo. Como exemplo, Lima (1988, p. 113) cita “as atitudes de aproximação, na qual o corpo está inclinado para a frente; as atitudes de rejeição, de recusa ou repulsão, na qual o corpo se afasta de outro”. Há, ainda, “as atitudes de arrogância ou de desdém, na qual a cabeça, o tronco e os membros encontram estendidos e as atitudes de concentração, depressão ou abatimento, na qual a cabeça se acha curvada sobre o tronco e os ombros caídos” (LIMA, 1988, p. 113). Ele cita também os artefatos, as roupas e os objetos, que têm por objetivo situar visualmente a pessoa focalizada na imagem. Quando ao espaço, considera-o como suporte fundamental, por seu conteúdo simbólico.

Aumont (1993), ao estudar a imagem, trata do destinatário da fotografia. Para o autor, a pessoa que olha uma imagem, não tem com ela uma relação abstrata, separada da realidade concreta: sua visão efetiva das imagens é determinada pelo contexto social, institucional e ideológico.

Ainda com relação ao assunto, Dondis (1997) afirma que o desenvolvimento da fotografia foi revolucionário para as artes visuais. Esse novo método de obter imagens, capaz de registrar uma infinidade de detalhes, transformou a posição do artista e sua relação com a sociedade. No início, usou-se a fotografia como brinquedo e, depois, como necessidade social pela classe média; mas foi só no começo do século XX que seu total impacto sobre a comunicação se tornou realidade. Ela tornou-se popular, ao registrar a família e os amigos; o instantâneo ficou mais atrativo com a invenção da câmara que dispensa o quarto escuro para sua revelação.

A estudiosa considera o universo da comunicação; afirma que o repórter fotográfico, o que faz a cobertura dos acontecimentos atuais de modo simples e direto, objetiva conseguir fotos nítidas e audaciosas. Trata, ainda, sobre o fotógrafo retratista, o qual, por ter grandes câmeras, emprega técnicas que conferem ao seu trabalho os requisitos formais exigidos de retratos personalizados.

Na fotografia, o elemento visual, o tom e a cor predominam; a forma, a textura e a escala ainda participam. A fotografia também “põe diante do artista e do espectador o mais convincente simulacro da dimensão, pois a lente, como o olho humano, vê, e expressa aquilo que vê em uma perspectiva perfeita” (DONDIS, 1997, p. 215). Além disso, seus elementos visuais têm um grande poder de persuasão, pois, segundo a autora, ela traz uma característica única: a credibilidade.

Guimarães (2003) trata da fotografia na área jornalística e afirma que houve, durante muito tempo, um grande apego à realidade. Com o surgimento e o emprego da computação gráfica e do tratamento digital de imagens, rompeu-se com a pureza do fotojornalismo; esses programas trouxeram variações às imagens, construindo diversas realidades, sem as cores ou com o uso saturado delas.

Outra contribuição importante sobre a fotografia é a de Sontag (2004). A pesquisadora, assim como Kossoy (1989) e Neiva Jr. (2006), considera as fotos como simulação do real, não sendo, portanto, o real. Para esses estudiosos, as fotos expressam um ponto de vista do fotógrafo, que pode escolher o enquadramento, o ângulo, a posição da pessoa fotografada, a edição da imagem; isso marca como seu olhar pode interferir na captação da imagem. Além disso, a fotografia é o registro de uma situação, trazendo informação sobre o lugar e o tempo do acontecimento que representa.

Finalmente, Barthes (2015), que em sua obra *A câmara clara*, não acompanha os estudos anteriores acerca da fotografia, e pretende decifrá-la como objeto expressivo, artístico e produtor de sentido.

1.2.3 As cores como informação na mídia

As contribuições de Guimarães (2000; 2003) são importantes para a análise dos elementos visuais das capas e das reportagens internas da *Veja*. O autor, em uma abordagem interdisciplinar, envolvendo a Semiótica da Cultura e as Ciências da Cultura, apresenta a cor como informação cultural e expressão simbólica na comunicação humana. Trata do uso das cores no dia a dia das pessoas e na mídia.

No primeiro trabalho, Guimarães (2000) apresenta um panorama dos estudos da cor. Inicialmente, o pesquisador revela os filósofos que se interessaram pelo assunto e, dentre eles, cita Platão, Aristóteles e Pitágoras, explicando que a influência desses pensadores perdurou por muito tempo. Com o advento do século XV e os seguintes, surgiram os tratados de pintura, principalmente o de Leonardo da Vinci. Em seguida, lembra que, no século XVIII, com Goethe, apareceu o primeiro estudo interdisciplinar da cor; mostra, ainda, que os estudos continuaram e, no século XX, vieram outras contribuições, como as de Wittgenstein; ressalta os grandes mestres da Bauhaus, que se destacaram nas artes plásticas e no *design*.

Essa gama de teorias levou o autor aos estudos interdisciplinares para verificar a cor como informação. Primeiramente, discute os diversos conceitos de cor. Para tanto, parte do conceito de Aristóteles – a cor como propriedade dos corpos, passa pelo de Newton – a decomposição da luz branca em sete cores principais (vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta) e esboça sua própria definição: “a cor é uma informação visual causada por um estímulo físico, percebido pelos olhos e decodificado pelo cérebro.” (GUIMARÃES, 2000, p. 12). Para o pesquisador, a cor tem poder de expressão e capacidade de significação; pode ser aplicada intencionalmente e, por isso, ele considera-a também como informação cultural, entendendo-a como texto. Finalmente, compreende a cor como um dos elementos da sintaxe da linguagem visual e considera a linguagem visual como um dos códigos da comunicação humana.

Guimarães (2000) continua suas reflexões e, para ele, a claridade e a escuridão não são apenas a presença e a ausência da luz; o autor considera duas cores fundamentais da sintaxe visual, o branco e o preto. Faz a separação entre as cores claras e as escuras; afirma a existência de um número infinito de cores, mas nossa percepção não discerne todos esses tons e nosso vocabulário só consegue atribuir nomes a algumas dezenas deles.

O autor trata, em seguida, das cores primárias e das secundárias. Segundo ele “Temos, então, uma síntese subtrativa para as cores-pigmento, cujas primárias são o magenta, o cyan e o amarelo, e uma síntese aditiva para as cores-luz, cujas primárias são o azul, o verde e o vermelho.” (GUIMARÃES, 2000, p. 65). Considera primárias as cores que não podem ser formadas pela soma de outras e secundárias as formadas pela mistura de duas primárias, em iguais quantidades e intensidades.

Ainda de acordo com o autor, para uma composição cromática agradável, é preciso haver equilíbrio e harmonia. Ele apresenta a cor como informação cultural e simbólica, cuja simbologia depende do contexto e da faixa sociocultural. Para entender essa simbologia, organizou-se, para resumi-la, um quadro.

Quadro 6 – Simbologia das cores

Algumas cores	Alguns símbolos
Preto	Símbolo ocidental do luto/morte/tristeza/trevas/ do desconhecido, provoca medo, temor, ideia negativa
Amarelo	Símbolo de alerta, loucura, mentira, traição, cor dos excluídos, dos traidores, dos cavaleiros desleais, da inveja, da alegria, do calor, do ouro, da advertência
Branco	Indicação de vida, paz, algo positivo, pureza, virgindade; é a cor do luto nos países orientais
Vermelho	Cor do amor divino, pecado, crime, perigo, violência, proibição (semáforo), perigo, paixão, cor associada a fogo, sangue, guerra, imposição, revolução
Verde	Indicação de permissão (semáforo), tranquilidade, esperança, expressão do destino, riqueza, cor do jogo e do esporte, equilíbrio
Azul	Indicação de tranquilidade

Fonte: Guimarães (2000, p. 85-137)

Quadro organizado pela autora

Em outro estudo, Guimarães (2003) continua sua abordagem e faz uma análise crítica do uso da cor como elemento de significação na área jornalística que utiliza imagens em cores. De acordo com o autor:

A cor é, certamente, um dos mediadores sígnicos de recepção mais instantânea na comunicação jornalística e, mesmo assim, sua expressão não vem sendo utilizada com muita eficiência e respeito aos critérios que definem o jornalismo de qualidade. Como a expressão das cores é também construída sobre a estrutura dos códigos culturais, entendo que a recepção eficiente da informação cromática em veículos jornalísticos depende de informações externas à própria cor, como a contextualização da informação, o estudo do ambiente cultural, as diretrizes e os paradigmas que direcionam conscientemente a utilização das cores nas informações veiculadas. (GUIMARÃES, 2003, p. 21).

Para Guimarães, as cores exercem funções específicas no jornalismo e separam-se em dois grupos: um, objetiva chamar a atenção e direcionar a leitura; outro, pretende conotar ou denotar. Por acreditar que a cor incorpora valores à informação principal, investiga como a composição visual de uma página transmite dados ao leitor. Postula a transparência do jornalismo, por entender que “o leitor tem

o direito de saber por que determinada informação lhe é transmitida, sob qual ponto de vista ela foi estruturada e com qual intenção.” (GUIMARÃES, 2003, p. 51).

O autor indica ações negativas e positivas do uso da cor como informação. Segundo ele, essa divisão é instrumental, visto que algumas ações negativas podem ser consideradas positivas e vice-versa, dependendo da pessoa e da circunstância. A seguir, fez-se um resumo dessas ações consideradas negativas pelo autor.

Quadro 7 – Uso da cor: ações negativas

Ações	Explicação e justificativa
Profusão de imagens coloridas	Uso exagerado da cor. Isso não corresponde a um aumento na qualidade de informação
Redução do uso das cores	Uso repetido de uma cor, o que impede o conhecimento do outro e leva a interpretações imediatas
Neutralização	Saturação e redução conduzem ao nivelamento e inviabilizam a comunicação
Omissão/sonegação	Falta de informação de algo importante para a compreensão da imagem; pode provocar uma recepção equivocada da informação
Maquiagem	Uso de filtros ou iluminação diferenciada ou tratamento gráfico, o que cria outra aparência que não corresponde à realidade do objeto em foco
Falseamento	Emprego da cor como suporte para a transferência de valores; isso induz o leitor à incorporação dos valores da cor na mensagem verbal
Deformação	Alteração da cor, de forma sutil ou exagerada; leva à alteração da imagem original e à incorporação de valores depreciativos que interferem na liberdade interpretativa

Fonte: Guimarães (2000, p. 91-124)

Quadro organizado pela autora

Quanto às ações positivas, Guimarães (2003) apresenta algumas. A primeira, a *antecipação*, ocorre quando a cor se antecipa aos outros códigos e delimita um número de significantes retirados de seu repertório. Os outros sistemas são recebidos à luz desse repertório delimitado pela cor e somente um será concretizado, direcionando a interpretação da notícia. A segunda, a *discriminação/diferenciação*, é explicada pela importância fundamental que a cor tem para o discernimento entre duas informações que ocupam proporções espaciais semelhantes. Tal ação contribui para a organização das informações, seleciona a parte do todo, ressalta-a, cria hierarquias, estabelece vínculos entre duas informações e facilita a identidade visual de alguns produtos. Por fim, a *condensação e intensificação* referem-se à ação da cor capaz de concentrar em si a essência do discurso geral da matéria jornalística.

A recepção da cor-informação deve propor uma ampliação do discurso e abrir conexões com o imaginário. O leitor participará da elaboração da notícia, pois, no primeiro contato com a cor-informação, ele atualizará valores, convicções, histórias e experiências armazenadas em sua memória. A intensificação acontecerá quando as cores contribuirão para a obtenção de uma mensagem de maior visibilidade; isso é considerado um reforço da ideia central.

Ao finalizar seu estudo, Guimarães (2003) ressalta alguns pontos. Para ele, a cor tem relevância na comunicação jornalística, apesar do não aproveitamento desse potencial. Hoje, na mídia, há uma profusão de cores e pode-se falar em cor-informação. Outro aspecto importante defendido pelo autor é que tanto o produtor quanto o receptor da informação devem conhecer a estrutura de organização da cor-informação, pois isso torna a informação mais rica e transparente; seu desconhecimento pode levar o produtor à determinação alheia e o receptor à manipulação das informações.

É a partir de todas essas considerações teóricas que o *corpus* será analisado.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo revelar o percurso metodológico adotado para a investigação. O objeto de estudo são quatro capas da revista *Veja* e suas respectivas reportagens internas, mais os enunciados complementares, como uma capa e outras reportagens da mesma revista, que têm como tema as quatro últimas primeiras-damas presidenciais brasileiras.

Primeiramente, indicou-se a principal base teórica do trabalho: a Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin e o Círculo. Os estudos de Brait, Dondis e Guimarães também foram explicitados e caracterizou-se a pesquisa. Em seguida, fez-se, por meio de quadros, a delimitação, o levantamento e a coleta dos *corpora*. Descreveu-se o contexto da pesquisa: a revista *Veja*. As capas e as reportagens internas foram explicadas como gêneros discursivos da área jornalística e, finalmente, tratou-se dos procedimentos de análise.

2.1 Caracterização da pesquisa

Esta dissertação trata-se de uma análise documental qualitativa e dialógica. A base teórica que sustenta a pesquisa é a Teoria Dialógica da Linguagem, de Bakhtin e o Círculo (2002, 2003a, 2003b, 2003c, 2010, 2012, 2013a, 2013b, 2016a, 2016b, 2017) associada aos estudos da verbo-visualidade (BRAIT, 1996, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014). São importantes, ainda, as contribuições de Dondis (1997) e de Guimarães (2000, 2003) acerca da linguagem visual.

Neste capítulo, as perguntas de pesquisa e os objetivos explicitados na Introdução são retomados. Com a pesquisa, procura-se saber: i) Como a revista *Veja* constrói a imagem das quatro últimas primeiras-damas presidenciais brasileiras por meio da verbo-visualidade? ii) Quais são as estratégias verbo-visuais empregadas iii) Quais são as semelhanças e as diferenças entre os conjuntos de enunciados verbo-visuais do *corpus* principal e secundário? iv) Quais são as relações dialógicas entre cada capa da revista, sua reportagem interna e os textos

complementares? v) Quais são as relações dialógicas desses enunciados com o contexto social? vi) Quais são os efeitos de sentido produzidos pela verbo-visualidade das capas, das reportagens internas e dos textos complementares?

Tem-se como objetivo geral analisar como a revista *Veja* constrói a imagem verbo-visual das primeiras-damas brasileiras. Os objetivos específicos são: i) identificar e descrever as estratégias verbo-visuais empregadas pela revista *Veja*; ii) verificar as semelhanças e as diferenças entre os enunciados verbo-visuais; iii) observar e discutir as relações dialógicas entre cada capa da revista, sua reportagem interna e os textos complementares; iv) analisar e compreender os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados verbo-visuais, respondendo ao contexto imediato.

Para responder às questões e alcançar os objetivos, a dissertação, no que se refere aos procedimentos metodológicos, divide-se nas seguintes etapas: i) fez-se o levantamento, a delimitação e a coleta dos *corpora*; ii) descreveu-se o contexto de pesquisa (a revista *Veja*); as capas e as reportagens internas foram explicadas como gêneros discursivos da área jornalística; iii) tratou-se dos procedimentos de análise. Cada um desses momentos está explicitado a seguir.

2.2 Levantamento, delimitação e coleta dos *corpora*

Para este trabalho, foram pesquisadas, no Acevo Digital *Veja*, todas as capas da revista, desde a da primeira edição, de 11 de setembro de 1968, até a da última do ano de 2017 (27 de dezembro). Num período de quase cinquenta anos de publicação, com uma média de cinquenta e duas edições anuais, foram observadas mais de duas mil e quinhentas capas, cujos enunciados verbo-visuais orientaram a escolha das reportagens internas que compõem os *corpora*: o *corpus* principal e o secundário desta dissertação.

O objetivo inicial do trabalho consistia em verificar como a revista *Veja* construía a imagem da mulher em suas capas. Para a pesquisa preliminar, delimitou-se que somente seriam escolhidas as capas que retratassem uma personalidade mulher, sozinha; as que estampassem fotos de uma mulher junto com outras pessoas não seriam eleitas. Além disso, as capas com mulheres sem

identificação, mostradas apenas para ilustrar temas como emprego, sexo, drogas, casamento, moda etc., não seriam observadas. O mesmo critério foi empregado nas capas dos números especiais.

A pesquisa mostrou que a primeira mulher capa da revista *Veja* está chorando e foi retratada na edição n. 3, de 25 de setembro de 1968.

Figura 2 – Primeira mulher capa da *Veja*



Fonte: *Veja*, n. 3, 25 set. 1968

Essa mulher é Ana Maria Palmeira, na época uma celebridade, por ser a esposa do líder estudantil Vladimir Palmeira. Ele, por comandar manifestações contra a política educacional do governo e por participar de passeatas nas ruas do Rio de Janeiro, havia sido preso em agosto daquele ano e solto em setembro. No entanto, foi preso novamente em outubro, quando participava do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna-SP.

Percebeu-se que, nas edições iniciais, poucas capas contemplaram mulheres; no entanto, com o passar dos anos, houve um pequeno aumento das figuras femininas retratadas pela revista *Veja*, que são, principalmente, personalidades da área política, artística, esportiva, policial etc. Dessa forma, o *corpus* ficou muito grande e diversificado e, devido ao vasto universo de possibilidades oferecido por ele, seria praticamente impossível cumprir o objetivo inicial proposto.

Para demonstrar como o *corpus* inicial era extenso para uma Dissertação de Mestrado, elaborou-se uma tabela com o número das mulheres retratadas nas capas da revista *Veja*. Para isso, optou-se por organizar os anos das edições, de forma crescente, em grupos de cinco anos. Indicou-se, também, em cada grupo, a soma do número de edições do período de cinco anos, que serviram de base para a indicação da porcentagem de mulheres capas da *Veja*.

Tabela 1 – Nº de mulheres capas da *Veja*

Grupos de 5 anos	Nº de mulheres	Nº de edições	Porcentagem
set. 1968 a dez. 1972	6	224	2,67%
jan. 1973 a dez. 1977	6	262	2,29%
jan. 1978 a dez. 1982	11	261	4,21%
jan. 1983 a dez. 1987	10	261	3,83%
jan. 1988 a dez. 1992	16	257	6,22%
jan. 1993 a dez. 1997	9	262	3,43%
jan. 1998 a dez. 2002	7	259	2,70%
jan. 2003 a dez. 2007	11	258	4,26%
jan. 2008 a dez. 2012	17	261	6,51%
jan. 2013 a dez. 2017	27	261	10,34%
Total	120	2 566	4,67%

Fonte: Revista *Veja*

Tabela organizada pela autora

Como o resultado mostrou um total de cento e vinte mulheres capas da revista *Veja*, resolveu-se, então, separá-las em grupos, identificados por profissão/ocupação. As edições da revista retrataram várias mulheres, a maioria da área artística, como cantoras e atrizes conhecidas. Há, ainda, capas com figuras femininas da área política, esportiva, policial e outras, além de mulheres personalidades estrangeiras.

O quadro abaixo mostra quem são elas; os números entre parênteses indicam a quantidade de mulheres de cada área, bem como quantas vezes cada uma delas figurou como capa da revista *Veja*.

Quadro 8 – Mulheres capas da *Veja*

Brasileiras (103)		Estrangeiras (17)
<p>Área artística (41)</p> <p>Cacilda Becker Dercy Gonçalves Florinda Bolkan Maria Bethânia (2) Darlene Glória Elis Regina Sonia Braga (2) Regina Duarte Gal Costa Danuza Leão Lucinha Lins Simone Luiza Brunet Rita Lee Elba Ramalho Pinah Claudia Bruna Lombardi Beth Carvalho Monique Evans Fernanda Torres Luma de Oliveira Giulia Gan Claudia Raia Cristiane Oliveira Xuxa (3) Gloria Perez Vera Fischer Gisele Bündchen (2) Cássia Eller Luciana Vendramini Ana Carolina Tônia Carreiro Susana Vieira Lilian Cabral Bibi Ferreira</p> <p>Primeiras-damas (5)</p> <p>Rosane Collor Ruth Cardoso Marisa Letícia (2) Marcela Temer</p>	<p>Área política (31)</p> <p>Sandra Cavalcanti Luiza Erundina Zélia Cardoso de Melo (4) Martha Suplicy (2) Roseana Sarney (2) Ângela Guadagnin Dilma Rouseff (18) Marina Silva (2)</p> <p>Área esportiva (2)</p> <p>Daiane (ginástica) Isabel (vôlei)</p> <p>Área policial (12)</p> <p>Claudia Lessin Rodrigues Adriana Oliveira Ingrid Saldanha Vera Lucia Gomes Beatriz Furtado Suzane Richtofen Isabella Nardoni Elize Matsunaga Christiane de Oliveira Ana Clara Souza Luana Eger Meire Pozza</p> <p>Outras áreas (12)</p> <p>Ana Maria Palmeira Maria Pia Matarazzo Lilian Witte Fibe Bárbara Reiter Ana Carolina Reston Mônica Veloso Eliane Tranches Ingrid Migliorini Roseméri Noronha Sininho Lucília Lance Raquel Dodge</p>	<p>Diversas áreas</p> <p>Jaqueline Kennedy Rainha Elizabeth (2) Isabelita Perón Indira Gandhi Madonna (2) Margareth Thatcher Princesa Diane (3) Angelina Jolie Jaqueline Onassis Elizabeth Taylor Kate Middleton Malala Yoani Sánchez</p>

Fonte: Revista *Veja*

Quadro organizado pela autora

Após a elaboração do quadro, verificou-se o número de 120 mulheres capas da *Veja*. Como não seria possível analisar todas, delimitou-se o objeto de estudo para a dissertação. A partir do objetivo inicial: verificar como a revista *Veja* construía a imagem da mulher em suas capas e reportagens internas, decidiu-se escolher as primeiras-damas presidenciais brasileiras, devido ao interesse desta pesquisadora em saber que discursos a mídia impressa, principalmente a revista *Veja*, veicula sobre essas mulheres. Outra motivação do trabalho é conhecer o papel que as primeiras-damas desempenham, o que fazem ou deixam de fazer na política, enquanto seus maridos ocupam a presidência da república.

O levantamento dos *corpora* foi por meio eletrônico no acervo digital da revista *Veja* (<https://acervo.veja.abril.com.br>), cujo conteúdo, na época da pesquisa exploratória, realizada no mês julho de 2017 a fevereiro de 2018, era disponibilizado, gratuitamente, a qualquer pessoa. A partir de março de 2018, sob o mote “o bom jornalismo tem valor”, as matérias somente podem ser acessadas por assinantes da revista ou do site.

A coleta foi feita por meio de *print* dos enunciados verbo-visuais: capas e reportagens internas acerca do tema. Esses enunciados, selecionados em um total de doze edições da revista *Veja*, foram reunidos e organizados em pastas, com o nome de cada primeira dama, em arquivo digital. Fez-se, também, sua impressão, para viabilizar, mais facilmente, sua descrição e análise. Os *corpora* encontram-se anexos a este trabalho.

Para facilitar o reconhecimento dos enunciados verbo-visuais escolhidos, optou-se por classificá-los em *corpus* principal e *corpus* secundário. Apresenta-se, a seguir, a identificação do *corpus* principal:

- i) quatro capas, identificadas como C1, C2, C3 e C4;
- ii) quatro reportagens internas, referentes a cada capa, identificadas como RI1, RI2, RI3 e RI4.

Como *corpus* secundário, relevante para auxiliar a análise, tem-se:

- i) quatro conjuntos de outros enunciados (uma capa e oito reportagens internas) identificados como EC1, EC2, EC3 e EC4, todos referentes a essas primeiras-damas e escolhidos para complementar a análise.

Para melhor compreensão, os *corpora*, formados pelo *corpus* principal e *corpus* secundário, foram identificados em dois quadros, como se verifica a seguir:

Quadro 9 – *Corpus* principal – Revista *Veja*

Nº e Data C e RI	Capas C	Reportagens Internas RI
N. 1198 4/09/1991	C1 Rosane Collor	RI1 <i>Escândalo Federal</i> Autor: Luís Costa Pinto
N. 1358 21/09/1994	C2 Ruth Cardoso	RI2 <i>Ruth, o fator novo no pedaço</i> Autor: Dorrit Harazim
N. 1803 21/05/2003	C3 Marisa Letícia	RI3 <i>A sombra de Lula</i> Autores: Maurício Lima e Thaís Oyama
N. 2511 4/01/2017	C4 Marcela Temer	RI4 <i>A estreia de Marcela Temer</i> Autores: Robson Bonin, Laryssa Borges e Hugo Marques

Fonte: Acervo Digital *Veja*

Quadro organizado pela autora

Quadro 10 – *Corpus* secundário – Revista *Veja*

Primeiras-damas	Nº e Data Enunciados Complementares - EC
Rosane Collor	EC1 N. 1122 - 21/03/1990 A família Collor em revista N. 1196 - 21/08/1991 Turbulência no casal presidencial
Ruth Cardoso	EC2 N. 1374 - 11/01/1995 Ousadia entre plumas
Marisa Letícia	EC3 N. 1358 - 21/09/1994 Marisa, a <i>mamma</i> do PT N. 1784 - 08/01/2003 As estrelas vermelhas N. 2530 - 17/05/2017 A morte dupla (capa) / <i>Cherchez la femme</i>
Marcela Temer	EC4 N. 2198 - 05/01/2011 Dentro da festa de posse N. 2474 - 20/04/2016 Bela, recatada e “do lar”

Fonte: Acervo Digital *Veja*

Quadro organizado pela autora

2.3 Descrição do contexto da pesquisa

2.3.1 A revista *Veja*

O primeiro número da revista, com o nome *Veja e Leia*, foi lançado em 11 de setembro de 1968, sendo seus criadores os jornalistas Roberto Civita e Mino Carta. O surgimento ocorreu durante o Período Militar brasileiro (1964-1985). Sua capa:

Figura 3 - Capa da 1ª edição da *Veja*



Fonte: *Veja*, n. 1, de 11 set. 1968

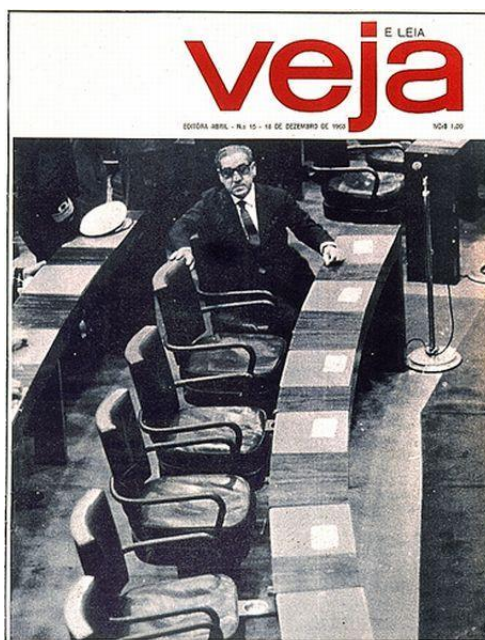
A capa, toda em vermelho, traz a imagem de uma foice e de um martelo em preto que, conforme a reportagem interna, refere-se ao desmoronamento do império comunista no mundo. Esse número teve quase setecentos mil exemplares, e, segundo um de seus criadores, Roberto Civita³, os leitores não gostaram da revista, pois havia muitos textos e poucas fotos.

A criação de uma capa nem sempre é uma tarefa simples. Victor Civita, editor e diretor da revista na época, relatou, na *Carta do editor* da edição n. 15, de 18 de dezembro de 1968, o percurso da escolha da capa dessa edição. A equipe editorial mudou de ideia três vezes durante a semana.

³ Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>

Inicialmente, seria uma imagem da Basílica São Pedro em chamas, o que simbolizava, nas palavras do Papa Paulo VI, a autodestruição da Igreja. Em seguida, haveria a figura de Cordélio, o Leão Carneiro, personagem de histórias infantis, devido à Câmara Federal não ter autorizado o processo contra o deputado Marcio Moreira Alves. Depois, traria o ex-presidente Castelo Branco. Em 13 de dezembro, foi promulgado o Ato Institucional nº 5, dando amplos poderes ao Presidente da República, que fechou o Congresso, cassou e prendeu vários políticos, aposentou compulsoriamente professores universitários e impôs restrições aos meios de comunicação. Por isso, finalmente, no sábado à tarde, decidiu-se a capa definitiva: o então presidente Arthur da Costa e Silva, sozinho no Congresso Nacional.

Figura 4 – Capa da *Veja* n. 15



Fonte: *Veja*, n. 15, de 18 dez 1968

No início, a revista não agradou aos leitores. Isso explica por que, nos anos seguintes, até 1972, fossem registradas vendas de apenas quarenta mil exemplares. Produzida pelo grupo Abril, a *Veja* levou alguns anos para se consolidar no mercado. Muitas foram as estratégias: criação de encartes sobre a conquista da Lua e realização de entrevista semanal, que mais tarde consagrou as páginas amarelas.

A partir de 1972, iniciou-se a venda por assinaturas; em 1976, chegou-se a cem mil assinantes. Isso ajudou a recuperação da revista que, pouco a pouco se aperfeiçoou e garantiu espaço nas bancas de jornal. No primeiro número, na *Carta do editor*, Victor Civita escreveu aos leitores:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E êste é o objetivo de VEJA (Veja, n. 1, set. 1968, p. 20).

De acordo com o site da revista⁴, a publicação objetiva informar, esclarecer e entreter o leitor, mostrar os fatos importantes para sua vida pessoal e profissional. Em 2017, ultrapassou um milhão e duzentos mil exemplares semanais, com mais de seis milhões de leitores (edições impressas e digitais). Por isso, pode-se afirmar que é a maior entre as revistas semanais informativas do país. Segundo Roberto Civita⁵:

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos.

Para mostrar a organização da revista *Veja*, escolheu-se, novamente, a edição n. 2 574, de 21/03/2018, pelo motivo já explicado no capítulo anterior.

Figura 5 – Capa da *Veja* n. 2 574



Fonte: *Veja*, n. 2 574, de 21 mar 2018

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br>

⁵ Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>

A revista organiza-se da seguinte forma: a capa, que é contada como página um. Como exemplo de sua composição, a edição 2 574, de 21 de março de 2018, destaca, em sua capa, a vereadora carioca assassinada Marielle Franco. Há outras duas chamadas, com fotos e textos. No interior, após dois anúncios publicitários com duas páginas cada, está o Sumário, com as seguintes seções, dentre outras: Carta ao Leitor, Entrevista (as páginas amarelas), Leitor, Imagem da Semana, SobeDesce, Brasil, Internacional, Economia, Geral, Cultura. Na seção Brasil, reportagens sobre o Presidente Temer e sobre o assassinato da vereadora do PSOL do Rio, Marielle Franco. A Internacional apresenta notícias sobre os Estados Unidos e a Inglaterra. A seção Economia trata acerca dos Correios; a Geral aborda a morte de Stephen Hawking. A Especial, explica por que falta água na Terra e finalmente, a seção Cultura traz informações variadas: cinema, livros, música.

Logo após as páginas amarelas, são apresentadas informações sobre a Editora Abril, seu Conselho Editorial, Presidente e Diretores. Depois, o nome do diretor de redação, André Petry e os nomes dos redatores-chefes: Fábio Altman, Maurício Lima, Policarpo Júnior e Thaís Oyama. Há indicação dos demais editores, pesquisadores, repórteres, fotógrafos, designers, infografistas, revisores, supervisores, coordenadores, secretários etc. e também dos colaboradores, como Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Maílson da Nóbrega, Roberto Pompeu de Toledo. Finalmente, há informações acerca do Grupo Abril. Percebe-se o grande número de anúncios publicitários de conhecidas marcas: são veículos, bancos, operadoras de telefonia, festival de música. Nessa edição, há dezenas de anúncios, muitos deles ocupando duas páginas, outros, páginas inteiras.

No que se refere ao tamanho, a revista apresenta as seguintes dimensões: 20,2 cm de largura por 26,6 de altura. Segundo Scalzo (2004), escolheu-se essa medida por ser a que apresenta melhor a utilização do papel, sendo mais econômica.

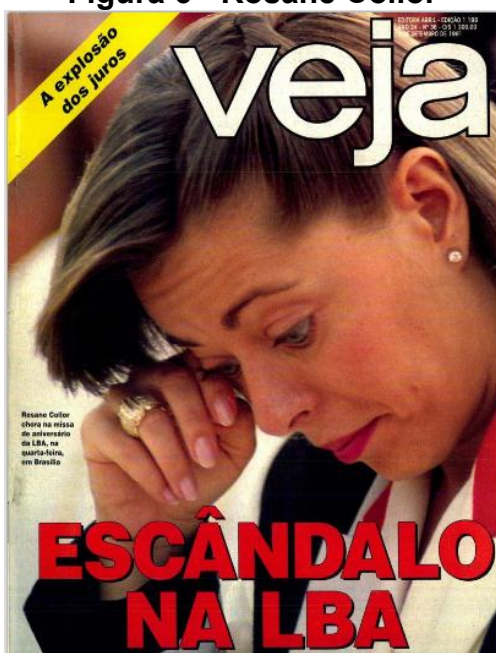
Quanto ao público alvo, o site da revista⁶ revela pesquisa de janeiro de 2018 e atualizada em maio do mesmo ano. O total de leitores é de 6 694 000, sendo 51% do sexo masculino e 49% feminino. A maioria dos leitores presumidos e assinantes da revista são profissionais liberais pertencentes à classe A e B e mais de 50% deles têm idade entre 25-44 anos.

⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br>

2.3.2 As capas da revista Veja

O *corpus* principal são quatro capas da revista *Veja*, que destacam as quatro últimas primeiras damas presidenciais brasileira. As capas selecionadas são:

Figura 6 - Rosane Collor



Fonte: *Veja*, n. 1 198, 4 set. 1991

Figura 7 - Ruth Cardoso



Fonte: *Veja*, n. 1 358, 21 set. 1994

Figura 8 - Marisa Leticia



Fonte: *Veja*, n. 1 803, 21 maio 2003

Figura 9 - Marcela Temer



Fonte: *Veja*, n. 2 511, 4 jan. 2017

2.3.3 As reportagens internas

Para esta dissertação, ainda como *corpus* principal, foram escolhidas as quatro reportagens internas referentes às capas das primeiras-damas presidenciais brasileiras retratadas pela revista *Veja*.

A primeira reportagem interna (RI1) trata sobre Rosane Collor. O autor é Luís Costa Pinto e o título, *Escândalo Federal*. Integra a secção Brasil, com oito páginas (p. 28-35). Na RI1 há, além dos enunciados verbais, uma série de fotos (dezessete ao todo) da primeira-dama, de seus pais e parentes, de um repórter, de alguns imóveis, além da reprodução de uma charge de Caruso, retirada do jornal *O Globo*, na qual a primeira-dama está vestida como presidiária.

Na segunda reportagem interna (RI2), Dorrit Harazim aborda sobre Ruth Cardoso, com o título *Ruth, o fator novo no pedaço*. Também faz parte da secção Brasil, com dez páginas (p. 36-45). Publicada durante o período de campanha eleitoral, traz fotos dela na atualidade e quando jovem, além de fotos de outras primeiras-damas brasileiras, como Nair de Teffé, Maria Tereza Goulart, Iolanda Costa e Silva e Rosane Collor. A RI2 ainda inclui fotos de primeiras-damas estrangeiras, como Hillary Clinton, Danielle Mitterrand e Rosalyn Carter.

A terceira reportagem interna (RI3) trata acerca de Marisa Letícia, no segundo governo de Lula. O enunciado é de autoria de Maurício Lima e Thaís Oyama, com o título *A sombra de Lula* e foi publicado na secção Brasil, num total de 10 páginas (p. 40-49). Há fotos da primeira-dama quando criança na escola, com os filhos ainda pequenos e com o marido. A RI3 faz referência a outras primeiras-damas do Brasil e do exterior (Rosane Collor, Ruth Cardoso, Hillary Clinton e Cherie Blair).

A quarta e última reportagem interna (RI4) é sobre Marcela Temer. Seus autores são Robson Bonin, Laryssa Borges e Hugo Marques, com a colaboração de Juliana Linhares. Com o título *A estreia de Marcela Temer*, o enunciado apresenta cinco páginas (p. 35-39) e traz fotos da primeira-dama nos dias atuais, com o marido e o filho e também quando era adolescente. A RI4 faz referência ainda a outras primeiras-damas brasileiras, como Marly Sarney, Rosane Collor, Ruth Cardoso e Marisa Letícia.

2.3.4 Enunciados complementares: outra capa e reportagens internas

O *corpus* secundário é composto por uma capa e oito reportagens internas da mesma revista. Esses enunciados complementam o estudo acerca da imagem das primeiras-damas presidenciais brasileiras pela revista *Veja*.

Feita a identificação e a descrição do contexto de pesquisa, trata-se, a seguir, dos procedimentos de análise dos *corpora* selecionados para esta pesquisa.

2.4 Procedimentos de análise

Esta Dissertação de Mestrado realiza análise documental (Revista *Veja*), de abordagem qualitativa e dialógica, articulada aos estudos acerca da verbo-visualidade do enunciado concreto.

O caminho metodológico baseia-se nas contribuições de Bakhtin e o Círculo no que diz respeito, principalmente, à organização da pesquisa e aos procedimentos de análise dos *corpora*, constituídos por enunciados concretos de dois diferentes gêneros: capas de revista e reportagens internas.

Para a análise, buscou-se apoio em Volóchinov (2017), que, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, no capítulo *A interação discursiva*, propõe a ordem metodológica fundamental para o estudo da língua:

1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220).

O percurso analítico ainda leva em consideração as contribuições de Brait (2006) acerca da análise/teoria dialógica do discurso. Inicialmente, a pesquisadora explica essa ordem metodológica proposta por Volóchinov (2017).

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá

[...] herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam a heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que neles se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2006a, p. 13-14).

Ainda de acordo com a estudiosa, na teoria/análise do discurso “não há categorias *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos”. (BRAIT, 2006a, p. 14). E mais, para Brait (2006a, p. 29), as contribuições de Bakhtin e o Círculo para uma teoria/análise do discurso constituem “um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam *a postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador.”.

Após essas breves considerações, para alcançar os objetivos propostos e responder às perguntas da pesquisa, fez-se análise dos enunciados verbo-visuais do *corpus* principal e do *corpus* secundário para perceber, principalmente, o diálogo entre esses elementos e o contexto sócio-histórico. O olhar analítico deste trabalho contempla a dimensão verbo-visual, vista como um conjunto enunciativo indissociável, compondo um todo de sentido.

Por uma questão de organização, foram constituídos, buscando tanto no *corpus* principal quanto no *corpus* secundário, quatro conjuntos de enunciados concretos (capa e reportagens), cada um referente a uma primeira-dama, a saber: Rosane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer.

Inicialmente, cada capa foi analisada em seus aspectos visuais: o projeto gráfico, a forma composicional, as fotografias, as cores e algumas técnicas de comunicação visual adotados pela equipe de produção. Em seguida, foram consideradas algumas categorias verbais presentes na capa: manchete principal e secundária, legendas, escolhas lexicais/gramaticais, como substantivo, adjetivos, modificadores, verbos e tempos verbais, marcadores de tempo/espço etc.

Após isso, cada reportagem interna correspondente à capa foi examinada, com a busca de elementos visuais e de alguns mecanismos linguísticos-discursivos utilizados, como as escolhas lexicais/gramaticais, verbos e tempos verbais, inserção do discurso alheio, avaliações positivas/negativas etc. Ao investigar a instauração do discurso do outro, procurou-se identificar somente como essas vozes contribuíram para a construção da imagem de cada primeira-dama. Por isso, não foi preocupação deste trabalho a análise dos inúmeros modelos de transmissão do enunciado alheio e suas variantes, como proposto por Volóchinov (2017).

Houve preocupação, também, em verificar o diálogo entre capa–reportagem interna–contexto sócio-histórico, enunciador e leitor, bem como os possíveis efeitos de sentido construídos. Análise semelhante foi realizada com as outras reportagens internas que complementam o *corpus* principal.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DAS PRIMEIRAS-DAMAS

Neste capítulo procedeu-se à análise da construção da imagem das primeiras-damas presidenciais brasileiras pela revista *Veja*. Para que isso fosse possível, inicialmente, verificou-se o contexto sócio-histórico e político brasileiro, no período de 1989 a 2018. Em seguida, abordou-se sobre as primeiras-damas brasileiras, para, depois, investigar a construção da imagem verbo-visual de quatro delas: Rosane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer, procurando responder às perguntas de pesquisa e cumprir os objetivos propostos.

3.1 Contexto sócio, histórico e político brasileiro (1989-2018)

Para a explanação desse período de aproximadamente trinta anos, optou-se por relacionar, de forma resumida, somente os principais acontecimentos da área política e econômica.

1989: Depois de vinte e nove anos sem eleições presidenciais, os brasileiros escolhem, por meio do voto direto, o novo presidente da República. É eleito Fernando Collor de Mello, jovem político alagoano, com um discurso carismático, no qual se auto-intitulava “o caçador de marajás”.

1990: Posse de Collor em 15 de março. No dia seguinte, ele publica o primeiro Plano Collor, com o bloqueio dos valores acima de cinquenta mil cruzeiros depositados em bancos, para diminuir o excesso de dinheiro em circulação e controlar a inflação.

1991: Momento de grande recessão econômica. Apesar da queda da inflação, o salário diminui e os preços sobem. Publicação, por meio de medida provisória, do segundo Plano Collor. Há o desmonte completo do transporte ferroviário e cortes nos investimentos.

1992: Agravamento da crise econômica. Surge o movimento dos estudantes *Caras-Pintadas*. Os manifestantes, com os rostos pintados com as cores da bandeira

brasileira, pedem a saída de Collor, acusado de corrupção. O Congresso Nacional aprova o pedido de *impeachment* e o político renuncia após o processo.

1993: O vice-presidente Itamar Franco, que já havia ocupado a presidência interinamente durante o processo de *impeachment* de Collor, assume a presidência. Realização de plebiscito para escolha da forma e do sistema de governo: confirmação da república e do presidencialismo.

1994: Implantação do Plano Real para estabilização da economia. Em outubro, Fernando Henrique Cardoso (FHC) é eleito Presidente da República no primeiro turno. O Supremo Tribunal Federal absolve Collor por falta de provas.

1995: Posse de FHC e controle da inflação. Continuidade do Plano Real para a estabilidade da economia brasileira. A internet chega ao Brasil. O Senado extingue o monopólio da Petrobrás no que se refere ao petróleo no Brasil.

1996: Implantação do imposto sobre o cheque (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira - CPMF) para custeio do Fundo Nacional de Saúde. Deflação de 0,37%, recorde histórico desde 1944.

1997: Aprovação, pela Câmara dos Deputados, da emenda que permite a reeleição para Presidente da República. Aprovação da Lei do Petróleo: o Estado passa de produtor/provedor para regulador/fiscalizador.

1998: Aprovação da Emenda Constitucional n. 20, dispendo sobre a Reforma da Previdência. Leilão de privatização da Telebrás. FHC é reeleito presidente em primeiro turno. Anúncio do Programa de Estabilidade Fiscal, com aumento de impostos e cortes no orçamento.

1999: Início do segundo mandato de FHC. Blecaute, em 11 de março, atinge dez Estados do país e deixa setenta e seis milhões sem luz. Reforma ministerial e criação do Ministério da Defesa. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) organiza em Brasília a “Marcha dos 100 mil” para protesto contra as privatizações no governo FHC; alguns setores pedem o *impeachment* do presidente.

2000: Início do novo milênio. Dados preliminares do censo do IBGE arrolam cento e setenta milhões de habitantes no país. O Santander compra o Banespa.

2001: Retomada do crescimento econômico. Ocorre outra marcha em Brasília para protesto contra o governo FHC; militantes levam à Esplanada dos Ministérios uma

enorme pizza para representar o engavetamento dos casos de corrupção. Início do racionamento de energia.

2002: Após quatro tentativas, Luís Inácio Lula da Silva é eleito Presidente do Brasil em segundo turno com cerca de cinquenta e três milhões de votos. É o primeiro presidente de origem popular da história brasileira. Volta da crise econômica, aumento do dólar devido às eleições; no final do ano a inflação é de 11%.

2003: Posse de Lula como presidente. Em junho, protesto dos funcionários públicos contra a reforma da previdência; em agosto, servidores apedrejam o Congresso e fazem o enterro simbólico de Lula. Aprovação da reforma da previdência.

2004: Lula sanciona a lei que cria o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. Expansão do PIB, queda do dólar, crescimento da atividade industrial e retomada do emprego.

2005: A população vota, no referendo, pela não proibição do comércio de armas de fogo no país. Denúncia do esquema do “mensalão”. Cassação do mandato de José Dirceu, deputado federal e ex Ministro-Chefe da Casa Civil.

2006: Controle da inflação; fraco crescimento da economia e juros altos. Protesto dos agricultores em todo o país. Onda de violência em São Paulo organizada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC). Reeleição de Lula para presidente.

2007: Posse de Lula como presidente. Crise no Senado e saída de seu presidente Renan Calheiros. Continuação do crescimento do PIB e do emprego formal.

2008: Começo da crise econômica internacional. Queda da produção industrial e início do desemprego no Brasil. Falecimento de Ruth Cardoso, esposa de FHC.

2009: Redução do Imposto sobre Produtos Industrializados na venda de automóveis, eletrodomésticos e material de construção para incentivar o consumo.

2010: Eleição de Dilma Rousseff como presidente. Censo realizado pelo IBGE estima a população brasileira em cento e noventa milhões de pessoas.

2011: Posse de Dilma, a primeira mulher presidente do Brasil. Queda de sete ministros durante o ano. Ocupação da reitoria da USP por alunos. Instituição da “Comissão da Verdade”, para apurar o desaparecimento de presos políticos no período militar.

2012: Julgamento e condenação (STF) dos trinta e oito políticos acusados no escândalo do “mensalão”. Dilma institucionaliza o sistema das cotas em universidades públicas e institutos federais. Greve do funcionalismo público federal por reajuste salarial.

2013: Prisão dos condenados do “mensalão”. Manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus. Em 20 de junho, um milhão e quinhentas mil pessoas saem às ruas em protesto; exigem o fim da corrupção e melhoria dos serviços públicos. Os protestos são pacíficos, mas com destaque para a atuação violenta do grupo *Black Blocs*. Criação do programa “Mais Médicos” e aprovação da PEC das domésticas.

2014: Início da primeira fase da Operação Lava-Jato. Realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Descoberta da corrupção na Petrobras. Falta de água em São Paulo e em outras cidades do sudeste. Reeleição de Dilma.

2015: Posse de Dilma. Protestos levam milhões de brasileiros às ruas por reformas e o fim da corrupção em seu governo. Pedido de *impeachment* da presidente Dilma é acolhido pela Câmara dos Deputados.

2016: Senado Federal autoriza e determina o afastamento de Dilma da presidência por cento e oitenta dias. Eduardo Cunha é afastado do cargo de Deputado e de Presidente da Câmara Federal; renuncia e é preso pela Polícia Federal. Dilma, com a cassação, é afastada da presidência, e Michel Temer, seu vice, assume em definitivo em 31 de agosto. Os XXXI Jogos Olímpicos de Verão são realizados no Rio de Janeiro.

2017: Falecimento de Marisa Letícia, esposa de Lula. Inúmeras denúncias envolvem políticos em esquema de corrupção. Lula é condenado pelo juiz federal Sergio Moro pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do apartamento triplex do Guarujá.

2018: Em abril, o ex-presidente Lula se entrega à Polícia Federal e está preso em Curitiba; em maio, a greve geral dos caminhoneiros para o Brasil. Em outubro, as eleições, determinadas por grande influência das redes sociais, marcam o país: grandes nomes da política não conseguem a reeleição para a Câmara dos Deputados e Senado Federal. Ao derrotar um número recorde de 13 candidatos, Jair Bolsonaro torna-se o 38º Presidente da República.

3.2 Primeiras-damas presidenciais brasileiras

A expressão *first lady*, em português “primeira-dama” surgiu nos Estados Unidos no ano de 1877 para designar Lucy Webb, a esposa de Hutherford Hayes, décimo nono presidente estadunidense. Ela seguia o perfil esperado de uma mulher de presidente na época: era amável, comportada, sempre ao lado do marido e cumpria os compromissos oficiais, como visitas a escolas e a hospitais.

O termo tornou-se popular no início do século XX, numa comédia da Broadway, sobre Dolley Madison, a festeira mulher de James Madison, presidente dos Estados Unidos de 1809 a 1817. Em março de 1933, quando Eleanor Roosevelt se tornou a primeira-dama estadunidense, a posição de mulher do presidente mudou. Por seu ativismo em defesa das mulheres, dos negros e dos refugiados, percebeu-se que uma primeira-dama podia ser uma potência política.

No Brasil, o cargo não está previsto na Constituição Federal; no entanto, a função compreende várias obrigações. Cabe à primeira-dama, por exemplo, recepcionar convidados e autoridades em eventos oficiais do presidente e liderar ações e projetos sociais.

A primeira primeira-dama brasileira foi Mariana da Fonseca, esposa de Deodoro da Fonseca, que presidiu o país de 1889 a 1891. A expressividade delas iniciou-se com Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas. Em 1942 ele fundou a Legião Brasileira de Assistência (LBA), cuja presidência é entregue à primeira-dama. A LBA, com sede no Rio de Janeiro, passa a prestar assistência aos soldados convocados para a Segunda Guerra e aos seus familiares. Além disso, há postos de atendimento, administrados pelas primeiras-damas nas capitais e cidades do país.

Nos anos que se seguiram, até 1995, quando o órgão foi extinto, as primeiras-damas, incluindo as estaduais e as municipais, tinham por função a assistência social, num trabalho beneficente. Sobre isso, Torres (2002, p. 58) afirma que “os papéis de primeira-dama assentam-se nesses valores ditos femininos, em que sentimentos de bondade e de solidariedade acabam sobrepondo os níveis de racionalidade das atividades assistenciais desenvolvidas por essas mulheres”.

Após essas breves considerações, trata-se, agora, da construção da imagem das quatro últimas primeiras-damas brasileiras pela revista *Veja*.

3.3 Rosane Collor

Rosane Collor é natural de Alagoas (1963); em solteira, Malta, família que exercia influência política em pequenas cidades do sertão daquele estado. Casou-se, em 1984, com Fernando Collor de Mello. Em março de 1990, com 26 anos, tornou-se primeira-dama presidencial, em virtude da vitória de Collor nas eleições de 1989. Assumiu a presidência da Legião Brasileira de Assistência e, devido a problemas de desvio de dinheiro, foi afastada da entidade em 1991.

3.3.1 A capa da *Veja* e a reportagem interna

Figura 10 - Capa da *Veja* n. 1 198



Fonte: *Veja*, n. 1 198, de 4 set. 1991

A capa da *Veja* da edição 1 198, de 4 de setembro de 1991, é composta por uma foto de Rosane Collor de cabeça baixa, a qual, com expressão reflexiva e triste, parece enxugar uma lágrima. A foto ocupa toda a página e destaca apenas o rosto da primeira-dama. Notam-se algumas rugas de expressão em sua testa, acentuadas pela emoção que ela expressa. Percebe-se, porém, seu cuidado com a aparência, o que pode ser observado por causa do penteado, das unhas pintadas, da joia no dedo anelar e do blazer.

Trata-se de uma fotografia de caráter testemunhal, ou seja, não posada, mas que captura um acontecimento. Na visão de Hernandes (2006), as fotografias de flagrante são mais valorizadas, por possuírem grande valor documental e serem impactantes. Ele acredita que “o ato do fotógrafo de captar um acontecimento no momento de maior tensão narrativa é a essência do fotojornalismo” (HERNANDES, 2006, p. 219). Ao escolher esta foto de Rosane para ilustrar a capa da edição 1 198, a equipe editorial da *Veja* parece que não teve apenas a intenção de mostrar a atualidade brasileira, mas também a de transmitir ideias, informações e sentimentos.

Ao lado esquerda da fotografia, há uma legenda: “Rosane Collor chora na missa de aniversário da LBA, na quarta-feira, em Brasília”. Normalmente, a legenda não faz parte do projeto gráfico de todas as capas da *Veja*. Nesta edição, foi empregada para ajudar a construir sentidos para o leitor ao informar o tempo e o espaço do momento da foto. O uso do tempo verbal no presente “chora”, aliado à própria foto, parece contribuir para a criação da primeira imagem de Rosane: uma mulher emotiva, que não consegue conter as lágrimas.

O emprego do verbo chorar, no presente do indicativo, suscita, ainda, várias reflexões. Ao se considerar que um enunciado não tem uma única leitura, pode-se apontar uma série delas, referentes ao uso do verbo em análise. Na primeira interpretação, é possível afirmar que o verbo no presente do indicativo, para se referir a um passado recente, está relacionado com o estilo do gênero jornalístico capa, sua manchete e legenda. Com o propósito de comprovar essa afirmação, buscou-se, nas capas da revista *Veja* do ano de 1991, outras manchetes em que se observou esse emprego verbal.

Como o número de ocorrência foi expressivo, foram selecionadas algumas, elencadas a seguir:

Quadro 11 – Manchetes de 1991: verbos no presente do indicativo

Manchete	Edição e data
Começa tudo outra vez	N. 1168, 09/01/1991
Collor se apoia em militares para pressionar o Congresso	N. 1190, 10/07/1991
A roubalheira atrapalha o entendimento	N. 1200, 18/09/1991
Aids: vírus pega o Pelé do basquete	N. 1208, 13/11/1991
URSS se desmancha e Gorbatchev cai no vazio	N. 1213, 08/12/1991

Fonte: Revista *Veja*

Quadro organizado pela autora

Outra interpretação foi feita com base nos postulados de Fiorin (1999) ao verificar as categorias de pessoa, espaço e tempo em português. No estudo, ele analisa o tempo a partir de um conjunto de relações semânticas manifestadas pelas formas verbais. O autor considera as singularidades do tempo linguístico e estabelece dois pontos para mencioná-la: “a) seu eixo ordenador e gerador é o momento da enunciação; b) está relacionado à ordenação dos estados e transformações no texto”. (FIORIN, 1999, p. 45).

A partir daí, estabelece três momentos importantes na constituição do tempo verbal: “momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e momento do acontecimento (MA).” (FIORIN, 1999, p. 146). Outra observação do autor refere-se ao tempo presente, aquele que marca uma coincidência entre o momento da enunciação e o momento da referência, mas nem sempre é possível delimitar o momento da enunciação.

Como a revista *Veja* transmite informações dos acontecimentos semanais, o momento em que a notícia surgiu e sua transmissão para o leitor dá-se num breve espaço de tempo. A missa, na qual Rosane chorou, foi celebrada na quinta-feira; a enunciação deve ter acontecido logo após, ou na sexta-feira ou no sábado, pois, à época, a revista circulava a partir de domingo. Esse breve espaço temporal pode ser uma justificativa para o emprego do verbo “chorar” no presente do indicativo.

Vale ainda retomar Fiorin (1999) que explica sobre o tempo subvertido: há a presentificação do passado para tornar os fatos mais próximos do interlocutor. Por isso, considera-se que esse emprego foi usado pela equipe editorial como estratégia, principalmente para conferir à legenda um caráter de co-temporalidade, o que confere a ela um aspecto de novidade para, assim, captar a atenção do leitor.

Na visão de Fiorin (1999), o espaço e o tempo ordenam-se em função do discurso; o espaço não necessariamente deve ser demarcado, ao contrário do tempo, que deve ser obrigatoriamente manifestado. Verifica-se que o espaço (missa, em Brasília) foi claramente inscrito no enunciado.

No canto superior direito da capa, há os elementos que identificam a edição, como número, data, ano etc. Além disso, encontra-se o nome da revista, nesta edição, na cor branca, contornada por um filete preto. A cor branca, presente também na roupa da primeira-dama, remete à aparente neutralidade jornalística. No entanto, como se verifica a seguir, a revista não é neutra para relatar as denúncias que envolvem Rosane na presidência da LBA. A organização dos elementos verbo-visuais, como a escolha das manchetes, da foto e das cores, revela o tom avaliativo da revista e induz os leitores presumidos à responsividade.

A manchete principal “ESCÂNDALO NA LBA” foi escrita em letras maiúsculas garrafais e vermelhas, contornadas por um filete preto com sombreamento. Chamam a atenção o tamanho e o formato das letras escolhidas para grafá-las. Quanto ao tamanho, Hernandez (2006) acredita que ele se relaciona com a altura da voz, simulando alguns recursos da oralidade. O emprego das letras grandes e em caixa alta revela a entonação pretendida pela equipe editorial, além de valorizar a notícia e atrair o olhar dos leitores. Já o formato com traços grossos cria um “simulacro de um tom de voz mais sério” (HERNANDES, 2006, p. 211). Por outro lado, o substantivo “escândalo” é uma escolha linguística portadora de acentuação negativa e remete às manchetes sensacionalistas.

As letras vermelhas da manchete principal são contornadas por um filete preto com sombreamento. O contraste entre essas duas cores parece enfatizar a manchete principal e destacá-la da página. No que se refere ao vermelho, de acordo com Guimarães (2000, p. 130), “a cor contribui na formação da informação e, muitas vezes, é ela que organiza ou contextualiza o conjunto ou cria a predisposição do leitor para receber aquele exato conteúdo”. Nesta capa, a cor vermelha adquire uma simbologia própria, alertando sobre a crise que precisa ser combatida com urgência. A combinação desses elementos verbo-visuais chama a atenção dos leitores e contribui para despertar neles a curiosidade sobre os detalhes da reportagem e os motivos de Rosane chorar.

No canto superior esquerdo, a manchete secundária “A explosão dos juros” foi escrita em letras pretas, dentro de uma faixa amarela em diagonal. Tanto a manchete principal quanto a secundária trazem termos fortes: os substantivos “escândalo” e “explosão”, que se aproximam pelo tom acusativo das denúncias que envolvem o governo no mesmo momento. Nota-se que a equipe editorial escolheu, como direção visual para a manchete secundária, a diagonal, que, de acordo com Dondis (1997, p. 60) “[...] é a forma direcional mais instável e, conseqüentemente, mais provocadora das formulações visuais. Seu significado é ameaçador e quase literalmente perturbador”. Isso é realçado pela cor amarela na faixa na diagonal, que chama a atenção para a crise econômica que ocorre no país, parecendo ressaltar a imagem de instabilidade do governo e também da primeira-dama.

Quanto ao contexto sócio-histórico da época da produção da capa, o presidente Fernando Collor pretendia enfrentar o crescimento da inflação e acabar com a corrupção. No entanto, a implantação do Plano Collor, principalmente para conter a inflação, não teve êxito, e os juros começaram a subir. Além disso, durante o seu governo, surgiram denúncias de prática de favoritismo e de nepotismo, que culminariam no seu *impeachment* no final de 1992. Outro aspecto relevante são as denúncias de que a primeira-dama também teria privilegiado seus parentes com cargos federais e, como consequência, perdido a presidência da LBA.

É oportuno informar que a Legião Brasileira de Assistência (LBA), fundada em 28 de agosto de 1942 e presidida pela então primeira-dama Darcy Vargas foi, inicialmente, um órgão assistencial público brasileiro para ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial, contando com o apoio da Federação das Associações Comerciais e da Confederação da Indústria. Com o final da Guerra, tornou-se um órgão de assistência às famílias necessitadas em geral, tendo como presidente as primeiras-damas do governo federal.

Além de salientar o escândalo na capa, a revista também destaca o assunto na reportagem interna em oito páginas. Intitulada “ESCÂNDALO FEDERAL”, de Luís Costa Pinto, trata dos últimos dias de Rosane Collor na presidência da LBA e, sobretudo, das denúncias de corrupção e da investigação do ex-SNI. O repórter escrever de Maceió, capital do estado de Alagoas, onde ela e o presidente Fernando Collor têm dezenas de parentes empregados no governo federal; isso pode ajudar a dar veracidade à reportagem.

O desequilíbrio emocional da primeira-dama, estampado na capa, é retomado no subtítulo da reportagem interna: “Envolvida por denúncias devastadoras de corrupção e investigada pelo ex-SNI, a presidente da LBA chora ao deixar o cargo”. Escrito com letras menores do que o título, explica os possíveis motivos para o choro. O adjetivo “devastadoras”, ao qualificar o substantivo “denúncias”, remete ao estado emocional da primeira-dama e ao fim da sua presença frente à LBA.

Figura 11 – Reportagem: “Escândalo federal”

Fonte: Veja, n. 1 198, de 4 set 1991

A referência ao choro continua na primeira fotografia da reportagem, captada durante a missa de comemoração do 49º aniversário da LBA. Nela, Rosane aparece sentada ao lado da ex-primeira-dama Sara Kubitschek, que cedeu um lenço para ela enxugar as lágrimas. A legenda da foto é “Rosane e Sara Kubitschek na missa da LBA: sem ministros, sem o presidente e três choros em estilo mexicano”.

Logo na primeira frase, a reportagem informa: “Rosane chorou”. Merece atenção o fato de o verbo chorar estar conjugado no pretérito perfeito do indicativo, o tempo da narrativa, o que difere do presente do indicativo das legendas das fotos da capa e da reportagem. De acordo com a gramática normativa, o tempo da

reportagem interna denota uma ação produzida em certo momento do passado, completamente concluída. O verbo “chorou” resume a mesma ação realizada em diversos momentos da missa e mais uma vez no dia seguinte, em Goiânia e ajuda a compor, mais uma vez, a imagem de mulher emotiva.

A própria Rosane explicou na ocasião: “Estou como manteiga derretida” (Veja, 1991, p. 28). Introduzida por meio do discurso direto, com o uso de aspas, essa expressão de sentido figurado, faz ressoar já-ditos oriundos da memória coletiva. Segundo Amorim (2009, p. 12) “[...] todo objeto de discurso e de conhecimento é portador de memória, pois ao ser falado é, antes de mais nada, *já falado* por outros que vieram antes de mim”. Além disso, reforça a imagem inicial da primeira-dama.

Tanto a legenda da foto, quanto a reportagem interna, ironizam o choro de Rosane, como se verifica no primeiro trecho escolhido para análise.

“Rosane, 26 anos, tinha motivos privados para protagonizar as cenas dignas do dramalhão mexicano Carrossel. Como vem fazendo há um mês, quando deixou de usar a aliança matrimonial, o presidente Collor continuou a humilhar Rosane em público. Marcou uma reunião burocrática para o mesmo horário da missa de Rosane, dando o sinal para que nenhum de seus ministros a ela comparecesse. Na missa estavam só as amigas de Rosane. No início da noite de sexta-feira, a primeira-dama aguardou na Base Aérea de Brasília a chegada do marido, que retornava de São Paulo. Collor evitou o encontro e simplesmente desapareceu.” (Veja, 1991, p. 28)

O trecho indica a idade de Rosane e explica que o motivo das lágrimas da jovem primeira-dama poderia ser de cunho particular, porque, além das questões políticas, ela também enfrentaria problemas conjugais. Há ironia quando a legenda qualifica os três choros de Rosane como “em estilo mexicano” e a reportagem compara suas ações com o “dramalhão mexicano *Carrossel*”, novela infanto-juvenil exibida pelo SBT, pela primeira vez, entre 1991 e 1992. As novelas mexicanas caracterizam-se pela atuação exagerada, pelas roupas espalhafatosas e pelas (muitas) lágrimas. Na maioria delas, a mocinha, pobre e sofredora, suporta várias humilhações de um vilão muito malvado, até ter seus problemas resolvidos, geralmente, por intervenção divina.

A reportagem parece posicionar-se a favor de Rosane ao relatar as atitudes de Collor, seu marido e superior hierárquico na LBA. Na “novela” público-privada da política brasileira, Rosane seria a mocinha, que enfrenta sozinha o arrependimento pelos seus erros administrativos na presidência do órgão.

Sob a gestão de Rosane, a LBA teria empregado e favorecido parentes do casal presidencial, como, por exemplo, liberando dinheiro sem licitação em situações que não configuravam emergência. Embora o empreguismo político estivesse generalizado no país, o envolvimento da família de Rosane com a LBA ilustra bem essa situação. Desse modo, selecionou-se o trecho a seguir, porque ajuda a construir uma imagem da família de Rosane – os Malta.

“[...] Pois eis que a Legião confundiu carentes com parentes. Verbas milionárias da LBA não foram usadas para ajudar os carentes do Brasil, de Alagoas ou de Canapi. Elas foram parar nas mãos de membros da família Malta, a mais rica de Canapi. Os Malta de Rosane Malta. Os Malta, uma antiga e decadente oligarquia que, como cracas, está incrustada na máquina de empreguismo alagoano. A folha de pagamento de julho de Alagoas registra que 54 integrantes do clã Malta são funcionários públicos e muitos deles estão em situação irregular. Já a família Collor de Mello tem 21 membros empregados em Alagoas.” (Veja, 1991, p. 30).

Mais uma vez a reportagem faz uso da ironia, por meio de um trocadilho, ao afirmar que a LBA teria confundido “carentes” com “parentes”. A repetição do sobrenome “Malta” visa individualizar a família a qual pertence a primeira-dama. Apesar de considerá-la a família “mais rica de Canapi”, um pequeno município do sertão alagoano, a reportagem também se refere aos Malta de modo depreciativo: “uma antiga e decadente oligarquia”, que teve seu apogeu antes da Revolução de 30, e “cracas”, criaturas que grudam, geralmente no fundo dos barcos, e podem causar estragos. Assim como muitas outras famílias alagoanas de renome, os Malta constituiriam um “clã” composto por inúmeros membros que receberiam verbas públicas, mas que se distinguiriam por causa das denúncias em que se envolveram.

Na mesma ocasião, num diálogo com o contexto político, o cartunista Chico Caruso publicou na primeira página do jornal *O Globo* uma charge que satirizava o momento atual. Nesse gênero discursivo que faz uso de linguagem verbal e visual para mesclar humor e sátira, com tom crítico Rosane aparece vestindo um *tailleur* de presidiária com os dizeres “LBA 1991” estampados na frente. Em resposta aos anseios populares pela apuração dessas denúncias, a reportagem da *Veja* reproduziu a charge de Caruso e mostra um pré-julgamento da culpa de Rosane, ajudando a reforçar a ideia de que ela deve responder pelos atos praticados durante sua presidência na LBA.

Figura 12 – Charge: Rosane Collor



Fonte: *Veja*, n. 1 198, de 4 set. 1991

A reportagem ainda inclui a declaração do porta-voz presidencial da época, Cláudio Humberto, sobre a charge: “[...] ‘É mais uma manifestação de crueldade’, reclamou Cláudio Humberto. No raciocínio do porta-voz, a divulgação dos números oficiais da LBA de Rosane seria uma campanha sórdida do PT”. (*Veja*, 1991, p. 35). Sua voz é trazida por meio do discurso direto, permeada pela do repórter por meio do verbo *discendi* “reclamou”. Percebe-se a atitude responsiva do porta-voz em relação à charge, no sentido de discordar e procurar construir uma imagem que isente Rosane dos seus atos, considerando-a vítima de uma “campanha sórdida” do Partido dos Trabalhadores, a qual causaria sofrimento à primeira-dama.

Quando ao contexto da época, lembra-se de que Lula, candidato pelo PT, foi o principal opositor de Collor durante a campanha eleitoral. Além disso, o então deputado petista José Dirceu iniciou o levantamento de denúncias sobre a LBA, constatou irregularidades durante a administração de Rosane e pretendia formar uma CPI, à qual ela poderia ser chamada para prestar esclarecimentos. A reportagem traz a voz de José Dirceu, por meio do discurso direto: “O único responsável pela LBA é Collor, que nomeou Rosane e, lamentavelmente, agora se esconde atrás de sua mulher” (*Veja*, 1991, p. 35). O deputado não isenta totalmente Rosane da culpa, mas critica Collor por não deixar em evidência apenas os erros cometidos pela mulher. Rosane, então, seria vítima da covardia de Collor, que não assumiria sua responsabilidade como superior hierárquico pelos escândalos da LBA.

3.3.2 Outras reportagens internas

Foram selecionadas mais duas reportagens para complementar a análise da construção da imagem verbo-visual de Rosane Collor. A primeira reportagem encontra-se na secção *Gente* da edição 1 122, de 21 de março de 1990, portanto produzida antes da capa/reportagem interna analisada no *corpus* principal. Intitulada “A família Collor em revista”, trata da posse do presidente Collor. A expressão “em revista” é ambígua, pois se refere tanto ao exame detalhado sobre o gosto manifestado na opção do vestuário do casal presidencial, quanto à presença dos dois em páginas de revistas.

Figura 13 – Reportagem: “A família Collor em revista”

GENTE

A família Collor em revista

Por um triz a primeira-dama, **Rosane Collor**, 25 anos, não pôde ir à posse do marido com seu discreto tailleur azul-marinho com detalhes dourados na frente. O vestido, confeccionado pela loja paulista Dada, uma das mais exclusivas da cidade, custou cerca de 50 000 cruzados novos. Se Rosane tivesse deixado para pagá-lo depois do dia 15, teria dificuldades em conseguir o dinheiro vivo, já que esse é o limite estabelecido pelo programa econômico do presidente Collor para a retirada bancária. Mas Rosane foi à festa e fez bonito com sua elegância sobria — o mesmo estilo com que apareceu nas páginas da revista *Manequim*, em sua edição de abril. Durante três horas no início do mês, ela posou para o fotógrafo Ivo Herwanger na sala de estar da Casa da Dada, a residência oficial dos Collor de Mello, que se transformou num estúdio profissional, com holofotes, flashes e tripés. Vestiu de tudo para a sessão fotográfica: até chegou à versão final: lamê dourado, fúcsia, um escarpim clássico e, é claro, o infalível tailleur. “Rosane sabe muito bem onde colocar as mãos durante as fotos, o que demonstra que ela traz a formação social sólida da tradicional família Malta, de Alagoas”, afirma Nina Iughetti, diretora de redação da revista *Manequim*, a principal responsável pela edição inédita que colocou uma primeira-dama em sua capa com exclusividade. O charme que Rosane exibe nas

páginas da revista faz jus ao marido, unanimemente considerado um homem que sabe se vestir. Mas não foi exatamente a elegância do presidente brasileiro que interessou à revista americana *People*, em que brilham artistas de Hollywood e socialites. A *People* pretende incluir Fernando Collor numa reportagem peculiar: a lista dos cinquenta homens mais sexy de todo o mundo.

Um novo nome para Quayle

Nota o exército de 88 seguranças que o vice-presidente dos Estados Unidos, **Dan Quayle**, 45 anos, trouxe ao Brasil conseguiu livrá-lo das gafes habituais. Acompanhado da mulher, Maureen, ele visitou a Escola Americana — e ouviu o hino brasileiro postado diante da bandeira dos Estados Unidos, num atentado ao protocolo. Também se antecipa a jogar basquete com os alunos do colégio — mas só conseguiu marcar uma cesta. Quayle não co-

Palavras ao vento

“Que nada, sente aí. Deixa-se o protocolo.” **Fernando Collor de Mello ao senador Fernando Henrique Cardoso na ante-sala do Congresso, momentos antes da posse.**

“Homem inteligente no Brasil, tem meu marido, não conheço nenhum.” **Rosane Collor.**

“Eu não aguento mais apertar a mão de ninguém. A minha já está vermelha.” **senador Dória Silva, ao final da jornada de 15 de março.**

106

VEJA, 21 DE MARÇO, 1990

Fonte: *Veja*, n. 1 122, de 21 mar. 1990

Na reportagem, são apresentadas fotografias que ajudam a consolidar a imagem visual da primeira-dama no imaginário popular. A primeira foi captada durante a posse do presidente; as outras trazem Rosane posando, na Casa da Dinda (residência oficial do presidente), para a edição do mês de abril da revista feminina *Manequim*, que pretendia retratar seu estilo, e, no centro, a capa da revista. Em todas as fotos, Rosane aparece usando o “infalível *tailleur*”, traje feminino composto de saia e casaco, considerado um clássico da moda por ser adequado a qualquer ocasião. O uso do *tailleur* ficou associado à Rosane, frequentemente retratada em charges e em caricaturas políticas usando esse tipo de roupa.

Na reportagem, Rosane é apresentada como elegante, charmosa, mas não econômica, o que antecipa uma imagem de mimada. Na posse do marido, ela usou um *tailleur* azul-marinho, confeccionado pela Daslu, loja de artigos de luxo da cidade de São Paulo. O preço dessa roupa foi cinquenta mil cruzados novos, valor que beirava o limite estabelecido pelo Plano Collor para retirada bancária, no primeiro dia de seu governo.

Já a imagem de provinciana começa a ser delineada quando a reportagem afirma que o charme exibido por Rosane nas fotos “faz jus ao marido”. Apesar de elogiá-la, o emprego dessa expressão insinua que, quando comparada ao marido, o charme e a elegância da primeira-dama não seriam naturais. Segundo a reportagem, Collor é “unanimemente considerado um homem que sabe se vestir” e, na sequência, informa que ele pode ser incluído na lista dos homens mais sexy do mundo pela revista *People*. Por outro lado, Rosane precisaria se esforçar para parecer elegante e fazer por merecer os elogios, pois a opinião sobre o seu bom gosto não seria unânime.

A segunda reportagem selecionada também é anterior à da análise do *corpus* principal. Trata-se da reportagem interna da edição 1 196, de 21 de agosto de 1991, intitulada “Turbulência no casal presidencial”; excepcionalmente, não traz o nome do autor e trata da crise no casamento de Collor e Rosane. Ela tem como subtítulo: “Collor tira a aliança, faz uma descortesia com Rosane e exhibe suas dificuldades domésticas”. Percebe-se que, mais uma vez, são empregados verbos no presente do indicativo: “tira”, “faz” e “exibe”, os quais revelam algumas ações referentes a atritos na vida privada do casal, que, além disso, também enfrentava problemas políticos:

Figura 14 – Reportagem: “Turbulência no casal presidencial”

BRASIL

Turbulência no casal presidencial

Collor tira a aliança, faz uma descortesia com Rosane e exibe suas dificuldades domésticas

Comas de um *Correio* em Crise foi a novela levada ao ar da semana passada pelo Palácio do Planalto. O presidente Fernando Collor fez questão de exibir sua mão esquerda sem aliança para os fotógrafos, antes a primeira-dama com descortesia na segunda-feira, recusando-lhe um cumprimento, e ostentou uma cartolina mal-humorada quando colocado ao seu lado. Rosane, por sua vez, continuou usando aliança, embora em semelhança na presidente da Legião Brasileira de Assistência e, suprema astúcia feminista, disse “a mim não me importa” quando a atriz mexicana Gabriela Rocha (a professora Helena de Corvoeira) explicou que estava apenas brincando ao dizer que Collor era “mimado” e que descortia a manga do Planalto de ministro. Depois desse episódio de encontros, desses arrafios de côrtes, um Collor ainda sem aliança e uma Rosane de aliança nocarente a Casa de Diniz para passar a noite de sexta-feira no Palácio do Alvorada. A sós. Na mesma noite, amigos do casal garantiram que o capítulo final da novela plantada estava próximo e transcorria da seguinte maneira: o galã se reconciliava com a moçolona, que abandonava a direção da LBA, e tudo voltaria ao que era antes na Casa de Diniz. Só não garantiram que seria feliz o fim sempre.

A primeira vez que Collor apareceu em público sem a aliança foi em Maringá, no sexta-feira dia 2 de agosto, quando

subiu num patamar ao lado do governador do Paraná, Roberto Regino. Ninguém reparou. Uma semana depois, outra cerimônia no Planalto, Collor fez um gesto típico para chamar a atenção de fotógrafos e cinegrafistas de plantão, passando três dedos da mão direita sobre o dedo anelar no chamado *sete-vinteito* da mão esquerda. Foi assim que o jornalista descobriu que o casal presidencial estava em crise. Collor é o primeiro divorciado que chegou à presidência do Brasil. Já se viu muita coisa aos casais que habitaram Brasília, mas esta foi a primeira vez que um presidente alheio em público se insinuava que estava dentro de casa. Por iniciativa do presidente, a imprensa foi levada a cobrir um assunto familiar com o mesmo tom de curiosidade que agora a fritura de um ministro. O Brasil inteiro foi virado por uma onda selvagem de fofocas (hoje parte desta espalhada por sinais de Collor ou Rosane) e por uma divertida vaga de psique-

Uma das melhores é do humorista Luis Fernando Veríssimo, contada no *Estado de S. Paulo* de sábado passado: “Quando Humberto saiu a imprensa para dizer que Fernando vai falar sobre as alianças, não nada dirá sobre a situação política e a crise econômica do país porque sua vida privada não é da conta de ninguém”.

Riscos — Collor tem em modos opor-tunísticos particular para manejar assuntos políticos. Quando quer prestigiar um ministro, corre-o para deitar a manga do Planalto, como fez com Zélia e Cláudio Silva em outros tempos. Os dois acabam despendidos de seus cargos. Se deseja fritar um ministro, o presidente faz cobranças aos públicos, como aconteceu com Magri, que acabou ficando no cargo. Collor costuma a imagem de presidente jovem e dinâmico acusado de jet-set e praticando *ditos* de esportes. Quando sente necessidade de explicar alguma coisa, como o significado do *aquele* nó, ou que é preciso paciência, veste uma camiseta polêmica. Quando quer dar uma aula de intelectual, começa forte debaixo do brogo. Quando quer agrair às Forças Armadas e aos ecologistas, fantasia-se de Rambo e passa na selva. Essa mesma tecnologia teatral utilizada em assuntos de governo foi mobilizada para tratar de um caso político privado: para tratar a presidente da LBA, Collor ordenou Rosane na frigideira.

O presidente subverteu Rosane a um tratamento descortês diante de 500 convidados — arcebispos, amigos e hospitalares — que compareceram a sua festa de aniversário, no Palácio do Planalto, na segunda-feira. Ao final da cerimônia, Rosane estendeu a mão para cumprimentá-lo. Collor não respondeu ao gesto, e a primeira-dama ficou com o mão parada no ar. A cena foi alçada, menos de dois segundos, e não foi seguida por nenhum fotógrafo presente. Mas, depois tempo suficiente para constatar quem a assistiu — o quem a assistiu foi quase o

palácio inteiro, no *Jornal Nacional* daquela noite. Se Collor recusasse o cumprimento de um *granny* já chamaria a atenção. Ao humilhar sua mulher em público, cometeu uma indecência sem paralelo na história do Planalto. No dia seguinte, colocando-se no papel de jornalista, quando fugiu da frigideira presidencial, a primeira-dama convocou uma entrevista coletiva na qual agitou sua mão esquerda com a aliança no lugar certo. Para facilitar o trabalho dos fotógrafos, como o nazi em duas oportunidades e acertou o penteado em três ocasiões — sempre com a mão esquerda.

A confusão matrimonial de Collor e Rosane tem aspectos similares à dos casais corruí, mas subverteu grande um equilíbrio político, a presidência de um órgão chamado Legião Brasileira de Assistência, a LBA, que tem um orçamento de 1 bilhão de dólares por ano e emprega 400 funcionários. Tentemos de espreitar desacomodadamente sua mulher à margem de denúncia que envolve a LBA, o presidente insistiu durante mais de um mês para que ela se afastasse de qualquer função executiva no órgão, reservando-se apenas para os cargos honoríficos. Rosane resistiu o quanto pôde, até que, no fim da semana passada, lavou-se como oco no Planalto que renunciou ao posto dentro em breve. “Deixo o cargo, mas não peço meu marido”, disse a primeira-dama a uma assistente.

ANACONTO — Embora tenham capitalizado na graciosidade visual, Collor e Rosane mantiveram silêncio verbal a respeito do assunto. “De minha vida particular não falo”, disse a primeira-dama na coletiva do voo do Planalto. No domingo dia 11, numa entrevista logo depois de correr 5 quilômetros em Brasília, os jornalistas perguntaram a Collor por que não estava usando aliança. “Permito-me não tratar desse assunto, que é estritamente pessoal, íntimo e, portanto, não interessa a ninguém. A não ser a mim”, respondeu Collor. A dificuldade no acesso presidencial é justamente a benedita aliança. Os sentimentos e infirmitades de um casal não devem ser assuntos de salutariedade pública. É uma convenção social que serve para indicar se uma pessoa é solteira, noiva ou casada. O cidadão que desde o casamento aninha com a aliança na mão esquerda e de repente resolve deixá-la em casa está informando que não se considera mais casado. É como acontece com diversas lutas indógenas

Fonte: *Veja*, n. 1 196, de 21 ago. 1991

As duas primeiras páginas da reportagem trazem uma fotografia do casal presidencial caminhando lado a lado. Por ter sido posicionada no centro da revista, cria-se uma ruptura: Rosane aparece na página esquerda e Collor, na direita. Dessa forma, a foto reforça o estremecimento da relação dos dois, tratado pela reportagem. Além disso, chama atenção a diferença da expressão facial deles: a primeira-dama está sorrindo, enquanto Collor está sério, parecendo mal-humorado.

Há também outras duas fotografias menores: uma destaca as mãos de Rosane com aliança; a outra, as de Collor sem aliança. Elas localizam-se, respectivamente, no canto inferior esquerdo e no direito. A legenda dessas três fotos também aparece dividida; começa na página direita: “O teatro das mãos na segunda-feira: Rosane...” e continua na página esquerda “...casada, Collor ríspido e solteiro”. O sinal de pontuação, reticências, empregado para indicar que a frase continua cria o efeito de suspense e remete aos romances folhetinescos do século XIX, que o utilizavam como estratégia para prender e manter a atenção dos leitores até o lançamento dos próximos capítulos.

O governo de Collor caracterizou-se pelo uso de símbolos e de aparências, principalmente aos domingos, quando o presidente caminhava vestindo camisetas com frases visando enviar recados políticos. Por isso, as fronteiras entre o público e o privado, a intimidade e o espetáculo muitas vezes parecem difusas, com o tema da espetacularização do governo permeando toda a reportagem. Destacam-se, a seguir, na reportagem, algumas escolhas lexicais nesse sentido: “*Cenas de um Casamento em Crise*”, “novela levada ao ar na semana passada pelo Palácio do Planalto”, “capítulo final da novela planaltina”, “o galã se reconciliaria com a mocinha”, “não garantem que serão felizes para sempre” e “fim de capítulos eletrizantes de sua novela conjugal”.

Segundo a reportagem, o agravante da crise privada seria a crise pública, especificamente, as denúncias envolvendo a LBA e a possível renúncia de Rosane. Assim, a imagem que se constrói dela é a de uma mulher teimosa, tanto por não querer sair da presidência do órgão, quanto por querer manter as aparências de um casamento em crise ao continuar usando a aliança matrimonial.

De acordo com a reportagem, outro possível ponto de atrito entre o casal seriam os ciúmes de Rosane em relação à primeira mulher de Collor, a socialite carioca Lilibeth Monteiro de Carvalho, com quem ele teve dois filhos. Constrói-se a imagem de Rosane como ciumenta em decorrência da disparidade biográfica entre as duas. Na sequência, observa-se um trecho em que há uma comparação entre a biografia de Lilibeth com a de Rosane.

“[...] Além de ser herdeira de uma das maiores potências econômicas do país, o grupo Monteiro Aranha, Lilibeth é uma mulher viajada, fala várias línguas e tem aquele conjunto de maneiras que encanta os ambientes primeiro-mundistas que fazem a glória do estilo Brasil Novo. Rosane nasceu na pequena Canapi, cidadezinha com apenas duas ruas asfaltadas e 20 000 almas a 270 quilômetros de Maceió, até hoje dá duro nas aulas particulares de inglês, saiu do Brasil pela primeira vez quando foi passar a lua de mel em Bariloche e muitas vezes fica desamparada em cerimônias oficiais. Com base nessa disparidade, amigos e parentes de Collor, como seu irmão Leopoldo e sua mulher, Regina, costumam insinuar que Rosane é uma moça provinciana que não está à altura do presidente. A primeira-dama também não esconde do seu círculo de amigos que não tolera Leopoldo e Regina.” (Veja, 1991, p. 23).

O trecho destacado traça um perfil depreciativo de Rosane se comparada a Lilibeth. A primeira mulher de Collor é enaltecida por sua situação econômica e cultural, mas a reportagem ressalta a origem interiorana de Rosane, sua dificuldade em aprender uma língua estrangeira e insinua sua falta de cultura e de desembaraço durante cerimônias oficiais. Esse trecho também adianta outras duas imagens da primeira-dama, que serão exploradas a seguir: a de brigona e a de provinciana.

A construção de sua imagem como brigona pode ser observada por meio de um recurso verbo-visual usado na reportagem: o box intitulado “Uma dama de briga” (p. 22-23). Ele relata algumas desavenças políticas de Rosane e a fotografia das pessoas nelas envolvidas. O corpo da reportagem (p. 25) também trata desses desentendimentos. Para resumi-los, optou-se por elaborar um quadro com cinco trechos dos principais conflitos. As expressões que ajudam a construir a imagem de Rosane como brigona foram destacadas.

Quadro 12 – Rosane Collor: exemplos de desavenças

“[...] a primeira-dama logo deixou claro que não ia receber ordens de Margarida Procópio.” (p. 25)
“Ao fazer política, Rosane trombou com boa parte do primeiro escalão do governo.” (p. 25)
“Rosane conspirou para impedir que Zélia fosse nomeada para o Ministério da Economia e, mais tarde, mobilizou-se para que ela fosse embora o mais depressa possível.” (p. 25)
“A primeira-dama brigou com o líder do PRN na Câmara, Cleto Falcão [...]” (p. 25)
“Rosane e PC se uniram no ano passado para massacrar Renan Calheiros [...]” (p. 25)

Fonte: *Veja*, n. 1 196, de 21 ago. 1991

Quadro organizado pela autora

Chamam a atenção, principalmente, os verbos “trombou”, “conspirou”, “brigou” e “massacrar” que corroboram a imagem de uma pessoa que tende a se envolver em brigas, com impulsividade e frequência.

Destaca-se, ainda, o conflito entre Rosane e o tesoureiro e amigo de Collor, PC Farias, que se refere a ela como “uma menina mimada”. O tratamento infantil (“menina”) para se referir a uma mulher adulta, desmerece a primeira-dama, como se a colocasse em um patamar inferior. Aliado a isso, há o adjetivo “mimada”, empregado depreciativamente, criando o sentido de que Rosane seria fútil e não agiria com seriedade. Essa imagem é reforçada pela voz de PC Farias, que também se refere a ela como “madame”, ao comentar com amigos, durante a campanha presidencial, os gastos dela que “estouraram” o cartão de crédito.

Quanto à imagem de provinciana, termo empregado pejorativamente pelos cunhados de Rosane, Leopoldo e Regina, ajudam a construí-la duas fotografias e suas legendas, reproduzidas abaixo:

Figura 15 – Rosane Collor: problemas com a roupa



Fonte: *Veja*, n. 1 196, de 21 ago. 1991

As fotografias referem-se a dois momentos nos quais Rosane teve problemas por causa da roupa. No primeiro, por tomar sol de biquíni numa praia de Maceió, expondo-se à imprensa, traje considerado impróprio para o cargo pela reportagem; no segundo, por usar uma saia justa e curta que fez sua calcinha ficar à mostra durante uma audiência, na qual conversou com a ativista política sul-africana Winnie Mandela. A inclusão dessas fotografias na reportagem ajuda a construir a ideia de que o mau gosto provinciano de Rosane é responsável por prejudicar a sua imagem e que esses constrangimentos poderiam ter sido evitados se ela se comportasse com a elegância e a sofisticação, esperados de uma primeira-dama.

Logo após o final da reportagem, na mesma página, encontra-se a coluna de Elio Gaspari. Nessa edição, ela recebeu o título de “Brincadeira de anel” e o jornalista comenta com ironia as crises do governo do presidente Fernando Collor. Nela também há expressões que fazem referência ao governo como se fosse um espetáculo, retomando ao tema presente em toda a reportagem, como nos exemplos a seguir: “governo-espetáculo”, “parece ter mudado de diretor”, “Central Collor de Produções”, “produção tornou-se sombria”, “novela da aliança”, “aquilo que poderia ter sido um caso pessoal tornou-se espetáculo público”, “a brincadeira do anel vai muito além da sua cenografia”, “máquina de espetáculos do governo”, “dramalhão cinzento” e “trama de baixarias”.

3.4 Ruth Cardoso

Natural de Araraquara, cidade do interior paulista, onde nasceu em 1930. Aos 18 anos, mudou-se para São Paulo para estudar Serviço Social na USP. Em 1953, casou-se com Fernando Henrique Cardoso, então sociólogo. É mestra em Sociologia e doutora em Ciências Sociais, pesquisadora e docente em instituições de outros países e autora de diversos livros. Em janeiro de 1995, após a eleição de FHC em primeiro turno, tornou-se primeira-dama, apesar de sua oposição ao título. Durante o mandato do marido, criou e presidiu o *Programa Comunidade Solidária*, para combater a pobreza e a exclusão social. Faleceu em 2008, aos 77 anos.

3.4.1 A capa da *Veja* e a reportagem interna

Figura 16 – Capa da *Veja* n. 1 358



Fonte: *Veja*, n. 1 358, de 21 set. 1994

A capa da edição 1 358, de 21 de setembro de 1994 traz uma foto do rosto de Ruth Cardoso, com expressão séria, voltado para o lado direito. Ela usa óculos, pouca ou nenhuma maquiagem e roupas formais de cores sóbrias. Em sua composição, foi utilizada a técnica claro-escuro, que, por meio de tons opostos, suprimiu elementos supérfluos e intensificou, de modo teatral, o rosto de Ruth. Para tratar sobre a linguagem visual, retoma-se Dondis (1997) para quem o contraste é a técnica visual mais importante e dinâmica. Ela explica que “o contraste é o aguçador de todo significado; é o definidor básico das ideias” (Dondis, 1997, p. 121).

O contraste também pode ser observado na manchete principal, “RUTH CARDOSO SAI DO CASULO”. Escrita, na parte inferior à esquerda, em letras maiúsculas e na cor branca, destaca-se do fundo escuro e atrai a atenção dos leitores. Abaixo dela, o texto “Quem é, como vive e o que pensa a antropóloga casada com o candidato tucano”, em letras brancas menores, também contrasta com o fundo escuro. Como não é possível considerar os elementos visuais desarticulados dos verbais, uma possível leitura dessa capa aponta que o uso do contraste teve por objetivo transmitir uma ideia. O resultado visual pretendido seria um movimento da esquerda para a direita, por meio da variação de cores mais escuras para claras, pois, dessa forma, a luz incide sobre o rosto de Ruth, que parece se projetar das sombras, como se ela saísse literalmente de um casulo.

Outro ponto que chama a atenção na manchete principal é o mesmo verificado quando da análise da capa com a foto de Rosane Collor (1991): o emprego do verbo “sair” no presente do indicativo. Para comprovar que isso é recorrente na *Veja*, buscou-se em capas da revista de 1994. Das várias manchetes, foram selecionadas algumas, para ilustrar o uso do verbo no presente do indicativo.

Quadro 13 – Manchetes de 1994: verbos no presente do indicativo

Manchete	Edição e data
O Congresso fere a corrupção	N. 1324, 26/11/1994
Holocausto: num grande filme, Spielberg mostra toda a barbárie nazista	N. 1331, 16/03/1994
Itamar pisa no pé do Supremo	N. 1333, 30/03/1994
A cerveja invade a Copa	N. 1343, 08/06/1994
Baixaria na corte: a briga entre Charles e Diana enfraquece a monarquia	N. 1363, 26/10/1994

Fonte: Revista *Veja*

Quadro elaborado pela autora

Mais uma vez, pode-se atribuir a presença desses verbos de ação no presente do indicativo ao estilo do gênero capa e também ao emprego do tempo subvertido. Segundo Charaudeau (2007), na mídia há quase que uma obsessão pelo recurso do tempo no presente, devido à preocupação em informar os acontecimentos numa co-temporalidade enunciativa. Para ele, tenta-se aproximar dois momentos opostos em uma cadeia temporal: “*instante do surgimento do acontecimento* > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > *instante do consumo da notícia*”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 133). Ressalta-se, ainda, na manchete “RUTH SAI DO CASULO”, que esse verbo, mesmo no presente, revela uma ação totalmente concluída, pois, a saída do casulo é irreversível.

O termo “casulo”, da manchete principal, ajuda a criar a imagem de Ruth como uma mulher reservada, que só acompanhava a carreira política do marido “escondida” no ambiente acadêmico, onde tinha a própria carreira como antropóloga. O casulo é um invólucro que protege alguns animais durante o seu desenvolvimento até a metamorfose completa. Esses animais, como, por exemplo, a borboleta, deixam o casulo quando estão prontos para mostrar sua beleza e voar. Assim, a manchete principal, ao afirmar que Ruth “sai do casulo”, para participar da campanha do seu marido e candidato tucano, projeta uma série de expectativas em torno dela. Com Ruth, poderíamos ter uma “espécie” diferente de primeira-dama, por isso a necessidade de entender quem ela é, sua forma de viver e de pensar.

Às vésperas das eleições, a *Veja* dedicou a capa e a reportagem interna principal à Ruth Cardoso. A revista parecia ter como certa a vitória do candidato Fernando Henrique Cardoso (FHC), que, na época, estava à frente nas pesquisas de intenção de voto, principalmente contra Lula. Esta edição dedica-se, na reportagem interna principal, a apresentar a futura primeira-dama e a questionar essa função. Numa leitura dos elementos verbo-visuais da capa, a primeira imagem que os leitores podem ter de Ruth é a de uma intelectual reclusa. Os óculos, a menção à sua profissão (antropóloga) e a expressão “sai do casulo” ajudam nessa construção. Na capa, o nome de FHC é omitido, ele é referido como “candidato tucano”, mas a manchete traz o sobrenome de Ruth e faz referência ao fato de ela ser casada, o que ajuda a deduzir quem é seu marido.

O uso do referente “candidato tucano”, ao invés do nome de FHC, foi uma escolha ideológica da equipe editorial responsável pela elaboração da capa da revista. Como Ruth esteve guardada num “casulo” até se sentir pronta para voar, seu companheiro também é referido como um animal alado, mas essa escolha parece não ter sido aleatória. Os filiados ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) são conhecidos como tucanos, ave brasileira que ajudou a criar a identidade visual desse partido. Além de ser um símbolo do movimento ecológico e de defesa do meio ambiente, o tucano de peito amarelo lembra as cores das *Diretas Já*, movimento do qual participaram vários de seus fundadores, sendo um deles FHC. Lembra-se que, no início de sua carreira política, FHC foi apoiado também pela esquerda, por parcelas da classe média mais liberal, por artistas e por lideranças sindicais, como o então sindicalista Lula da Silva.

Na sequência da reportagem sobre Ruth Cardoso, a edição traz também uma reportagem sobre Marisa Letícia, mulher de Lula, candidato da oposição pelo PT. Percebe-se a disparidade no número de páginas dedicadas a cada uma delas, dez para Ruth e duas para Marisa. Essa decisão parece refletir a ideologia da revista e, conseqüentemente, sua parcialidade a respeito dos candidatos e do resultado esperado das eleições presidenciais.

Na diagonal, na parte superior à esquerda da capa, há uma foto de Susana Fujimori, que concedeu uma entrevista para as páginas amarelas da revista. Numa faixa branca, encontra-se seu nome e uma declaração entre aspas em que ela afirma “Eu amo Alberto”. Refere-se ao então presidente do Peru, de quem está recentemente separada, após vinte anos de casamento. O presidente Alberto Fujimori aprovou uma lei que proibia parentes de chefes de Estado a se lançarem candidatos à política. Ela, então, denunciou a corrupção do governo, deixou o palácio e se lançou como candidata, tornando-se sua maior oposição política. O traço vermelho que separa o nome dela da declaração, pode remeter ao amor que ela diz ainda sentir por Fujimori, apesar das divergências políticas. Susana, que voltou a usar o sobrenome Higuchi, é engenheira e descrita na entrevista como “tímida” e “reservada”. Ela entende que primeira-dama não é um cargo político nem um posto, mas uma categoria de esposa do presidente e, como os dois continuam casados legalmente, ela ainda se considera a primeira-dama do Peru.

Na parte superior esquerda, a cor vermelha está presente também no nome da revista, o que ajuda, por meio do contraste com o escuro e o claro, predominante da capa, a destacá-lo. Na parte inferior direita, ao lado do código de barras, há um adesivo, que não faz parte da capa original, com a expressão “reparte de trabalho”, que provavelmente estava colado na cópia da revista que foi digitalizada para o acervo online.

A capa de uma revista é um enunciado concreto e os elementos verbo-visuais devem ser analisados em conjunto, para que o tema seja compreendido. A manchete principal e a secundária dialogam entre si e com o contexto imediato: referem-se a duas mulheres aparentemente frágeis, por serem tímidas e reservadas, mas que possuem opiniões fortes e carreiras próprias. Além disso, ambas preocupam-se em refletir sobre o papel da mulher na sociedade atual, sobretudo como primeira-dama, uma vez que Susana pode deixar a qualquer momento de ser a do Peru e Ruth pode vir a ser a próxima primeira-dama do Brasil. Essa reflexão permeará toda a reportagem interna dessa edição, apresentada a seguir.

Figura 17 – Reportagem: “Ruth, o fator novo no pedaço”

RUTH 36-V
PERU

Ruth, o fator novo no pedaço

No Brasil, primeira-dama é condição? Função? Ou existe um papel de mulher para ser repensado dentro de uma sociedade em mutação?

ROBERT MALLAM

Há exatamente sessenta semanas a República Federativa do Brasil e, sobretudo, Brasília aderem ao primeiro-dama. Não foi fácil. Desde antes do Carnaval passado, quando a possibilidade de uma mulher presidir que a atriz Lílian Ramos expôs ao presidente Luiz Franco e ao mundo sua bela arcajada. Passado quase dois anos de Presidência discursada, os dois fatores de viabilidade dos novos primeiros-damas existem bem à evidência: nenhuma das três recepções oficiais do Palácio do Planalto deu-se de ser realizada e a Legião Brasileira de Assistência, LBA, não fecha as portas — está, no entanto, tentando fechar o balanço dos doze meses de certos aspectos. Se antes uma instituição — a “primeira-dama” — é seguida de uma, é preciso, de fato, que exista vontade, saber e tempo para ser útil. A sociedade de Brasília evoluiu muito mais do que o tempo. Desapareceu do cenário de expressão o primeiro-dama, mas não o poder e talvez seja essa a razão para o não de uma mulher que, por onde passa, faz história e entra política: numa sociedade moderna, qual o papel da mulher com perfil próprio quando parece de um mundo passado?

A expressão “primeira-dama” foi usada pela primeira vez em 1877 para designar a esposa do 19º presidente americano, Rutherford Hayes, a populista na lei

ção do século temo corolário da Broadway sobre Dolley Madison, a primeira mulher de outro presidente dos Estados Unidos. De lá para cá, o termo tem-se desenvolvido tanto quanto as sucessivas ocupações da Casa Branca. A advogada Hillary Rodham Clinton desenvolveu no início da carreira de 1992 com o nome de primeira-dama depois, um adido até mesmo maior que o do marido e último articulado que ainda não haviam sido adotados para mulheres generalizadas. Segundo James Caville, o manchete político mais importante sobre a eleição do Espalador, “teve o efeito de que o que Hillary deixou se tornou lei e as que quem discorde dele seria marginalizada a política pública ou a sociedade de ações ao candidato”.

Hillary, que opera numa cultura política de desconexão de mulher, define-se como “um tom de Roushach” — cada um vê o que quer ver, como no mundo de interpretação teológica apresentada pela procuradora-geral. No Brasil que se prepara para eleger um novo presidente também se fazem três e certa construção em torno de uma só mulher, Ruth Cardoso — única das candidatas a primeira-dama — de quem se conhece pouco, mas se espera muito. Ruth consultou sete séculos de história com um perfil absolutamente privado que sempre agiu no seu personal político. O PFL, seu mar-

gado de Ruth do que a Ruth de Ruth, começou com um antigo marido e candidato na casa, Fernando Henrique Cardoso.

Os dois fatos foram decisivos na sua posição de uma mulher que começou de fato. “A construção de que Ruth vai aparecer na política”, o Fernando Henrique fez uma situação a Ruth sobre a sua posição não é claro. Não todos os papéis políticos-partidários alguns. Apesar de não ter o mandato para aceitar que Fernando Henrique efetivamente não tem nenhum compromisso para formar ministério”, diz a primeira-dama. “Eu soube claramente que ela decidiu a uma frase atribuída a Ruth sobre o primeiro-dama, mas não a um “não imposto”, comenta o deputado Luiz Eduardo Magalhães com um sentimento de pesar, após estar com a esposa do PFL e do PFL no apartamento de trabalho em Brasília. Para sua esposa, Ruth Cardoso estava lá, como antes — inicialmente a vontade, agradável, participando das discussões e decisões.

O que é o modo de iniciar para um é depois ao candidato para ser nomeado. “Me espanta a sua cultura política em termos de poder”, observa o ex-primeira-dama de Portugal Maria de Lourdes Pintasilho, conhecida de muitas discussões anteriores. “Ruth tem vontade e vontade de trabalhar. Tem uma presença de vontade à vida pública. É uma segurança para nós”, acrescenta a primeira-dama em formação e amiga Rosalva Dória de Oliveira. “Ela tem” é a falta da sociedade civil mesmo que Ruth não possa estar de fato em um que substitua para voltar a ser substituída. Fernando Henrique Cardoso sabe o valor da palavra: “Os políticos vivem ao sabor do vento de vista do Estado. A Ruth faz o contrário. Ela sempre está vendo os problemas e as soluções do ponto de vista de sociedade”. Robert de Sousa, o coordenador da campanha eleitoral de FHC, comenta: “Acho que Fernando Henrique tem mais interesse em Ruth Cardoso do que em qualquer outra primeira-dama. Cada um tem seu papel ideal”.

Mas onde estão escondidas suas razões de quem tem o PFL data sua? Aos 13 anos de idade, no cidade de Ananias, no interior de São Paulo. Foi seguida no colégio de Maria Des Ozeiras, da capital. Del seu dia, em antropologia estava como reflexo e na formação acadêmica de desenvolvimento do USP como maior vocação. Não faz quando alguma de estudar e potencial que sabe ser. “Basicamente, ele é uma pessoa não teórica, profunda, prática e simples”, define a amiga primeira-dama Regina Meyer, amiga de longa data. Contudo há quem discorde com um tempo mais desenvolvido socialmente qualquer lado à sua

Fonte: Veja, n. 1 358, de 21 set. 1994

A reportagem interna, intitulada “Ruth, o fator novo no pedaço”, foi escrita pela jornalista Dorrit Harazim. Antes dos resultados oficiais da eleição de outubro, a reportagem, publicada em setembro, já associava Ruth ao título de primeira-dama, visto que o início da sua participação no cenário político poderia ser o “fator” decisivo para a vitória eleitoral de FHC. A reportagem traz o surgimento e a evolução da expressão primeira-dama e indaga se isso seria uma condição ou uma função. Numa sociedade moderna e, já levando em consideração Ruth Cardoso como primeira-dama, questiona: “qual o papel da mulher com perfil próprio quando parceira de um presidente?” (Veja, 1994, p. 36).

As duas páginas iniciais da reportagem interna trazem três fotografias de Ruth, em diferentes lugares e momentos, que ajudam a apresentar dois perfis distintos dela: antropóloga e mulher do candidato. Na primeira, na parte superior, observa-se o uso da técnica da opacidade, apresentada por Dondis (1997), pois Ruth está parcialmente escondida pelas estantes de livros, na biblioteca do Cebrap, onde ela é pesquisadora sênior e acumula o cargo rotativo de diretora financeira. Ela usa uma roupa amarela, uma das cores do PSDB, partido de FHC. Essa foto ocupa maior espaço em relação às outras, o que pode significar o destaque dado na reportagem ao fato de Ruth ter uma carreira acadêmica própria. A segunda foto, na parte inferior à direita, mostra Ruth segurando um buquê de flores durante uma campanha eleitoral em Araraquara, cidade do interior paulista onde nasceu. A terceira foto, na parte inferior à esquerda, retrata, em preto e branco, Ruth com quinze anos, idade em que ela saiu de sua cidade natal para estudar em São Paulo.

Ruth Cardoso é introduzida como a “única das candidatas a primeira-dama de quem se conhece pouco, mas se espera tudo” (Veja, 1994, p. 36). Essa antítese dos termos ocorre porque, enquanto se adapta ao papel de mulher de um possível presidente da República, Ruth resguarda, tanto quanto possível, sua vida profissional e pessoal. Além disso, de acordo com a reportagem, para uma parcela da sociedade civil atuante, Ruth representaria a possibilidade de um novo momento político, no qual “a substância voltaria a ser valorizada” (Veja, 1994, p. 37). Como primeira-dama, ela configuraria uma metamorfose no cenário político brasileiro, pois poderia desempenhar um papel diferente, muito além da preocupação com as recepções oficiais do Palácio do Planalto e com a LBA.

A reportagem faz uma retrospectiva de mulheres que se destacaram na política brasileira e cita nomes como: dona Carlota Joaquina, dona Leopoldina, dona Teresa Cristina, Nair de Taffé, Eloá, Seylla Medici, Maria Teresa Goulart, Yolanda Costa e Silva e Rosane Collor, referida como “uma alegoria que chorava” (Veja, 1994, p. 39). Menciona também algumas mulheres expoentes na política externa, como, por exemplo, Danielle Mitterand, Rosalyn Carter e Hillary Clinton. Inclui fotos da maioria delas e questiona a natureza e a evolução do papel da mulher na política. Isso tudo para ajudar a compor o pano de fundo em que surge a figura de Ruth.

O primeiro trecho selecionado para análise apresenta sua biografia:

“Mas onde andou escondida essa mulher de quem nem o PT fala mal? Até os 15 anos de idade, na cidade de Araraquara, no interior de São Paulo. Em seguida, no colégio de freiras Des Oisieux, da capital. Daí em diante, na antropologia urbana como ofício e na formação acadêmica de doutorandos da USP como maior vocação. Não faz questão alguma de externar o potencial que sabe ter. ‘Basicamente, ela é uma pessoa não neurótica, ponderada, prática e alegre’, define a arquiteta paulista de longa data. Casada há quatro décadas com um homem cuja desenvoltura social costuma eclipsar tudo à sua volta, Ruth jamais competiu nesse espaço. Quando o marido trocou a profissão de sociólogo pela de político, em 1982, permaneceu ostensivamente na trincheira acadêmica e não se mudou para Brasília. ‘A vida no Congresso não inclui muito a família’, observa laconicamente. Continuou zelando ferozmente pela privacidade familiar e pessoal. Educou os três filhos à sua maneira e vive intensamente a normalidade de ser avó três vezes e meia. Tem voz de professora que Fernando Henrique ouve e teme, com a qual construiu uma parceria calçada em compromissos de juventude – aqueles que a gente tem vergonha de negociar. É essa voz que veio somar-se à campanha presidencial de 1994.” (Veja, 1994, p. 37-38).

Esse parágrafo se inicia com uma frase interrogativa, que faz referência ao perfil recluso de Ruth e a ideia do “casulo” trazida pela capa, ao indagar onde ela esteve “escondida”. Refere-se também à boa impressão que ela causa ao complementar que Ruth é uma “mulher de quem nem o PT fala mal”. Sua biografia foi composta como uma resposta para a pergunta e abarca sua vida acadêmica e pessoal. O uso de perguntas e respostas, como se fosse uma entrevista, é umas das estratégias empregadas no decorrer da reportagem.

Muitas dessas perguntas são respondidas por Ruth Cardoso, por meio do discurso direto. Assim, a inserção da voz de Ruth auxilia na construção de sua própria imagem. Como há várias ocorrências, optou-se por analisar apenas as seis falas de Ruth destacadas ao longo da reportagem. Ressalta-se que essas citações foram grafadas, na revista, em azul, outra cor que remete ao partido de FHC. Elas foram numeradas e reunidas, a seguir, num quadro, com a indicação do número da página na qual se encontram:

Quadro 14 – A voz de Ruth

1	“Tivemos poucos momentos para sentar a dois... De início foi um pouco difícil para mim saber qual papel desempenhar na campanha”	p. 36
2	“Não tenho a ilusão de uma atuação só de acordo com idéias abstratas. Minha expectativa é ambígua e complicada”	p. 38
3	“Talvez para adiar uma série de decisões que venha a ter de tomar, nem sequer conto com a vitória de Fernando Henrique no primeiro turno”	p. 39
4	“Minha contribuição nessa campanha é juntar coisas heterogêneas. Tenho o que dizer a essas mulheres. Sou uma ponte. Para mim foi uma experiência tão rica que talvez ainda escreva sobre isso”	p. 40
5	“Nenhum dos nossos filhos casou de papel passado, o que eu acho ótimo. Eu também não queria, mas casei”	p. 43
6	“Se alguém me dissesse, ‘Ruth, temos de escolher entre planejamento familiar em todos os postos de saúde ou falar de aborto’, eu optaria pelo primeiro. Me incomoda discutir aborto fora do contexto da saúde pública”	p. 45

Fonte: *Veja*, n. 1 358, de 21 set. 1994

Quadro elaborado pela autora

Essas seis citações resumem seu pensamento sobre diversos assuntos. Ao se expressar, Ruth constrói a imagem de pessoa racional e ponderada. (1) Ela comenta a respeito da dificuldade de entender o seu novo papel após a decisão de FHC em se candidatar. (2) Ruth, adaptando-se à nova condição, tem consciência de que qualquer atuação política traz limitações pessoais. (3) Preocupa-se com a possibilidade de tornar-se primeira-dama, por causa das decisões que precisaria tomar, principalmente, em relação à carreira e, para adiá-las, prefere não contar com a vitória de FHC no primeiro turno. (4) Deixa visível, ao comentar sobre as primeiras experiências na campanha, o seu lado antropóloga, pois não demonstra dificuldade para ouvir pessoas diversificadas. (5) Ela tem autonomia sobre sua vida desde os quinze anos, quando foi estudar sozinha em São Paulo. Talvez, por isso, tenha outra visão a respeito da composição familiar, mas como, na política, o casamento pode influenciar a parcela mais tradicional dos eleitores, aceitou casar-se apenas no civil. (6) Ruth não evita temas polêmicos, mas mostra sensatez ao preferir não discutir o aborto fora do contexto da saúde pública. Nota-se que, nessa última citação, ela emprega a linguagem coloquial, inicia a frase com um pronome pessoal do caso oblíquo (“Me incomoda”), contrariando a gramática normativa.

Outra estratégia utilizada na reportagem é a inserção da voz alheia, que traz comentários de outras pessoas sobre Ruth Cardoso. Isso também ajuda a construir sua imagem. Foram computadas vinte e uma citações, transcritas no quadro, com a indicação de quem é esse outro.

Quadro 15 – O discurso alheio sobre Ruth

“O PFL tem mais medo da Ruth do que a Ruth deles” (p. 37)	FHC
“Eu andava chateado com ela, mas passei a ter boa impressão” (p. 37)	Deputado Luís Eduardo Magalhães
“Me espanta a sua calma perante os artefatos do poder” (p. 37)	Ex-primeira Ministra de Portugal Maria de Lourdes Pintassilgo
“Ruth tem uma coerência e enorme dignidade. Traz uma presença de conteúdo à vida pública. É uma segurança para nós” (p. 37)	Doutora em Educação e amiga Rosika Darcy de Oliveira
“Os políticos vêem as coisas do ponto de vista do Estado. A Ruth faz o contraponto. Ela sempre está vendo os problemas e as soluções do ponto de vista da sociedade” (p. 37)	FHC
“A chapa Fernando Henrique ficaria mais interessante com Ruth Cardoso na Vice-Presidência e arco Maciel como primeira-dama. Cada um no seu papel ideal” (p. 37)	Coordenador da Campanha contra a Fome Herbert de Souza
“Basicamente, ela é uma pessoa não neurótica, ponderada, prática e alegre” (p. 37)	Arquiteta e amiga Regina Meyer
“Ela é durona demais. Esse jeito dela às vezes cria uma situação difícil para a gente” (p. 40)	Coordenador da Campanha do PSDB Sérgio Motta
“Ruth não precisa de ninguém grudado nela. Tem uma riqueza de conteúdo e jeito inteiramente feminino de fazer campanha” (p. 40)	Professora e <i>staff</i> Márcia da Silva Ferreira
“Ruth já era madura na juventude” (p. 42)	Educadora e amiga Inayá Peres Bittercourt
“Era distante, não tímida. Bastante evoluída. Sabia dividir o tempo: carnavalesca de abrir e fechar bailes, sempre participou de tudo o que quis sem perder a hora de estudar” (p. 42)	Inayá Peres Bittercourt
“Se Fernando Henrique ganhar, Ruth vai projetar os valores do seu tempo em Brasília” (p. 43)	Amigo Renato Rocha
“Em sua mão a gente sabe que [a carta] chega” (p. 43)	Eleitor
“Ruth é basicamente uma mulher privada. Reage a uma invasão de forma diferente de Fernando Henrique. Ele se retrai, prefere não se mexer. Ela, se ferida, vai ao ataque, não fica parada” (p. 43)	Amigo Giannotti
“Ela é orientadora em tempo integral” (p. 45)	Pesquisadora do Cebrap Maria Filomena Gregori
“Aponta caminhos, xeroca artigos, faz uma leitura do texto criteriosa, muito além das habituais sugestões de rearranjo. Ninguém faz isso na faculdade” (p. 45)	Pesquisadora do Cebrap Maria Filomena Gregori
“Ruth nos ensinou que somos plurais, o que nos evita cair no ideológico” (p. 45)	Antropóloga Ester Hamburger
“dona Ruth parece aquelas missionárias americanas com culpa” (p. 45)	Colunista José Simão

“a Ruth será igual a Hillary na elaboração e criação de propostas, mas na execução não” (p. 45)	FHC
“Quem a conhece sabe que não vai querer cargos no governo” (p. 45)	FHC
“Se Fernando Henrique vencer, o ápice da vida de Ruth embute a dissolução de sua própria trajetória” (p. 45)	Uma amiga e confidente

Fonte: *Veja*, n. 1 368, de 21 set. 1994

Quadro elaborado pela autora

A primeira imagem construída em torno de Ruth ressalta o seu perfil privado, que pode inspirar tanto medo quanto respeito. A reportagem insere vozes alheias por meio de comentários de pessoas que a conhecem, que constroem, em sua maioria, uma imagem positiva. São atribuídas a ela características como “calma”, “coerência”, “dignidade” e “presença de conteúdo”. Recebe, ainda, elogios como orientadora e constrói-se o sentido de que ela é uma mulher valorosa e confiável. É, inclusive, considerada pelo coordenador da Campanha contra a Fome a melhor opção para a Vice-Presidência de FHC.

Com a pluralidade de vozes e o diálogo que se estabelece entre elas, cabe retomar o pensamento do Círculo bakhtiniano no que diz respeito à citação do discurso alheio. Por perceber a importância da citação da voz do outro no enunciado, buscou-se em Bakhtin (2002) uma afirmação que reforça essa ideia:

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de que são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 2002, p. 195).

Verifica-se que todos os discursos alheios da reportagem são de pessoas próximas a Ruth. Ao se levar em consideração que a reportagem fez uma seleção dessas pessoas e que a maioria delas a avalia positivamente, percebe-se que o texto jornalístico não é neutro e que a ideologia da revista aparecer de modo claro. Assim, a escolha dessas pessoas e de seu discurso revela a posição da equipe editorial, que demonstra sua preferência por Ruth e, conseqüentemente, por FHC.

Na sequência, a reportagem também constrói uma imagem plural de Ruth por meio de alguns exemplos. Ela seria trapalhona e distraída e, ao mesmo tempo, prática e minuciosa. Ruth ainda se atrapalharia com os costumes partidários, sem saber quando usar (ou não) adesivos e *bottons* do PSDB. Segundo um dos

exemplos da reportagem, ela seria capaz de, por distração, tentar abrir seu carro com as chaves do sítio. Como gosta de praticidade, pede ajuda a uma amiga e à filha, Luciana, para escolher e comprar o que vestir. Ruth também gosta de esclarecer os detalhes sobre o que ela e FHC viveram durante o período militar, para evitar toques de heroísmo. Por exemplo, ela precisa que FHC não foi “cassado” pela ditadura, mas “compulsoriamente aposentado”, ou seja, impedido de lecionar.

Complementam a reportagem três boxes com textos. O primeiro, “Uma parceria histórica” (p. 38-39), trata sobre o casal Roosevelt, sobretudo, sobre a primeira-dama Eleanor, que manteve um casamento não convencional em prol de uma mesma visão política para os Estados Unidos. O segundo, intitulado “Canapi não é aqui” (p. 42-43), traz algumas informações sobre Araraquara, cidade onde nasceu Ruth Cardoso. Seu título faz referência à cidade natal de Rosane Collor e dialoga com um artigo de Marcos Sá Corrêa, publicado na edição 1 199, de 11 de setembro de 1991, no qual faz alusão, de forma preconceituosa, a essa região do sertão alogano para ironizar a cerimônia de demissão de Rosane da presidência da LBA. O terceiro, “A história do barbante” (p. 44-45), transcreve um diálogo descontraído entre Ruth e FHC quando perguntados sobre a fama dele como sovina e esse último enunciado foi escolhido para análise.

Figura 18 – Ruth e FHC

Ruth ingressa sem reservas nos tempos da campanha inflamada sobre Cláudio Leites-Luziano, Antonio Damasci, Julia Krieger. "Caro eu sou jornalista!" Sua obra acadêmica é pública, a língua de doutora que deveria ser parte de seu currículo e ela, grande. Um tempo das mãos com o tempo da Unicamp foi orientada por Ruth Cardoso. E já há uma gracinha seguinte na família: "Ela é orientadora em tempo integral", define a jovem Maria Flávia de Oleggio, a filha do Cordeiro. "Aponta cardenas, nunca antes, faz uma coisa de texto completo, mais além do habitual superior de instrução. Ningém faz isso na faculdade". Admita, talvez dos seus filhos não seja fazendo mais com a história do casal Cardoso. "Ela, sóbria, deve ser um pouco lá em casa", afirma Flávia. "Ruth me ensinou que souva falar, e que não seja um ser de inteligência", acrescenta a aluna política Ester Hamilton.

Na pena descolada do ex-ministro José Simão, da Folha de S.Paulo: "Ruth parece aquela missionária americana com culpa". Ela dá risada polidamente. Na imprensa americana, Hillary Clinton já fez declarações sobre uma obsessão com a banca de uma missão sem culpa. Não poderia haver mulheres mais diferentes entre si. Que o digam os filhos. A filha caçula em Washington é o conselho da jovem Chelsea Clinton à diretora da escola: "Não ligue para papai, pois papai não deve estar ocupado". No plano familiar, Ruth Cardoso é a guardiã de todos e de todos. No plano de uma eventual atuação em esfera pública, "a Ruth será igual a Hillary na elaboração e criação de propostas, mas na execução não", comentam os candidatos sacros recentemente. "Quem a convenceu sobre que não vai querer cargo no governo". E, se não fosse casada com um presidente(a), Ruth teria interesse em ingressar na carreira política? "Não faria o mesmo perfil. Não acho que eu tenha as qualidades para fazer política e acadêmicas. Mas continuo apaixonada por mulheres políticas que contrariem". Ruth tinha 33 anos, três filhos e a seriedade intelectual dos anos 90 quando John F. Kennedy foi assassinado. "Na época, Jacqueline Kennedy para tirar um alho do cabelo quando se via a câmera de vídeo. Não se via". Observa pela primeira vez que uma primeira-dama poderia desempenhar um papel diferente do habitual quando Danielle Mitterrand, a esposa do presidente da França, passou a atuar junto a movimentos sociais. Recordo-se pouco da abstrata visita oficial de Rosalynn Carter ao Brasil, em 1977, recebida com hospitalidade pela governadora militar de Ernesto Geisel, mas, por ser mulher, outra, por falar de direitos humanos. Nessa reunião, Ruth, de lá, não começa a ser apontada no currículo de Ruth Cardoso, com curiosidade masculina.

Na Europa, um passado estrangeiro, da vida lá em casa nos apartamentos funcionais de Brasília e volta à seleção própria. A rotina agora é fácil.

Ruth - Mas é aquela coisa barba que "está tudo quando já era criança"? Foi quando começamos que você começou um currículo pessoal?

FHC - É, eu me apaixonei um barbante no banco de Brasília e lá foi o colapso da minha conta. Para desligar, botei um pouco o barbante. E não vou voltar que não há para fazer de canal sem o trabalho, mas vou voltar.

Ruth - É, eu me apaixonei um barbante no banco de Brasília e lá foi o colapso da minha conta. Para desligar, botei um pouco o barbante. E não vou voltar que não há para fazer de canal sem o trabalho, mas vou voltar.

Ruth - É, eu me apaixonei um barbante no banco de Brasília e lá foi o colapso da minha conta. Para desligar, botei um pouco o barbante. E não vou voltar que não há para fazer de canal sem o trabalho, mas vou voltar.

Fonte: *Veja*, n. 1 358, de 21 set. 1994

As fotografias presentes na reportagem também ajudam na construção da imagem de Ruth. Ilustrando o terceiro box, destaca-se sua foto com FHC, provavelmente um registro do momento de descontração da conversa transcrita. Mostra os dois sentados lado a lado num sofá do apartamento do casal em São

Paulo. A legenda informa que isso é um fato raro, pois, devido à campanha, é difícil as agendas dos dois coincidirem e eles se encontrarem em casa ao mesmo tempo. Por causa da disposição da foto, próxima ao centro da revista, cada um deles aparece em uma página diferente. Além disso, os dois estão vestidos de maneira formal e com as mesmas cores: Ruth com um vestido longo e vermelho, usa acessórios na cor preta; FHC com um terno preto e gravata num tom avermelhado. Essa fotografia resume uma ideia construída durante toda a reportagem sobre o casal, a de que, embora eles tenham carreiras e vidas independentes, ambos se complementam. Soma-se a isso o fato de o casal estar voltado um para o outro, sorrindo, o que mostra a sintonia e a harmonia entre eles.

Ruth aparece, na maioria das fotos da reportagem, usando roupas nas cores amarelo e vermelho, que destoam das habituais roupas sóbrias e escuras que ela veste. Guimarães (2000), ao tratar da simbologia das cores, admite que elas são passíveis de muitas interpretações, pois não há um significado rígido para elas. Devido a isso, pode haver diversas leituras; apresenta-se a seguir uma possível análise para essas duas cores fortes: o vermelho por ser uma cor dinâmica, está ligada às emoções e estimula a ação. Já o amarelo, uma das cores da bandeira nacional e do partido de FHC, chama a atenção, está relacionado à alegria e desperta a interatividade. Nesse sentido, pode-se estabelecer um diálogo entre a predominância de fotos com roupas nas cores primárias e o tema dessa edição, pois, uma vez que Ruth “sai do casulo”, ela não teria medo de revelar quem ela realmente é. Com a reportagem, Ruth teve a oportunidade de contar como vive e de expor seus pensamentos, o que pode vir a influenciar os (e)leitores indecisos.

3.4.2 Outra reportagem interna

Para complementar a construção da imagem de Ruth Cardoso pela revista *Veja*, foi selecionada a reportagem “Ousadia entre plumas”, que aborda sobre a cerimônia de posse de FHC como presidente. Essa reportagem encontra-se na seção *Gente* da edição 1 374, de 11 de janeiro de 1995. A partir do título, constrói-se a imagem de que Ruth, sempre harmoniosa no vestir, foi ousada na escolha do seu traje para a ocasião.

O vestido, comprado numa viagem a Paris, é de poliéster, não amassa e pode ser composto de formas variadas. Foi lá também que Ruth comprou, do artista plástico brasileiro Arthur Piza, o conjunto de colar e brincos de bronze que usou durante a posse do marido. A escolha da antropóloga, além de estética, também teria sido simbólica, pois ela não desejava se vincular a um nome ou marca, como ocorreu com Rosane Collor. Outra escolha foi a de usar o mesmo par de sapatos durante o dia e à noite. Tudo isso realça a imagem que a revista construiu de Ruth.

Entretanto, os elogios não foram unânimes. Transcreve-se abaixo o último parágrafo, que traz a opinião depreciativa de uma pessoa, com quem ela talvez conviva em Brasília durante os quatro anos de mandato do marido:

“Chique, ousada e até econômica, Ruth Cardoso foi uma unanimidade? ‘Parecia uma freira’, fuzilou a parente de um conhecido deputado. ‘Um estilista amigo meu falou que ela estava a cara da ‘velhica rebelde’. Aquela roupa horrorosa ainda fazia a barriga ficar protuberante e os seios, enormes.’ É nesse ninho de cobras que Ruth caiu, de Miyake e tudo. Que os próximos quatro anos lhe sejam leves.” (Veja, 1995, p. 29).

Inicia-se o texto com três adjetivos, que resumem a opinião geral sobre Ruth. Na sequência, a reportagem questiona se foi unânime a impressão que ela estava “chique”, “ousada” e “até econômica” e, como resposta, insere uma voz discordante. Ruth é comparada a uma “uma freira”, provavelmente por causa da cor preta do vestido, e com a “velhica rebelde”, um trocadilho referente à sua idade na época da posse (64 anos) e dialoga com o título do filme estadunidense *The sound of music*, traduzido no Brasil como *A noviça rebelde*. Lembra-se que a única voz a trazer uma opinião negativa a respeito de Ruth na reportagem interna “Ruth, o fator novo no pedaço”, da edição 1 358, já analisada, foi a do colunista José Simão, que também usou um termo religioso para compará-la a uma “missionária americana com culpa”.

A opinião negativa chama a roupa de “horrorosa”, pois não teria favorecido a aparência de Ruth. Ao comentar essa voz dissonante, a reportagem usa a linguagem figurada, ao dizer que Ruth teria caído num “ninho de cobras”. Essa expressão popular refere-se à Brasília, lugar onde se encontrariam pessoas más e dissimuladas. A reportagem termina desejando leveza a Ruth, por meio de uma variação do ditado popular “Que a terra lhe seja leve”. Como primeira-dama, ela teria muitos outros fardos, como essa opinião negativa, para carregar durante os anos de mandato de FHC.

3.5 Marisa Letícia

Nasceu em São Bernardo do Campo, em 1959, filha de uma família descendente de italianos. Trabalhou como babá e como operária. Casou-se, ficou viúva e, pouco tempo depois, conheceu Lula. Ao seu lado iniciou a vida de militante no movimento sindical; em 1980, com a criação do PT, confeccionou a primeira bandeira do partido. Em 2003, tornou-se primeira-dama, mas nos oito anos de mandato de Lula não participou de nenhum projeto. Em 2016, tornou-se ré na Operação Lava-Jato por corrupção e lavagem de dinheiro; com sua morte, em fevereiro de 2017, essas ações foram extintas.

3.5.1 A capa da *Veja* e a reportagem interna

Figura 20 – Capa da *Veja* n. 1 803



Fonte: *Veja*, n. 1 803, de 25 maio 2003

A edição 1 803, de 21 de maio de 2003, traz, no plano central da capa, uma foto, tomada de frente, de Marisa Letícia sorrindo, que olha em direção do leitor. Pelo sorriso e direção do olhar direto, a imagem expressa alegria e confiança. Sua mão esquerda está apoiada no queixo e é possível perceber que ela usa alguns acessórios, como relógio, anéis e brincos. Veste um casaco amarelo pastel, que harmoniza com o tom louro do seu cabelo. A cor amarela, aliada à sua expressão facial e corporal, parece construir o sentido de autenticidade, felicidade e confiança. Na parte inferior, lê-se a manchete principal, em letras maiúsculas e na cor branca “A PRESENÇA DE MARISA”.

A manchete principal dialoga com o título do primeiro romance de Mário Donato: *Presença de Anita*. Publicado em 1948, o livro gerou polêmica, sendo considerado ousado e erótico. Em 1951, foi lançada uma adaptação homônima para o cinema por Ruggero Jacobbi; em 2001, foi exibida em 16 capítulos uma minissérie, também homônima, pela Rede Globo. Mais tarde, a ninfeta que dá título ao livro também serviu de inspiração para a escolha do nome artístico da cantora Anitta, nascida Larissa de Macedo Machado.

O diálogo estabelecido entre a manchete principal e o título do livro adianta que a reportagem interna tratará da intimidade do casal presidencial, mas não com o sentido sexual presente no romance. Essa abordagem é percebida pela cor branca das letras, que remete à ideia de pureza. Além disso, o artigo definido “a” enfatiza a presença de Marisa no governo, como esposa e como primeira-dama, voltando-se para a conotação política da ideia de camaradagem. Dessa forma, inicia-se a construção da imagem de Marisa como a primeira-companheira. Nesse ponto, lembra-se de Cereja (2005), que explica:

“[...] Marisa, esposa do presidente, diz preferir ser chamada de ‘primeira-companheira’ (conforme relatado por Cynara Menezes na *Folha de S. Paulo* de 28.10.2002), em vez de ‘primeira-dama’. Rompendo com uma tradição secular, Marisa rejeita o título de *primeira-dama*, em virtude do sentido elitista dessa forma de tratamento, e busca resgatar, com o termo *companheira*, o sentido político e histórico de mulher simples e militante. Não se trata de uma dama da alta sociedade; trata-se de uma companheira de lutas e de vida, e nesse sentido Marisa se aproxima de todas as brasileiras, também elas ‘companheiras’ de seus ‘companheiros’ ou maridos.” (CEREJA, 2005, p. 213).

Chama a atenção, na manchete, a presença de uma frase nominal curta que remete ao estilo do gênero capa. Em uma sociedade em constante transformação e já com a presença da Internet, percebe-se a preocupação com uma informação mais simplificada, para um entendimento e assimilação mais rápidos por parte dos leitores. Para comprovar, alguns exemplos desse recurso foram pesquisados nas edições da revista *Veja* do ano de 2003. Alguns deles são:

Quadro 16 – Manchetes de 2003: frases nominais

Manchete	Edição e data
A vida fora do armário	N. 1808, 25/06
Terror sem limites	N. 1817, 27/08
A próxima potência	N. 1825, 22/10
O medo exagerado	N. 1827, 05/11
O rei na intimidade	N. 1832, 10/12

Fonte: Revista *Veja*

Quadro elaborado pela autora

Esses enunciados nominais pesquisados aliados a alguns aspectos visuais, com destaque para a fotografia, ajudam o receptor a construir a mensagem da capa, como é o caso da manchete “O rei na intimidade”. A imagem fotográfica do jogador Ronaldo, na capa da edição 1 832, facilita a leitura, pois ilustra a quem a manchete se refere. Dessa forma, pode-se afirmar que a fotografia é indispensável para a construção do sentido da capa.

No lado direito da foto de Marisa, há três assertivas dispostas em tópicos. São elas: “i) Mulher do presidente vai sempre a reuniões políticas e compromissos oficiais; ii) A imagem de autenticidade e companheirismo beneficia Lula e iii) No Alvorada, mantém um estilo de vida simples”. Elas destacam o companheirismo, a autenticidade e a simplicidade de Marisa, o que ajuda a compor outras três imagens sobre a primeira-dama.

Na parte superior, encontra-se um retângulo vermelho que anuncia a Reportagem Especial. A chamada, em letras maiúsculas, é precedida por uma curta frase explicativa em letras minúsculas, ambas na cor branca: “Pesquisa inédita revela o que não se fala na cama O BRASILEIRO QUER FAZER MAIS SEXO”. Esse texto está escrito sobre a imagem principal da capa, dentro de um retângulo translúcido, ajudando a compor diretamente o tema desta edição.

Logo abaixo, visualiza-se a nome da revista na cor vermelha, contornada por um filete branco, bem como as principais informações acerca da publicação. O uso do vermelho nesta edição, além de destacar o nome da revista, refere-se também ao PT, à cor do partido político de Lula e à ideia de paixão/erotização.

É oportuno lembrar os estudos de Hernandes (2006), em obra que expõe os truques empregados pela mídia para obter e manter a atenção do interlocutor. Ao estudar o projeto gráfico de revistas, apresenta quatro “leis” de diagramação, válidas para todas as formas de noticiários impressos. Dentre elas, a primeira estipula que “o valor de uma unidade noticiosa é proporcional ao espaço a ela concedido. Dar mais espaço valoriza. Dar menos espaço desvaloriza.” (HERNANDES, 2006, p. 191). Já a terceira lei regulamenta que a maior valorização de espaço de uma revista ocorre na capa e que nela são informados os assuntos mais importantes da edição. Verifica-se a aplicação dessas duas leis no projeto gráfico da capa analisada, na qual se pode notar, claramente, que os elementos verbo-visuais sobre Marisa – sua foto, a manchete e as três assertivas – ocupam praticamente noventa por cento do espaço da capa.

A capa também dialoga com o contexto sócio-histórico de produção e circulação da época. A vitória de Lula para presidente representou, para muitos eleitores, a ascensão de um homem do povo, do degrau mais baixo da pirâmide social, ao posto político mais elevado. Diferentemente de outros políticos, Lula nunca negou de sua origem humilde. Por isso, o ex-metalúrgico e a primeira-dama podem ser considerados também representantes da cultura popular; parecem ser simples e informais, provavelmente com os mesmos gostos e desejos do povo. Assim, o tema dessa capa valoriza também a dimensão popular da vida, retomada na reportagem interna que compõe a edição da *Veja*.

A reportagem interna, intitulada “A SOMBRA DE LULA”, de dez páginas, é de autoria de Maurício Lima e Thaís Oyama. Uma primeira leitura desse título pode sugerir que Marisa ocupa uma posição secundária em relação a Lula. Entretanto, no decorrer da reportagem, há informações de como ela deixou os bastidores e passou a acompanhar o presidente em aparições públicas e, inclusive, em reuniões ministeriais. Dessa forma, a primeira-dama não está à sombra de Lula, mas sempre ao lado do marido e presidente, numa posição de destaque.

Figura 21 – Reportagem: “A sombra de Lula”



Fonte: *Veja*, n. 1 803, de 21 maio 2003

A reportagem traz uma foto, que ocupa quase duas páginas, com Marisa sentada entre o presidente Lula e o primeiro-ministro José Dirceu, durante um ato público. Os dois, levemente desfocados, estão inclinados em direção a ela e conversam entre si por trás de Marisa, que aparece destacada em primeiro plano. Ao fundo, pode-se entrever uma bandeira do Brasil, principalmente porque é possível ler parte do lema “Ordem e Progresso”. Marisa está com a expressão séria e concentrada, com as duas mãos apoiadas no queixo, numa atitude reflexiva. Nota-se que o tom cinza de seu blazer estende-se para a cor de fundo das duas primeiras páginas. Isso pode sugerir que Marisa é o pilar no qual o presidente e, conseqüentemente, o governo se sustenta.

O parágrafo inicial informa que, depois de três campanhas presidenciais, Marisa, com a “estampa recauchutada” e o “figurino escolhido por uma especialista”, começou a se expor pública e constantemente. Isso faria parte do plano de marketing eleitoral do publicitário Duda Mendonça, que queria explorar o fato de Lula manter um casamento sólido há 29 anos, visando um triplo efeito eleitoral: transmitir a imagem de um homem confiável, humanizar a figura do candidato e amenizar sua

rejeição entre as eleitoras. Essa estratégia, combinada com outros fatores, teve efeito positivo, pois ajudou o candidato na construção da imagem como “Lula, paz e amor” e, conseqüentemente, na vitória das eleições.

De acordo com a reportagem, Marisa, como primeira-dama, quebrou recorde de aparição, pois “[...] em apenas cinco meses, já foi vista em público mais do que algumas primeiras-damas durante o mandato inteiro.” (Veja, 2003, p. 42). Na seqüência, questiona seu papel e sua presença, inclusive em cerimônias reservadas, e sugere que Marisa poderia continuar produzindo efeitos positivos para o presidente, tanto no âmbito político como no pessoal.

As imagens da primeira-dama como “companheira”, “autêntica” e “simples”, construídas na capa, continuam permeando toda a reportagem interna e estão presentes, inclusive, nas inserções de vozes alheias. A reportagem traz, por meio do discurso direto de conhecidos e amigos do casal, definições de Marisa. Foram verificadas seis citações e, a partir delas, elaborou-se o quadro a seguir, com a informação de quem são essas pessoas.

Quadro 17 – O discurso alheio sobre Marisa

1	“Marisa é o ibope de Lula. Ele gosta de saber o que ela está pensando antes de tomar uma decisão.” (p. 42)	Deputado Luiz Eduardo Greenhalgh
2	“Ela nunca foi de badalação” (p. 43)	Amiga Fátima Grana
3	“Ela sempre foi mãezona italiana e quer continuar assim. Quer servir o café para o Lula, ver se ele está malhando, cuidar do regime dele, acompanhar a vida dos filhos e tentar reunir a família o máximo possível” (p. 43)	Um amigo do casal
4	“Ela não precisava estar em algumas situações. Acho um pouco exagero, mas ela não fala nem atrapalha” (p. 43)	Um colaborador do Presidente
5	“Sua atuação não é política. Ela está ali para dar tranquilidade a ele” (p. 44)	Frei Betto
6	“Marisa é simpática e elegante, mas tem as mãos estragadinhas” (p. 49)	Uma socialite da capital federal

Fonte: *Veja*, n. 1 803, de 21 maio 2003

Quadro elaborado pela autora

Percebe-se que, na opinião de pessoas próximas do casal, a personalidade simples da primeira-dama transparece de forma natural em suas ações. Segundo elas, o papel de Marisa seria o de acompanhar Lula, mas sem se intrometer nos assuntos políticos. Dessa forma, apesar da presença constante de Marisa em compromissos oficiais, ela tem uma boa imagem, o que é favorável ao governo.

Além da inserção da voz alheia, a revista *Veja* disponibiliza, na reportagem, os resultados de uma pesquisa realizada com eleitores sobre a primeira-dama. Eles a consideram “forte”, “solidária”, “verdadeira” e “do povo”. Além disso, disseram que gostariam de vê-la envolvida em um projeto social, mas também a apoiariam se decidisse se dedicar apenas à família e advertem que passariam a criticá-la se começasse a se mostrar fútil. Observa-se que a opinião pública também constrói uma imagem favorável a seu respeito.

Outra estratégia que ajuda na construção da imagem de Marisa são as inúmeras fotografias presentes na reportagem. Para a análise, foram escolhidas três fotos de Marisa e Lula (p. 42-43), que ilustram o carinho e o companheirismo entre o casal, que parece manter um casamento estável.

Figura 22 – Marisa e Lula

Provavelmente, outros fatores contribuíam, mas o fato é que, humanizado, o candidato virou o “Lula, paz e amor”. As pesquisas à época mostraram que o eleitor passou a vê-lo como um nome confiável e a rejeição entre as mulheres, em seis meses, caiu de 47% para 31%.

No governo, ligada à condição de primeira-dama, Marisa Letícia quis bons batismos da apuração: em apenas cinco meses, já foi vista em público mais do que algumas primeiras-damas durante um mandato inteiro. Quando o presidente se dirigiu ao Congresso para entregar as propostas das reformas tributária e previdenciária, lá estava ela — ao lado do marido, entre governadores e deputados, chapéuzinho na mão (recomendação da dermatologista) e sorriso nos lábios. Na cerimônia de apresentação de um grupo de novos generais, ela estava, ao lado do marido. Marisa comparece aos termos salobros da burocracia pesada. Testemunha negociações políticas do presidente. Até a uma reunião ministerial já foi, com direito a assento à mesma mesa oval em que se debruçaram os ministros. No Palácio do Planalto, ocupa um gabinete colado ao do marido. Em dez segundos, ela deixa sua sala, cria uma passagem penúltima e entra no gabinete presidencial. Não há restrições à sua presença, mesmo que ali estejam reunidos os homens mais poderosos da República.

Nessas ocasiões, Marisa comparece sem reserva. Na maioria das vezes, ela não diz palavra, não faz nenhum comentário. Só distribui sorrisos ou comentários de apenas onze a tudo serenamente. Não há nada, a rigor, que justifique sua presença em cerimônias reservadas. Por que, então, ela está ali? Que papel ela cumpre? Marisa é o ídolo do Lula. Ele gosta de saber o que ela está pensando antes de tomar uma decisão?, diz o deputado Luiz Eduardo Greenough, amigo do casal há mais de duas décadas. Há razões mais pragmáticas, no entanto. Se, na companhia presidencial, a presença de Marisa Letícia humaniza a imagem do candidato e diminui sua rejeição entre as eleitoras, por que ela não poderia seguir produzindo os mesmos efeitos positivos para o agora presidente?

A SEUS PÉS
Lula amarra o tênis de Marisa e os dois mostram que o casamento vai bem. Mas em um 1500 Marisa chegou a pensar em separação

DEZ COISAS QUE NINGUÉM DEVE FAZER NA FRENTE DA PRIMEIRA-DAMA

1. Mencionar o episódio da cadêlha “Michê” (ilustrada pagando carona numa Kombi presidencial)
2. Comentar os resultados do lifting feito no ano passado (é que ela já não que nemca feio)
3. Dizer que está parecida com a profeta Maria Súpica (Marisa detesta a imitação de diáspora)
4. Comparar seus hábitos com os da ex-primeira-dama Ruth Cardoso (principalmente nos cuidados com o Palácio da Alvorada)
5. Sugerir que escureça levemente o tom do cabelo (Lula, afinal, gosta de lá bem forte)
6. Pretender que tem com ela uma intimidade que não existe (nem com a casa, diz Marisa, de quem quer beijar Lula)
7. Insistir para que fale em público (tom folia da situação, suas mãos tremem e transpiram)
8. Tirar seu marido de casa no sábado e domingo (fim de semana e com família, é ponto)
9. Fotografiá-lo fazendo feio (sabem o qual não gosta nem que falem)
10. Cotar o presidente de sorriso e carinho (para mulheres em geral, com agrado ao caso de outras famosas)

Na semana passada, *VEJA* teve acesso a uma pesquisa contendo questões sobre a primeira-dama. Os distúrbios causados disseram considerá-la “forte”, “solidária”, “verdadeira”, “do povo”. Afirmaram que gostariam de vê-la envolvida em um projeto social, mas também a apoiariam caso decidisse dedicar-se apenas à família. E avizaram um alerta: eles passariam a criticá-la se começasse a se mostrar fútil. Isso não há risco. Marisa Letícia não tem feito nada que produza uma remota impressão de futilidade. Desde que se mudou para Brasília, recusa convites para ir a festas que não fossem oficiais. Não comparece nem ao aniversário de Mariza, mulher do vice-presidente José Alencar, sua mais assídua companhia na capital. Está se preparando para encetar sua primeira missão oficial — um projeto na área social. Deverá assumir a presidência de uma organização não-governamental de apoio ao Fome Zero. Tem o cuidado de só aceitar o encargo depois de obter garantias de que não lhe faltará tempo para dedicar-se à família.

Os amigos mais próximos dizem que tudo é uma decorrência natural da personalidade da primeira-dama. “Ela manja de burocracia”, conta Edna Gramus, assessora do sindicalista Carlos Alberto Girua, secretário-geral da CUT, uma de suas melhores amigas de São Bernardo do Campo. Os amigos também acrescentam que sua proximidade sempre foi mesmo com o marido, de família e de casa. “Ela sempre foi muçoca italiana e quer continuar assim. Quer servir o café para o Lula, ver se ele está maltratado, cuidar do repique dele, acompanhar a vida dos filhos e tentar reunir a família o máximo de vezes possível”, conta um amigo do casal. Dentro do governo, no entanto, a ortopneuma da primeira-dama causa certa perplexidade. “Ela não precisa estar em algumas situações. Acho um pouco de exagero, mas ela não fala nem atrapalha”, diz um dos mais próximos colaboradores do presidente. Dois ministros curvidos por *VEJA* enxergam o dolo de Lula por trás das aparições da primeira-dama. Um diz que o pensa tem “um fantástico feeling para perceber as pessoas”. Outro lembra que o presidente é dono de “um incrível senso de comunicação” e acrescenta que, se Marisa está em todas, “obviamente é porque Lula comanda”.

Se a atuação pública de Marisa faz bem ao marketing do governo, tais-

veja 21 de maio, 2003 43

Fonte: *Veja*, n. 1 803, de 21 maio 2003

Na fotografia da esquerda, captada durante um churrasco em frente ao Palácio da Alvorada, residência presidencial, Lula está abaixado, aos pés de Marisa, para amarrar o cadarço do tênis dela, a qual apoia o pé na perna de Lula. A legenda ajuda a construir o sentido de que cenas de carinho explícito, como essa, são comuns entre os dois e indicam que o casamento vai bem, apesar de informar

também que, em 1989, Marisa chegou a pensar em separação. Por ser um momento de descontração, a informalidade no vestir está adequada, mas observa-se a simplicidade do casal na escolha das roupas, do calçado e dos acessórios para proteção contra o sol. Nota-se também que Marisa usa uma roupa vermelha, cor que remete ao PT e à sua personalidade forte.

As outras duas fotografias da direita, mostram o presidente e a primeira-dama em momentos oficiais, mas, apesar das roupas mais formais e sóbrias, o casal parece continuar protagonizando cenas de carinho e cumplicidade em público. Na primeira, o olhar e a atenção de Marisa estão direcionados para onde Lula aponta. Na segunda, Marisa, sentada ao lado de Lula, sorri para o marido e toca o seu braço, enquanto ele se inclina para perto dela. Em ambas, é possível perceber a confiança e o companheirismo do casal.

Entre essas duas fotografias, há um quadro com as “DEZ COISAS QUE NINGUÉM DEVE FAZER NA FRENTE DA PRIMEIRA-DAMA”. Nele, são enumeradas ações que desagradariam Marisa, e que, por isso, deveriam ser evitadas na sua presença. Os motivos do desagrado são relatados de forma descontraída dentro de parênteses, como se essa informação estabelecesse um diálogo com o leitor. Como exemplo, a número 8: “Tirar seu marido de casa no sábado e domingo (fim de semana é com a família, e ponto)”. (Veja, 2003, p. 43).

A reportagem continua construindo a imagem de Marisa, mostrando-a como um símbolo da figura tradicional de primeira-dama, que reúne imagem familiar, elegância sem exageros e trabalho social. Percebe-se a preocupação em explicar que, na vida familiar dos Lula da Silva, as tarefas são divididas. “Lula cuida do público. Marisa toma conta do privado.” (Veja, 2003, p. 46). Porém, antes da eleição, essa divisão nem sempre existiu, Lula ajudava nas tarefas domésticas e Marisa organizou passeatas, fez um curso político, fundou um núcleo de mulheres petistas. O motivo para Marisa não ter ido além revela um pensamento machista: “Lula não gostava. Reclamava que tinha de cuidar das tarefas domésticas e que a mulher estava chegando tarde em casa.” (Veja, 2003, p. 46). Embora ocupe uma posição de destaque no governo, Marisa é retratada como uma mulher simples, com anseios comuns a muitas donas-de-casa brasileiras, uma vez que sua prioridade parece continuar sendo a de cuidar do marido, da família e da casa.

Algumas escolhas lexicais da reportagem condizem com a personalidade e com os gostos simples da primeira-dama. Muitas vezes são empregadas expressões populares, como, por exemplo, para informar que Marisa telefona para os filhos “todo santo dia”. No trecho a seguir são destacados substantivos comuns usados no diminutivo, que trazem ideia de familiaridade, uma vez que os gostos da primeira-dama coincidem com os de muitos brasileiros. Mais uma vez são usados parênteses, que intercalam explicações ou comentários, como se a reportagem travasse um diálogo com os leitores:

*“[...] Cercada pela família é pelos amigos, Marisa aproveita para fazer o que gosta: fumar seu **cigarrinho** (detesta revelar que é fumante e não se deixa fotografar com um cigarro entre os dedos), tomar uma **cervejinha** (sua bebida predileta), jogar cartas (adora buraco e mexe-mexe, versão simplificado do jogo) e papear (desde que não seja sobre política). É a única ocasião em que relaxa do regime.” (Veja, 2003, p. 47-48).*

A reportagem também informa que Marisa tem 53 anos, 1,61 metros de altura, 60 quilos e boa saúde. Além disso, relata que ela cursou até a 7ª série e que, sem se deslumbrar com o poder, quer ser a “primeira-companheira”. Comparada a Ruth Cardoso, atribui a Marisa qualidades como recato, sobriedade e modéstia.

Traça, ainda, uma pequena biografia de Marisa, na qual se destacam, o início de sua vida no trabalho e seu cotidiano como dona-de-casa:

“[...] Filha de um verdureiro e uma dona-de-casa, descendentes de imigrantes italianos, aos 9 anos começou a trabalhar como babá de duas filhas de Jayme Portinari, um dos sobrinhos do famoso pintor. Aos 13 anos, foi embalar bombons na Dulcora, de onde saiu aos 20 para trabalhar na Secretaria de Educação de São Bernardo. Em seguida, casou-se com um motorista de táxi, ficou grávida e, no sexto mês de gestação, perdeu o marido, assassinado num assalto. Três anos depois da viuvez, conheceu Lula quando foi ao sindicato pegar um documento. Ela já estava namorando, mas o metalúrgico insistiu tanto que acabou levando-a para jantar, justamente no frango-com-polenta dos Demarchi. Casou-se com Lula em 1973 e criou os quatro filhos – um dela, três do casal. Em sua rotina doméstica, Marisa habituou-se a lavar, passar, cozinhar e carregar sozinha as sacolas de supermercado – e elas não passaram despercebidas em Brasília. ‘Marisa é simpática e elegante, mas tem as mãos estragadinhas’, diz uma socialite da capital federal. Detalhe: esta senhora tentou atrair a primeira-dama para uma festa em sua casa e não conseguiu convencê-la a comparecer.” (Veja, 2003, p. 49).

A inclusão desse enunciado é uma estratégia que reforça a imagem construída anteriormente. Percebe-se que foram empregados verbos de ação, como: “começou a trabalhar”, “foi embalar bombons”, “casou-se”, “ficou grávida”, “perdeu o marido”, “criou os quatro filhos” e “habitou-se a lavar, passar, cozinhar e carregar sozinha as sacolas de supermercado”. Percebe-se, ainda, sua atitude de não comparecer a uma festa na casa de uma socialite, que preconceituosamente desdenhou de suas mãos de trabalhadora, é coerente com sua trajetória humilde.

3.5.2 Outra capa e reportagens internas

O primeiro enunciado, “AS ESTRELAS VERMELHAS”, foi publicado na secção *Gente* da edição 1 784, de 8 de janeiro de 2003, logo após a posse de Lula. O substantivo “estrelas” faz referência às personalidades que compareceram à cerimônia e “brilharam” nela. Já o adjetivo “vermelhas” refere-se à cor símbolo do PT, que prevaleceu, em diversos tons, nas roupas dos convidados. O subtítulo lista alguns desses: Marisa, senadora Heloisa Helena, filhos de Lula, Fidel Castro e todos os Silva. Esse último referente, sobrenome comum no país, engloba todas as pessoas que votaram e/ou compareceram à posse em apoio ao novo presidente.

Figura 23 – Reportagem “As estrelas vermelhas”



Fonte: *Veja*, n. 1 784, de 8 jan. 2003

O enunciado ressalta a mudança visual da primeira-dama, a qual, segundo o discurso proferido por Lula na posse, “hoje está toda bonita e elegante” (Veja, 1784, p. 32). O marcador de tempo “hoje” permite pressupor que ela nem sempre está assim. O sofisticado vestido vermelho, as joias com fios de ouro e o penteado impecável ajudaram a destacar sua presença em meio às outras pessoas que usavam a mesma cor. Por fim, a reportagem informa o preço aproximado de cada peça e complementa que ela trazia dois “acessórios perfeitos” (e, acrescenta-se, gratuitos): sorriso de felicidade e elogios do marido. Assim, constrói-se a imagem de que Marisa brilhou na posse de Lula de forma positiva em meio à euforia popular.

Outra reportagem é a de Vilma Gryzinski, publicada na edição 1 358, de 21 de setembro de 1994, a mesma que traz a capa e a reportagem interna com Ruth Cardoso. Composta de apenas duas páginas, contra dez de Ruth, traça o perfil de Marisa, mulher do outro candidato, na época, à presidência da república. Intitulada “Marisa, a *mamma* do PT”, usa o termo italiano para “mãe” no título em referência à sua ascendência e à sua personalidade. O subtítulo traz o resumo da imagem construída de Marisa pela reportagem: “Simples, forte e mandona, a primeira-companheira não faz drama nem leva desaforos”.

Figura 24 – Reportagem: “Marisa, a *mamma* do PT”

MARI46-V

Marisa, a *mamma* do PT

Simples, forte e mandona, a primeira-companheira não faz drama nem leva desaforos

Vilma Gryzinski

Ela tinha 39 anos, estava casada havia dois meses e grávida de quatro quando ele se tornou o primeiro presidente do Brasil, acompanhado de um milhão de brasileiros em um momento histórico. Ela estava com o nome de Marisa, mas agora é conhecida como primeira-dama. Ela foi nomeada em 1990, após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para o cargo de presidente. Ela é filha de um empresário e de uma advogada. Ela tem dois filhos e uma filha adotiva. Ela é conhecida por sua elegância e por sua postura firme. Ela é considerada uma das primeiras primeiras-damas do Brasil. Ela é conhecida por sua simplicidade e por sua força. Ela é conhecida por sua mandona e por sua capacidade de lidar com a pressão. Ela é conhecida por sua habilidade de lidar com a crítica. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a adversidade. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a dor. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a morte. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a vida. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com tudo. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a realidade. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com o futuro. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com o presente. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com o passado. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com o mundo. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a humanidade. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a vida. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a morte. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a dor. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a alegria. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a tristeza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a esperança. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a desilusão. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a fé. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a dúvida. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a certeza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a incerteza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a luz. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a escuridão. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a vida. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a morte. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a dor. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a alegria. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a tristeza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a esperança. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a desilusão. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a fé. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a dúvida. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a certeza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a incerteza. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a luz. Ela é conhecida por sua capacidade de lidar com a escuridão.

Marisa vê o lado "bruto e suado" do Brasil na passagem pela Bahia (abaixo), relaxa no jato em viagem ao Sul e comanda o mundo, presa em 1990, no encontro de Lula. (Baixo) Marisa em viagem de trabalho para fazer uma reunião

VIAJ. 21 DE SETEMBRO, 1994

A reportagem compõe uma imagem de Marisa que se aproxima da construída pela capa/reportagem interna, da edição 1 803, de 21 de maio de 2003, já examinada. Na reportagem em análise, Marisa é referida como “candidata a ‘primeira-companheira’” e “primeira-dama do ABC”. Embora a reportagem afirme que Lula e Marisa raramente troquem gestos de carinho em público, predomina a imagem de companheirismo do casal, como é possível observar nas três fotos que a ilustram. Elas retratam Marisa em três momentos diferentes, mas sempre acompanhando Lula. A primeira e a segunda foram captadas durante a passagem da comitiva eleitoral do PT pela Bahia e pelo Sul. A terceira, em preto e branco, é de 1980 e mostra Marisa consolando o marido durante o enterro da mãe dele.

No início há uma breve biografia de Marisa e de como ela e Lula se conheceram. Constrói-se a imagem de que a neta de imigrantes italianos é reverenciada pelo PT, não faz drama nem se angustia com as ausências políticas do marido. Além do apoio político-partidário, Marisa também assume as tarefas domésticas. Segundo a reportagem, uma característica que demonstra sua origem humilde é que “ela compartilha com o marido o hábito de engolir os esses dos plurais e nem sempre combina o pronome com o verbo.” (Veja, 1994, p. 46), mas está familiarizada com o vocabulário político da militância.

Para reforçar a imagem de que Marisa é uma mulher que veio do povo, assim como seu marido, observa-se o emprego de algumas expressões populares. Por exemplo: “barra pesadíssima”, “tocou a vida adiante”, “marido em cana”, “São Bernardo pegando fogo”, “Brasil sobre o fio da navalha” e “roda a baiana e vira loba romana para defender sua tribo”.

O trecho selecionado abaixo parece retratar a simplicidade autêntica de Marisa. Além disso, revela um pouco de seus gostos pessoais e de sua vida escolar. E termina expondo um exemplo do seu lado mandona:

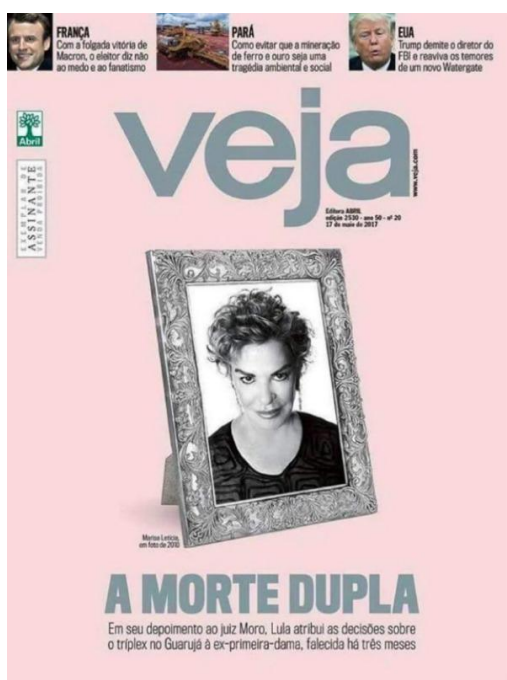
“Marisa é capaz de tirar os sapatos em público, cansada do ritmo massacrante da campanha. Clareia os cabelos e mantém as unhas bem-cuidadas, mas para se vestir recorre a costureiras de bairro ou lojas de São Bernardo, onde compra tudo de uma vez para não perder tempo. Gosta de horóscopo e de roupas vermelhas, como Nancy Reagan, por motivos supersticiosos. Estudou até a 7ª série e se dá por satisfeita. ‘Fui-me educando pelos acontecimentos’, diz Marisa, cujo currículo oficial inclui apenas um breve curso de formação política na Pastoral Operária de São Bernardo, em 1980. Durante uma semana, ela exigiu que Lula ficasse em casa com as crianças, à noite. Lula reclamou.” (Veja, 1994, p. 46).

Os genes italianos, presentes nos traços de seu rosto, são mencionados para tratar de sua personalidade forte. O espírito de “*mamma*” leva-a a se envolver em brigas para defender o marido e os filhos e a enfrentar crises pessoais. A reportagem insere a voz de Marisa, marcada sempre por uma posição firme; por exemplo, ela acredita que a mudança tem de ser operada “por uma pessoa que veio disso: quem nasceu em berço de ouro não vai fazer nada” (Veja, 1994, p. 46).

Por fim, Marisa também foi capa da edição 2 530, de 17 de maio de 2017, pouco mais de três meses após sofrer um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVC) e ter a sua morte cerebral decretada. Analisa-se, a seguir, esta capa e a respectiva reportagem interna, que parece construir uma imagem diferente daquelas que foram anteriormente apresentadas.

Resume-se brevemente o contexto sócio-histórico dessa época. A Operação Lava-Jato iniciou-se em 2014 para apurar um esquema de lavagem de dinheiro, que, por ter movimentado bilhões em propina, é considerado pela Polícia Federal o maior esquema de corrupção do país. A Operação foi assim batizada devido ao uso de um posto de combustíveis para movimentar valores de origem ilícita, investigados durante sua primeira-fase. Em 2016, o ex-presidente Lula foi envolvido diretamente, teve o sigilo telefônico quebrado e passou a ser investigado.

Figura 25 – Capa da Veja n. 2 531



Fonte: *Veja*, n. 2 530, de 17 maio 2017

Esta edição tem como chamada principal “A MORTE DUPLA” e traz, nas três chamadas secundárias, palavras como “medo”, “fanatismo”, “tragédia” e “temores”, que ajudam na composição do tema da capa. No centro, há uma foto em preto-e-branco de Marisa, séria e voltada para a frente, dentro de um porta-retrato prateado. À esquerda, há uma legenda que indica somente seu nome e o ano (2010) da foto. Percebe-se a ausência de cenário, substituído por um fundo colorido rosa, o que realça a figura de Marisa. A escolha por uma fotografia em preto-e-branco influencia diretamente nas emoções dos leitores. Ela é mais expressiva e forte, porque, sem a atenção voltada às cores, a observação se concentra na expressão de quem é retratado. Aliado a isso, nota-se que o recurso monocromático acentua o contraste entre a luz e a sombra, o que inaugura um mistério quanto às cores reais do que foi fotografado.

Ainda em relação à análise das cores, o cinza prateado do porta-retrato pode remeter à ideia de morte, pois essa é a cor geralmente das lápides tumulares. O nome da revista e sua manchete principal, escritos em cinza, sob o fundo rosa, também constroem sentidos e dialogam com o subtítulo, grafado também em cinza: “Em seu depoimento ao juiz Sérgio Moro, Lula atribui as decisões sobre o tríplice do Guarujá à ex-primeira-dama, falecida há três meses”. De acordo com Guimarães (2000), a simbologia da cor só tem sentido em relação ao contexto. Nessa capa, o cinza remete à tristeza, ao luto e também pode ser associado à figura de Lula, que passava por tal situação. O cinza, por ser neutro, faz com que as outras cores tenham destaque; o rosa, que preenche todo o fundo da capa, fica em evidência. Pode-se associar o rosa ao romantismo, ao feminino e, nessa capa, também, à figura da ex-primeira-dama, a quem Lula teria incriminado durante seu depoimento. Dessa forma, a capa em questão afasta-se da imparcialidade jornalística; assume um viés político-ideológico ao insinuar que Lula seria o responsável pela “segunda morte” de sua falecida esposa.

A reportagem interna dessa edição, de Daniel Pereira e Robson Bonin, intitula-se “*Cherchez la femme*”. Trata-se de uma expressão francesa para “Siga a mulher”, que surgiu no livro *Les Mohicans de Paris*, de 1854, escrito por Alexandre Dumas, pai. É comum nas histórias de detetive, as quais atribuem os motivos dos problemas a uma mulher e seria a mesma estratégia empregada por Lula em seu depoimento.

Figura 26 – Reportagem: “*Cherchez la femme*”



Fonte: *Veja*, n. 2 530, de 17 maio 2017

A reportagem interna traz uma foto de Lula e Marisa em frente a um espelho e o reflexo dos dois. Marisa está vestida com um casaco vermelho, cor símbolo do PT; na esquerda, essa cor pode remeter ao amor e à paixão que o casal sempre demonstrou em público, porém, no reflexo, à direita, o vermelho pode associar-se à violência que Lula teria cometido contra Marisa em seu depoimento. Com essa foto, sugere-se um novo ponto de vista para o casal que sempre passou uma imagem de carinho e companheirismo: como refletido no ângulo do espelho, Lula estaria se escondendo atrás da mulher.

A reportagem trata do depoimento de Lula ao juiz Sérgio Moro, durante o qual o ex-presidente teria entrado em contradições e se apresentado como vítima da perseguição da Justiça e dos depoimentos desfavoráveis de alguns velhos amigos. Segundo a reportagem, Lula tentou a mesma técnica que usou no escândalo do “mensalão”: ao atribuir culpa a terceiros, não foi denunciado e os companheiros “traidores” foram presos. Após esse resultado favorável, Lula reelegeu-se presidente em 2006 e ajudou a eleger sua sucessora, Dilma Rousseff, em 2010.

Durante o depoimento prestado em 2017, Lula teria transferido o protagonismo dos acontecimentos investigados nos autos do processo para “Dona Marisa”, atribuindo a ela o interesse e a negociação pelo apartamento tríplice do Guarujá. Dessa forma, percebe-se um diálogo entre o tema da reportagem interna e o da capa, pois Lula teria “matado” a imagem e a reputação da mulher, que não estava mais viva para poder se defender.

Na sequência, a reportagem informa que Lula teria tentado estender a imagem de vítima à Marisa, ao atribuir a pressão do julgamento como uma das causas do AVC que a levou à morte. Entretanto, a desconstrução da imagem de companheirismo entre o casal Lula da Silva prevalece nessa edição, havendo repercussão de aceitação e de repulsa entre os leitores presumidos.

Após a publicação dessa edição, Lula protocolou uma ação judicial de reparação por danos morais em face da *Veja* e dos repórteres Daniel Pereira e Robson Bom, por entender que, nessa edição, houve afronta à memória de Marisa e divulgação de afirmações falsas relativas ao depoimento. O pedido foi negado pela Justiça de São Paulo por entender que a revista *Veja* não ultrapassou os limites constitucionais do direito à informação e da liberdade de expressão.

Ressalta-se que, na mesma época, a rede varejista de roupas femininas Marisa, numa atitude responsiva, dialogou também com o depoimento de Lula ao juiz Sérgio Moro. Ela veiculou, nas redes sociais, uma campanha para o Dia das Mães, com os seguintes dizeres: “Se sua mãe ficar sem presente, a culpa não é da Marisa”. Percebe-se a ambiguidade na frase, uma vez que “Marisa” pode referir-se tanto à loja quanto à ex-primeira-dama. Observa-se também que o advérbio de negação em “a culpa **não** é da Marisa”, inserido na propaganda, remete ao fato de que Lula, em seu depoimento, teria atribuído a culpa à Marisa para escapar das acusações. Ao empregar essa estratégia de se imiscuir em um tema político, a loja emitiu um pré-julgamento, que dividiu a opinião dos consumidores. Houve reclamações ao Conselho Nacional de Autorregulamentação Nacional (Conar) por ofensa à imagem da ex-primeira-dama, mas os pedidos foram arquivados pelo Conselho de Ética do órgão que entendeu que o nome “Marisa” não fazia referência direta à ex-primeira-dama.

3.6 Marcela Temer

Natural de Paulínia, nasceu em 1983. Foi miss em sua cidade e, mais tarde, concorreu a miss São Paulo, ficando em segundo lugar. Em 2002, conheceu o então deputado federal Michel Temer, com quem se casou em 2003. Em 2009, formou-se em Direito; não prestou o exame da OAB e, por isso, não pode atuar na profissão. Em 31 de agosto de 2006, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, Michel Temer assumiu como presidente, e Marcela tornou-se a 36ª primeira-dama do país. Pouco depois, foi indicada como embaixadora do programa *Criança Feliz*.

3.6.1 A capa da *Veja* e a reportagem interna

Figura 27 – Capa da *Veja* n. 2 511



Fonte: *Veja*, n. 2 511, de 4 jan. 2017

A edição da revista *Veja*, 2 511, de 4 de janeiro de 2017, apresenta, no plano central da capa, uma foto de perfil do rosto de Marcela Temer. Sob um fundo azul, com nuances de tons claros e escuros, que lembram um céu noturno, mostra o lado direito do rosto da primeira dama; seu olhar voltado para o horizonte, como se ela vislumbrasse o futuro. Esse ângulo parece ser o mais adequado à proposta comunicativa dessa edição, uma vez que a reportagem interna constrói um perfil de Marcela Temer e apresenta sua nova agenda de ações. Percebe-se que a maquiagem e o penteado da primeira-dama destacam sua juventude e beleza. A foto escolhida pela equipe editorial vai ao encontro do pensamento de Hernandez (2006), ao estudar a fotografia como estratégia persuasiva da mídia. Segundo ele,

“Uma fotografia deve ser uma das principais iscas para o olhar em uma página, ou seja, uma das mais importantes armas na estratégia de arrebatamento e de sustentação. Com suas cores, contrastes, ocupação espacial, a foto precisa atrair a atenção do leitor para a unidade noticiosa da qual faz parte. O olhar deve ser fisgado. É a estratégia de arrebatamento. O leitor precisa ainda se interessar pelo conteúdo. A foto deve depois encaminhar o leitor para a parte verbal, ou seja, apresentar uma estratégia de sustentação geral que também tenha êxito.” (HERNANDES, 2006, p. 214).

Na parte inferior, em caixa alta e centralizada, sobreposta à imagem descrita, encontra-se a manchete principal: “MARCELA TEMER, A APOSTA DO GOVERNO”. A frase nominal é recorrente nas capas da *Veja* e pesquisou-se alguns exemplos em edições, do segundo semestre de 2016 até o primeiro semestre de 2017.

Quadro 18 – Manchetes de 2016/2017: frases nominais

Manchete	Edição da <i>Veja</i>	Data
Reviravolta na escola	N. 2497	28/09/2016
A delação do fim do mundo	N. 2502	02/11/2016
O casal imbatível	N. 2509	01/03/2017
Todos no mesmo barco	N. 2535	21/06/2017
O novo enigma da Lava-Jato	N. 2537	05/07/2017

Fonte: Revista *Veja*

Quadro elaborado pela autora

Alguns desses enunciados verbais necessitam dos recursos visuais para serem entendidos. Somente com a presença da imagem fotográfica da capa é possível saber, por exemplo, quem é o casal imbatível (Lázaro Ramos e Taís Araújo), quem são os que estão no mesmo barco (Temer, Lula e Aécio). Dessa forma, os elementos visuais ajudam o enunciatário a compreender e assimilar o conteúdo da manchete.

Após a manchete, segue o texto, em letras menores e brancas: “Com uma agenda de aparições nacionais, a jovem e bela primeira-dama vira uma grande cartada do Palácio do Planalto para tirar a popularidade do atoleiro”. Nesses enunciados, percebe-se o emprego do vocabulário de jogo de cartas, por meio dos substantivos “aposta” e “cartada”. Também a expressão facial de Marcela Temer remete ao *poker face*, característica dos jogadores de pôquer: uma expressão neutra, ausente de emoções, para o jogador disfarçar o blefe e dificultar que os adversários prevejam suas ações.

Na parte superior, dentro de um quadro com bordas e letras brancas, observa-se, na manchete secundária, uma foto do rosto do cantor Luan Santana, captada durante o crepúsculo. Ao lado dela, em caixa alta e centralizado, o título “ASSIM NASCEM AS ESTRELAS”. Na sequência, há um pequeno texto, em letras minúsculas e centralizado “Como funciona a fantástica máquina que produz ídolos sertanejos como Luan Santana”. Abaixo desse quadro, visualiza-se o nome da revista e suas principais informações.

Como a capa, enunciado concreto, deve ser lido como um todo, verifica-se que a manchete principal dialoga com a secundária, pois a produção de estrelas não se restringe ao campo da música, mas estende-se também ao jogo político. Na capa, a predominância das cores azul e branco, sugere a ideia do nascimento de uma nova estrela no cenário político brasileiro. Além disso, essas são duas cores oficiais da bandeira nacional; nela, o círculo azul simboliza o céu e as estrelas brancas, os estados e o Distrito Federal.

Os adjetivos “jovem” e “bela” referem-se à aparência de Marcela e ajudam a construir uma primeira imagem da primeira-dama. A preocupação em construir uma imagem positiva pode ter relação com o contexto da época da produção da capa. Após o *impeachment* de Dilma, o vice-presidente Michel Temer assumiu com alto índice de rejeição. Marcela apresentava o estereótipo de primeira-dama: dedicada a acompanhar o marido, sem interferir politicamente. No entanto, os assessores do presidente perceberam que ela atraía as atenções; por isso, resolveram prepará-la para participar com mais visibilidade do programa social *Criança Feliz*, cujo foco são crianças carentes e portadoras de microcefalia, com o objetivo de aumentar os índices de popularidade do governo.

Percebe-se que a elaboração da capa preocupou-se com o equilíbrio. Dondis (1997), ao explicar essa estratégia visual, menciona um “centro de suspensão entre dois pesos”. Nesse centro, encontraria-se Marcela, diante de duas possibilidades opostas e possíveis: ganhar ou perder. Ainda ao se pensar no vocabulário ligado ao jogo, a aposta nesse novo papel da primeira-dama pode ser um blefe, ou seja, pode ter tido a intenção de iludir. Isso porque, dois anos depois da publicação dessa capa, as metas do programa não foram atingidas e nem se percebeu diferencial nos índices de popularidade de Temer, enquanto presidente.

A reportagem interna, de seis páginas, intitulada “A ESTREIA DE MARCELA”, é de autoria de Robson Bonin, Laryssa Borges e Hugo Marques e conta com a colaboração de Juliana Linhares. Nela, as duas primeiras páginas trazem apenas uma foto de página inteira de Marcela Temer ao lado do marido e o título, seguido de um pequeno texto. Nota-se que esta reportagem é toda enquadrada por uma borda preta, o que lembra o programa de uma peça teatral. Na foto, o presidente aparece desfocado, para que a atenção dos leitores nesta edição se volte para a figura da primeira-dama.

Figura 28 – Reportagem “A estreia de Marcela Temer”



Fonte: *Veja*, n. 2 511, de 4 jan. 2017

A reportagem relata como está sendo a produção e a preparação de Marcela Temer para estrear, como primeira-dama, numa função social mais visível e, assim, tentar promover uma melhora na imagem do governo. Algumas escolhas lexicais, como: “estreia”, “longe dos holofotes”, “alçá-la ao papel de protagonista”, “estreia no novo papel está marcada” e “depois de assumir o centro do palco” dialogam com o tema estrela/ídolo da capa e também com o contexto político da época.

Outra imagem construída a respeito de Marcela associa-a ao estereótipo de primeira-dama dedicada unicamente a cuidar do marido e da família. Isso porque, quando Temer foi eleito vice-presidente da República, ela não quis morar em Brasília, preferiu ficar em São Paulo, dedicando-se ao filho Michel, de sete anos. Por isso, Marcela é apresentada referencialmente como “mulher do presidente”, “senhora Temer” e “esposa” e descrita como “tímida” e “avessa a badalações”. Seu comportamento discreto não teria mudado com a ascensão de Temer à presidência.

Apesar da sua discrição e dos cuidados em preservá-la, a reportagem afirma que “[...] Marcela chamou a atenção, despertou curiosidade e, mesmo sem pronunciar uma palavra, produziu o que os marqueteiros chamam de ‘uma agenda positiva’” (Veja, 2017, p. 36). Por este motivo, Marcela deve deixar de exercer uma função meramente protocolar como embaixadora do programa *Criança Feliz*. A reportagem diz expressamente que Marcela está sendo treinada para um papel mais visível no governo e marca a data da sua estreia para meados de janeiro de 2018.

A reportagem ilustra, por meio da inserção da voz de Osmar Terra, ministro do Desenvolvimento Social e tutor da primeira-dama, o comportamento de Marcela no treinamento. Percebe-se, no trecho transcrito a seguir, que se trata de uma avaliação positiva:

“Nas nossas conversas, Marcela ouve mais do que fala, mas, quando fala, são coisas consistentes. Ela anota muita coisa, pergunta muita coisa, mostra que lê muito. Está concluindo a fase de preparação, de tomar pé no assunto para poder agir.” (Veja, 2017, p. 37).

Para ajudar a construir a imagem de Marcela, a estratégia mais utilizada pela reportagem é a narração de suas ações. No trecho a seguir, observa-se como a ironia permeia o relato da atuação de Marcela para arrecadar mais verbas para o programa *Criança Feliz*:

“Quando Marcela atuava apenas de modo protocolar no Criança Feliz, o programa recebeu 20 milhões de reais. Em outubro, ela conseguiu arrancar 400 milhões de reais para 2017. Não foi fácil – nem tão difícil. O Ministério do Planejamento avisou que não seria possível liberar tanto dinheiro, mesmo reconhecendo a importância do programa. A seu modo, a primeira-dama enfrentou e venceu a burocracia. Marcela conversou com Temer, que conversou com o ministro, que fez os cálculos. Sem muita resistência, a verba não só foi liberada como ficou acertado o repasse de mais 800 milhões de reais para 2018.” (Veja, p. 37-38).

A ironia está presente no uso dos verbos “conseguiu arrancar”, “enfrentou” e “venceu”, que sugerem ações enérgicas e embates físicos. Entretanto, o modo de agir da primeira-dama foi discreto e passivo, pois a liberação do dinheiro ocorreu por intermédio do marido. A reportagem, ao atribuir o repasse da verba à Marcela e ao classificar essa vitória pela antítese “Não foi fácil – nem tão difícil”, também faz uso de ironia. Ao fazer isso, nota-se que os enunciadores afastaram-se da neutralidade jornalística.

Nas duas páginas seguintes (p. 36-37), ilustram a reportagem sete fotografias. Elas não foram escolhidas aleatoriamente pela equipe editorial, pois, combinadas com a legenda, intitulada “OS RETRATOS DA PRIMEIRA-DAMA”, podem ser consideradas um resumo dos principais momentos da vida de Marcela ressaltados pela revista. Além disso, a forma como estão dispostas remete ao ideal de beleza, imagem que a reportagem busca construir de Marcela.

Figura 29 – Os retratos da primeira-dama



Fonte: *Veja*, n. 2 511, de 4 jan. 2017

Observa-se que a verbo-visualidade ajudou na construção da imagem da primeira-dama, pois a combinação das fotos com a legenda, mostra uma mulher bonita, ligada à família, que pensou em seguir carreira de modelo e que agora inicia sua atuação política. Há um destaque para a preocupação com a aparência, visto que a foto que ilustra sua mudança recente para Brasília (n. 7), mostra Marcela sendo maquiada em um salão de beleza. Além disso, percebe-se que a disposição das fotos respeita a proporção áurea, considerada a fórmula matemática da beleza. Sua descoberta deve-se a Fibonacci, que estabeleceu uma sequência numérica infinita, iniciada em 0 e 1, na qual os números seguintes são sempre a soma dos dois anteriores. Ao transformar esses números em quadrados e dispô-los de maneira geométrica, é possível traçar uma espiral perfeita. Essa espiral, que contém a proporção áurea, é encontrada na natureza e muito utilizada na arquitetura e na arte em geral para a obtenção de harmonia e beleza.

A história de Marcela, contada pela revista, assemelha-se a um conto-de-fadas, no qual uma menina simples e bonita apaixona-se e ascende socialmente. De maneira romanceada, enfatiza a juventude “sem luxos em Paulínia”, morando com os pais e os irmãos “numa casa com telhas de amianto”, assim como a beleza de Marcela, que pensava em seguir carreira de modelo e ficou em segundo lugar nos dois concursos de misses dos quais participou. Aos 19 anos, conheceu Temer, então com 61 e, sem fazer referência à diferença de idade entre os dois, a reportagem, ironicamente, afirma que “[...] entre muitos olhares e pouca conversa surgiu a chama entre eles. A família ficou em festa. Desse dia até a data do casamento não se passou um ano.” (Veja, 2017, p. 38).

Depois de casada, ainda segundo a reportagem, Marcela dedicou-se aos estudos: terminou o 3º ano do ensino médio, estudou inglês, mais tarde francês, e entrou para o curso de direito, mas não exerce a profissão, pois ainda não prestou o exame da OAB. Entretanto, algumas ações ligadas a ela ressaltam preocupação com o conforto e com a aparência, tais como: “morando no bairro de Alto de Pinheiros”, “ia para o curso de motorista”, “chama a atenção por onde passa e tem os vestidos copiados no dia seguinte às suas aparições”. Dessa forma, a reportagem reforça o estereótipo de que a primeira-dama ocupava uma posição decorativa, com uma rotina que incluía apenas cuidados com a casa, o marido e o filho.

Essa foi a primeira vez que a revista fez referência à Marcela. Percebe-se que a legenda, “MARCELA, A BELA”, já enfatiza sua beleza, o que ajuda na composição da sua imagem. Ela é descrita como “Loira, quase um palmo mais alta que o marido e com sinuosidades que nem Oscar Niemeyer seria capaz de imaginar” (Veja, 2011, p. 64). Também informa que ela é ex-candidata a miss e formada em direito.

A reportagem elenca uma sucessão de ações após a aparição de Marcela ao lado do marido na posse; todas seriam em decorrência da sua beleza: “o mármore dos palácios brasileiros **esquentou**”, “ela **mesmerizou, magnetizou, encantou**” e “seu nome **se tornou** um dos assuntos mais comentados do Twitter”.

Não há referência à sua roupa, mas ao seu penteado, uma trança lateral estilo Rapunzel, que recebeu destaque, visto revelar uma tatuagem na nuca, “com o nome do maridão”. Na época, Marcela tinha 28 anos e Temer, 70; a reportagem aborda sobre a diferença de idade entre eles e indaga “o que são 42 anos para um casal que se ama?”. Além disso, conta rapidamente a história dos dois:

“[...] Marcela tinha 19 anos quando conheceu Temer. No primeiro encontro do casal, a moça fez direitinho: levou a mãe, por segurança. As intenções de Temer, no entanto, logo se converteram nas melhores possíveis. Sem nenhum toma lá dá cá, menos de um ano depois, já estavam casados. Em 2009, tiveram um filho, Michelzinho, exibido pelo pai orgulhoso em meio à posse.” (Veja, p. 64).

Nesse trecho, percebe-se a conjunção adversativa “no entanto”, insinuando que as intenções de Temer talvez não fossem as “melhores possíveis” no início. E sugere-se que Marcela ou sua família suspeitavam disso, pois “por segurança”, sua mãe a acompanhou no primeiro encontro. A presença de uma acompanhante era comum em outras épocas, mas destoava dos costumes da época do encontro e revela a atitude recatada de Marcela, característica reforçada em outra edição da revista.

A última reportagem escolhida para análise, “BELA, RECATADA E ‘DO LAR’”, é de autoria de Juliana Linhares. Foi publicada, em uma página dupla, na seção *Como será*, da edição 2 474, de 20 de abril de 2016, durante o processo de *impeachment* de Dilma, quando Michel Temer ainda era vice-presidente. Os três adjetivos do título, usados para definir Marcela Temer, ajudaram a criar uma imagem estereotipada dela. Além disso, essa tríplice-definição repercutiu de maneira negativa e serviu de base para diversos *memes* nas redes sociais. Ressalta-se que o subtítulo antecipa o resultado do julgamento de Dilma, referindo-se à Marcela como “quase primeira-dama”.

A reportagem contrapõe Marcela a Temer, por meio da correlação entre a primeira e a última frase. A primeira afirma “Marcela Temer é uma mulher de sorte” e a última, “Michel Temer é um homem de sorte”. Antes de analisar a diferença de sentido com a mudança dos sujeitos, indaga-se: o que é ter sorte? Seria casar com alguém 43 anos mais velho (ou mais novo), de quem se fica distante a maior parte da semana ou seria poder planejar jantares e viagens românticos em meio à crise política brasileira? No imaginário popular, a sorte está relacionada ao destino, por isso, pode fazer referência, também, ao golpe de sorte (ou a sorte do golpe) que estava na iminência de fazer a vice-primeira-dama se tornar a primeira-dama. Retomando o tema do jogo de cartas, da edição 2 511, anteriormente analisada, a sorte no jogo vincula-se à probabilidade dos resultados e traz o eco de um já-dito popular que sentencia: “Sorte no jogo, azar no amor”.

Ao construir a imagem de Marcela como uma “mulher de sorte”, a reportagem destaca dois comportamentos do casal, que destoam do momento político do país. Primeiramente, conta que Michel Temer levou Marcela para jantar na sala especial do “sofisticado, caro e badalado” restaurante Antiquarius, em São Paulo. A sala blindada e à prova de som foi esvaziada e, com a proteção de quatro seguranças, o casal “desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente”. Em seguida, outra atitude não condizente com “os ânimos acirrados do país” diz respeito à Marcela. No Carnaval, ela planejou uma viagem só com o marido e o filho para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. O plano foi cancelado por Temer recear expor a família.

Já Temer seria um “homem de sorte” por ser casado com uma mulher “bela, recatada e 'do lar””. Com essa tríplice definição, a reportagem suscita alguns questionamentos, sobretudo acerca dos padrões de beleza femininos. Segundo a reportagem, Marcela é **bela** porque participou de dois concursos de miss, nos quais ficou em segundo lugar; além disso, vai frequentemente à dermatologista e ao salão de beleza cuidar da aparência. Para reforçar essa imagem, nota-se a inserção da voz alheia como argumento de autoridade. Para sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi, “Marcela sempre chamou a atenção pela beleza [...]” (Veja, 2017, p. 29). Já o cabelereiro Marco Antônio de Biaggi a considera “educadíssima”, afirmando que Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly” (Veja, 2017, p. 29).

A construção da imagem de Marcela como **recatada** frisa que ela apareceu em público poucas vezes e, segundo a irmã, sempre foi recatada. Essa imagem é reforçada pelo discurso direto da estilista Martha Medeiros, que afirma: “Ela gosta de vestido até os joelhos e cores claras” (Veja, 2017, p. 29).

Por fim, a reportagem refere-se a Marcela ser “do lar”. Para compor essa imagem, ela é referida como “vice-primeira-dama do lar”, porque seus dias consistem em levar e trazer o filho da escola e cuidar da casa em São Paulo, onde permanece, “quase sempre na companhia da mãe”, Norma Tedeschi, descrita também por meio de três adjetivos: “sacudida”, “loiríssima” e “de olhos azuis”. A revista sugere que as duas mantêm uma relação próxima e que a mãe aprovou a relação da filha com Temer desde o começo, porque a teria acompanhado em seu primeiro encontro. A reportagem também informa que Marcela sonha em ter mais um filho com o vice.

Os três adjetivos atribuídos à Marcela são qualidades positivas, mas ganham conotação negativa quando analisados pelo viés feminista. A imagem de Marcela reproduz o padrão que tantas mulheres lutam por quebrar. Não há crítica quanto à Marcela ser bela, recatada ou ‘do lar’; o problema surge quando essas características são as únicas valorizadas pela sociedade.

Outro contraponto entre Marcela e Temer refere-se à diferença de idade entre o casal (43 anos) e entre a inexperiência da primeira-dama e a experiência do presidente. Quando a reportagem foi publicada, Marcela tinha 32 anos e Michel Temer, 75. Marcela, aos 20 anos, casou com Temer, seu primeiro namorado, com quem tem um filho com o mesmo nome (Michel). Já Temer, 62 anos à época do casamento, cumpria o quinto mandato como deputado federal e possuía outros quatro filhos de relacionamentos anteriores. Por meio da oposição a Temer, observa-se a construção da imagem de Marcela como jovem e ingênua, pois sua inexperiência está relacionada à castidade em relação ao amor e à ausência de malícia. Para reforçar essa imagem, a repórter emprega, ao longo da reportagem, alguns termos no diminutivo, como, por exemplo: “Michelzinho”, “cabelo tijelinha”, “ainda quer ter uma menininha” e “luzes bem fininhas”. Esses termos, comuns à linguagem infantil, além de ressaltar a imagem construída da primeira-dama, pode produzir o efeito de enfatizar a diferença de idade entre o casal.

Percebe-se, ainda, que a reportagem faz uso de ironia quando denomina de “*curriculum vitae*” a trajetória acadêmica e as experiências profissionais de Marcela, transcritas no trecho a seguir:

“Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade Natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. [...]” (Veja, 2017, p. 29).

Pode-se acrescentar às suas habilidades e competências o fato de ela estar “constantemente nas redes sociais” para informar o marido sobre a temperatura ambiente, conversar e mandar vídeos do filho pelo celular.

Numa primeira leitura, a reportagem parece romantizar a relação entre Marcela e Michel Temer. No entanto, nas entrelinhas, pode-se perceber, principalmente por meio da ironia, o desmascaramento do aparente conto-de-fadas e a crítica à mordomia e à superficialidade do casal. Dessa forma, pode-se dizer que o enunciador abandonou a neutralidade enunciativa e demonstrou posicionamentos apreciativos referentes ao casal, sobretudo em relação à Marcela, o que contribuiu para a construção da imagem que predomina sobre ela: “bela, recatada e ‘do lar’”.

Finalmente, é importante ressaltar que esta reportagem provocou várias respostas dos interlocutores, principalmente os do sexo feminino, que nas redes sociais, protestaram com humor e sarcasmo contra um padrão antiquado da mulher. Nessas reações observa-se uma das concepções basilares do Círculo bakhtiniano: o princípio da responsividade. Bakhtin (2016b) acredita que na comunicação entre os homens não há, de um lado, o falante responsável pelo processo ativo de comunicação e, de outro, o ouvinte passivo. Para ele, a vida humana é dialógica e “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.” (BAKHTIN, 2003a, p. 348). Nesse sentido, ele propõe que:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2016b, p. 29).

CONCLUSÃO

Esta Dissertação de Mestrado relata uma pesquisa sobre a linguagem verbo-visual de capas e reportagens internas da revista *Veja*, com base no pensamento do Círculo de Bakhtin. Pretende-se verificar como essa revista constrói a imagem verbo-visual das primeiras-damas presidenciais brasileiras, no período entre 1990 a 2018: Rosane Collor, Ruth Cardoso, Marisa Letícia e Marcela Temer.

Logo no início da pesquisa, a principal preocupação era verificar como a revista *Veja* – escolhida por ser uma publicação semanal, com grande circulação em todo o país – construía a imagem da mulher em suas capas. Após observação de mais de duas mil e quinhentas capas, disponíveis no site da *Veja*, obteve-se o número de cento e vinte capas com figuras femininas, que atendiam ao critério estipulado por esta pesquisadora: elas deveriam estar sozinhas e serem conhecidas. Ao agrupar as mulheres por profissão/ocupação, percebeu-se que foram retratadas, entre brasileiras e estrangeiras, pessoas da área artística, política, esportiva, policial etc. Nesse momento da pesquisa destacou-se o grupo de primeiras-damas presidenciais. A escolha por esse último grupo foi devido ao interesse pessoal dessa pesquisadora em saber que discursos a revista veicula sobre elas, e como isso é feito para a construção da imagem de cada uma.

A partir daí, optou-se pela verificação de quatro capas que retratavam as primeiras-damas com suas respectivas reportagens internas, que constituíram o *corpus* principal. Mais uma capa e outras reportagens sobre elas, num total de nove enunciados, formaram o *corpus* secundário e complementaram o exame.

Foi preciso, ainda, ao percorrer os caminhos da pesquisa, debruçar-se em leituras de outras áreas sobre a fotografia, os gêneros jornalísticos, as cores como informação e a sintaxe da linguagem visual. Outro problema desafiador relacionou-se com o estabelecimento das categorias de análise, o que não foi feito *a priori*. Após diálogo desta pesquisadora com as capas e as reportagens internas, deixou-se “o *corpus* falar”. Dialogou-se, também, com o contexto sócio-histórico de produção e circulação dos enunciados e, levando em consideração a verbo-visualidade, os critérios de análise foram definidos.

No percurso analítico, apoiou-se, principalmente, na ordem metodológica fundamental para o estudo da língua proposta por Volóchinov (2017) e nas inúmeras contribuições de Brait acerca da análise/ teoria dialógica do discurso.

Os textos verbo-visuais estão articulados e constituem um único enunciado; por uma questão de organização da análise do *corpus* principal, foram verificadas, primeiramente, as capas em seus aspectos visuais: fotografia, cores, etc. e, depois, a parte verbal. Essa opção apoia-se em Guimarães (2003, p. 50), para quem “[...] a ‘leitura’ normal de uma página impressa se faz em três níveis diacrônicos – o primeiro, das imagens; o segundo, dos títulos; e o terceiro, dos textos”.

Em seguida, as reportagens internas foram analisadas, com a preocupação não só de averiguar os mesmos aspectos da verbo-visualidade da capa, mas também o diálogo entre capa, reportagem interna e contexto sócio-histórico e entre enunciador e leitor, buscando a(s) imagem(ns) construída(s) sobre as primeiras-damas e os possíveis efeitos de sentido produzidos. Logo após, alguns excertos do *corpus* secundário complementam a análise.

Para responder às perguntas de pesquisa e cumprir os objetivos propostos, especialmente o objetivo principal: como a revista *Veja* constrói a imagem das primeiras-damas, optou-se por verificar os enunciados sobre cada uma delas separadamente e, a ordem escolhida foi a cronológica relacionada aos presidentes da república.

A identificação e descrição das estratégias verbo-visuais e a verificação das semelhanças e diferenças entre os enunciados propostas nos objetivos, levaram à constatação de que as principais estratégias visuais foram as fotografias, que, por serem polissêmicas, permitiram várias leituras. Completaram a análise o estudo do projeto gráfico da revista e das cores, com sua simbologia.

Ainda merece ser citado, como estratégia, o destaque que as reportagens internas deram à aparência e à estética das primeiras-damas, principalmente, às roupas usadas por elas na cerimônia de posse. Na análise dos aspectos verbais, chamaram a atenção as escolhas lexicais, principalmente os adjetivos, as formas verbais, as construções sintáticas como frase nominais e verbais curtas nas manchetes principais. Outro recurso constante foi a introdução da voz alheia, por meio do discurso direto, e a presença da ironia.

A análise levou em consideração quatro capas com suas respectivas reportagens internas, mais nove enunciados complementares, nos quais foram percebidos alguns pontos em comum, o que remete ao estilo desses gêneros na *Veja*, garantindo a identidade da revista. Todas as capas apresentam informações sobre a revista, destacam as fotos das primeiras-damas pelo espaço concedido a elas na página e contém manchete principal e secundária, sempre em diálogo. Nas reportagens internas, percebe-se a opção pelo emprego de muitos adjetivos para caracterizar as primeiras-damas, a inserção de vozes alheias, advindas de diversas áreas, com predominância do discurso direto. Nas do *corpus* secundário, houve a preocupação em construir a imagem de cada uma, mostrando suas roupas usadas na cerimônia de posse dos presidentes e algumas atividades cotidianas.

Já as diferenças entre os textos remetem ao estilo individual dos seus enunciadores. Primeiramente, foram observadas as capas, cujos aspectos contrastantes estão resumidos no quadro abaixo:

Quadro 19 – Diferenças entre os enunciados (Capas)

Rosane	Foto de Rosane não posada, com cabeça baixa, voltada para a esquerda – chorando Legenda ao lado da foto Manchete principal com frase nominal e em letras vermelhas garrafais Manchete secundária em faixa diagonal, sem foto, com frase nominal
Ruth	Foto de Ruth com expressão séria, voltada para o lado direito Manchete principal com verbos no presente do indicativo, letras maiúsculas e cor branca, contrastando com o fundo preto Abaixo da manchete principal, texto que adianta o assunto da reportagem Manchete secundária em faixa diagonal, com foto e frase com verbo no presente do indicativo
Marisa	Foto posada de Marisa sorrindo, de frente Ao lado direito da foto, três frases verbais Manchete principal, com frase nominal e letras maiúsculas, em cor branca Acima da foto e do nome da revista, chamada da reportagem especial, sem foto e com duas frases verbais
Marcela	Foto posada de Marcela, de perfil, sob fundo azul Manchete principal, com frase nominal Abaixo dela, texto com frases verbais Manchete secundária, com foto e duas frases verbais

Fonte: Acervo digital *Veja*

Quadro elaborado pela autora

É importante, ainda, abordar sobre as estratégias empregadas para a construção da imagem das primeiras-damas no *corpus* principal. Para isso, verificou-se o espaço concedido na revista a cada uma, o número de fotografias com ela e outros elementos verbo-visuais em destaque na revista, principalmente pela cor, como os boxes e outras fotografias. Para tanto, construiu-se a tabela a seguir:

Tabela 2 – Número de referência

Primeira-dama	Nº de páginas	Nº de fotos da primeira-dama	Nº de elementos verbo-visuais	Total (fotos e elementos)
Rosane Collor	8	3	21	24
Ruth Cardoso	10	10	20	30
Marisa Letícia	10	10	7	17
Marcela Temer	6	9	5	14

Fonte: Revista *Veja*

Tabela organizada pela autora

Percebe-se, levando-se em conta o número de páginas dedicadas a cada primeira-dama e o número de fotos dela, que Rosane Collor foi a menos favorecida com apenas três referências, sendo uma delas a charge como presidiária. Ruth Cardoso e Marisa Letícia foram retratadas igualmente e, proporcionalmente, Marcela Temer apresenta o maior número de fotos. Quanto ao número de fotos da primeira-dama aliado ao número de outros elementos verbo-visuais, os dados indicam que, proporcionalmente, Rosane e Ruth estão empatadas em primeiro lugar com uma média de 3 referências cada uma por página; Marcela vem em segundo lugar com 2,3 referências e Marisa é a última com 1,7 referências.

Mais algumas considerações são possíveis: i) o fato de Ruth Cardoso e Marisa Letícia terem sido primeiras-damas duas vezes seguidas, devido à reeleição de seus maridos e ii) o caso de Rosane Collor ter deixado de ser primeira-dama em decorrência do *impeachment* de seu marido e de Marcela Temer ter se tornado primeira-dama também em virtude de um *impeachment*, que afastou Dilma Rousseff e levou o então vice, Michel Temer, à presidência.

Isso leva à constatação das relações dialógicas entre as capas/ reportagens internas e entre esses enunciados e o contexto, bem como à percepção dos efeitos

de sentido construídos pela verbo-visualidade, propostos como objetivos. Com a análise, percebeu-se que se destacam as relações dialógicas mantidas entre capa e reportagem interna para despertar o interesse do leitor. Esses dois gêneros estão em perfeita sintonia, pois se percebe que os enunciados verbo-visuais da capa preparam para o tom adotado nas reportagens internas. Esse tom relaciona-se também com o contexto sócio-histórico, e nota-se, claramente, que todos os enunciados mantêm um diálogo constante com os fatos, principalmente os acontecimentos políticos da época de produção e circulação da revista, pois “a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido.” (Volochínov, 2013b, p. 77).

É importante acentuar, ainda, o diálogo estabelecido entre enunciadores e interlocutores, pois “todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e à sua efetiva *resposta* potencial.” (Volochínov, 2013a, p. 168). Assim, a *Veja* espera que os interlocutores reajam, seja comprando a revista, seja mantendo a assinatura, o que acentua a ideologia capitalista da empresa. Outras respostas à *Veja* podem ser enviadas pelos leitores por meio de cartas e e-mails, nos quais comentam e avaliam o que mais lhes chamou a atenção. E mais, nessa era digital pós-moderna, as reações são instantâneas, como ocorreu logo após a publicação da reportagem “Bela, recatada e ‘do lar’”, sobre Marcela Temer e da capa com a manchete “A morte dupla”, sobre Marisa Letícia.

As respostas remetem ao último objetivo proposto, a verificação dos efeitos de sentido, construídos não somente pelo enunciador, mas também pelo leitor, o qual participa ativamente dessa produção. Para criar esses efeitos, o enunciador emprega, principalmente, as cores; já suas entonações avaliativas mostram o estilo individual do enunciador, seu modo próprio de ver um fato, podendo criar ou não os efeitos desejados. Além disso, é possível perceber as convicções, as simpatias, as antipatias, a ironia etc. presentes nas reportagens internas, revelando um viés valorativo. Dessa forma, evidencia-se, a partir da análise dos aspectos verbo-visuais, que as reportagens internas não foram neutras e afastaram-se da objetividade jornalística.

Os diferentes enunciadores, ao se referirem às primeiras-damas, incluem pesquisas e vozes alheias, com a intenção de construir a imagem de cada uma. No quadro a seguir, um resumo, com as imagens percebidas sobre elas:

Quadro 20 – Primeiras-damas: imagens construídas

Rosane Collor	emotiva, chorona, enfrenta sozinha o arrependimento pelos seus erros administrativos na LBA, teimosa, ciumenta, brigona, provinciana, sem traquejo social, não econômica
Ruth Cardoso	reservada, discreta, intelectual competente, esperança de um novo momento político, racional, ponderada, autônoma, prática, minuciosa, distraída, elegante, sóbria, não gosta da designação “primeira-dama”
Marisa Letícia	companheira, autêntica, simples, presença constante nos compromissos oficiais, preocupada com marido e filhos, carinhosa, elegante sem exageros, personalidade forte, não se deslumbra com o poder no último enunciado, desconstrução da imagem de companheirismo
Marcela Temer	jovem, bela, esperança para alavancar o governo Temer, preocupada com marido e filho, discreta, recatada, ‘do lar’, preocupada com a aparência

Fonte: Revista *Veja*

Quadro organizado pela autora

Após todas essas considerações, é oportuno reafirmar, nesse ponto do trabalho, que numa Dissertação de Mestrado não é possível esgotar todos os aspectos possíveis. surgidos após o diálogo entre a pesquisadora e os *corpora*. Por isso, muitos tópicos interessantes deixaram de ser objeto de estudo mais aprofundado. Um exemplo refere-se às formas de introdução do discurso alheio e dos verbos *discendi*, que ficam como sugestão para uma próxima pesquisa.

Tem-se consciência de que as análises desta dissertação não estão fechadas, não encerram uma conclusão, pois, segundo Medviédev (2012):

Na realidade, um trabalho científico nunca finaliza: onde acaba um, continua outro. A ciência é a unidade que nunca pode ser finalizada. Ela não pode ser fragmentada em uma série de obras acabadas e autônomas. O mesmo ocorre em outros campos da ideologia. Em nenhum lugar, há obras essencialmente acabadas e esgotadas. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 194).

Portanto, são passíveis de inúmeras discussões, de inúmeras réplicas e, a partir daí, muitos outros sentidos podem ser construídos. Assim, o melhor é iniciar outro diálogo, passando a palavra a Bakhtin para deixá-lo falar: “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites).” (BAKHTIN, 2003b, p. 410).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/2993/1927>. Acesso em 8 jan. 2019.
- AQUINO, Lucélio Dantas de. **Representações discursivas de Lula nas capa das revista Época e Veja**. 2015, 232 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem.). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro de Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, p. 337-357.
- BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p. 393-410.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003c, p. 1-193.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre fotografia**. Tradução de Julio Castoñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006a, p. 9-31.

BRAIT, Beth. Práticas discursivas e a esfera publicitária. *In*: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). **Enunciação e os gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRAIT, Beth. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>. Acesso em 12 jun. 2017.

BRAIT, Beth. Tramas verbo-visuais da linguagem. *In*: BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 193-228.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, p. 61-80.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. *In*: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-98.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, v. 8, n.2, p. 43-66, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em 22 set. 2017.

BRAIT, Beth; LOPES-DUGNANI, Bruna. Em cartaz, a cara e o corpo da linguagem das ruas! *In*: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (org.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014, p. 116-132.

CEREJA, William. Significação e tema. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 201-220.

COSTA, Eliete Huguene de Figueiredo. **Revista A Violeta**: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes. 2016, 290 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FIGUEIRAS, Tatiana da Silva. Análise discursiva da capa da revista *Veja* em uma perspectiva dialógica do discurso. *In*: INPLA, 19 - SIL, 5, São Paulo. **Anais do Congresso**. São Paulo, IDP, 2013, p. 60. Disponível em: http://www.cruzeirodosul.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/ANAIS-DO-19_INPLA_E_5_SIL_2013_04_12_2013_VERSÃO_PARA_NET.pdf. Acesso em: 15 abr.2017.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREITAS, Ariádne Castilho de. **A intersubjetividade em sentenças judiciais**. 2008. 263f. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

GILBERT, Madeline; LIMA, Anselmo. “Vamos vencer o tráfico”: análise verbo-visual da significação e do tema de uma palavra em uma capa da revista *Época*. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 76-90, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/26074/20952>. Acesso em: 15 abr. 2017.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que é jornal, revista, tv, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

HOLANDA, Maria Fabiana Medeiros de. **Revista Mundo Estranho**: capa e ressonância dialógica. 2017, 118f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Ivam. **A fotografia é a sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MARQUES DE MELLO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom - **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

MEDINA, Jorge Lellis Bonfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, ano 5, n. 1, p. 45-55, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196.PDF>. Acesso em: 10 set. 2018.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEZES, Ana Karla Alves de. Dilma e Temer nas capas da revista *Isto É*: uma reflexão dialógica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, X, 2017, Niterói. **Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN**. Niterói: UFF, 2017. p. 329. Disponível em: <http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>. Acesso em: 15 abr. 2017.

MENEZES, Ana Karla Alves de; MELO, Raniere Marques de. A linguagem verbo-visual em capas de revista: uma reflexão dialógica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, X, 2017, Niterói. **Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN**. Niterói: UFF, 2017. p. 324. Disponível em: <http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>. Acesso em: 15 abr. 2017.

NEIVA JR., Eduardo. **A imagem**. 2. ed. São Paulo, Ática, 2006.

OLIVEIRA, Ivan Carlos de. **A linguagem verbo-visual e seus efeitos de sentido nas capas da revista Geração JC**. 2015, 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Taubaté, São Paulo, 2015.

PAGANI, Maria Fernanda de Castro Andrade. **Capas das revistas Veja e Época, cenas da enunciação e persuasão: uma análise verbo-visual**. São Paulo, 2017, 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

PUZZO, Miriam Bauab. Gêneros discursivos: capas de revista. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**. Unitau Taubaté, SP, v. 1, n. 1, p. 63-71, 2009a. Disponível em: <http://www.unitau.br/caminhosla>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PUZZO, Miriam Bauab. A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição dos sentidos. **Revista Intercâmbio**. (CD-ROM), v. 20, p. 125-137, 2009b. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

PUZZO, Miriam Bauab. Relações dialógicas: capas de revista e reportagem interna. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n.3, p. 1520-1531, 2011. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t28.red6.pdf Acesso em: 18 abr. 2017.

PUZZO, Miriam Bauab. A linguagem verbo-visual na constituição de sentido em capas da revista *Veja*. **Revista Intercâmbio**. (CD-ROM), v. 25, p. 92-105, 2012, São Paulo: LAEL/PUC-SP.

PUZZO, Miriam Bauab. As imagens de Lula na revista *Veja* sob a perspectiva dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (org.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014, p. 171-194.

PUZZO, Miriam Bauab; LACERDA, Edmilson Arlindo. Análise da linguagem verbo-visual de capa de revista: uma proposta de leitura bakhtiniana. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**. Taubaté, SP, v. 13, n. 2, p. 198-223, 2015. Disponível em: <http://www.unitau.br/caminhosla>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Elayne Gonçalves; GONÇALVES, João Batista Costa. “I watch you”: uma análise dialógica da linguagem verbo-visual de capa da revista *Época* sobre a espionagem digital do governo norte-americano. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. Pouso Alegre, MG. V. 13, p. 213-229, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SILVA, Jéssica Cristiane Pereira da Silva. A representação da mulher durante o período eleitoral: análise de duas capas da revista *Veja*. *In*: INPLA, 20, São Paulo. **Caderno de Resumos**, São Paulo, PUC-SP, 2015, p. 208. Disponível em: www.corpuslg.org/inpla/2015. Acesso em: 15. abr. 2017.

SILVA, Jéssica Cristiane Pereira da; PUZZO, Miriam Bauab. Lula e Dilma na *Veja*: a interdiscursividade em destaque. **Caminhos em Linguística Aplicada**. Taubaté, SP, v. 15, n. 2, p. 172-187, 2016. Disponível em: www.unitau.br/caminhosla. Acesso em: 15 abr. 2017.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**: ensaios. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TORRES, Iraídes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. (do Círculo de Bakhtin). A construção da enunciação. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013a, p. 157-188.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. (do Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013b, p. 71-100.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

REVISTAS VEJA

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 122, 21 mar. 1990.

VEJA, São Paulo: Abril, n.1 196, 21 ago. 1991.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 198, 4 set. 1991.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 358, 21 set. 1994.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 374, 11 jan.1995.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 784, 8 jan. 2003.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 1 803, 21 maio 2003.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 2 301, 5 jan. 2011.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 2 474, 20 abr. 2016.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 2 511, 4 jan. 2017.

VEJA, São Paulo: Abril, n. 2 531, 20 maio 2017.

ANEXOS





Rosane e Sarah Kubitschek na missa da LBA: sem ministros, sem o presidente e três choros em estilo mexicano

BRASIL

Escândalo federal

Envolvida por denúncias devastadoras de corrupção e investigada pelo ex-SNI, a presidente da LBA chora ao deixar o cargo

LUIS COSTA PINTO, de Maceió

Rosane chorou. O coral começou a cantar a *Ave Maria* de Gounod na Catedral de Brasília, na quarta-feira passada, e a primeira-dama Rosane Malta Collor abaixou a cabeça e tentou controlar as lágrimas na frente das lentes dos fotógrafos, das câmaras de televisão e das 500 pessoas que assistiam à missa de comemoração do 49º aniversário da Legião Brasileira de Assistência. Na cerimônia da comunhão, as lágrimas finalmente rolaram pelo rosto da presidente da LBA. Foi acudida pelo lencinho providencial da ex-primeira-

dama Sarah Kubitschek. O coral entoou a *Aleluia* de Haändel e os soluços lacrimosos recomeçaram. No dia seguinte, numa outra cerimônia de despedida, em Goiânia, Rosane foi mais uma vez às lágrimas. Explicou-se depois: "Estou como manteiga derretida".

Rosane, 26 anos, tinha motivos privados para protagonizar as cenas dignas do dramalhão mexicano *Carrossel*. Como vem fazendo há um mês, quando deixou de usar a aliança matrimonial, o presidente Collor continuou a humilhar Rosane em público. Marcou uma reunião buro-

crática para o mesmo horário da missa de Rosane, dando o sinal para que nenhum de seus ministros a ela comparecesse. Na missa estavam só as amigas de Rosane. No início da noite de sexta-feira, a primeira-dama aguardou na Base Aérea de Brasília a chegada do marido, que retornava de São Paulo. Collor evitou o encontro e simplesmente desapareceu.

A primeira-dama também poderia estar triste com a atitude do seu superior hierárquico máximo no governo — o próprio presidente — em relação a ela. Na quinta-feira, a *Folha de S.Paulo* noticiou

Os empregos dos parentes



Num levantamento realizado na folha de pagamentos de julho dos funcionários ativos do Estado de Alagoas (foto à esquerda) foram identificados 75 servidores com laços de parentesco com o presidente Fernando Collor de Mello e a primeira-dama Rosane Malta. Quase a metade dos parentes do casal presidencial está na Assembleia Legislativa. Os demais estão distribuídos entre o governo e os tribunais do Estado.

Malta

Os Malta têm 54 parentes na folha de pagamentos do Estado:

- Vinte e oito parentes na Assembleia Legislativa. São quatro tios, seus irmãos João Alvino Filho e Rosânia e 22 primos.
- Dezenove estão em secretarias estaduais. São quatro tios e quinze primos.
- Três em tribunais: dois primos e uma tia.
- Dois estão na Procuradoria Geral. Eles são José Antônio e José Carlos Malta Marques, que cuidam do escritório político de Vitorio Malta em Maceió.
- Dois parentes são funcionários especiais.

Exemplos nada exemplares:

- Eraldo Malta Brandão Filho, primo de Rosane, tem dois salários: um como deputado estadual e outro como funcionário da Secretaria de Indústria e Comércio. Na Assembleia Legislativa, ganha 4 milhões por mês.
- Maria do Socorro Mendonça Malta, tia de Rosane, tem dois salários. É funcionária da Secretaria de Administração do Estado e assessora da Assembleia Legislativa. Até março deste ano possuía um terceiro emprego, na Secretaria de Planejamento.
- João Alvino Malta Brandão Filho, irmão de Rosane, é funcionário em cargo de comissão da Assembleia Legislativa de Alagoas com a matrícula 6.869-1. A Assembleia fica em Maceió, mas João Alvino Filho mora em Canapi.

Poder político-familiar:

- Denílma, prima de Rosane, é casada com o governador de Alagoas, Geraldo Bulhões, e presidente da Sociedade de Promoção do Bem-Estar de Alagoas, uma espécie de LBA estadual.
- O primo e cunhado Vitorio Malta é deputado federal por Alagoas.
- Eraldo e César Malta, seus primos, são deputados estaduais.
- Seu primo João Carvalho Malta preside o Detran alagoano e outro primo, Laércio Malta, dirige a Companhia de Eletricidade de Alagoas.
- José Jorge Malta, outro primo de Rosane, é diretor administrativo da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, um órgão federal.

Collor de Mello

A família Mello, do presidente Fernando Collor, tem 21 empregados no Estado:

- Onze parentes do presidente estão em secretarias estaduais. Três deles são primos em primeiro grau e os outros oito têm parentesco mais distante.
- Oito na Assembleia Legislativa. Seis são primos legítimos e dois outros são parentes mais afastados.
- Um no Tribunal de Contas.
- Um funcionário especial.

Exemplos nada exemplares:

- Mário Afonso de Mello, primo de Collor, tem dois empregos na Assembleia Legislativa de Alagoas. Hoje faz campanha para ter um terceiro salário — o de vereador.
- Manoel Afonso de Mello Neto, primo de Collor, tem dois salários. É procurador da Assembleia Legislativa e funcionário da Secretaria de Educação. Sua situação é ilegal desde março passado.
- Francisca Hollanda de Mello é prima em primeiro grau do presidente Fernando Collor, irmã do vice-governador Francisco Mello. É funcionária efetiva da Assembleia Legislativa, mas não dá expediente na casa.

Poder político-familiar:

- Marcos Coimbra, cunhado do presidente, é secretário-geral da Presidência da República.
- O primeiro-irmão Leopoldo é presidente do PRN em São Paulo.
- O primo Lindolfo Leopoldo Collor, analista de campo externo do Serviço Nacional de Informações (SNI), entre 1973 e 1976, era embaixador no Senegal e foi promovido pelo presidente Fernando Collor para o posto de embaixador em Madri.
- Euclides Mello, primo legítimo do presidente, deixou Alagoas para ser deputado federal por São Paulo.
- Francisco Hollanda de Mello, outro primo do presidente Fernando Collor, é vice-governador de Alagoas.



Collor no dia da missa: reunião banal

raes, secretária particular de Rosane, para preparar o lançamento da pedra fundamental do projeto Minha Gente no Distrito Federal. Luiz Mário, que deixou seu cargo no governo de Brasília no final de julho e se mudou para Belo Horizonte, só não explicou como sabe tanto a respeito de um relatório secreto do ex-SNI.

FUGA DO PAIS — Rosane, por fim, pode ter chorado também devido aos seus atos administrativos à frente da LBA. Esse ponto é o que mais interessa ao país, já que a Legião Brasileira de Assistência, com seus 9 400 funcionários e um orçamento anual de 1 bilhão de dólares, é um órgão do governo federal. Um órgão que, sob a gestão de Rosane, promoveu uma série escandalosa de favorecimentos a empresas fantasmas, aplicação de verbas federais que desapareceram logo que chegaram a Alagoas, e propiciou um jorro de dinheiro nas mãos dos parentes da presidente da LBA — os Malta. Os desmandos perpetrados pela LBA foram publicados em duas reportagens devastadoras do *Jornal do Brasil* na segunda e na terça-feira. Ao contrário de boa parte das denúncias de corrupção que pipocam na

que Collor ordenou à Secretaria de Assuntos Estratégicos, a SAE, que faz as vezes do extinto SNI no Brasil Novo, uma investigação dos atos de Rosane na LBA. Agentes do ex-SNI descobriram os números dos telefones discados a partir do gabinete da presidência da LBA. No mesmo dia, um político alagoano confirmou a VEJA que realmente o ex-SNI fez um relatório sobre os números dos telefones chamados a partir do gabinete de Rosane. Claudio Humberto Rosa e Silva, porta-voz de Collor, nega que a SAE tenha feito tal relatório. Na *Folha de*

S.Paulo de sábado, no entanto, houve uma outra confirmação de que o ex-SNI andou bisbilhotando a vida da presidente da LBA. Luiz Mário de Pádua, ex-chefe de cerimonial do governo do Distrito Federal, contou ao jornal não só que sabia do relatório "há três ou quatro semanas", que o relatório da SAE era "malfeito e furado", como também esclareceu que ele mesmo era um dos destinatários dos telefonemas. Luiz Mário explicou que falava com a LBA porque tem uma prima e uma amiga que lá trabalham e que uma vez falou com Eunícia Guima-

Os pais da primeira-dama, João Alvino e Rosita, estão numa fase mais próspera da vida. Raramente ocupam a modesta casa em Canapi (primeira foto à dir.) e costumam passar o tempo entre Brasília e Maceió. Na capital alagoana, o Ministério da Ação Social ajudou a asfaltar a Avenida Nelson Marinho de Araújo (foto do centro), que passa em frente à nova residência do casal. O pai de Rosane diz que o casarão (última foto à dir.) foi adquirido por 38 milhões de cruzeiros. A reforma na casa de fim de semana levou dois meses e custou 5 milhões de cruzeiros



Imprensa, as reportagens do jornalista Mário Rosa foram feitas com base em documentos oficiais da administração federal e recheadas na Alagoas dos Malta (veja quadro à pág. 35). Os dados sobre as malversações na LBA são praticamente indelmentáveis. Tanto que, confrontado com eles, o assessor de imprensa da LBA só conseguiu providenciar uma resposta patética. Entre outras tolices ele afirmou, por exemplo, que a primeira-dama não iria fugir do país por causa das denúncias.

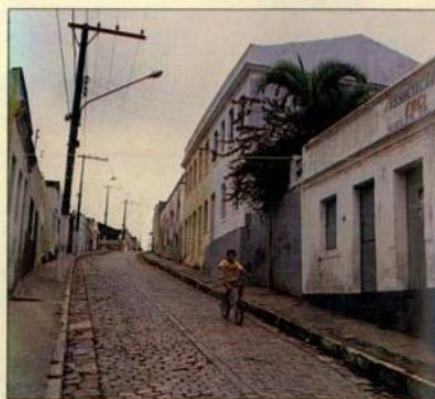
Reduzido ao seu aspecto monetário, o escândalo da LBA estaciona em torno dos 11 milhões de dólares. Colocado no plano da história da corrupção no Brasil, o escândalo é bem mais grave. A LBA existe para assistir a população carente, para minorar os sofrimentos dos milhões de pobres que existem pelo Brasil afora. Um dos Estados mais carentes é o de Alagoas, que só perde em miséria para o Piauí. Em Alagoas, uma das regiões mais pobres está em torno da cidadezinha sertaneja de Canapi, a 270 quilômetros de Maceió. Pois eis que a Legião confundiu carentes com parentes. Verbas milionárias da LBA não foram usadas para ajudar os carentes do Brasil, de Alagoas ou de Canapi. Elas foram parar nas mãos de membros da família Malta, a mais rica de Canapi. Os Malta de Rosane Malta. Os Malta, uma antiga e decadente oligarquia que, como cracas, está incrustada na máquina do empreguismo alagoano. A folha de pagamento de julho de Alagoas registra que 54 integrantes do clã Malta são funcionários públicos e muitos deles estão em situação irregular. Já a família Collor de Mello tem 21 membros empregados em Alagoas (veja quadro à pág.

29). “Se tudo sobre a LBA ficar comprovado, Rosane pode ser obrigada a devolver dinheiro aos cofres públicos”, afirma o jurista Ives Gandra Martins, de São Paulo. O escândalo da LBA, portanto, atinge o coração do governo, à medida que expõe as entranhas de uma malversação monstruosa. O escândalo corre para as questões políticas e públicas do Palácio do Planalto, e não para os problemas familiares e privados da Casa da Dinda.

Os números da LBA armazenados nos computadores da administração federal informam que em Canapi, terra natal de Rosane, um dos irmãos da primeira-dama, Pompilho de Alcantara Brandão Neto, recebeu 59 milhões de cruzeiros da entidade para fornecer água em carros-pipa no combate à seca. Pompilho tem uma empresa de caminhões, a Locadora Neto, mas sua frota não dispõe de nenhum carro-pipa capaz de entregar água. “Na época da seca, foi a prefeitura que fez esse trabalho, sozinha”, disse o prefeito de Canapi, Mauro Fernandes da Costa, ao repórter Laurindo Ferreira, da sucursal de VEJA no Recife. “Não houve ajuda de ninguém de fora e não recebemos nenhum tostão da LBA.” A prefeitura gastou 4 milhões de cruzeiros levando água para os lugares onde ela estava em falta — uma verba catorze vezes menor que a entregue a Pompilho pela LBA.

CASA FANTASMA — Em Mata Grande, outra cidade da região, a verba da água para a seca liberada

pela LBA foi de 35 milhões de cruzeiros. O dinheiro foi entregue à Construtora Malta, cuja especialidade é colocar residências de pé. A sede da empresa, que pertence a Esmeralda Malta Brandão, prima do pai da primeira-dama, está fechada. Hoje em dia, no lugar, instalou-se uma instituição de caridade chamada Associação Frei Damiano. Seu presidente é o filho de Esmeralda Eraldo Malta Brandão, atual secretário de Indústria e Comércio de Alagoas. Ninguém viu água e muito menos carros-pipa na Associação Frei Damiano. “O que nós fazemos é distribuir remédios para os necessitados”, informa Suami Malta, prima do secretário Eraldo. Ou seja, o dinheiro saiu da LBA mas não se transformou em água. Conti-





nuou existindo na forma de dinheiro enquanto a terra alagoana esturricava com a seca e os sertanejos padeciam com a falta d'água.

Uma cunhada de Rosane, Maria Auxiliadora Brandão, que administra a Associação Pró-Carente de Canapi, recebeu uma verba maior, de 110 milhões de cruzeiros. O destino era promover cursos profissionalizantes na região, formando mulheres em corte e costura e ensinando pequenos sitianteiros a criar cabras e extrair o leite. A verba foi liberada no final do ano passado, mas até hoje não se tem a menor idéia de onde foram parar as costureiras e os criadores de cabra. A associação funciona numa casa fantasma, que parece uma peça de cenário de Holly-

wood — em ruínas, o imóvel não tem uma parede e pode desabar de uma hora para outra. “Ninguém aqui conhece essa associação”, diz o prefeito Mauro da Costa. A enxurrada financeira que saiu dos cofres da LBA para os parentes da primeira-dama não passou por nenhum tipo de licitação. Isso não é ilegal. A legislação brasileira admite que em casos de “emergência” o governo assine cheques sem enfrentar a lentidão da burocracia de uma concorrência pública. O curioso é que, seis meses depois de o dinheiro ter sido liberado para atender a “emergência” da seca, ninguém viu a água da Locadora Neto, nem a da Construtora Malta, nem os apetrechos de corte e costura de Maria Auxiliadora Brandão.

Em Mata Grande, no entanto, sabe-se o que aconteceu com uma parte do dinheiro da LBA. Comprou-se um trator que na semana passada estava estacionado num terreno de Luís Brandão, tio de Rosane.

As operações da LBA tiveram ramificações em outros Estados. Entre dezembro e janeiro passados (justamente quando Geraldo Bulhões, o candidato apoiado por Rosane, aprumava a sua campanha no segundo turno das eleições estaduais), a LBA gastou 1,1 bilhão de cruzeiros (em valores de hoje) para comprar 235 639 cestas básicas para Alagoas. A mercadoria foi comprada de uma empresa chamada Cesta Trabalhador Alimentos, que fica na Zona Norte de São Paulo, a 2 500 quilômetros de Alagoas. Não houve concorrência porque era mais uma situação de “emergência”. Ocorre que, novamente segun-

do os computadores brasileiros, menos de 80 000 cestas foram efetivamente distribuídas. As 157 000 restantes acabaram sendo armazenadas. Haja emergência. A experiência de outros Estados nordestinos mostra que, de qualquer maneira, dificilmente se poderia distribuir o lote inteiro. Para entregar 400 000 cestas pelos seis Estados da região no ano passado, foi necessária a mobilização do Comando Militar do Nordeste, cujos soldados levaram quatro meses para concluir a tarefa. Outro dado é o verdadeiro banquete social que teria ocorrido em Alagoas caso a distribuição tivesse sido feita. Nos cálculos famélicos com que os órgãos públicos encaram as populações humildes, estima-se que cada cesta da LBA possa servir a uma família de cinco pessoas. Com 235 000 cestas na mão, a LBA teria alimentado 1,1 milhão de alagoanos num Estado com 2,5 milhões de habitantes. Alagoas é pobre, mas não precisa de tantas cestas básicas.

ASFALTO DE MARGARIDA — Há um complicador de natureza argentária nas cestas alagoanas da LBA. Cada cesta custou, há nove meses, 2 037 cruzeiros. Na semana passada, o mesmo cardápio modesto que a entidade ofereceu aos carentes de Alagoas — 1 quilo de leite em pó, 1 quilo de arroz, 1 de feijão, seis latas de sardinha, 1 quilo de farinha de mandioca e uma lata de óleo — podia ser adquirido no supermercado Sendas de São Paulo por 2 191 cruzeiros. Levando-se em conta a variação do IGP da Fundação Getúlio Vargas no período, a cesta da LBA saiu por 4 500 cruzeiros em dinheiro de hoje. A entidade de Rosane Collor desenvolveu uma técnica muito especial para fazer compras. Foi a atacatistas



A LBA deu 35 milhões à Construtora Malta para distribuição de água. Dali, onde funciona uma entidade do primo Eraldo Brandão, nunca saiu um carro-pipa



Vitório Malta, deputado, cunhado e primo de Rosane, usa um assessor da LBA como segurança em sua nova casa em Maceió, que construiu durante a campanha do ano passado. Antes, morava num apartamento de classe média

que ofereciam um preço duas vezes maior do que um varejista — quando qualquer dona de casa sabe que, no mundo das coisas normais, sempre ocorre o contrário. Haja carência.

Em Maceió, o auxílio da LBA à família de Rosane Malta Collor talvez tenha proporcionado momentos felizes a sua família. Seu primo Vitório Malta foi eleito deputado federal e acaba de trocar o apartamento de classe média em que vivia por um casarão com jardim, terraços de inverno e verão, piscina, garagem para quatro carros e seguranças armados com espingardas calibre 12. Entre eles há um funcionário da LBA em Alagoas, Delfino da Silva Neto, que protege os parentes de Rosane que moram do lado de dentro da casa dos carentes que ficam fora. O fazendeiro João Alvino e sua mulher, Rosita, pais de Rosane, compraram há pouco uma residência de dois andares em Maceió, com piscina e churrasqueira, cuja segurança é montada por PM. Na frente, o asfalto é novo. Uma placa informa que as obras de infra-estrutura e pavimentação da Avenida Nelson Marinho de Araújo, onde vivem os pais da primeira-dama, contaram com o apoio do Ministério da Ação Social da alagoana Margarida Procópio. Quando se desloca de Maceió para a fazenda de Canapi, João Alvino usa uma Marajó branca, ano 1989, placa BR-2171, de Brasília. No Detran da capital federal, informa-se que o automóvel pertence à LBA.

MARAJÁS EM FAMÍLIA — Os laços da LBA de Rosane com a sua família em Alagoas servem de emblema máximo para uma situação que se perpetua há décadas no Estado. O irmão Pompilho, o tio Luís, o primo Eraldo e o pai, João Alvino, fazendeiro com 1 000 hectares de terra e 500 cabeças de gado num Estado onde o agricultor que possui a décima parte disso já se considera um abençoado, não são os únicos Malta encostados na máquina dos poderes públicos. Descendentes de uma oligarquia que teve seu apogeu antes da Revolução de 1930, Rosane e seus familiares têm uma rotina de ativos fregueses das verbas públicas. Entre janeiro e outubro do ano passado, segundo os números da administração pública em Brasília, a LBA alagoana gastou uma verba equivalente a 1 milhão de dólares no Estado. De outubro a janeiro de

1991, quando se realizaram os dois turnos da eleição para governador, torraram-se 10 milhões de dólares. Terminado o pleito, ganhou Bulhões, que é casado com uma prima de Rosane, Denilma. A primeira-dama instalou dois primos como deputados na Assembleia Legislativa e levou um terceiro para a Câmara de Deputados. Filho de um senador que construiu um império de comunicações na década de 60, o presidente Fernando Collor de Mello vem de linhagem diferente. Em matéria de



Luiz Mário, que sabe do relatório da SAE sobre a LBA: "furado"

Os marajás de Alagoas em Brasília

O candidato Fernando Collor começou a riscar o mapa de acesso ao Palácio do Planalto quando descobriu no governo de Alagoas que a guerra contra os marajás era uma mina em termos de impacto político-eleitoral. Já o Collor presidente se faz acompanhar em Brasília por dois marajás vindos de Alagoas. Um é Cláudio Francisco Vieira, o secretário particular da Presidência da República e responsável pelas verbas publicitárias do governo. O outro é uma outra — a marani Margarida Procópio, ministra da Ação Social. Eles trabalham em Brasília, recebem como funcionários federais, mas todos os meses suplementam o bolso com salários pagos pela população de Alagoas através de seus impostos.

Margarida Procópio recebe 1,35 milhão de cruzeiros como assistente social aposentada do Departamento de Estradas e Rodagem de Alagoas, o DER. Ela acumula essa aposentadoria com o salário de ministra, de no mínimo 500 000 cruzeiros. Enquanto no Emendão o governo propõe o fim da aposentadoria por tempo de serviço, Margarida se aposentou com dez anos de trabalho no DER. A aposentadoria da ministra, ocorrida em 1987, não é ilegal. Em Alagoas, uma lei não revogada por Collor quando foi governador permite que, depois de exercer o cargo de secretário de Estado por seis meses, os funcionários públicos possam se aposentar com base nos últimos salários, os mais altos. Foi o que ocorreu com Margarida Procópio, que trabalhou no DER e se aposentou com o salário de secretária estadual da Casa Civil de Alagoas. Marajá, na definição do Collor candidato, é exatamente isso — o funcionário cujo salário é fruto de artimanhas legais, acumulações imorais e vantagens das quais o trabalhador comum jamais souhou desfrutar.

Em agosto a ministra recebeu 696 206 cruzeiros de aposentadoria. Para se chegar ao 1,35 milhão, ela recebe mais 465 463 cruzeiros de auxílio-moradia e 188 969 cruzeiros de ajuda-transporte. O auxílio-moradia vai para uma ministra que mora num apartamento funcional em Brasília e



OSWALDO BRITO

LOTE - 204 - POSSEÍDORA L/REC ESTADO 1.642 800/91 61.623 1

1 102 31 81 01 MARGARIDA MARSA NATA PROCÓPIO 2 5 1 2

SP/01 042 02847 08752236-91 005837 00 0300 0300 0000000000

P 018 1	92.427,54	999	5501-14-07-001-2-001	CARGO COM NATIVO	82.827,04
P 018 1	400.137,70	999	5501-14-07-001-2-001	GRAT DESPES NATIVO	554.965,24
P 028 1	130.241,31	999	5501-14-07-001-2-001	VANTAG DESPES NATIVO	554.965,24
P 149 1	130.241,31	999	5501-14-07-001-2-001	AJUDA FRANKFURT	554.965,24
P 149 1	24.864,00	000	5501-14-07-001-2-001	AJUDA FRANKFURT	554.965,24
P 191 1	148.187,00	001	5501-14-07-001-2-001	AJUDA MORADIA	1.200.437,63
P 191 1	148.187,00	001	5501-14-07-001-2-001	AJUDA MORADIA	1.200.437,63
P 999 0	207.459,87	001		IMPOSTO DE RENDA	1.200.437,63

.00 1.350.438,13 285.459,87 1.064.978,26

A ministra Margarida Procópio e seu contracheque de agosto: aposentadoria com dez anos de serviço em Alagoas e auxílio-transporte junto com carro oficial em Brasília

não paga um tostão de aluguel. Os 188 000 cruzeiros pagos a título de ajuda-transporte são calculados sobre o preço da passagem de ônibus em Maceió. Com esse dinheiro, a ministra poderia pagar quase 2 000 passagens entre sua casa na capital alagoana e a sede do DER. Em Brasília a ministra não anda de ônibus — desloca-se a bordo de um carro oficial com motorista.

Na semana passada, Margarida Procópio foi procurada por Mario Simas, de VEJA, durante sua visita a São Paulo, quando acompanhava o presidente Fernando Collor. A ministra esclareceu que recebe uma pensão cujo valor é indexado ao aumento das passagens de transporte coletivo em Maceió, e ainda sofre reajustes retroativos. São duas fórmulas de cálculos salariais que o governo abomina em suas negociações com as centrais sindicais e o Congresso. A seguir, a ministra faz uma avaliação cândida do seu marajano:

VEJA — A senhora recebe regularmente como aposentada do governo de Alagoas?
MARGARIDA — Sim, como todos os

secretários daquele governo que estão aposentados.

VEJA — Um secretário aposentado precisa receber auxílio-transporte em Alagoas para ir ao trabalho em Brasília?

MARGARIDA — O decreto diz que todo secretário aposentado recebe o salário e também os benefícios que o cargo garante. Recebo auxílio-moradia e ajuda-transporte todos os meses. Tudo o que recebo é legal.

VEJA — É moral?

MARGARIDA — Está tudo no decreto.

A situação do marajá Cláudio Vieira, o secretário particular da Presidência, é diferente. Segundo a Portaria nº 398 do Diário Oficial de Alagoas, publicada em 6 de junho do ano passado, ele está cedido ao governo federal com ônus para a Secretaria de Educação de Alagoas, onde é professor de 1º grau. Em agosto, o professor Cláudio Vieira recebeu 75 277 cruzeiros brutos. Ainda em agosto, outro salário parou no seu bolso. Desta vez, foram 870 717 cruzeiros pagos ao procurador do Estado Cláudio Vieira, incluindo

120 000 cruzeiros de ajuda-transporte e 145 000 de auxílio-moradia, embora também se movimente em Brasília com carro oficial e motorista. Além disso, a título de gratificação, o secretário de Collor recebe 340 000 cruzeiros por seus serviços no Planalto, soma que equivale a 55% do ordenado do cargo. Cláudio Vieira abriu mão exatamente de 45% de seu salário de secretário. Somando tudo, ele recebe 1,3 milhão de cruzeiros brutos. Vieira não ocupa apartamento funcional. Está instalado numa mansão no Lago Norte, vizinho à Casa da Dinda.

O professor e procurador reunidos numa pessoa só atentam contra a lei. Legalmente, um procurador do Estado de Alagoas não pode receber dois salários públicos. "O único emprego público que podemos acumular é o de professor de Direito numa universidade", explica o procurador-geral de Alagoas, Eraldo Bulhões Barros, irmão do governador Geraldo Bulhões e superior hierárquico de Cláudio Vieira.

"Eu não sei se recebo auxílio-moradia e ajuda-transporte. Se tiver direito a isso, vou mandar buscar o dinheiro em Alagoas", disse Cláudio Vieira na sexta-feira passada a VEJA. Poucas horas depois, numa segunda conversa, Vieira admitiu que recebia os dois benefícios. "É um dinheiro que todos os procuradores recebem e não tenho motivo para abrir mão", disse.

Cláudio Vieira sabe que pelas leis de Alagoas não pode ser procurador do Estado e professor ao mesmo tempo, mas escuda-se na Constituição federal para ficar com os dois empregos. "O artigo 37 permite que professores tenham duplo emprego no serviço público", afirma. A situação do secretário do presidente também é irregular pelo Decreto nº 34 885, publicado em Alagoas em março passado, que obriga os servidores cedidos ao governo federal a optar por um salário. Cláudio Vieira, em vez de fazer a opção, preferiu ficar com os dois — além do salário de secretário de Collor.



MARIO DE SOUZA

LOTE - 09 - PROC GERAL DO ESTADO A. n. 400/91 17.331 3

1 100 00 01 01 CLAUDIO FRANCISCO VIEIRA 1 1 1 2

GR/01 100 091287 15705074-91 000190 00 0174 01214 0000000000

E 0000 00 2 0081 00

P 101 1	0 100	80.561,00	999	1204-02-04-014-2-043	VENZUELO F100	
P 176 1	0 300	402.809,00	999	1204-02-04-014-2-043	RESPALDAMENTO	80.561,00
P 100 1	0 075	130.814,50	999	1204-02-04-014-2-043	AJUDA FRANKFURT	463.368,00
P 100 1	0 075	130.814,50	999	1204-02-04-014-2-043	MUNICIPIO	463.368,00
P 194 1	0 002	143.000,00	999	1204-02-04-014-2-043	AJUDA MORADIA	463.368,00
P 194 1	0 002	638,32	000	1204-02-04-014-2-043	SALARIO FAMILIA EST.	
P 116 1	0 000	1.111,20	999		651 PROJE AL-CONTINUI	870.058,80
P 116 1	0 000	11.078,14	001		651 PROJE AL-CONTINUI	870.058,80
P 999 0	0 003	68.604,70	000		IMPOSTO DE RENDA	890.454,10
P 999 0	0 003	100.413,02	001		IMPOSTO DE RENDA	847.669,34

.00 870.717,02 203.107,98 647.609,04

LOTE - 09 - SEMCO-INSTITUIÇÕES PART. 18.007 800/91 10.174 0

1 100 18 07 01 CLAUDIO FRANCISCO VIEIRA 1 1 1 2

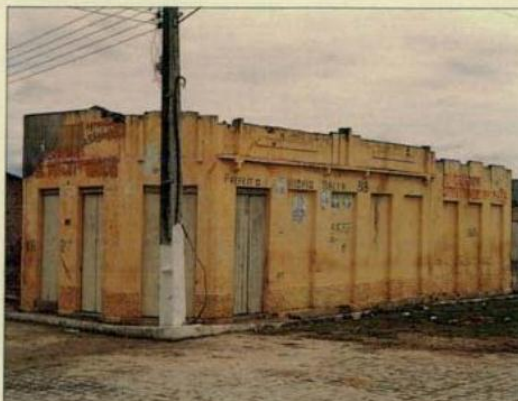
GR/01 002 03067 15705074-91 010190 00 0324 03204 1000146091

P 006 1	0 000	20.000,00	999	0000-00-00-000-0-000	SEMO SALARIAL	
P 101 1	0 302	27.430,67	999	1404-08-07-021-2-085	VENZUELO F100	27.430,67
P 121 1	0 100	27.430,67	999	1404-08-07-021-2-085	COMP. CAROL MORAES	
P 345 1	0 000	930,00	999		100 VIDA M BRASILE	55.277,34
P 999 0	0 000	1.442,18	001		PRECATORIO CONTRIBUICAO	55.277,34

.00 75.277,34 5.258,19 68.019,14

Cláudio Vieira e dois de seus contracheques de agosto: salário de procurador e professor em Alagoas e gratificação como secretário de Collor no Planalto

Propriedade de uma cunhada da primeira-dama, a Associação Pró-Carente foi a mais beneficiada: recebeu 110 milhões, para estimular a "criação de empregos" em Canapi. A entidade, fundada em 1990 por uma cunhada de Rosane, não tem alvará da prefeitura. No endereço onde deveria funcionar, existe apenas uma casa velha, abandonada há dez anos, que está caindo



Collor e líder do PRN na Câmara, tem 32 parentes em primeiro e segundo graus pendurados no Estado. Adversário paroquial do presidente em Alagoas, o senador Divaldo Suruagy tem trinta parentes em primeiro grau na folha do governo. Honra seja feita, no entanto, a alguns alagoanos de truz. É o caso do porta-voz Claudio Humberto Rosa e Silva. Ele não tem nenhum parente empregado em Alagoas e fez questão de exonerar-se do cargo de técnico legislativo da Assembléia de Alagoas, onde trabalhava desde 1982, antes de virar porta-voz do então governador Collor. É uma postura oposta à da ministra Margarida Procópio e do secretário de Collor em Brasília, Cláudio Vieira. Ambos ainda recebem contracheques alagoanos (veja quadro à pág. 66).

postos no governo, no entanto, ambos têm uma postura semelhante.

Na folha de pagamento do Estado em julho existem 158 pessoas com o sobrenome Malta, das quais 54 são parentes em primeiro, segundo e terceiro graus da primeira-dama. Só na Assembléia Legislativa existem 28 parentes de Rosane, inclusive sua irmã Rosânia, casada com o primo e deputado Vitório Malta, e que vive em Brasília. O cabide do presidente é mais modesto. São 21 parentes. Collor, nesse aspecto, deu preferência à diplomacia. Colocou em Brasília seu cunhado Marcos Coimbra, que faz as vezes de chanceler e secretário-geral da Presidência, e arrancou seu tio Lindolfo Leopoldo Collor, um ex-

analista de campo externo do SNI entre 1973 e 1976, que andava mofando na embaixada do Senegal, para levá-lo à Espanha como embaixador em meio à efervescência da movida madrilenha. O próprio SNI deixou vaziar que Lindolfo Leopoldo militou nos seus quadros.

Em Alagoas, os parentes do casal presidencial formam duas famílias bem empregadas. No ramo Malta, um possui três empregos, quatro possuem dois e 49 têm um. No ramo Collor de Mello, quatro têm dois empregos e 17 têm um. Não se trata, é verdade, de uma invenção exclusiva das duas famílias, mas de uma postura sistemática de boa parte das famílias alagoanas de renome. O deputado Cleto Falcão, amigo de

nos (veja quadro à pág. 66).

Essas distorções servem de alicerce para um empreguismo generalizado. Dos 97 prefeitos alagoanos, trinta vivem com dois salários — o de prefeito e o de funcionário público. Do empreguismo se chega ao absurdo: na Assembléia em Maceió existem 3 530 funcionários na folha de pagamento para atender 27 deputados. É um verdadeiro exército quando se sabe que, na Câmara em Brasília, que não é nenhum modelo de austeridade, há 4 000 funcionários para 503 deputados. São Paulo, o Estado mais rico do país, tem em média um funcionário público para cada cinqüenta habitantes. Em Alagoas, o segundo menor Estado do Brasil, há um servidor para cada 33 habitantes.

Na Cesta do Trabalhador, uma empresa de São Paulo, a LBA adquiriu 235 000 cestas básicas por 1,1 bilhão de cruzeiros. Os produtos, em quantidade suficiente para atender metade da população de Alagoas, foram comprados sem licitação devido à "necessidade urgente". Até hoje, porém, apenas 78 000 cestas foram entregues aos carentes. A Cesta do Trabalhador está fechada há um mês



ESTRELAS FEDERAIS — Para pagar seus 78 000 funcionários, o governo alagoano gasta 8,6 bilhões de cruzeiros por mês, e sua receita é de 8,7 bilhões. O que sobra, 100 milhões de cruzeiros, para passar o mês, pagar dívidas e investir, é menos do que a primeira-dama enviou à associação fantasma de sua cunhada Maria Auxiliadora, em Canapi. "Não dá para governar assim, pois ficamos pagando a marajás com duplo emprego no Estado ou que acumulam com o governo federal", reclama o governador Geraldo Bulhões, outro dos contraparentes de Rosane que vêm se afastando da primeira-dama em função do mar de lama que inundou a LBA. A lama também fez com que o porta-voz Claudio Hum-

berto substituiu o seu veloz bateu-levou por um lerdo bateu-vamos-deixar-para-ver-se-essa-confusão-infernal-desaparece-por-encanto. Ele atuou no episódio com uma velocidade de embaixador da União Soviética depois do golpe de Lanaiev. Só na quarta-feira Claudio Humberto rompeu a atitude silenciosa que mantinha desde que as primeiras denúncias vieram a público. "O governo manifesta a mais profunda indignação com relação a essa campanha sórdida movida contra a primeira-dama", disse Cláudio Humberto. Na quinta-feira, *O Globo* publicou em primeira página uma charge de Chico Caruso, o cartunista do jornal, em que Rosane aparece vestindo um tailleur de presidiária. "É mais uma manifestação de crueldade", reclamou Cláudio Humberto. No raciocínio do porta-voz, a divulgação dos números oficiais da LBA de Rosane faz parte de uma campanha sórdida do PT.

"O único responsável pela LBA é Collor, que nomeou Rosane e, lamentavelmente, agora se esconde atrás de sua mulher", afirma o deputado José Dirceu, do PT paulista, que iniciou um levantamento de denúncias sobre a LBA em todo o país. Dirceu pretende formar uma CPI para se discutirem os escândalos que envolvem a LBA e anuncia que a primeira-dama pode ser chamada para depor. O argumento do deputado tem uma lógica cristalina. Nada mais natural, quando se constata a existência de irregularidades na administração pú-



Caruso, em *O Globo*: presidiária

blica, que se convoque seu responsável para prestar esclarecimentos ao Congresso.

Outros parlamentares julgam que essa proposição pode ser um palito de fósforo capaz de acender um incêndio. Eles temem que se repita, no Brasil de 1991, uma situação semelhante a que envolveu Getúlio Vargas em 1954. Nas investigações sobre o atentado contra seu principal adversário, o então deputado Carlos Lacerda, dois parentes do presidente foram chamados a depor no IPM do Galeão. Seu filho Lutero compareceu. Antes que chegasse a vez de Benjamin, irmão de Getúlio, ocorreu o tiro no peito de 25 de agosto. Impera no Congresso a convicção de que o país de 1991 é bem diferente do de 1954. A economia vai bem pior, mas o clima político é outro. Não existe uma voz apocalíptica como a de Carlos Lacerda denunciando o poder. Nem os comandantes militares que conspiram contra o presidente da República. Não há como negar, no entanto, que a aparição da primeira-dama Rosane Collor para depor no Congresso, por mais lógica que possa parecer, poderia se transformar num desses acontecimentos que sempre se sabe como começam e nunca se sabe como terminam. Contra esse argumento, contudo, há uma constatação ruim. Caso o Congresso opte por deixar Rosane longe do furacão, estará mais uma vez passando uma agradável borracha em denúncias que escandalizam o país. ■

Os caminhos do computador

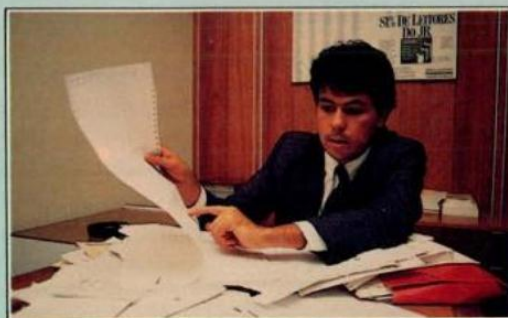
As reportagens publicadas pelo *Jornal do Brasil* sobre os escândalos da LBA não foram feitas com base em indiscrições da equipe ou dos amigos de Collor. Tampouco foram passadas ao jornal por uma pessoa ligada ao presidente. Elas são o resultado de um exaustivo trabalho do jornalista Mário Rosa. Há um mês, Rosa, de 26 anos, conseguiu com amigos na máquina federal os códigos de computador que dão acesso à contabilidade da LBA. As contas ficam no Sistema Integrado de Administração Financeira, o Siafi, que registra dados sobre gastos do governo. O Siafi tem vários níveis de informação

classificados de acordo com o grau de precisão — e o mais alto é o nível 9, aquele em que as contas do governo estão listadas com minúcias e ao qual tem acesso apenas um

seleto grupo de vinte burocratas no país inteiro. Rosa já tinha acesso ao Siafi mas só há duas semanas obteve a senha secreta de acesso ao nível 9. Utilizando o microcomputador do gabinete do senador Eduardo Suplicy, do PT, analisou as

compras da LBA de Alagoas em 1990 e 1991 relacionadas no nível 9.

O repórter passou oito dias mergulhado nos empenhos da LBA. "O que primeiro me chamou a atenção foi o pagamento de 35 milhões de cruzeiros à Construtora Malta", conta ele. O jornalista embarcou então para Alagoas. Lá, confrontou todos os dados do computador com a realidade e descobriu a sucessão de empresas fantasmas de parentes da primeira-dama. Voltou para o Rio de Janeiro e escreveu sua reportagem no domingo. No dia seguinte, o *JB* trazia o escândalo na primeira página. "A reportagem revela algo que teria de ser público, mas não é", diz Mário Rosa.



Mário Rosa: "Isso deveria ser público, mas não é"



A família Collor em revista

Por um triz a primeira-dama, **Rosane Collor**, 25 anos, não pôde ir à posse do marido com seu discreto tailleur azul-marinho com detalhes dourados na frente. O vestido, confeccionado pela loja paulista Daslu, uma das mais exclusivas da cidade, custou cerca de 50 000 cruzados novos. Se Rosane tivesse deixado para pagá-lo depois do dia 15, teria dificuldades em conseguir o dinheiro vivo, já que esse é o limite estabelecido pelo programa econômico do presidente Collor para a retirada bancária. Mas Rosane foi à festa e fez bonito com sua elegância sóbria — o mesmo estilo com que aparecerá nas páginas da revista *Manequim*, em sua edição de abril. Durante três horas no início do mês, ela posou para o fotógrafo Ênio Berwanger na sala de estar da Casa da Dinda, a residência oficial dos Collor de Mello, que se transformou num estúdio profissional, com holofotes, flashes e tripés. Vestiu de tudo para a sessão fotográfica até chegar à versão final: lamê dourado, fúcsia, um escarpim clássico e, é claro, o infalível tailleur. "Rosane sabe muito bem onde colocar as mãos durante as fotos, o que demonstra que ela traz a formação social sólida da tradicional família Malta, de Alagoas", afirma Nina Iughetti, diretora de redação da revista *Manequim*, a principal responsável pela edição inédita que colocou uma primeira-dama em sua capa com exclusividade. O charme que Rosane exhibe nas

Rosane na *Manequim*, na posse (ao alto, à esq.) e posando na Casa da Dinda

GENTE

páginas da revista faz jus ao marido, unanimemente considerado um homem que sabe se vestir. Mas não foi exatamente a elegância do presidente brasileiro que interessou à revista americana *People*, em que brilham artistas de Hollywood e socialites. A *People* pretende incluir Fernando Collor numa reportagem peculiar: a lista dos cinquenta homens mais sexy de todo o mundo.

Um novo nome para Quayle

Nem o exército de 88 seguranças que o vice-presidente dos Estados Unidos, **Dan Quayle**, 43 anos, trouxe ao Brasil conseguiu livrá-lo das gafes habituais. Acompanhado da mulher, Marilyn, ele visitou a Escola Americana — e ouviu o hino brasileiro postado diante da bandeira dos Estados Unidos, num atentado ao protocolo. Também se arriscou a jogar basquete com os alunos do colégio — mas só conseguiu marcar uma cesta. Quayle não co-

Palavras ao vento

"Que nada, senta aí. Dane-se o protocolo." Fernando Collor de Mello ao senador Fernando Henrique Cardoso na ante-sala do Congresso, momentos antes da posse

"Homem inteligente no Brasil, fora meu marido, não conheço nenhum." Rosane Collor

"Eu não agüento mais apertar a mão de ninguém. A minha já está vermelha." ministro Ozires Silva, ao final da jornada de 15 de março

BRASIL

Turbulência no casal presidencial

Collor tira a aliança, faz uma descortesia com Rosane e exhibe suas dificuldades domésticas

Cenas de um Casamento em Crise foi a novela levada ao ar na semana passada pelo Palácio do Planalto. O presidente Fernando Collor fez questão de exibir sua mão esquerda sem aliança para os fotógrafos, tratou a primeira-dama com descortesia na segunda-feira, recusando-lhe um cumprimento, e ostentou uma carranca mal-humorada quando colocado ao seu lado. Rosane, por sua vez, continuou usando aliança, teimou em permanecer na presidência da Legião Brasileira de Assistência e, suprema astúcia feminina, disse "a mim não me importa" quando a atriz mexicana Gabriela Rivero (a professora Helena de *Carrossel*) explicou que estava apenas brincando ao dizer que Collor era "um gato" e que desceria a rampa do Planalto de minissaia. Depois desse carrossel de emoções, desses arrufos de ciúme, um Collor ainda sem aliança e uma Rosane de aliança trocaram a Casa da Dinda para passar a noite de sexta-feira no Palácio da Alvorada. A sós. Na mesma noite, amigos do casal garantiam que o capítulo final da novela planaltina estava próximo e transcorreria da seguinte maneira: o galã se reconciliaria com a mocinha, que abandonaria a direção da LBA, e tudo voltaria ao que era antes na Casa da Dinda. Só não garantem que serão felizes para sempre.

A primeira vez que Collor apareceu em público sem a aliança foi em Maringá, na sexta-feira dia 2 de agosto, quando

subiu num palanque ao lado do governador do Paraná, Roberto Requião. Ninguém reparou. Uma semana depois, numa cerimônia no Planalto, Collor fez um gesto típico para chamar a atenção de fotógrafos e cinegrafistas de plantão, passando três dedos da mão direita sobre o dedo anular (o chamado seu-vizinho) da mão esquerda. Foi assim que o país tomou conhecimento que o casal presidencial estava em crise. Collor é o primeiro divorciado que chegou a presidente do Brasil. Já se viu muita coisa nos casais que habitaram Brasília, mas esta foi a primeira vez que um presidente alardeou em público os transtornos que enfrenta dentro de casa. Por iniciativa do presidente, a imprensa foi levada a cobrir um assunto familiar com a mesma tenacidade com que apura a fritura de um ministro. O Brasil inteiro foi varrido por uma onda selvagem de fofocas (boa parte delas espalhada por aliados de Collor ou Rosane) e por uma divertida vaga de piadas.



O teatro das mãos na segunda-feira: Rosane...





Uma das melhores é do humorista Luis Fernando Veríssimo, contada no *Estado de S. Paulo* de sábado passado: "Claudio Humberto reúne a imprensa para dizer que Fernando vai falar sobre as alianças, mas nada dirá sobre a situação política e a crise econômica do país porque sua vida privada não é da conta de ninguém".

RECADOS — Collor tem um modus operandi particular para mandar recados políticos. Quando quer prestigiar um ministro, convida-o para descer a rampa do Planalto, como fez com Zélia e Ozires Silva em outros tempos. Os dois acabaram despachados de seus cargos. Se deseja fritar um ministro, o presidente faz cobranças em público, como aconteceu com Magri, que acabou ficando no cargo. Collor construiu a imagem de presidente jovem e dinâmico andando de jet-ski e praticando dúzias de esportes. Quando sente necessidade de explicar alguma coisa, como o significado do aquilo roxo, ou que é preciso paciência, veste uma camiseta palavrosa. Quando quer dar uma de intelectual, carrega livros debaixo do braço. Quando quer agradar às Forças Armadas e aos ecologistas, fantasia-se de Rambo e passeia na selva. Essa mesma tecnologia imagética utilizada em assuntos de governo foi mobilizada para tratar de um caso público-privado: para fritar a presidente da LBA, Collor colocou Rosane na frigideira.

O presidente submeteu Rosane a um tratamento descortês diante de 500 convidados — autoridades, amigos e bajuladores — que compareceram a sua festa de aniversário, no Palácio do Planalto, na segunda-feira. Ao final da cerimônia, Rosane estendeu a mão para cumprimentá-lo. Collor não respondeu ao gesto, e a primeira-dama ficou com a mão parada no ar. A cena foi rápida, menos de dois segundos, e não foi registrada por nenhum fotógrafo presente. Mas durou tempo suficiente para constranger quem a assistiu — e quem a assistiu foi quase o

país inteiro, no *Jornal Nacional* daquela noite. Se Collor recusasse o cumprimento de um garçom já chamaria a atenção. Ao humilhar sua mulher em público cometeu uma indelicadeza sem paralelo na história do Planalto. No dia seguinte, colocando-se no papel de autoridade querendo fugir da frigideira presidencial, a primeira-dama convocou uma entrevista coletiva na qual agitou sua mão esquerda com a aliança no lugar certo. Para facilitar o trabalho dos fotógrafos, coçou o nariz em duas oportunidades e acertou o penteado em três ocasiões — sempre com a mão esquerda.

A confusão matrimonial de Collor e Rosane tem aspectos idênticos à dos casais comuns, mas também guarda um embrulho político, a presidência de um órgão chamado Legião Brasileira de Assistência, a LBA, que tem um orçamento de 1 bilhão de dólares por ano e emprega 9 400 funcionários. Temeroso de expor desnecessariamente sua mulher à nuvem de denúncias que envolve a LBA, o presidente insistiu durante mais de um mês para que ela se afastasse de qualquer função executiva no órgão, reservando-se apenas para os cargos honoríficos. Rosane resistiu o quanto pôde, até que, no fim da semana passada, dava-se como certo no Planalto que renunciará ao posto dentro em breve. "Deixo o cargo, mas não perco meu marido", disse a primeira-dama a uma auxiliar.

APAIXONADO — Embora tenham caprichado na ginástica visual, Collor e Rosane mantiveram silêncio verbal a respeito do assunto. "De minha vida particular eu não falo", disse a primeira-dama na coletiva do teatro da aliança. No domingo dia 11, numa entrevista logo depois de correr 5 quilômetros em Brasília, os jornalistas perguntaram a Collor por que não estava usando aliança. "Permito-me não tratar desse assunto, que é estritamente pessoal, íntimo e, portanto, não interessa a ninguém, a não ser a mim", respondeu Collor. A dificuldade do raciocínio presidencial é justamente a bendita aliança. Os sentimentos e intimidades de um casal são obviamente assuntos de natureza privada. A aliança, não. É uma convenção social que serve para indicar se uma pessoa é solteira, noiva ou casada. O cidadão que desde o casamento andava com a aliança na mão esquerda e de repente resolve deixá-la em casa está informando que não se considera mais casado. É como acontece com diversas tribos indígenas



...casada, Collor ríspido e solteiro

em que o morubixaba tem direito a usar um cocar mais enfeitado do que um guerreiro comum. No dia em que ele abandona esse adereço não está tomando uma decisão pessoal — mas renunciando ao posto.

“É uma briga de casal, nada mais que isso”, afirma João Alvinho Malta Brandão, pai da primeira-dama, que foi até Brasília com a mulher para fazer companhia a Rosane. “É evidente que eles estão em crise”, informa a atriz Cláudia Raia, uma velha amiga do casal presidencial. “Pode ser a famosa crise dos sete anos, que todo mundo sabe que é dramática”, acrescenta Cláudia. No início da semana passada, o empresário Paulo César Farias, o PC Farias, amigo de Collor e caixa de sua campanha, disse a um interlocutor que “a briga é para valer e as chances de um retorno são muito pequenas”. Já o presidente disse a um amigo que está “apaixonado”. O presidente não esclareceu ao amigo por quem alimenta tão belo sentimento, mas não parecia ser por Rosane.

IRRITAÇÃO — Na terça-feira, Rosane tomou uma dessas providências extremas, típicas de quem está em grandes dificuldades. Convocou até Brasília uma religiosa chamada Cecília Mendonça, integrante do Movimento de Renovação Carismática, que se abriga no interior da Igreja Católica e acredita na auto-sugestão, na predestina-



A primeira-dama na praia, de biquini: traje impróprio para o cargo

ção e na produção de milagres através de orações. No calor da campanha presidencial, “Cecília de Arapiraca”, como é conhecida, foi uma daquelas personalidades que asseguraram a Collor ter tido uma visão na qual ele aparecia como uma pessoa escolhida por forças divinas para chegar ao Planalto e que não deveria abandonar a corrida em nenhum momento. Depois da vitória dona Cecília ganhou um emprego na LBA de Alagoas e, na semana passada, partiu em socorro da primeira-dama. A audiência de ambas durou três horas. “Foi dona Rosane quem chamou

Cecília”, afirma José Jesualdo de Souza da Silva, irmão da carismática.

Existem sinais de que o casamento de Collor e Rosane não explodiu de uma hora para outra. Durante a visita presidencial a Estocolmo, em junho, Collor e Rosane caminhavam lado a lado, acompanhando uma amostra de artistas brasileiros. O presidente fazia alguns comentários e a primeira-dama ficava em silêncio. A determinada altura, quando observavam um tríptico, Rosane fez uma observação: “Fernando, olha que quadro bonito”. Collor respondeu na mesma hora, num tom que

Uma dama de briga

Descendente de uma linhagem de oligarcas alagoanos, Rosane Collor não está no governo para brincadeiras. Ela quer poder. Desde que desembarcou em Brasília, a primeira-dama brigou para ficar na presidência da LBA, fez nomeações polémicas, abriu fissuras políticas e trombou até com ministros. Na guerra, perdeu algumas batalhas e ganhou outras. Alguns exemplos:



Rosane nunca se conformou em ser subordinada a Margarida Procópio. No prédio do Ministério da Ação Social, a ministra ofereceu um andar à LBA. Rosane tomou três



A primeira-dama não queria Zélia no governo. Deu um ultimato a Collor, um ultimato do tipo “ou ela ou eu”. “Ela” venceu. A popularidade e o prestígio de Zélia nos áureos tempos incomodavam Rosane



O envolvimento de Rosane na eleição de Alagoas aprofundou os atritos entre Collor e Renan Calheiros e provocou um rompimento drástico e uma reaproximação difícil



Na audiência com Winnie Mandela: problema com a saia curta e justa

chamou a atenção pela irritação: "Você não está vendo que esse quadro faz parte de uma seqüência de três, que ele não pode ser avaliado em separado?" Rompendo um velho costume, em 12 de junho os dois passaram o Dia dos Namorados em locais distantes. Instruídos pelo sistema de propaganda do Planalto, os jornais chegaram a noticiar que o casal presidencial iria se encontrar num jantar à luz de velas, mas à última hora Rosane tomou o avião para o Rio de Janeiro, onde foi lançar um projeto de 60 000 casas populares na Baixada Fluminense.

Há quinze dias, Collor foi passar o fim de semana em Fernando de Noronha junto com Joaquim Pedro e Arnon, os dois filhos de seu primeiro casamento, com a socialite carioca Lilibeth Monteiro de Carvalho. Tomou o avião no norte do Paraná, onde estava em visita, passou por Brasília para fazer uma escala — mas nem apareceu na Casa da Dinda e foi descansar longe da mulher. O presidente passou o Dia dos Pais na Casa da Dinda, novamente em companhia dos filhos, e Rosane não apareceu. No sábado dia 10, compareceu a uma feijoada na casa do deputado Cleto Falcão,

na qual havia três mulheres presentes. Cristina, a dona da casa, Valeria Leão, que decorou a residência, e a apresentadora Marília Gabriela, da Rede Bandeirantes. A decoradora compareceu como convidada dos anfitriões. Marília Gabriela foi incluída na lista de convidados por determinação de Collor. O presidente passou boa parte do tempo conversando sobre música, se disse um fã do tenor Luciano Pavarotti e também se distraiu contando e ouvindo velhas histórias políticas. "O presidente estava tranqüilo e não falou em crise conjugal", conta Marília Gabriela.

Além da LBA, amigos de Collor identificam outros pontos que provocariam atritos entre o casal. A primeira mulher dele, Lilibeth, é um deles. Os dois tiveram uma separação tumultuada, mas hoje mantêm

uma convivência amigável. Lilibeth e Collor se encontram com freqüência, e, há mais de duas semanas, ela foi vista tomando o elevador privativo do Palácio do Planalto. Como costuma ocorrer com boa parte das mulheres que recrutaram um marido descasado, Rosane sente ciúmes e nem sempre fica à vontade com o desembaraço de Lilibeth junto à família de Collor. Em parte, isso é uma decorrência de uma disparidade biográfica. Além de ser herdeira de uma das maiores potências econômicas do país, o grupo Monteiro Aranha, Lilibeth é uma mulher viajada,



Os cunhados Leopoldo e Regina Collor costumam se referir a Rosane com desdém. Pelas costas, estão habituados a chamá-la de provinciana. A primeira-dama nunca se entendeu bem com o primeiro-irmão e sua mulher



Rosane tentou fazer de José Carlos Guimarães, marido de sua melhor amiga, Eunícia, o presidente da Caixa Econômica Federal. Não conseguiu, mas deu-lhe a principal diretoria da CEF, na área habitacional



Na presidência da LBA de São Paulo, Rosane instalou o médico José Herculino de Alcântara Carvalho, seu primo distante. Ao saber que o primo fizera uma gloriosa compra corrupto-filantrópica, limitou-se a mandar-lhe uma advertência escrita. A Justiça tratou de suspender Herculino de suas funções por seis meses



Sara e JK: companhia na dança



Maria Tereza e Goulart: rumores



Figueiredo e Dulce: auxílio do SNI

ela várias línguas e tem aquele conjunto de boas maneiras que encanta os ambientes primeiro-mundistas que fazem a glória do estilo Brasil Novo. Rosane nasceu na pequena Canapi, cidadezinha com apenas duas ruas asfaltadas e 20 000 almas a 270 quilômetros de Maceió, até hoje dá duro nas aulas particulares de inglês, saiu do Brasil pela primeira vez quando foi passar a lua-de-mel em Bariloche e muitas vezes fica desamparada em cerimônias oficiais. Com base nessa disparidade, amigos e parentes de Collor, como seu irmão Leopoldo e sua mulher, Regina, costumam insinuar que Rosane é uma moça provinciana que não está à altura do presidente. A primeira-dama também não esconde do seu círculo de amizades que não tolera Leopoldo e Regina.

RISCO DE CADEIA — O maior problema do casal no momento, no entanto, é a LBA, entidade que tem o dobro de empregados que a Polícia Federal e uma sólida tradição de trapalhadas financeiras, firmadas bem antes da posse de Rosane Collor em sua presidência. O drama é que depois de seu primeiro ano de mandato o Tribunal de Contas da União já resolveu abrir auditorias para apurar irregularidades em quatro Estados brasileiros. No Paraná, investiga-se o destino de uma verba de 70 milhões de cruzeiros para a construção de 59 oficinas para deficientes físicos. A suspeita é de que esteja ocorrendo o favorecimento de uma construtora. No Amazonas, descobriu-se que a LBA local torrou 29,9 milhões de cruzeiros em alimentos numa licitação recheada de irregularidades, em que não se examinou sequer a qualidade da mercadoria oferecida pelos fornecedores. No Rio Grande do Sul, o caso é com o repasse de verbas para sindicatos de trabalhadores rurais. Na quarta-feira passada, em São Paulo, o juiz Paulo Theotônio Costa, da 19ª Vara Federal, determinou o afastamento de

oito dirigentes da LBA local, inclusive seu superintendente, o médico José Herculino de Alcântara Carvalho.

Herculino se apresenta como primo de Rosane, foi com seu apoio que chegou à chefia do órgão e conseguiu promover um caso clássico de filantropia a favor de bolsos pouco carentes. Em dezembro, adquiriu 6 960 cestas básicas ao preço de 7 165 cruzeiros cada uma, quando bastaria passar em qualquer supermercado para comprar a mesma mercadoria por menos de 6 000 cruzeiros (a preços de maio). Antes de se decidir pela compra, Herculino fez uma consulta a quatro empresas. As investigações mostraram que todas elas enviaram propostas datilografadas numa mesma máquina de escrever, com o detalhe que nas quatro se cometiam os mesmos erros de português. Ganhou uma firma paulista, RPR, de propriedade de um comerciante paraguaio chamado Oscar Ruiz, dono de uma rede de lojas que vende artefatos de couro, como sapatos, cintos e bolsas. Outra compra de Herculino foi adquirir colchões e travesseiros de uma firma espe-

cializada no comércio de arroz. "Não vou assinar embaixo a defesa desse sujeito", afirma Marcio Alemany, interventor trazido do Rio de Janeiro. "Não vim aqui para encobrir safadeza."

Pode-se até afirmar que Rosane exagerou na boa vontade quando descobriu as falcatruas de seu primo Herculino em São Paulo. Em vez de afastá-lo das funções, enviou-lhe uma burocrática carta de advertência interna. Mantendo-se à frente de um órgão atabalhado, Rosane arrisca-se a ser chamada para prestar contas pelos atos cometidos na LBA durante a sua gestão. Tanto que o deputado José Dirceu, do PT paulista, quer convocá-la a depor numa CPI da Câmara. "Eu mesma falei a ela que poderia haver problemas", conta a ministra da Ação Social, Margarida Procópio, que conversou com a primeira-dama na última terça-feira. "Qualquer coisa, por mais insignificante que fosse, acabaria resvalando nela, e por consequência no presidente."

"Se não sair da LBA, a primeira-dama corre risco de ir para a cadeia", afirma uma antiga diretora do órgão, Solange



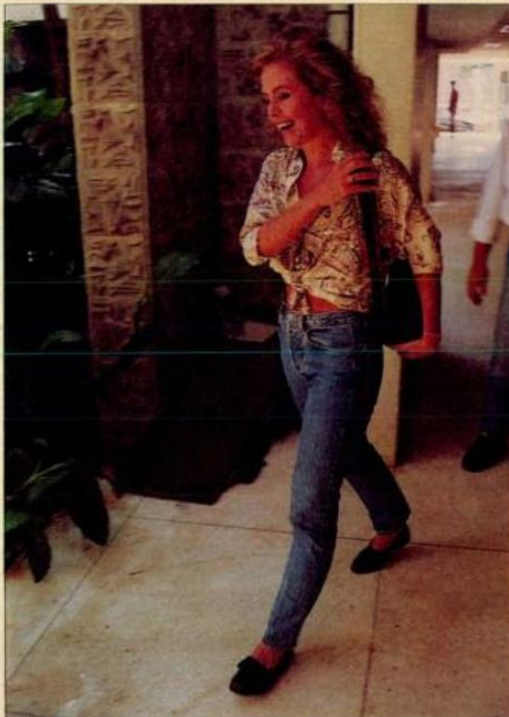
Kennedy e Jackie: mito desfeito



Charles e Diana: aparência

Amaral, que denunciou as irregularidades ocorridas no Rio de Janeiro. Se os riscos são tantos, por que Rosane nega tanto em sair da LBA? Talvez porque a política esteja no seu sangue. Descendente da dinastia dos Malta, que reinou na Alagoas do início do século e hoje mantém um condomínio eleitoral no interior do Estado, Rosane cresceu num ambiente familiar em que a política é o oxigênio. Depois, casou-se com um político. No organograma do governo, o órgão fica subordinado ao Ministério da Ação Social, mas a primeira-dama logo deixou claro que não iria receber ordens de Margarida Procópio. Ela tinha um andar do edifício do ministério para instalar a LBA — acabou ocupando três. Ao fazer política, Rosane trombou com boa parte do primeiro escalão do governo. Não gosta do ministro da Saúde, Alcení Guerra, que ao assumir o encargo e as verbas para construir os 5 000 Ciac furou o balão de seu projeto Minha Gente, pelo qual pretendia construir 54 centros comunitários no país inteiro. A primeira-dama e Alcení também tiveram quedas-de-braço a propósito de nomeações para a área da saúde. O ministro acedeu aos desejos de Rosane. Quando Collor soube do imbróglio, repreendeu Alcení, dizendo-lhe que deveria tê-lo consultado antes. Rosane conspirou para impedir que Zélia fosse nomeada para o Ministério da Economia e, mais tarde, mobilizou-se para que ela fosse embora o mais depressa possível. A primeira-dama brigou com o líder do PRN na Câmara, Cleto Falcão, que no passado vetou a entrada de seus familiares na legenda do presidente.

MIMADA — Outro conflito é com o amigo do presidente, PC Farias, que gosta de se referir a ela como “uma menina mimada”. Durante a campanha presidencial, o tesoureiro PC se divertia em rodas com amigos ao conferir os gastos de Rosane com o cartão de crédito. “A madame esse mês estourou”, disse ele numa ocasião. Rosane e PC se uniram no ano passado para massacrar Renan Calhei-



Lilibeth, a primeira mulher: ponto de atrito

ros e eleger seu aliado Geraldo Bulhões. Agora, de olho nas prefeituras de 1992 e em 1994, quando irá ocorrer a sucessão de Bulhões, cada um trabalha com seus próprios parentes. PC quer eleger seu irmão, o deputado Augusto Farias. A primeira-dama sonha em instalar seu primo Vitório Malta no palácio, ajudada pelo poder de fogo da LBA. Como política costuma ser sinônimo de encrenca, Rosane acabou encrencando-se simultaneamente em várias frentes.

Encrencou-se inclusive com sua pró-



Mirian Cordeiro: intimidades e espetáculo

pria imagem. Numa ocasião, tomou sol de biquíni numa praia de Maceió e foi fotografada pela imprensa. Collor não gostou. Há duas semanas, durante uma conversa com Winnie Mandela, a saia justa e curta da primeira-dama fez com que sua calcinha ficasse à mostra. “Rosane poderia ter usado uma roupa mais comprida ou larga”, avalia o costureiro Conrado Segreto. Roupas desse tipo costumam provocar esses constrangimentos. É por isso que a rainha Elizabeth nunca as usou. Aliás, não se sabe nem se a soberana inglesa usa calcinha. No reino de símbolos e aparências usados por Collor para fazer política, são confusas as fronteiras entre o público e o privado, entre a intimidade e o espetáculo. De certa forma, a confusão já havia sido anunciada pouco antes da eleição de Collor.

No calor do segundo turno da campanha presidencial, o então candidato do PRN venceu a enfermeira Mirian Cordeiro a chafurdar em acusações sórdidas contra seu ex-namorado Luís Inácio Lula da Silva, pai de sua filha. Collor não estava entrando na privacidade do adversário porque o próprio Lula revelara publicamente que tivera uma filha fora do casamento. Nem por isso deixou de atacar, com uma baixeza inédita na política brasileira, o comportamento doméstico de seu adversário. “Ninguém tem nada que se meter na vida doméstica do Collor”, afirma hoje Mirian Cordeiro. “O presidente só está fazendo charme. Ele quer que vocês, jornalistas, se enfoquem sozinhos.” A enfermeira entende de público e privado. Um ano e oito meses depois de ir à TV, continua residindo num apartamento paulista, e quem paga as contas são “amigos do PRN”.

Embora não se preste muita atenção à maioria das primeiras-damas, elas são tão diferentes entre si como seus maridos. Darcy se metia um pouco em política, mas não chegou a constanger Getúlio. Carmela Dutra se sensibilizava com presentes. Juscelino gostava de dançar, e Sara Kubitschek o acompanhava. As esposas de Medici e Geisel

foram de uma discrição exemplar. Dulce Figueiredo causou alguns transtornos. Toda vez que partia em viagem para o exterior, fazia questão de garantir uma vaga para seu cabeleireiro, Stephany Gomes, na comitiva oficial. Incapaz de convencer a mulher a dispensá-lo, livrando o governo de uma denúncia suplementar de mordomia, Figueiredo acabou contando com o auxílio do Serviço Nacional de Informações, o SNI, para esconder seu passaporte e enxotá-lo de uma viagem. Entre os presidentes, as dificuldades eram de outra ordem. Certa vez um agente de segurança disse a Castello Branco, viúvo, que tinha a obrigação de perguntar quem era Kika, que havia passado a noite no seu apartamento. Castello esclareceu que era sua neta, encarou a suspeita do segurança como uma tentativa de chantagem e o afastou. Medici e Geisel eram monógamos praticantes. E a um presidente brasileiro ainda vivo foi oferecida uma das mais deslumbrantes modelos brasileiras.

APARÊNCIAS MANTIDAS — Na galeria de casais presidenciais, jamais houve uma dupla tão falada quanto Maria Tereza e João Goulart — ao menos até a semana passada. Maria Tereza foi a primeira-dama mais jovem e mais bonita da História brasileira, e na época em que morou no Alvorada estava também na boca do povo. “Se dependesse da fantasia popular, eu teria sido amante de metade da população masculina e o Jango da metade de todas as mulheres brasileiras”, recorda-se Maria Tereza. “Éramos jovens, éramos bonitos, atraíamos a inveja e a curiosidade de todo mundo.” A julgar pelos rumores da época, o casamento iria terminar no dia seguinte. Comprovou-se, mais tarde, que era bastante sólido. Jango foi deposto e Maria Tereza não saiu de seu lado nos anos do exílio. Ele morreu com 58 anos, na Argentina, em sua cama de homem casado, e a mulher que estava a seu lado era Maria Tereza. Um caso oposto foi o de outro casal da década de 60, John Kennedy e sua mulher, Jackie, Kennedy morreu santificado, e tinha-se a impressão de que se estava diante de um matrimônio sólido como uma rocha. Historiadores informaram posteriormente que Kennedy era um fêmeiro incorrigível, que promovia festas promíscuas em plena Casa Branca. Quanto ao príncipe Charles e à princesa Diana, sabe-se apenas que o casamento deles não vai bem. Mas as aparências até agora foram mantidas. Era no sentido da reconciliação e da manutenção das aparências que Collor e Rosane se movimentavam ao fim de capítulos eletrizantes de sua novela conjugal. ■

ELIO GASPARI

Brincadeira de anel

O governo-espetáculo do presidente Fernando Collor parece ter mudado de diretor — saiu Daniel Filho e entrou Gerald Thomas. O que há um ano eram produções saudáveis, agora são conflitos amargos, espinhosos. Andar de jet-ski, submarino ou tartaruga, bem como comunicar-se através de camisetas falantes, atabaques ou lombadas de livros, é uma questão de estilo, e ninguém no mundo pode dizer que a Central Collor de Produções tinha mau gosto. Podia ser banal, mas havia um padrão de qualidade.

Agora a produção tornou-se sombria. Está mais para Augusto dos Anjos do que para Vinicius de Moraes. Primeiro foi o caso com um pobre diabo do FMI que nos seus quinze minutos de fama deu-se a dizer bobagens sobre a política brasileira. Fez-se uma barulheira e anunciou-se que ele seria substituído. Mais um triunfo do Brasil, já podeis da pátria, filhos, ver contente a mãe gentil. Pena que nem mesmo o general Pirro compraria essa vitória. O burocrata não foi excluído da auditoria, mas apenas substituído na chefia da equipe pelo seu superior hierárquico. Disseram que o coronel foi expulso, mas a novidade foi a chegada do general (e que general, o economista Sterie Beza não come mel, come abelha).

Seguiu-se a novela da aliança. É provável que em torno dela girem aqueles sofrimentos e aquelas decepções que entristecem a alma humana quando se esgotam os prazeres da convivência, mas aquilo que poderia ter sido um caso pessoal tornou-se espetáculo público pela vontade do presidente Collor. Há

governantes vulgares que protegem seus maus hábitos através de um conluio de amigos e jornalistas, como sucedia ao americano John Kennedy. Há ainda os que vão da vulgaridade privada à pública como se elas se confundissem. É esse o caso do presidente argentino Carlos Menem. E há os que se comportam como se fossem parte de uma raça divina. Desses, François Mitterrand é o melhor exemplo. Para quem gosta de mexericos reais; entre Kennedy, Menem e Mitterrand, o de vida doméstica mais enrolada é Mitterrand. O segredo? Estilo.



ILUSTRAÇÃO ELOGARETH TOUBANO

A virulência com que Collor atacou o funcionário do FMI e esqueceu de pôr a aliança indicam que ele está a fim de confusão. Ou melhor, de novas confusões. É uma pena, porque elas não lhe faltam. Há a inflação descontrolada. Há um empresariado que, depois de canibalizar os trabalhadores e a classe média, está almoçando a própria carne por não saber a porta de saída do cassino financeiro. São problemas de bom tamanho, e tem faltado ao presidente o apoio político indispensável para que vá à luta. É lastimável, por exemplo, que, em vez de se discutir o círculo dos interesses do empresário Mario Amato, viva-se a brincadeira de anel do casal Fernando-Rosane. E não se ponha a culpa em Amato, pois quem montou esse cenário foi o presidente.

É uma sensação terrível. O cidadão chega à Presidência prometendo prosperidade, faz tudo o que acha que deve ser feito, e no dia seguinte o produto interno continua caindo e a inflação subindo. Por obrigação, deve continuar dizendo que vai resolver os problemas, mas sabe que não há solução à vista. A brincadeira de anel vai muito além da sua cenografia. Reflete o nível das inquietações que põem em movimento a máquina de espetáculos do governo. A substituição da banalidade colorida pelo dramalhão cinzento aponta para os perigos de uma trama de baixarias que poderá animar as conversas fiadas, nada além disso. Se briga trouxesse prosperidade, Joe Louis não teria morrido pobre.



SUSANA FUJIMORI
"Eu amo Alberto"

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 358
ANO 27 - Nº 38 - R\$ 3,80
21 DE SETEMBRO DE 1994

veja

RUTH CARDOSO SAI DO CASULO

Quem é, como vive e o que
pensa a antropóloga casada
com o candidato tucano

**REPARTE DE
TRABALHO**

ISSN 0100-712
013588
[Barcode]



RUTH 36-V

PERFIL

Ruth, o fator novo no pedaço

*No Brasil, primeira-dama é condição?
Função? Ou existe um papel de mulher para ser
pensado dentro de uma sociedade em mutação?*

DORRIT HARAZIM

Há exatamente noventa semanas a República Federativa do Brasil e, sobretudo, Brasília sobrevivem sem primeira-dama. Não fez falta. Exceto talvez no Carnaval passado, quando a inexistência de uma titular propiciou que a atriz Lilian Ramos expusesse ao presidente Itamar Franco e ao mundo sua folia arejada. Passados quase dois anos de Presidência descasada, os dois feudos de visibilidade das nossas primeiras-damas resistem bem à orfandade: nenhuma das treze recepções oficiais do Palácio do Planalto deixou de ser realizada e a Legião Brasileira de Assistência, LBA, não fechou as portas — está, no máximo, tentando fechar o balanço dos desvios de verbas anteriores. Se sumiu uma instituição — a “primeira-dama” — e ninguém notou, é porque, do jeito que estava construída, talvez não tivesse mais utilidade. A sociedade brasileira evoluiu muito mais do que o termo. Desgarrou-se do conceito de esposa como ornamento matrimonial no poder e talvez esteja madura para debater o nó de uma questão que, por onde passa, tumultua a esfera pública: numa sociedade moderna, qual o papel da mulher com perfil próprio quando parceira de um marido presidente?

A expressão “primeira-dama” foi usada pela primeira vez em 1877 para designar a esposa do 19º presidente americano, Rutherford Hayes, e popularizada no inf-

cio do século numa comédia da Broadway sobre Dolley Madison, a festeira mulher de outro presidente dos Estados Unidos. De lá para cá, o termo tem-se reinventado tanto quanto as sucessivas ocupantes da Casa Branca. A advogada Hillary Rodham Clinton desembarcou na eleição americana de 1992 com o nome de solteira soando áspero, um salário três vezes maior que o do marido e idéias articuladas que ainda não haviam sido diluídas para consumo generalizado. Segundo James Carville, o marketeiro político mais requisitado acima e abaixo do Equador, “havia o mito de que o que Hillary dissesse se tornaria lei e de que quem discordasse dela seria mandado para a geladeira política ou excluído do acesso ao candidato”.

Hillary, que opera numa cultura política de maxiexposição da mulher, define-se como “um teste de Rorschach” — cada um vê o que quer ver, como na mancha de interpretação múltipla inventada pelo psicanalista suíço. No Brasil que se prepara para eleger um novo presidente também se fazem mil e uma construções em torno de uma só mulher, Ruth Cardoso — única das candidatas a primeira-dama de quem se conhece pouco, mas se espera tudo. Ruth conduziu seus 64 anos de vida com um perfil zelosamente privado que adquire agora um potencial público. “O PFL tem mais

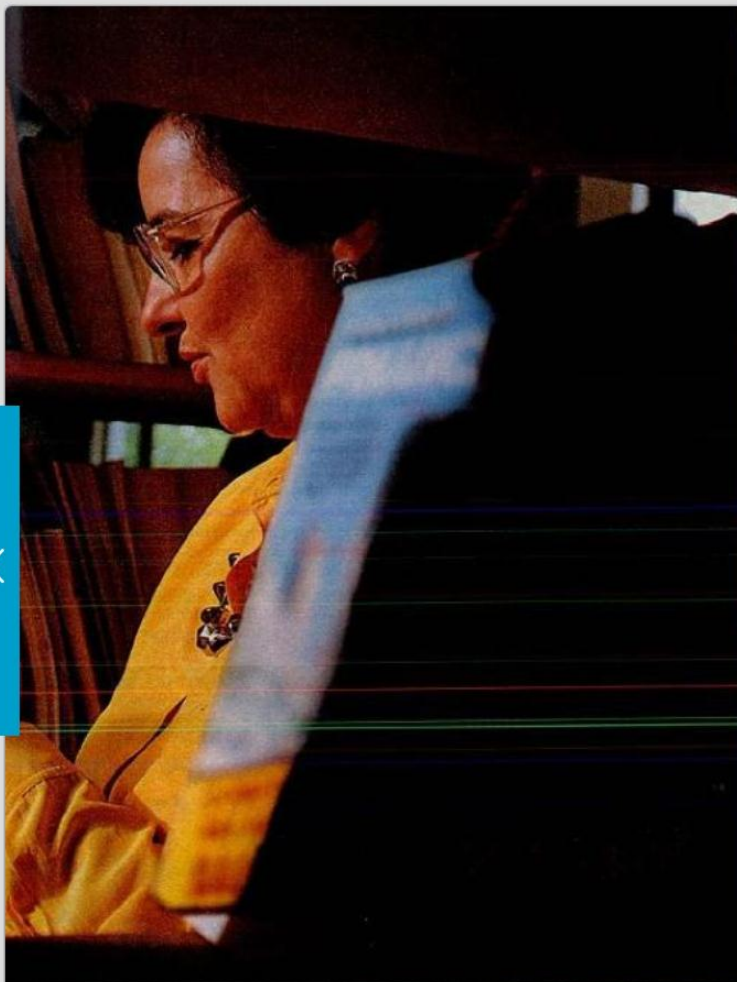
“Tivemos poucos momentos para sentar a dois... De início foi um pouco difícil para mim saber qual papel desempenhar na campanha”



Os dois mundos de Ruth Cardoso: a antropóloga pesquisa na biblioteca do Cebrap e a mulher de candidato revisita a Araraquara natal, de onde saiu aos 15 anos



VEJA, 21 DE SETEMBRO, 1994



medo da Ruth do que a Ruth deles”, comentou com um amigo o marido e candidato tucano, Fernando Henrique Cardoso.

Os dois lados tentam desanuviar as suspeições de uma relação que começou às turras. “A construção de que ‘essa Ruth vai amedrontar os políticos’, ‘o Fernando Henrique fez uma aliança e a Ruth segura a outra ponta’ não existe. Não tenho papel político-partidário algum. Apenas me sinto à vontade para acreditar que Fernando Henrique efetivamente não tem nenhum compromisso para formar ministério”, diz a senhora Cardoso. “Eu andava chateado com ela (*devido a uma frase atribuída a Ruth sobre filhotismo político*), mas passei a ter boa impressão”, comentou o deputado Luís Eduardo Magalhães com um interlocutor baiano, após jantar com a cúpula do PFL e do PTB no apartamento do senador em Brasília. Para sua surpresa, Ruth Cardoso estava lá, como anfitriã — inteiramente à vontade, agradável, participante das discussões e discreta.

O que é medo do incerto para uns é respeito ao conhecido para outros. “Me espanta a sua calma perante os artefatos do poder”, observa a ex-primeira-ministra de Portugal Maria de Lourdes Pintassilgo, conhecedora da sedução desses artefatos. “Ruth tem coerência e enorme dignidade. Traz uma presença de conteúdo à vida pública. É uma segurança para nós”, acrescenta a doutora em Educação e amiga Rosiska Darcy de Oliveira. Esse “nós” é a fatia da sociedade civil atuante que vê Ruth como possível avatar de uma era em que substância possa voltar a ser valorizada. Fernando Henrique Cardoso sabe o valor da parceria: “Os políticos vêem as coisas do ponto de vista do Estado. A Ruth faz o contraponto. Ela sempre está vendo os problemas e as soluções do ponto de vista da sociedade”. Herbert de Souza, o coordenador da Campanha contra a Fome, matuta, mordaz: “A chapa Fernando Henrique ficaria mais interessante com Ruth Cardoso na Vice-Presidência e Marco Maciel como primeira-dama. Cada um no seu papel ideal”.

Mas onde andou escondida essa mulher de quem nem o PT fala mal? Até os 15 anos de idade, na cidade de Araraquara, no interior de São Paulo. Em seguida, no colégio de freiras Des Oiseaux, da capital. Daf em diante, na antropologia urbana como ofício e na formação acadêmica de doutorandos da USP como maior vocação. Não faz questão alguma de extermar o potencial que sabe ter. “Basicamente, ela é uma pessoa não neurótica, ponderada, prática e alegre”, define a arquiteta paulista Regina Meyer, amiga de longa data. Casada há quatro décadas com um homem cuja desventura social costuma eclipsar tudo à sua



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, BRASIL, SÉCULO XIX



FOTO: R. S. SILVA/REUTERS

“Não tenho a ilusão de uma atuação só de acordo com idéias abstratas. Minha expectativa é ambígua e complicada”



AG. O GLOBO

Dona Carlota Joaquina queria o Uruguai para si e Nair de Teffé arrasou na Primeira República. Com o golpe de 1964 Maria Tereza...

volta, Ruth jamais competiu nesse espaço. Quando o marido trocou a profissão de sociólogo pela de político, em 1982, permaneceu ostensivamente na trincheira acadêmica e não se mudou para Brasília. “A vida no Congresso não inclui muito a família”, observa laconicamente. Continuou zelando ferozmente pela privacidade familiar e pessoal. Educou os três filhos à sua maneira e vive intensamente a normalidade de ser avó três vezes e meia. Tem voz de professora que Fernando Henrique ouve e teme, com a qual construiu uma parceria calçada em compromissos de juventude — aqueles que a gente tem vergonha de negociar. É essa voz que veio somar-se à campanha presidencial de 1994.

A gênese da decisão não foi suave. Em março deste ano, viajara sozinha a Nova York para uma reunião do Social Science Research Council, um instituto americano de estudos do qual foi bolsista e hoje é associada. Ainda teve tempo de assistir ao épico *Angels in America* (sete horas de duração), de Tony Kushner, antes da chega-

da do marido que ainda “estava” ministro da Fazenda. “Ele estava exausto com a pressão para sair candidato. Dizia que não queria, mas eu achava inevitável. Sabia que seria um processo complicado, que precisávamos conversar mais, pois implicaria uma grande mudança de vida. A imprensa havia decidido que eu seria contra e montou um assédio total. Na verdade eu não era contra nem a favor, queria pensar. Foi um momento de muita dúvida e nenhuma decisão para nós. Voltamos não decididos. Acabamos tendo poucos momentos para sentar a dois e discutir, no Brasil. Quando ele resolveu sair candidato, com o prazo de desincompatibilização apertando, me surpreendeu um pouco. Eu ainda não estava interiormente disponível para me adaptar ao novo papel.”

E hoje, o que acha de ser mulher de um possível presidente da República? “Ainda é uma expectativa complicada e ambígua, pelo desconhecido. Fica até ridículo eu fingir que não vejo as pesquisas, mas a resposta mais sincera que

posso dar é: ‘Não sei’. Uma coisa é básica: qualquer atividade pública, seja para o homem ou para a mulher, significa uma limitação. Somam-se poderes privados e poderes públicos, e as limitações para a família de quem assume são legítimas. Talvez por ser uma pessoa com carreira e trajetória próprias, um casamento feito de outra maneira, eu passe a simbolizar alguma coisa nova. Pela análise que faço, estamos numa encruzilhada — e tenho entusiasmo em experi-



Uma parceria histórica

A América se nutriu com a dupla Roosevelt

Meio século antes de Bill e Hillary Clinton despontarem como o primeiro-casal maravilha, a Casa Branca já fora sacudida ao avesso pela dupla Franklin e Eleanor Roosevelt. “Se ela fosse mulher minha, a História seria diferente”, escreveu em seu diário o ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels. É possível, mas não porque Goebbels teria domado Eleanor — é igualmente concebível que *ela* o enjaulasse.

Foi uma parceria extraordinária, mesmo para os padrões de hoje. Eleanor era feia, dentaça, altamente intelectualizada e humana. “Mais séria, menos dissimula-

da, menos paciente, menos divertida e mais ética que o marido presidente. Roosevelt tinha mais autoconfiança, coragem, bom humor e cordialidade. Também era vaidoso, ocasionalmente vingativo e tendia a concordar com seus interlocutores por amabilidade”, definiu Doris Kearns Goodwin, recentemente, na revista *The New Yorker*. Compartilharam ao longo da vida um sentido de dever e de propósito moral que sobreviveu à sua tempestuosa relação matrimonial. Pôe tempestuosa nisso. Quando tinha pouco mais de dez anos de casada e quatro filhos, Eleanor descobriu que o

marido-presidente estava mantendo um caso com sua assistente e amiga Lucy Mercer. “Meu mundo privado ficou sem chão. Tive de me confrontar pela primeira vez comigo mesma, com meu mundo”, admitiria mais tarde. Passaram a ocupar quartos separados na Casa Branca e Eleanor se considerou liberada para romper com o molde cerimonial do cargo de primeira-dama. Passou a usá-lo para promover as causas que lhe interessavam, em vez de deixar o cargo usá-la.



“Talvez para adiar uma série de decisões que venha a ter de tomar, nem sequer conto com a vitória de Fernando Henrique no primeiro turno”



...Goulart foi defenestrada. O ciclo militar no feminino teve baixos (senhora Costa e Silva) e altos (Scylla Medici). Rosane espantou

mentar um caminho mais aberto, mais democrático. Participo da campanha porque realmente acredito na proposta.” Como imagina a vida em Brasília, se primeira-dama? “Realmente não sei como é o espaço oficial, mas com certeza vou descobrir. Essas coisas se vêem na prática. Talvez para adiar uma série de decisões que venha a ter de tomar, nem sequer creio que Fernando Henrique vá vencer no primeiro turno...” Estendeu até o final de novembro a licença não remunerada

de pesquisadora sênior do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Cebrap, onde acumula o cargo rotativo de diretora financeira. Só então decidirá como e quanto, em caso de vitória eleitoral do marido, ficará em Brasília. Detalhe: pretende manter também o apartamento em São Paulo e viajar com frequência, resguardando tanto quanto possível sua vida profissional e pessoal. Considerando que dois séculos atrás a americana Martha Washington nem sequer achou necessário sair de sua propriedade na Virgínia para comparecer à cerimônia de posse do marido, George, como primeiro presidente dos Estados Unidos, todas as inovações são possíveis nesse terreno.

A própria crônica brasileira começa arrojada, com dona Carlota Joaquina de Bourbon, infanta de Espanha e esposa de dom João VI, rei de Portugal e do Brasil. “Foi a única figura feminina de nossa História que efetivamente mandou, tinha interesses e política próprios e por eles batalhou”, observa Raymundo Faoro, autor de *Os Donos do Poder*. “Tramou a incorporação do Uruguai

ao Brasil para si.” Em compensação, na descrição do historiador Octávio Tarquínio, “era horrenda, ossuda, quase anã, olhos miúdos e pele grossa, sulcada de paixões...”. Seguem-se nossas duas imperatrizes, dona Leopoldina e dona Teresa Cristina, a manca, que padeceram em graus variados com as infidelidades dos maridos. Coube à patuca Nair de Teffé sacudir a poeira da Primeira República ao casar com o presidente Hermes da Fonseca, em 1913. Quis a História da época caracterizá-la como divertida maluquete, um pouco nos moldes da primeira-dama do Canadá nos anos 70, Margaret Trudeau. Mas foi bem mais do que isso. Tinha cultura, talento de caricaturista, gosto próprio e autonomia.

O Brasil teve primeiras-damas mudas — a “Eloá”, fabricada por Jânio Quadros, não falava —, primeiras-damas discretas, como Scylla Medici, e uma alegoria que chorava, Rosane Collor. Como incomodasse pela breguice e pelos maus costumes, a mídia passou a considerar a mãe do presidente, dona Leda, como a rainha da corte, e sua



Roosevelt, Missy e Eleanor: vidas privadas e políticas públicas que deixam o casal Bill e Hilary Clinton no chinelo

rosos de Eleanor não eram menos arrojados: durante certo período dividiu a Casa Branca com a amiga jornalista Lorena Hickok.

Não foi, por certo, um casamento convencional, o dos Roosevelt. Foi uma parceria de vida, calçada em uma mesma visão da nação. Suas agendas corriam paralelas, visando à construção de uma mesma sociedade democrática. Preso a uma cadeira de rodas devido à poliomielite contraída aos 39 anos, e com a condução da II Guerra Mundial para administrar em Washington, o presidente americano se deslocava pouco. Eleanor tomou a si a tarefa de ver e ouvir o país que governa-

vam. Percorreu 480 000 quilômetros em caravanas que, hoje, poriam as de Lula no chinelo. Tinha convicções sociais fortes e uma curiosidade quanto a todos os aspectos da vida nacional — sobretudo os da América mais deserdada. Trouxe à superfície a saga dos trabalhadores migrantes, percebeu a militância negra emergente, entupia a agenda de Roosevelt com questões como creches, a necessidade de um programa mais abrangente de saúde pública, a eletrificação de áreas esquecidas. “Ela via coisas que o presidente jamais teria visto”, escreveu sua biógrafa Frances Perkins. Nunca pediu nada em benefício próprio.

Eleanor representou o lado mais generoso, idealista da natureza de Roosevelt. À sua maneira, foi mais mulher e primeira-dama da nação do que qualquer outra.



A antropóloga Ruth sai a campo. Após os encontros com senhoras do Rio, os demais foram abortados. Na periferia, ouviu...

ex-mulher, Lilibeth Monteiro de Carvalho, como portadora mais adequada do título. Mas jamais houve mulher como Maria Tereza Goulart, na beleza e no imaginário popular. A promiscuidade que lhe foi atribuída não resistiu ao tempo — era inversamente proporcional à inveja das mulheres e ao ódio político dos adversários do marido, o presidente João Goulart. Permaneceu ao lado de Jango até sua morte no exílio, doze anos após o golpe que o derrubou, em 1964. Ironia da História: foi justamente esse regime militar embandeirado num discurso moralizador que produziu a precursora de todas as peruas, civis ou militares: Yolanda Costa e Silva, de biografia peluda. Fez sucessoras. É nesse pano de fundo que surge a figura miúda mas densa de Ruth Cardoso.

Ela queria estreitar na campanha tateando o terreno, em *petit comité*, entre quatro paredes. Acabou provocando um estrondo que lhe dói nos ouvidos até hoje. “Conversei com Fernando Henrique e ele achou boa a idéia de encontros com mulheres em recintos fechados. Era o início. Estávamos numa fase de inventar coisas, e Ruth Escobar foi a única a aparecer com uma — aliás ela sempre tem cinquenta idéias para tudo.” Resultou na malfadada frase da atriz-anfitriã comparando Lula a um encanador e Fernando Henrique a Sartre. “É evidente que aquilo foi uma rata, mas também foi preconceituoso da imprensa catalogar todas as presentes como dondocas. Havia uma diversidade notável, bastava querer ver.” Para a antropóloga Ruth Cardoso, cujo ofício é mergulhar no mundo de pessoas diversificadas e ouvi-las, sem pre-

conceito, os três encontros — um em São Paulo, dois no Rio de Janeiro — pareceram extremamente ricos. “Essas mulheres que estamos sociologicamente condicionados a ver como tão distantes de um interesse público vieram ouvir e argumentar. Isso é notável. Me perguntam sobre tudo — de reforma agrária a quem realmente manda na minha casa. Tudo sem a impostação que costuma revestir as coisas da política.” Para Ruth, fazer campanha é um exercício de tolerância no qual não se deve tentar convencer quem já tem candidato e sim argumentar com quem está indeciso. E o eleito indeciso, até a semana passada, continuava sendo o feminino (13,2%, contra 6,9% dos homens). Tem horror a comício e aparições montadas pelo partido. “Minha contribuição na campanha talvez seja juntar coisas heterogêneas.” Para Sergio Motta, o coordenador da campanha nacional do PSDB, esse perfil dá trabalho. Na festa oferecida por José Serra à comissão de frente da campanha tucana na noite de terça-feira passada, em São Paulo, foi interceptado um lamento de Motta. “Ela é durona demais. Esse jeito dela às vezes cria uma situação difícil para a gente.” Já para a professora Márcia da Silva Ferreira, 53 anos, que desde julho último faz sozinha as vezes de secretária, assistente, chefe de gabinete, quebra-galho e tudo o mais que se queira pendurar na categoria *staff*, a leitura da personagem é outra. “Ruth não precisa de ninguém grudado nela. Tem uma riqueza de conteúdo e um jeito inteiramente feminino de fazer campanha.” Márcia é prata da casa — já trabalhou na Secretaria da Educação de São Paulo com o atual coordenador

“Minha contribuição nessa campanha é juntar coisas heterogêneas. Tenho o que dizer a essas mulheres. Sou uma ponte. Para mim foi uma experiência tão rica que talvez ainda escreva sobre isso”

do programa tucano, Paulo Renato Souza, e com Beatriz Cardoso, a caçula do candidato. Sua alma interiorana — nasceu em Guaranésia, no sul de Minas — explica a sintonia fina com a araraquense Ruth. “Acho que ela tem uma sensibilidade parecida com a minha”, diz Ruth.

Dado que as tais reuniões com senhoras haviam ficado irremediavelmente associadas na imprensa a bolsas Moschino e botões Chanel — “É urgente o Brasil ter uma política séria para a questão da educação; meus dois filhos estão pensando em votar no PT”, advertiu uma participante —, elas foram abortadas de comum acordo. Tentou-se um ato público misto no casarão que abriga a candidatura tucana em São Paulo, no qual Ruth apresentou propostas com relação à condição das mulheres e dos negros. Misto, por contar com a presença de ícones partidários como as senhoras Lucy Montoro e Maria José Guimarães Passini, irmã de Ulysses Guimarães (“Lá no alto, no



Contas domésticas por pagar e tarefas por completar como membro da diretoria do Cebrap: licença até novembro



...uma descrição do Brasil real. Cartas para FHC são endereçadas a Ruth, por garantia. Ao alto, a secretária Márcia Ferreira

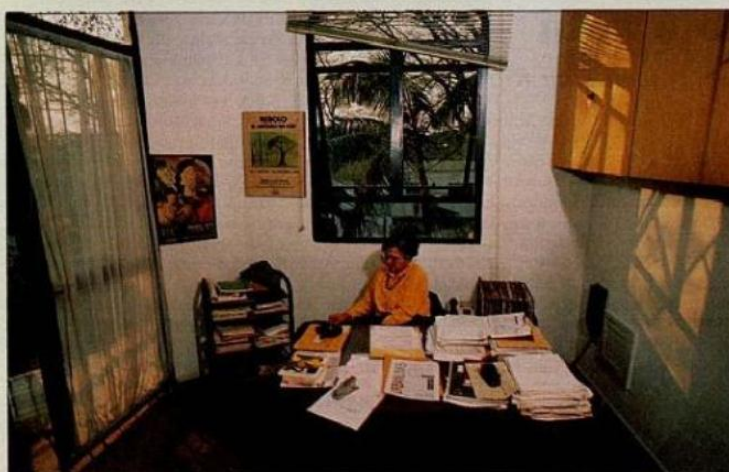
Parlamento Divino, ele deve estar fazendo comícios em favor de Fernando Henrique," discursou). Misto, também, por terem sido convidadas mulheres negras e da periferia. Mais um tiro n'água. "Nós nos sentimos muito mal. Todas aquelas mulheres de blazer... Tínhamos armado um ônibus com umas quarenta companheiras, com faixas e tudo — acabamos enrolando e escondendo as bandeiras embaixo das cadeiras", queixou-se Maria do Carmo Ferreira Teles, uma das líderes comunitárias vindas da periferia de Campo Limpo. Encontrou o ouvido certo para a queixa: a própria Ruth Cardoso.

A mulher do candidato decidira fazer o

caminho inverso ao de Maria do Carmo: ir ela mesma a Campo Limpo para ouvir e falar. É a sua seara há quase trinta anos de antropologia urbana voltada para os movimentos comunitários das periferias. Marcouse um evento público para um sábado à tarde, com moradores arregimentados em 35 bairros das redondezas, mas Ruth foi até lá uma semana antes, só com Márcia, para "eu não cair de pára-quadras, para o encontro não ser posticho". Não foi. O imenso salão de festas da Casa Comunitária estava engalanado. Os depoimentos das mulheres da região, mais crus. "Tem mulher que chora ao sair do serviço com medo de chegar em casa

depois do marido e levar surra", dizia uma. "Foi preciso uma mulher de revólver na mão para obrigar o pai de um estuprador a dar sumiço nele", relatou outra. Saúde, tiquete de leite, educação, desemprego — no fundo, o esqueleto de um programa de governo. Ruth estava em casa. Trapalhona com a liturgia partidária, era a única a não ter adesivos tucanos colados na lapela. Já tinha invertido os sinais anteriormente: nas reuniões com as senhoras não periféricas, fora a única a comparecer de button do PSDB.

Ruth é capaz de tentar abrir sua Quantum com as chaves do sítio de Ibiúna, encomendar o livro *Rei de Espadas* quando na realidade queria ler *O Imperador do Acre* e circular pela aterradora faixa para ônibus da Avenida Santo Amaro, em São Paulo, como se estivesse na Araraquara de cinquenta anos atrás — sem cinto de segurança. Estilistas à espreita da próxima primeira-dama também se dariam mal, caso vença o tucano. Harmoniosa no vestir, Ruth não tem tempo nem paciência para ir às compras. Volta e meia telefona para uma amiga juntar num saco plástico tudo o que estiver sobrando, experimenta, e o que servir é usado no evento eleitoral ou na viagem seguintes. A filha Luciana também ajuda, comprando-lhe roupas que não amassam. Distraída no que considera acessório, é minuciosa no factual. Fernando Henrique não foi "cassado" pela ditadura, como quer o jingle da campanha, mas compulsoriamente "aposentado", ou seja, impedido de lecionar, esclarece. Tecnicamente, também não saiu do país "exilado", uma vez que partiu em 1964 e voltou em 1968 com o próprio



passaporte, sem ser clandestino. Não gosta de biografias heroizadas, embora tenha participado, ao lado de Fernando Henrique, de memoráveis batalhas contra o regime militar da época, a começar pela pancadaria.

Na fase atual de sua vida, empilham-se as contas da economia doméstica, um ensaio que precisa escrever sobre cultura política para a Universidade do Texas (já está três semanas atrasada), o implacável memorando de José Arthur Giannotti à prezada colega e amiga cobrando "o envio para o Finep até o dia 30/9 do relatório final da pesquisa coordenada por você. Cordialmente...", o concerto mensal dos assinantes da Cultura Artística, do qual não abre mão nem quando o marido está sendo sabatinado ao vivo no programa *Roda Viva* — "Só perdi o bis do Rostropovich", comemora —, e mais, muito mais. A mala de documentos resultante de um seminário sobre "População e qualidade de vida", de cinco semanas atrás, do qual foi moderadora, continua fechada. A pilha de jornais que já alcança a beira de sua mesa de trabalho não tem chance de ser lida — está ali para manter alisado um tapete que necessita de concerto. Só o umidificador para o quarto da neta — esse, como tudo o que se relaciona à família — terá prioridade. Sempre.

Nesta semana, Ruth fará sua estréia pública no Nordeste, mais precisamente no território do novo ministro da Fazenda, Ciro Gomes. De cada palavra que dirá, ou deixa-



1968, batalha na Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia: o casal Cardoso está lá, mas Ruth evita dar toques de heroísmo. Abaixo, com a filha Luciana

rã de dizer, serão feitas duas leituras: uma em português, outra em eleitorês, à cata de intenções políticas subterrâneas. Perda de tempo. As intervenções mais conseqüentes da senhora Cardoso se fazem diretamente junto ao marido. No vai-não-vai de Fernando Henrique ao primeiro debate pela televisão, no mês passado, três palavras suas, na entonação certa, deram o recado: "Como, não vai?!" Foi. Atuou como pêndulo de algumas questões básicas nas duas ou três vezes em que assistiu à gravação do programa eleitoral: insistiu em que a campanha jamais tivesse ataques, em que fosse positiva, e não deixou que a temática social — crianças, mulheres, saúde preventiva, desperdício de recursos — sumisse no ralo eletrônico. "Ela servia de ponto de referência. Fernando Henrique olhava, ela assentia ou não", conta um dos participantes. Não surpreende que todo o capítulo do programa de governo referente a essas questões leve o



Canapi não é aqui ^{HOTEL 42}

O pedaço do Brasil que cresceu com Ruth

A Araraquara de Ruth Vilaça Correa Leite é um pedaço do Brasil em que modernidade não rima com jet-ski. O produto importado mais notável da cidade são as dezenas de oitis trazidos do Rio de Janeiro no início do século para arborizar suas alamedas. Araraquara possui estação de tratamento de água desde 1937, 95% das ruas são pavimentadas e, por elas, circulam mais trólebus do que em qualquer outra cidade brasileira. Desejou ardentemente tornar-se o pólo universitário da região — mas acabou atropelada pelas vizinhas Ribeirão Preto e São Carlos. Seus filhos pródigos têm veia cultural, não política: Antonio Candido, José Celso Martinez Correa, Ignácio de

Loyola, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, foi escrito em Araraquara durante uma das visitas do escritor, em 1926. E Beniamino Gigli — figura tão aclamada na época quanto o multimídia Luciano Pavarotti hoje — incluiu a cidade em seu roteiro lírico pela América Latina.

A Araraquara da adolescente Ruth tinha orgulho de seu Clube de Poesia, do Centro Intelectual de Jovens, do cineclub e da safra de estudantes que iam fazer faculdade fora e voltavam — com idéias — para as férias de verão. Tinha, sobretudo, dois patrimônios cultuados por todos: o antigo Teatro Municipal e a Escola Estadual Bento de Abreu, hoje Casa da Cultura.

Aos 15 anos de idade, envergando traje de gala e segurando seu discurso de oradora dos 28 formandos da série B, a ginásiana Ruth subiu ao palco do Teatro Municipal. Falou em visão, no significado do diploma, empacotou suas coisas e foi estudar na cidade grande, São Paulo. "Ruth já era madura na juventude", lembra a amiga Inayá Peres Bitencourt, hoje educadora. "Era distante, não tímida. Bastante evoluída. Sabia dividir o tempo: carnavalesca de abrir e fechar bailes, sempre participou de tudo o que quis sem perder a hora de estudar."

Ruth voltava sempre, nas férias. Chegava de trem Pullman e namorado magrinho a tiracolo, Fernando Henrique Cardoso. Ele se hospedava no Hotel Municipal, a cinco minutos da casa da namorada — onde hoje funciona um caixa eletrônico do Banco Itaú —, na mesma Rua São Bento por onde transcorria toda a vida de



Fernando Henrique e Ruth em Berkeley

“Nenhum dos nossos três filhos casou de papel passado, o que eu acho ótimo. Eu também não queria, mas casei”



Araraquara, anos 50: Ruth hospeda o namorado Fernando Henrique no Hotel Municipal e revê os amigos

Araraquara: era a rua da escola, da prefeitura, da igreja, do comércio, do teatro, do clube onde rolavam os ardentes bailes de Carnaval do interior. Na semana passada, a Rua São Bento estreou ponto novo, o comitê pró-Fernando Henrique. O gigante cítrico Cutrale, cujo quartel-general fica em Araraquara, a fábrica de meias Lupo, a indústria de painéis Nigro estão em festa. A cidade, que tem 51 escolas estaduais para 166 000 habitantes (o dobro de Campinas ou Santos), seara quer-

seu selo de aprovação. Não surpreende, também, que um número cada vez maior de cartas dirigidas ao candidato tucano tem chegado à Rua Maranhão endereçadas a Ruth Cardoso. “Em sua mão a gente sabe que chega”, diz uma. “Me vêem um pouco como garantia, como mensageira confiável”, observa Ruth.

Seu ponto mais vulnerável: exposta a um facho de luz, fecha-se reflexivamente como a íris de um olho. Nem sequer gosta de espelhos. “Os homens lá de casa — tanto Fernando Henrique como meu filho — adoram se deixar fotografar. Se sentem bem e por isso saem bem. As mulheres — minhas filhas e eu — não. Por isso saímos sempre mal.” As intrusões maiores, inevitáveis quando se trata de um casal ascendendo na escala da celebridade, lhe dão arrepios. Dias atrás, a psicóloga Maria de Fátima Lourenço Silveira, que mora no 15º andar do prédio vizinho ao seu, declarou ao jornal *O Estado de São Paulo*: “Quando Fernando Henrique está na cidade, costumo observá-lo da janela. Já vi esse homem de tudo quanto é jeito, até da forma que não gostaria”. Ruth, que mora no 14º andar, foi conferir a vista que a janela do seu quarto permitia: empoleirada na área de serviço e arriscando torcicolos, dona Maria de Fátima efetivamente pode ver parte do quarto e a cama do casal. Ruth, fanática por ambientes claros com muita luz natural, passou a baixar mais as persianas do apartamento inteiro. “Ainda bem que Fernando Henrique

não dorme nu”, filosofa. “Ruth é basicamente uma mulher privada. Reage a uma invasão de forma diferente da de Fernando Henrique. Ele se retrai, prefere não se mexer. Ela, se ferida, vai ao ataque, não fica parada”, observa Giannotti, o amigo de toda a vida de ambos.

Ruth tem rumo próprio, não é parada. Filha única de um contador e da grande mestra de sua cidade natal, convenceu os pais de que poderia sair de Araraquara para estudar em São Paulo, sozinha, aos 15 anos. Tratando-se do Brasil de meio século atrás, foi para um internato. “Eu era xereta, fui negociando minha vida. Do internato consegui me mudar para o pensionato de um amigo do meu pai. O passo seguinte foi alugar um quarto em casa de família, já na faculdade.” Aí conheceu Fernando. “Eu não queria casar, ele também não. Mas, grande malandro, fez acordo com minha mãe e acabamos num meio de campo — não houve a festa tradicional.” Tinha 23 anos. Hoje, aos 64, se vê cercada pelos acordos e alianças da circunstância eleitoral. Por formação, admiração e coerência com seu passado, estaria participando da campanha de Luiza Erundina, do PT, ao Senado. “Tenho grande admiração por Erundina e gostaria que ela se elegesse. Mas também sei que o momento eleitoral é o único em que a questão partidária se acirra de forma fundamental. Não fico aflita, pois sei que se trata de uma limitação temporária.”



cista das mais arraigadas, pode não ser fernandista. Mas a filha de dona Mariquita, que fala em parceria da sociedade com o poder público, é outra coisa... “Se Fernando Henrique ganhar, Ruth vai projetar os valores do seu tempo em Brasília”, aposta Renato Rocha, seu amigo de

antanho, dos tempos do Bar Mirim. Co-fundador do Partido Socialista em São Paulo na década de 40, Rocha mantém os valores daqueles tempos. Se Canapi conseguiu figurar no mapa político do Brasil colírido, Araraquara espera, no mínimo, ser redescoberta como a escola de Ruth.



Curiosidade nova por Danielle Mitterrand (à esq.) e Rosalynn Carter (acima)

Ruth migrou sem remorsos dos tempos de seminários inflamados sobre Claude Lévi-Strauss, Antonio Gramsci, Julia Kristeva. "Como eu era pernóstica!" Sua obra acadêmica é pálida, a legião de doutores que devem boa parte de seu currículo a ela, grande. Um terço dos doutores em Antropologia da Unicamp foi orientado por Ruth Cardoso. E já há uma geração seguinte na formilha. "Ela é orientadora em tempo integral", define a jovem Maria Filomena Gregori, a Bibia do Cebrap. "Aponta caminhos, xeroca artigos, faz uma leitura de texto criteriosa, muito além das habituais sugestões de rearranjo. Ninguém faz isso na faculdade." Ademais, metade dos seus alunos acaba fazendo suas teses com a biblioteca do casal Cardoso. "Eu, sozinha, devo ter uns quinze lí em casa", lembra Bibia. "Ruth nos ensinou que somos plurais, o que nos evita cair no ideológico", acrescenta a antropóloga Ester Hamburger.

Na pena demolidora do colunista José

Simão, da *Folha de S.Paulo*. "dona Ruth parece aquelas missionárias americanas com culpa". Ela dá risada, polidamente. Na imprensa americana, Hillary Clinton já foi descrita como uma missionária em busca de uma missão. Sem culpa. Não poderia haver mulheres mais diferentes entre si. Que o digam os filhos. A piada corrente em Washington é o conselho da jovem Chelsea Clinton à diretora da escola: "Melhor ligar para papai, pois mamãe deve estar ocupada". No plano familiar, Ruth Cardoso é a guardiã de tudo e de todos. No plano de uma eventual atuação em esfera pública, "a Ruth será igual a Hillary na elaboração e criação de propostas, mas na execução não", comentou o candidato tucano recentemente. "Quem a conhece sabe que não vai querer cargos no governo." E, se não fosse casada com um presidenciável, Ruth teria interesse em ingressar na carreira política? "Não faz o meu perfil. Não acho que eu tenha as



Ruth e Fernando Henrique no apartamento da Rua Maranhão, em São Paulo num...

A história do barbante

O ex-ministro da Fazenda se dá mal com dinheiro

Queixa freqüente dos amigos de Fernando Henrique Cardoso: ele é pão-duro e por isso nunca tem nada na geladeira. Tem conta conjunta com a mulher, mas nunca emite cheques. Ruth concorda, e dá risada — o tema parece fazer parte do anedotário familiar. A melhor maneira de oferecer é disparar o tema na frente de quem melhor o conhece.

O senhor é pão-duro?

FHC — Não, eu só não gosto de dinheiro... A minha relação com dinheiro não é fácil... Eu acho uma coisa absurda essa história de dinheiro... Meus netos têm muito mais dinheiro do que eu... A Ruth é muito mais pão-duro do que eu...

RUTH — Não, eu gasto. Só que eu escolho como gastar. Mas dou dinheiro

para os filhos, você não dá...

FHC — Você dá até demais... Sou contrário ao suporte financeiro. Pagar contas eu pago, mas...

RUTH — Você gosta que as pessoas paguem para você...

“Se alguém me dissesse, ‘Ruth, temos de escolher entre planejamento familiar em todos os postos de saúde ou falar de aborto’, eu optaria pelo primeiro. Me incomoda discutir aborto fora do contexto da saúde pública”



Hillary Clinton — a missionária em busca de uma missão: um dilema americano



...raro momento da campanha em que as duas agendas os encontram em casa

FHC — Eu acho que se gasta errado, se gasta muito...

RUTH — Isso todos nós achamos...

FHC — A gente vai mudando na vida, mas esse negócio de ostentação não é meu jeito. As pessoas ficam horrorizadas quan-

qualidades para fazer pontes e acordos. Mas estimulo imensamente as mulheres políticas que conheço.” Ruth tinha 33 anos, três filhos e a arrogância intelectual dos anos 60 quando John F. Kennedy foi assassinado. “Na época, Jacqueline Kennedy para mim era algo tão distante quanto uma cantora de ópera. Nada a ver.” Observou pela primeira vez que uma primeira-dama pudesse desempenhar um papel diferente do manual quando Danielle Mitterrand, a esposa do presidente da França, passou a atuar junto a movimentos sociais. Recordar-se pouco da abrasiva visita oficial de Rosalynn Carter ao Brasil, em 1977, recebida com hostilidade dupla pelo governo militar de Ernesto Geisel: uma, por ser mulher; outra, por falar de direitos humanos. Nessa ordem. Hoje, tudo isso começa a ser repassado na cabeça de Ruth Cardoso, com curiosidade mais evidente.

Na Europa, com passado monárquico,

do vão lá em casa (no seu apartamento funcional de Brasília) e vêem a televisão pequena. A mania agora é telão...

RUTH — Mas e aquela coisa horrível que você tinha quando já era chanceler?! Foi quando conseguimos que você comprasse um controle remoto!

FHC — É, eu amarrava um barbante no botão de desligar a televisão. O barbante era comprido e ia até a cabeceira da minha cama. Para desligar, bastava puxar o barbante. É bem verdade que não dava para mudar de canal nem o volume, mas resolvia.

recheada de reis e rainhas de carne e osso, o termo “primeira-dama”, inventado nos Estados Unidos, sempre pareceu ridículo. Jamais foi adotado. Mesmo a esposa do general Charles de Gaulle, versão republicana mais próxima de um imperador da França, era chamada apenas de “senhora De Gaulle” ou, na versão mais popular, “tia Yvonne”. Só que o dilema não está no título. Em questão estão a natureza e a evolução de uma parceria no topo do poder, ao qual apenas um dos consortes foi eleito. O que surgiu como condição familiar virou função pública e está começando a ser confundido com cargo político. Em nenhum lugar do mundo essa evolução se tornou mais abrasiva do que nos Estados Unidos de hoje, do casal Bill e Hillary Clinton.

“Uma autonomia maior da mulher pode levar a desequilíbrios que resultem em crises”, observa Ruth Cardoso, “e essas crises estão pipocando em toda parte — Argentina, Peru, Estados Unidos, na esfera de governos municipais. Há um dilema no fato de a mulher de um presidente não poder ser despachada. De um lado, isso lhe confere poder, de outro, impõe uma limitação ao sistema político. Talvez os próprios partidos acabem encontrando mecanismos de legitimação de maior participação das esposas.” Uma amiga e confidente de Ruth faz tradução mais direta do dilema: “Se Fernando Henrique vencer, o ápice da vida de Ruth embute a dissolução de sua trajetória própria”. Em 1986, ainda professora da USP, Ruth Cardoso publicou *A Aventura Antropológica*, coletânea de ensaios de vários autores. Hoje, segundo as pesquisas eleitorais, está rumando para uma aventura maior. ■

GENTE

Ousadia entre plumas



Que surpresa! **Ruth Cardoso**, a antropóloga, a intelectual dos milhares de livros que ignora olímpicamente preocupações menores com o guarda-

roupa e range os dentes sob o peso patriarcal da designação de primeira-dama, brilhou como um farol na festa no Itamaraty que coroou a posse de seu marido. Em meio ao previsível festival de modelões de alta-costura, modelinhos de baixa confecção, exageros emplumados, ilhas de paetês e um mar de figurinos simplesmente corretos, ela veio de Issey Miyake, o estilista japonês que faz roupas chiques, contemporâneas e magnificamente teatrais. Arrasou.

Ruth seguiu uma espécie de roteiro da mulher inteligente para montar o figurino da noite. Inteligente, relativamente abonada e, aí a maior surpresa, ousada. Quando se esperava que ela consagrasse o padrão antiperua com algum modelito muito discreto (e desenhado), Ruth tirou da mala a modernidade de um Issey Miyake, que firmou um estilo inconfundível com suas roupas plissadas, quase origamis de vestir. O vestido longo, de alças, com uma sobrecapa é da linha prêt-à-porter do estilista. Foi comprado durante a viagem de quatro dias que Ruth Cardoso fez a Paris no início de dezembro, em clima de segredo de Estado. Lá, ela se encontrou com a amiga Violeta Arraes, irmã do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Foram a uma loja de Miyake, de onde Ruth saiu com o modelo negro, de poliéster, que não amassa — as roupas do estilista são guardadas enroladas — e pode ser

composto de formas variadas. “Já usei o meu várias vezes, é como se fosse um smoking”, diz a empresária de moda **Glória Kalil**, que desfilou no Itamaraty seu polivalente Miyake, um top prata.

Foi em Paris também que Ruth garimpou outro achado: o conjunto de colar e brincos assinado pelo artista plástico brasileiro Arthur Piza. Amigo de mais de trinta anos, radicado em Paris, o artista, mais conhecido pelas gravuras geométricas, estava com uma exposição de sua nova coleção de jóias numa galeria local. As peças eram de ouro, prata e bronze dourado. Ruth levou o conjunto de bronze, muito mais barato — os brincos saíram por cerca de 500 dólares e o colar custou o dobro. O efeito é tão espetacular quanto o de uma jóia de ouro.

A proveitosa viagem de



Ruth: vestido de Miyake, jóias de Piza e o mesmo sapato, de dia e à noite



Ruth a Paris obedeceu a motivos estéticos e, como boa antropóloga, também simbólicos: escolher uma roupa completamente desvinculada (no sentido político, é claro). "Não quero ter um nome ou uma marca por trás de mim, como foi com a Rosane Collor", confidenciou ela a uma amiga, referindo-se à fugaz primeira-dama que consagrou as coloridíssimas peruças da estilista Glorinha Pires Rebelo. A escolha política mais significativa, no entanto, quase passou despercebida — estava nos pés. Inspirada talvez pelo marido reconhecidamente sovina ou nos apelos em favor do corte de gastos do amigo José Serra, Ruth usou os mesmos sapatos nas cerimônias da posse, durante o dia, acompanhando o conjunto de crepe com três estampados em composê da estilista Marjorie Gueller, e na festa, à noite.

Chique, ousada e até econômica, Ruth Cardoso foi uma unanimidade? "Parecia uma freira", fuzilou a parente de um conhecido deputado. "Um estilista amigo meu falou que ela estava a cara da 'velhica rebelde'. Aquela roupa horrível ainda fazia a barriga ficar protuberante e os seios, enormes." É nesse ninho de cobras que Ruth caiu, de Miyake e tudo. Que os próximos quatro anos lhe sejam leves.



Glória: estilo polivalente

VEJA, 11 DE JANEIRO, 1995



Tânia Andrade Vieira, de girassóis, e Marita: batalha contra o excesso de correção

Se depois do lance de ousadia da festa da posse pode-se esperar que Ruth Cardoso volte ao *low profile* habitual, o combate à monotonia em matéria de figurinos está garantido. Tânia Andrade Vieira, mulher do ministro da Agricultura e dono do Bamerindus, José Eduardo Andrade Vieira, demonstrou que Brasília não vai morrer de tédio por falta de culto às griffes espalhafatasas. Só no domingo, ela desfilou dois modelos da griffe alemã Escada — um *tailleur* verde e rosa durante as cerimônias oficiais da posse e um longo com girassóis bordados na festa no Itamaraty. Sem contar um Versace rosa-choque na missa da segunda-feira. Os girassóis do Paraná renderam comentários irônicos. Tânia nem ligou. "Gosto de alegria e só me importo com a opinião do meu marido", disse ela.

Outra combatente da batalha contra o excesso de correção

no guarda-roupa foi a socialite brasileira Marita Martins, mãe adotiva do empresário e deputado Luiz Estevão. Os salões emudeceram quando esta veterana de posses presidenciais despontou envolta numa túnica de gaze verde-água, arrematada por plumas em quantidade suficiente para extinguir um ecossistema inteirinho. Guilherme Guimarães era o autor. "É o primeiro vestido de plumas do Guilherme nesta temporada e segue a última tendência de Paris", informou Marita.

Nomes de griffes famosas impressionam, mas foi a recife Lurdinha Noyama quem assinou seguramente um dos vestidos mais vistos da noite: o de Assiria, mulher de Edson Arantes do Nasci-

Pelé e Assiria: políticos têm ataque de tietagem, mas o rei não pede verbas



**REPORTAGEM
ESPECIAL**

Pesquisa inédita revela o que não se fala na cama
O BRASILEIRO QUER FAZER MAIS SEXO

Editora ABRIL - edição 1803
ano 36 - nº 20 - R\$ 5,90
21 de maio de 2003

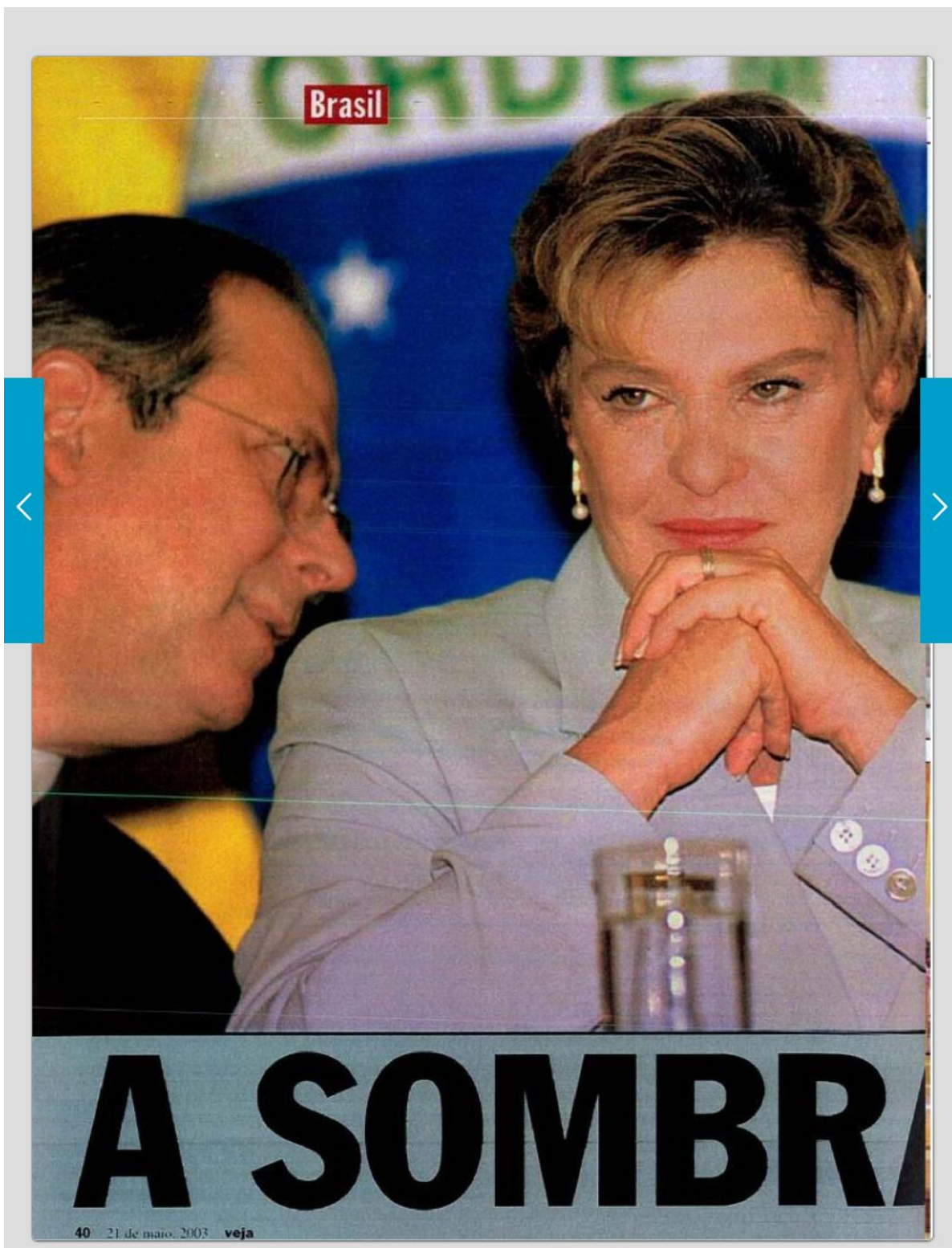
veja

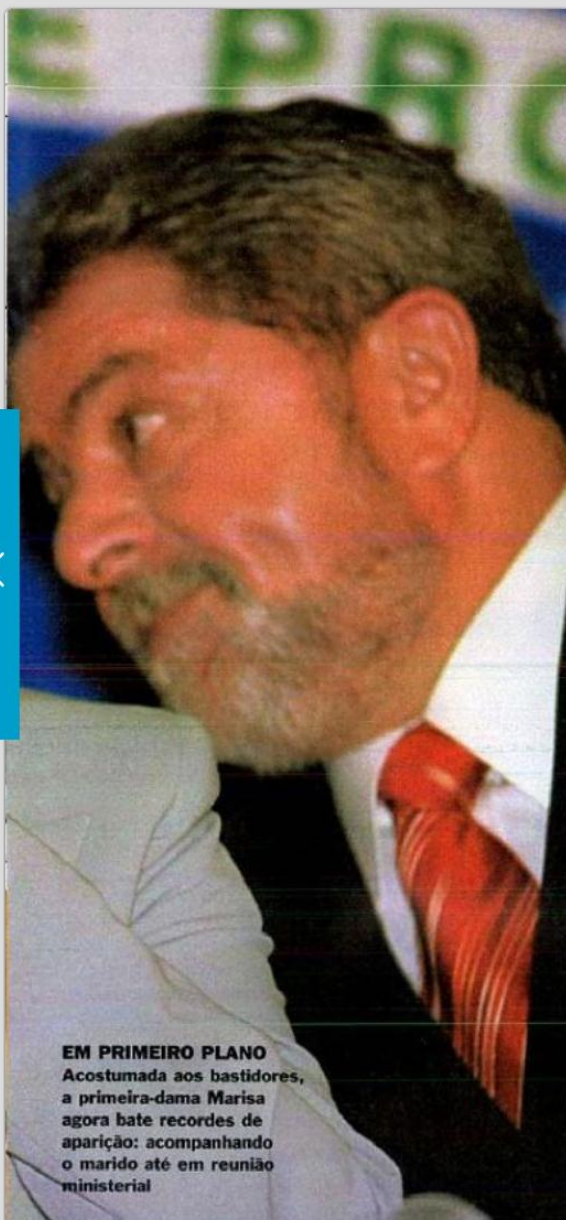
www.veja.com.br

- ◆ Mulher do presidente vai sempre a reuniões políticas e compromissos oficiais
- ◆ A imagem de autenticidade e companheirismo beneficia Lula
- ◆ No Alvorada, mantém um estilo de vida simples

A PRESENÇA DE MARISA







EM PRIMEIRO PLANO
Acostumada aos bastidores,
a primeira-dama Marisa
agora bate recordes de
aparição: acompanhando
o marido até em reunião
ministerial

Maurício Lima e Thais Oyama

Marisa Leticia Lula da Silva, 53 anos completados no dia 7 de abril passado, tem rompido velhas barreiras. Depois de ter ficado três campanhas presidenciais escondida nos bastidores, no fundo dos palanques em que o marido arengava às massas, ela apareceu como nunca na última disputa eleitoral. Recebia afagos públicos do marido, debruçava-se à frente dos palanques, acenava aos eleitores e distribuía sorrisos. Sua súbita aparição, com a estampa recauchutada e o figurino escolhido por uma especialista, foi uma estratégia de marketing eleitoral, concebida pelo publicitário Duda Mendonça. O bruxo do marketing petista queria explorar o fato de que Luiz Inácio Lula da Silva mantinha um sólido casamento de 29 anos — e isso poderia ter um triplo efeito eleitoral: transmitir a imagem de um homem confiável, humanizar a figura de um político conhecido pela barba e pela carranca e, por fim, amenizar a resistência do eleitorado feminino ao candidato.

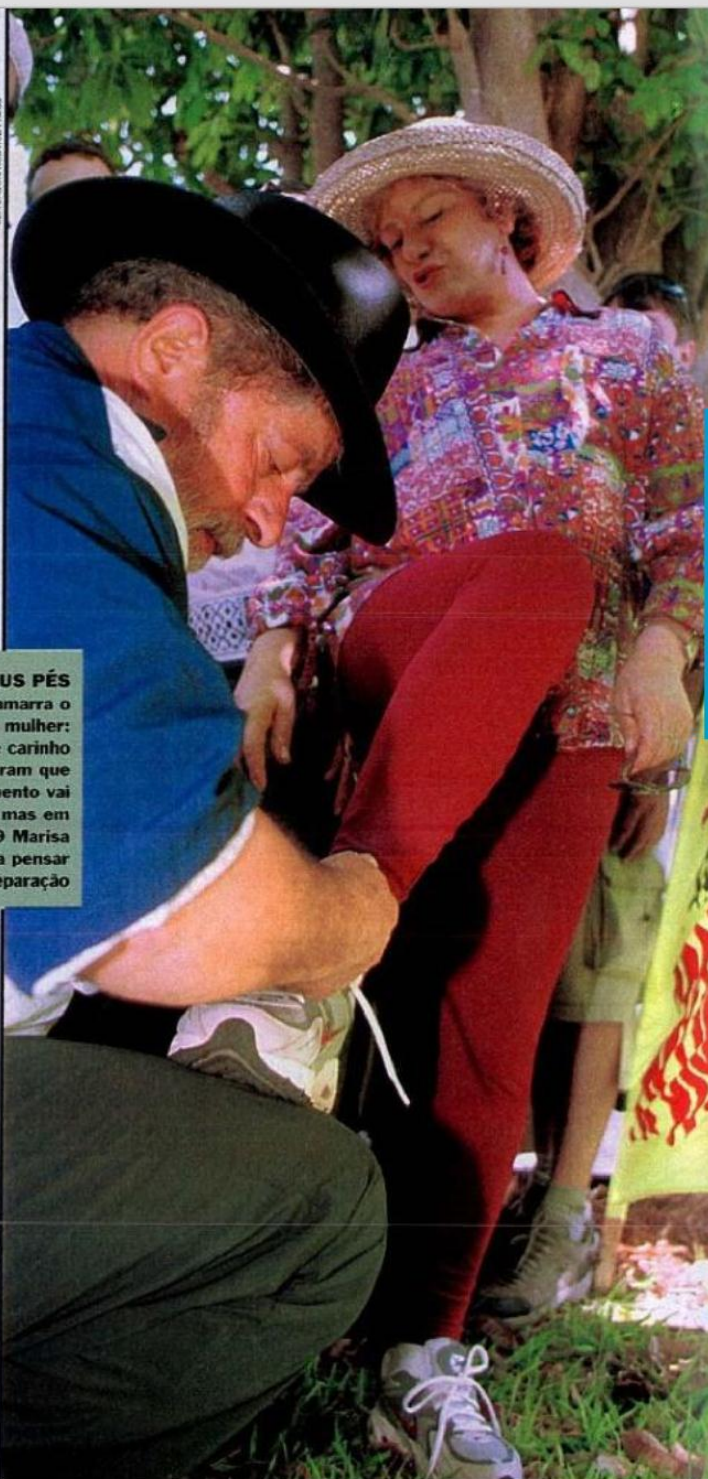
A DE LULA

Provavelmente, outros fatores contribuíram, mas o fato é que, humanizado, o candidato virou o "Lula, paz e amor". As pesquisas à época mostraram que o eleitor passou a vê-lo como um nome confiável e a rejeição entre as mulheres, em seis meses, caiu de 47% para 31%.

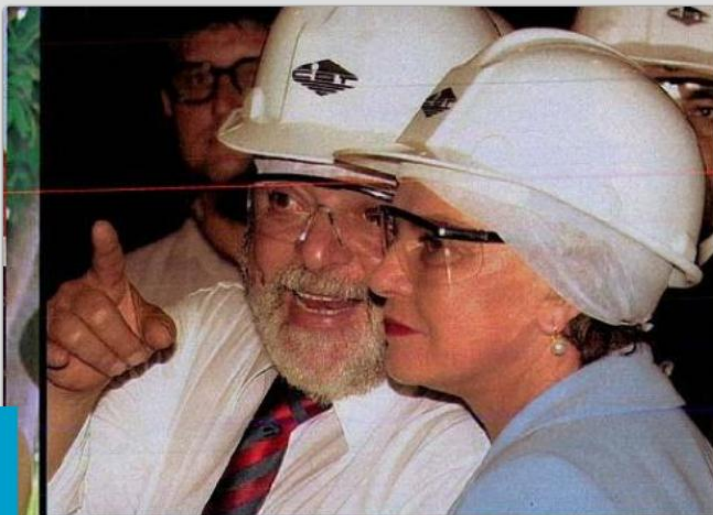
No governo, alçada à condição de primeira-dama, Marisa Letícia quebrou barreiras da aparição: em apenas cinco meses, já foi vista em público mais do que algumas primeiras-damas durante um mandato inteiro. Quando o presidente se dirigiu ao Congresso para entregar as propostas das reformas tributária e previdenciária, lá estava ela — ao lado do marido, entre governadores e deputados, chapeuzinho na mão (recomendação da dermatologista) e sorriso nos lábios. Na cerimônia de apresentação de um grupo de novos generais, ei-la novamente, ao lado do marido. Marisa comparece aos tensos salseiros da bancada petista. Testemunha negociações políticas do presidente. Até a uma reunião ministerial já foi, com direito a assento à mesma mesa oval em que se debruçam os ministros. No Palácio do Planalto, ocupa um gabinete colado ao do marido. Em dez segundos, ela deixa sua sala, cruza uma passagem privativa e entra no gabinete presidencial. Não há restrições à sua presença, mesmo que ali estejam reunidos os homens mais poderosos da República.

Nessas ocasiões, Marisa comporta-se com reserva. Na maioria das vezes, ela não diz palavra, não faz nenhum comentário. Só distribui sorrisos ou cumprimentos ou apenas ouve a tudo atentamente. Não há nada, a rigor, que justifique sua presença em cerimônias reservadas. Por que, então, ela está ali? Que papel ela cumpre? "Marisa é o ibope do Lula. Ele gosta de saber o que ela está pensando antes de tomar uma decisão", diz o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh, amigo do casal há mais de duas décadas. Há razões mais pragmáticas, no entanto. Se, na campanha presidencial, a presença de Marisa Letícia humanizou a imagem do candidato e diminuiu sua rejeição entre as eleitoras, por que ela não poderia seguir produzindo os mesmos efeitos positivos para o agora presidente?

42 21 de maio, 2003 veja



A SEUS PÉS
Lula amarra o tênis da mulher: cenas de carinho mostram que o casamento vai bem; mas em 1989 Marisa chegou a pensar em separação



DENA SAMBRODAL

DEZ COISAS QUE NINGUÉM DEVE FAZER NA FRENTE DA PRIMEIRA-DAMA

- 1 Mencionar o episódio da cadelinha "Michele" (flagrada pegando carona numa Kombi presidencial)
- 2 Comentar os resultados do lifting feito no ano passado (e que ela jura que nunca fez)
- 3 Dizer que está parecida com a prefeita Marta Suplicy (Marisa detesta a insinuação de clonagem)
- 4 Comparar seus hábitos com os da ex-primeira-dama Ruth Cardoso (principalmente nos cuidados com o Palácio da Alvorada)
- 5 Sugerir que escureça levemente o tom do cabelo (Lula, afirma, gosta dela bem loira)
- 6 Pretender que tem com ela uma intimidade que não existe (isso é coisa, diz Marisa, de quem quer bajular Lula)
- 7 Insistir para que fale em público (tem fobia da situação, suas mãos tremem e transpiram)
- 8 Tirar seu marido de casa no sábado e domingo (fim de semana é com a família, e ponto)
- 9 Fotografá-la fumando (vício sobre o qual não gosta nem que falem)
- 10 Cercar o presidente de sorrisos e carinhos (para mulheres em geral, com agravante no caso de atrizes famosas)



ALTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

Na semana passada, VEJA teve acesso a uma pesquisa contendo questões sobre a primeira-dama. Os eleitores ouvidos disseram considerá-la "forte", "solidária", "verdadeira", "do povo". Afirmaram que gostariam de vê-la envolvida em um projeto social, mas também a apoiariam caso decidisse dedicar-se apenas à família. E enviaram um alerta: eles passariam a criticá-la se comesse a se mostrar fútil. Disso não há risco. Marisa Leticia não tem feito nada que produza uma remota impressão de futilidade. Desde que se mudou para Brasília, recusou convites para todas as festas que não fossem oficiais. Não compareceu nem ao aniversário de Mariza, mulher do vice-presidente José Alencar, sua mais assídua companhia na capital. Está se preparando para encarar sua primeira missão oficial — um projeto na área social. Deverá assumir a presidência de uma organização não-governamental de apoio ao Fome Zero. Teve o cuidado de só aceitar o encargo depois de obter garantias de que não lhe faltaria tempo para dedicar-se à família.

Os amigos mais próximos dizem que tudo é uma decorrência natural da personalidade da primeira-dama. "Ela nunca foi de badalação", conta Fátima Grana, mulher do sindicalista Carlos Alberto Grana, secretário-geral da CUT, e uma de suas melhores amigas de São Bernardo do Campo. Os amigos também acrescentam que sua prioridade sempre foi mesmo cuidar do marido, da família e da casa. "Ela sempre foi mãezona italiana e quer continuar assim. Quer servir o café para o Lula, ver se ele está malhando, cuidar do regime dele, acompanhar a vida dos filhos e tentar reunir a família o máximo de vezes possível", conta um amigo do casal. Dentro do governo, no entanto, a onipresença da primeira-dama causa certa perplexidade. "Ela não precisava estar em algumas situações. Acho um pouco de exagero, mas ela não fala nem atrapalha", diz um dos mais próximos colaboradores do presidente. Dois ministros ouvidos por VEJA enxergam o dedo de Lula por trás das aparições da primeira-dama. Um diz que o petista tem "um fantástico feeling para perceber as pessoas". Outro lembra que o presidente é dono de "um notável senso de comunicação" e acrescenta que, se Marisa está em todas, "obviamente é porque Lula concorda".

Se a ubiquidade pública de Marisa faz bem ao marketing do governo, tam-

bém faz bem para Lula, que gosta de vê-la por perto. Ao fim de algum discurso, ele sempre olha para ver onde a mulher está. Em muitas ocasiões, principalmente aquelas em que se emociona, Marisa se aproxima e segura sua mão. “Sua atuação não é política. Ela está ali para dar tranquilidade a ele”, diz Frei Betto, outro amigo de décadas. Marisa também não perde o presidente de vista. Quando o número de tietes em volta de Lula está elevado, a primeira providência que toma é chegar perto e laçar-lhe o braço. Quando as atrizes globais simpáticas ao PT se derretem em rapapés ao presidente, Marisa não esconde a contrariedade. Além do assédio feminino, ela também controla a carga horária do marido. No Palácio do Planalto, quando o relógio ultrapassa 9 horas da noite, sai de sua sala para decretar o fim do expediente e levar Lula de volta ao Palácio da Alvorada. “Chega. Agora vamos embora porque amanhã tem mais” é o seu comando preferido.

Marisa insiste para que Lula almoce em casa e reserve os fins de semana para a família. Às vezes, perde a paciência quando alguém se estende numa conversa ou reunião. No início do governo, já instalado no Planalto, Lula estava sondando candidatos a ocupar a presidência de autarquias federais. Depois de uma longa reunião, um político do PT acabou preferido para o cargo e, como prêmio de consolação, quis tirar uma foto com o presidente. Marisa, impaciente para ir embora, não se conteve: “Que foto, que nada! Até os nossos viraram tietes agora”. A firmeza de Marisa é algo que Lula preza muito. Ela não é uma pessoa dócil nem esconde o que está pensando. No fim do ano passado, Lula, já eleito presidente, foi a um evento em que estaria presente o então presidente Fernando Henrique Cardoso. Ambos seriam homenageados, mas as loas a FHC prolongaram-se e excederam-se. A diferença de tratamento causou mal-estar na platéia — e entalou na garganta de Marisa. Ao final da cerimônia, Ruth Cardoso disse aos organizadores que ela e o marido não ficariam para jantar por causa de outro compromisso. Marisa, disposta a mostrar seu desagrado, nem esperou Ruth terminar de falar e disparou:

CONSTANTE E CALADA

Marisa desfila diante dos generais em cerimônia de condecoração: “Acho um pouco de exagero, mas ela não fala nem atrapalha”, diz colaborador de Lula





“Nós também não vamos jantar, não”. Enlaçou Lula, e despediram-se.

A figura da primeira-dama já tem mais de dois séculos e surgiu nos Estados Unidos. Por volta de 1790, Martha, mulher do primeiro presidente americano, George Washington, começou a aparecer ao lado do marido em ocasiões públicas e chamar a atenção da imprensa — numa emulação republicana dos hábitos da monarquia inglesa, com seus reis e rainhas. Estava garantida a sobrevivência do arquétipo do “casal reinante”, tão profundamente entranhado. O termo *first lady* — primeira-dama, em inglês — foi usado pioneiramente para designar Lucy, mulher do presidente Rutherford B. Hayes (1877-1881). Ela exemplificava o perfil esperado de uma mulher de presidente: uma presença amável e comportada ao lado do marido, entremeada por compromissos oficiais, visitas a escolas e hospitais e recepções bem organizadas (área em que

sobressaía, embora tenha proibido bebidas alcoólicas na Casa Branca, o que lhe valeu o apelido de Lucy Limonada). A figura da primeira-dama tradicional, que cuida dos assuntos domésticos e reforça a imagem de homem de família do marido, continua a prevalecer, em mulheres como Marisa ou a menos visível das primeiras-damas americanas em décadas, Laura Bush. Ao mesmo

tempo, já surgiram as primeiras representantes das mulheres com carreira própria, como Hillary Clinton ou Ruth Cardoso. Muitas vezes, elas formam uma espécie de sociedade política com o marido, em favor da qual renunciam a suas atividades profissionais, pelo menos temporariamente — a exceção é Cherie Blair, advogada de primeira linha, que continua a trabalhar enquanto o marido, Tony, toma conta do governo britânico. Mulheres brilhantes e ambiciosas costumam causar bastante desconforto, especialmente se parecem influir sobre o marido mais além das conversas de travesseiro. A idéia da “co-presidência”, em que o eleitor vota no marido e leva a mulher junto, por mais bem-sucedida que ela seja, teve grande rejeição no caso de Hillary. Os marqueteiros ainda entendem que uma primeira-dama adequada aos interesses políti-



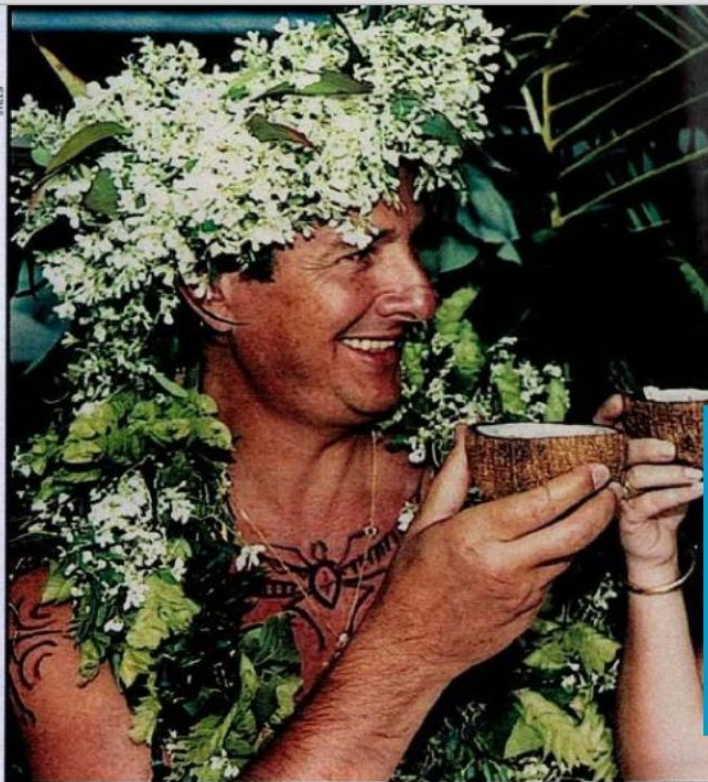
VIDA EM SÃO BERNARDO
A primeira-dama estudou até a 7ª série e mesclou a vida doméstica, como no aniversário em família, a um turbilhão político (na foto abaixo, Lula é julgado, em 1981)



cos deve reunir imagem familiar, elegância sem exageros e trabalho social. Apesar da presença constante nos compromissos do marido, Marisa Letícia não tem destoado desse figurino geral — e o governo tem colhido os frutos de sua boa imagem.

Na vida familiar, os Lula da Silva têm tarefas bem divididas. Lula cuida do público, Marisa toma conta do privado. Isso não significa que Lula não ajude nas tarefas domésticas. Até ganhar a eleição, o casal nunca teve empregada (hoje, só no Alvorada, há setenta funcionários à disposição do casal), e o presidente frequentemente ajudava a lavar a louça e as próprias roupas íntimas. Marisa organizou passeatas quando o marido esteve preso em 1980 e, no mesmo ano, chegou a fazer um curso político na Pastoral Operária e fundar um núcleo de mulheres petistas no Jardim Lavínia, em São Bernardo do Campo, mas não foi além. Lula não gostava. Reclamava que tinha de cuidar das tarefas domésticas e que a mulher estava chegando tarde demais em casa. Quando reúne amigos e familiares no sítio em São Paulo, perto da Represa Billings, ou no Palácio da Alvorada, ela faz tudo para que assuntos políticos não venham à baila. “Vimos aqui para nos divertir”, corta ela, quando alguém introduz um tema político.

Marisa funciona mesmo como um filtro para as relações pessoais do presidente. Ela sopra no ouvido de Lula quem são as pessoas que merecem ou não a sua confiança, baseada na impressão que lhe causam. Algumas, como o ministro José Dirceu, chefe da Casa Civil, e o vice-presidente José Alencar, só merecem elogios. Enquanto Lula era bombardeado pela esquerda do PT por ter convidado Alencar para seu vice, Marisa esteve entre as pessoas que apoiaram a iniciativa. “Você vai acertar. Eles são gente boa”, dizia ela, incluindo, no uso do plural, a mulher do vice-presidente, sua xará Mariza. Outras pessoas não têm a mesma acolhida. Na sua lista negra, tem lugar cativo o ex-deputado Jair Meneguelli, do PT paulista, que, em sua opinião, só aparece quando precisa de alguma coisa. Também está na lista o franco-argentino Luis Favre, marido da prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Aliás, Marisa detesta ouvir que, após sua remodelagem estética, ficou muito parecida com Marta. Também não gosta que se mencione a própria reforma estética — o *lifting*,



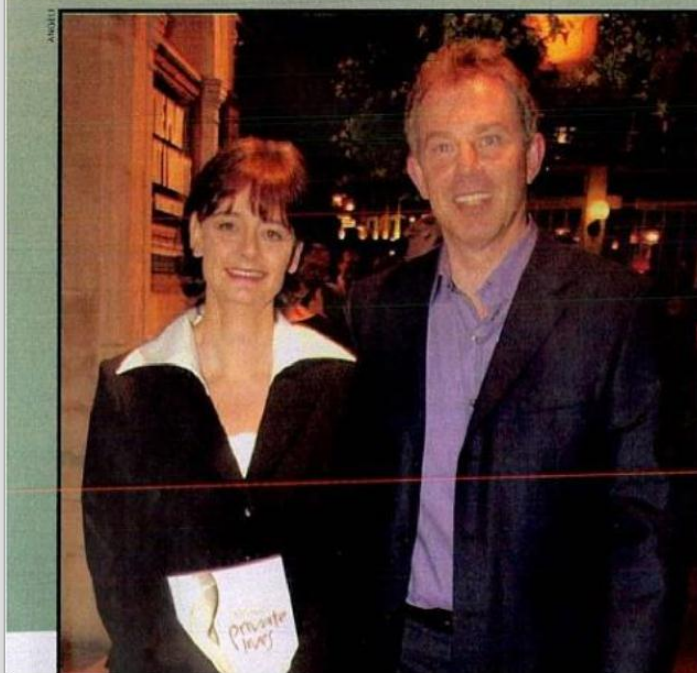
QUATRO ESTILOS

Entre o palácio e a carreira: Rosane foi uma primeira-dama convencional, apesar do espalhafato (na foto, com Collor, a caráter no Taiti, depois da renúncia), enquanto a discreta Ruth Cardoso e Hillary Clinton abriram mão do exercício profissional durante o mandato dos maridos. A exceção é a advogada Cherie Blair, que continua a trabalhar

que teria feito no ano passado, mas que a primeira-dama jura que não fez.

O casal Lula da Silva se dá bem. É comum assistir a cenas de carinho explícito entre os dois, como na foto publicada na semana passada durante um churrasco em frente ao Alvorada, em que Lula amarrava o cadarço do tênis de Marisa. Durante a campanha, quem viajou no avião presidencial via uma cena típica de casais de bem com a vida. Marisa punha a perna em cima das pernas de Lula, e ele ficava acariciando seus pés. À noite, Lula ajuda a mulher a colocar rolinhos no cabelo. Os tempos de harmonia de hoje, porém, contrastam com momentos críticos no passado em que o casamento estremeceu a ponto de quase ruir. Pouco antes da campanha presidencial de 1989, Marisa já não agüentava mais as ligações anônimas que recebia em sua casa. Eram pessoas insinuando que Lula não estava naquela reunião, não tinha aquele compromisso formal





— mas estivera em outras atividades. Cansada de ficar longe do marido e exausta dos telefonemas, Marisa explodiu. Chegou a procurar um advogado amigo e pediu que preparasse os papéis para a separação. Só depois de muita conversa Lula desmontou a bomba.

No Palácio da Alvorada, Marisa está, aos poucos, dando um toque de sua personalidade. Para a horta, está trazendo frutas típicas dos 27 Estados do Brasil. No jardim, também acrescentou flores de sua preferência. O clima reinante é de informalidade. Marisa é do tipo que oferece fatia de bolo para os funcionários ou os chama, quando não há convidados, para ver um filme no cinema do palácio. Nos momentos de lazer, prefere a companhia dos filhos, que ficaram em São Bernardo do Campo, mas para quem telefona todo santo dia. Nos fins de semana, além da família, Marisa já recebeu a visita de alguns amigos do ABC paulista. Um dos primeiros foi o casal Cidinha e Laerte Demarchi, donos do restaurante que vende frango com polenta em São Bernardo. Cercada pela família e pelos amigos, Marisa aproveitou

ta para fazer o que gosta: fumar seu cigarrinho (detesta revelar que é fumante e não se deixa fotografar com um cigarro entre os dedos), tomar uma cervejinha (sua bebida predileta), jogar cartas (adora buraco e mexe-mexe, versão simplificada do jogo) e papear (desde que não seja sobre política). É a única ocasião em que relaxa no regime.

Com 1,61 metro de altura, 60 quilos e boa saúde, segue uma dieta que inclui salada no almoço e no jantar e a proibição de carne vermelha à noite. É o preço que paga para poder comer arroz e feijão todos os dias — único prato que, por ordem sua, nunca sai do cardápio da cozinha do Alvorada. O café-da-manhã ela toma bem cedo, logo depois das 6, horário em que acorda. Em seguida, caminha durante uma hora, muitas vezes ao lado do presidente. Entre suas leituras, incluiu-se hoje o romance *Onze Minutos*, do escritor Paulo Coelho, um presente de Aline Mendonça, mulher do publicitário Duda Mendonça.

Sua rotina é sair de um palácio para o outro. Em seu gabinete no Planalto, Marisa abre o computador e escreve e-mails. Passa a maior parte do tempo com Lula. No Alvorada, recolhe-se às 23 horas, depois do jantar ou de uma

sessão de cinema. Seu cotidiano é uma continuação da austeridade praticada pela antecessora. Apesar de terem estilos muito diferentes, Ruth Cardoso e Marisa não são dadas ao deslumbramento com o po-

der. A senhora Fernando Henrique, dona de um doutorado em ciências sociais, desenvolveu um forte trabalho na área social. Marisa, que cursou até a 7ª série, quer ser a primeira-companheira. O recato de ambas contrasta com o comportamento de outras primeiras-damas que passaram por Brasília. Yolanda, esposa do marechal Costa e Silva, costumava promover um chá das 5 no Palácio da Alvorada, acompanhada de uma dúzia de amigas. Especialista no ofidário palaciano, ficava tocando piano e falando mal de membros do governo. Dulce, mulher do ex-presidente João Figueiredo, era de badalado, num clima plumas e paetês. Na capital federal, ninguém se esquece da festa Um Dia em Hollywood, com direito a cavalo da guarda presidencial e vestidos copiados de filmes americanos. Rosane Collor

O PRESIDENTE LEVA UM OLÉ DO PATO

Mantendo seu peso sob sigilo, Lula começou a fazer dieta, mas a barriga segue indomável

Antes de assumir o cargo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva submeteu-se a um check-up no Instituto do Coração, em São Paulo. Sob os cuidados do médico Roberto Kalil Filho, o exame revelou que a saúde do presidente estava boa. Havia apenas dois inconvenientes: Lula estava pesando demais e sua bursite, inflamação no ombro que o acompanha há mais de duas décadas, dava sinais de que voltaria a atacar. De acordo com o diagnóstico, o presidente deveria fazer dieta para emagrecer

e, para enfrentar a bursite, precisaria submeter-se a uma cirurgia. Com ojeriza à anestesia, por mais simples que seja, Lula aproveita cada melhora no ombro como desculpa para adiar a operação. Já o projeto para perder peso está sendo seguido há cerca de um mês. Lula decidiu restringir os alimentos gordurosos durante a semana e fazer exercícios físicos uma hora por dia, sob a orientação de um personal trainer. Até agora, contudo, como prova sua silhueta, os resultados não apareceram.





JOSE PAULO LACERDA/REUTERS

Secretaria de Educação de São Bernardo. Em seguida, casou-se com um motorista de táxi, ficou grávida e, no sexto mês de gestação, perdeu o marido, assassinado num assalto. Três anos depois da viuvez, conheceu Lula quando foi ao sindicato pegar um documento. Ela já estava namorando, mas o metalúrgico insistiu tanto que acabou levando-a para jantar, justamente no frango-com-polenta dos Demarchi. Casou-se com Lula em 1973 e criou os quatro filhos — um dela, três do casal. Em sua rotina doméstica, Marisa habituou-se a lavar, passar, cozinhar e carregar sozinha as sacolas de supermercado. Guarda marcas desse passado — e elas não passaram despercebidas em Brasília. “Marisa é simpática e elegante, mas tem as mãos estragadinhas”, diz uma socialite da capital federal. Detalhe: esta senhora tentou atrair a primeira-dama para uma festa em sua casa e não conseguiu convencê-la a comparecer. ■

LUGAR DE HONRA

Descontração em meio à base aliada do governo depois de almoço na Granja do Torto: “Marisa é o íbope de Lula. Ele gosta de saber o que ela está pensando antes de tomar uma decisão”

será eternamente lembrada pelas roupas espalhafatosas, entre outros atributos afinados com o espírito da era Collor.

A sobriedade de Marisa é coerente com sua trajetória modesta. Filha de um verdureiro e uma dona-de-casa, descendentes de imigrantes italianos, aos 9 anos começou a trabalhar como babá de duas filhas de Jayme Portinari, um dos sobrinhos do famoso pintor. Aos 13 anos, foi embalar bombons na Dulcora, de onde saiu aos 20 para trabalhar na

supermercado. Guarda marcas desse passado — e elas não passaram despercebidas em Brasília. “Marisa é simpática e elegante, mas tem as mãos estragadinhas”, diz uma socialite da capital federal. Detalhe: esta senhora tentou atrair a primeira-dama para uma festa em sua casa e não conseguiu convencê-la a comparecer. ■

Acesse galeria de fotos em www.veja.com.br

Na nova rotina em busca da boa forma física, o presidente acorda às 6 horas e toma um café-da-manhã farto. Come pão, frutas, suco natural e, eventualmente, uma omelete. Em seguida, faz uma hora de exercícios aeróbicos. Caminha pelos jardins do Palácio da Alvorada ou em uma esteira por trinta minutos. No restante do tempo, pedala em uma bicicleta ergométrica. Os exercícios são monitorados pelo personal trainer Márcio Rabello. Quando está em Brasília, Lula costuma almoçar no Palácio do Planalto. Sua dieta é à base de arroz, feijão, salada e carne grelhada. Durante as viagens, procura substituir pratos

gordurosos por outros com menos calorias. Ainda assim, a combinação dieta-malhação não tem produzido o efeito esperado. Embora não tenha mexido no guarda-roupa, os ternos do presidente parecem a cada dia mais apertados. O Palácio do Planalto faz segredo sobre o peso de Lula, mas um assessor palaciano conta que o presidente engorda ao ritmo de 1 quilo por mês desde que assumiu o cargo. A rotina regrada não tem dado resultado porque o presidente costuma ir à forra nos fins de semana: quando não devora uma feijoada, debruça-se sobre um churrasco.

O endereço oficial da comilança é a Granja do Torto, onde o presidente se refugia aos sábados e domingos e de onde as principais autoridades do país costumam sair de maca após a famosa pelada presidencial. A vítima mais recente é o deputado Sigmaringa Seixas (PF-DF). Em vez de uma bola de futebol, a culpa foi de um pato. A primeira-dama, Marisa, decidiu preparar uma de suas especialidades culinárias,

pato com laranja. Vendo que o presidente encontrava dificuldade para capturar a ave, o deputado decidiu ajudá-lo. Na caça ao pato, caiu sobre uma pedra e sofreu um profundo corte na perna. Sigmaringa levou dezessete pontos — e o presidente ficou sem o almoço. Apesar de levar um olé do pato, Lula tem saúde de atleta. A pressão e o colesterol são normais. O coração comporta-se galhardamente, mesmo quando é submetido a esforço físico intenso. Além da barriga pronunciada, há outras mudanças em seu visual. O cabelo já está mais branco e ralo do que durante a campanha. “Está ficando igual ao do Frei Chico (irmão do presidente e dono de uma calva pronunciada). Já aparece até a tonsura”, alfineta o jornalista Ricardo Kotscho, assessor e amigo de Lula, que também sofre de acomia e, por isso, costuma ser alvo das piadas presidenciais.

Alexandre Oltramari



MARIA46-V

Marisa, a *mamma* do PT

*Simples, forte e mandona,
a primeira-companheira não faz
drama nem leva desaforos*

VILMA GRYZINSKI

Ela tinha 19 anos, estava casada havia seis meses e grávida de quatro quando os sogros, já acompanhados de um médico para socorrê-la em caso de emergência, entraram em sua casa num bairro de São Bernardo do Campo com uma notícia trágica: seu marido, que trabalhava como chofer de táxi à noite para reforçar o orçamento, havia sido assassinado num assalto. Os ladrões levaram 30 cruzeiros novos na época. Barra pesadíssima. Ela foi morar com os sogros, teve o primeiro filho, voltou a trabalhar fora e tocou a vida adiante. Dez anos depois, já no segundo casamento, viu o marido ser levado preso, trancafiado no Departamento de Ordem Política e Social, num dos estertores do autoritarismo do regime militar. Barra pesada, sem dúvida. Marisa Letícia Casa, Lula da Silva pelo segundo casamento, guarda recordações quase românticas dessa fase, como num daqueles filmes italianos do tempo em que todo mundo era de esquerda e a classe operária lutava pelo paraíso. "Organizamos uma grande passeata de protesto pela prisão dos líderes sindicais, com milhares de mulheres. Fiquei muito emocionada", lembra ela.

Com o marido em cana, São Bernardo pegando fogo e o Brasil sobre o fio da navalha, Marisa, entre passeatas nas ruas e reuniões políticas em sua cozinha, tocou a vida adiante. Esse é o mote — ou a palavra de ordem. Neta de imigrantes italianos, filha do sitiante Antonio João Casa e de Regina Rocco, dona de casa e benzedeira, a candidata e a "primeira-companheira" (a expressão politicamente correta escolhida pelo PT para o dia em que Marisa chegar a primeira-dama) não é mulher de fazer drama. "Em todo aquele episódio da prisão do Lula, eu nunca vi Marisa chorar", atesta Frei Betto, o frade dominicano que detesta o rótulo de guru político do casal Lula da Silva, mas se assume como amigo íntimo, quase um "irmão" da família.

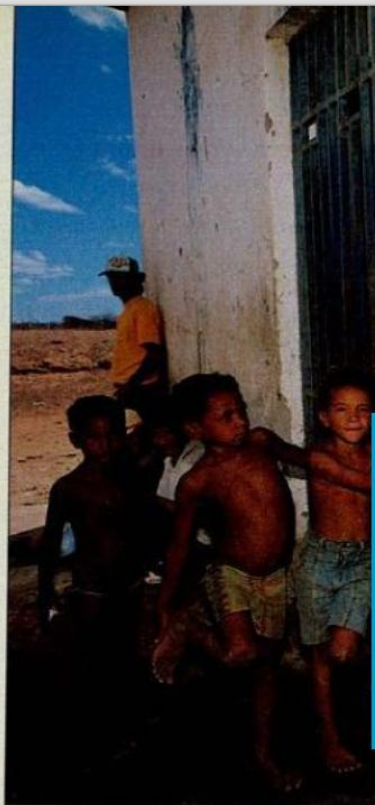
A mística da mulher simples, forte e mandona — "Muito mais do que o Lula", reconhece ela — percorre o PT, saudada com variados graus de reverência. Marisa, 44 anos, certamente é as três coisas.

Trabalhadora com carteira assinada aos 13 anos de idade (na fábrica de chocolate Dulcora, em que começou como auxiliar de embalagem e chegou a encarregada da seção de ovos de Páscoa), ela compartilha com o marido o hábito de engolir os esses dos plurais e nem sempre combina o pronome com o verbo.

Marisa é capaz de tirar os sapatos em público, cansada do ritmo massacrante da campanha. Clareia os cabelos e mantém as unhas bem-cuidadas, mas para se vestir recorre a costureiras de bairro ou lojas de São Bernardo, onde compra tudo de uma vez para não perder tempo. Gosta de horóscopo e de roupas vermelhas, como Nancy Reagan, por motivos supersticiosos. Estudou até a 7ª série e se dá por satisfeita. "Fui-me educando pelos acontecimentos", diz Marisa, cujo currículo oficial inclui apenas um breve curso de formação política na Pastoral Operária de São Bernardo, em 1980. Durante uma semana, ela exigiu que Lula ficasse em casa com as crianças, à noite. Lula reclamou.

A educação pelos acontecimentos, em compensação, foi uma maravilha. Por direito próprio, Marisa usa o plural sempre que fala da militância sindical e do nascimento do PT. "Quando começamos a fundar o partido, fui uma das primeiras a sair na rua para filiar militantes, batendo de porta em porta", orgulha-se ela. "Um dos primeiros núcleos do PT foi no meu bairro, o Jardim Lavínia, com umas cinco ou seis pessoas. Tinha secretário, tesoureiro, presidente, pauta, ata. Tudo legalizado", diz, com o vocabulário político da militância de base na ponta da língua. Incorporada às caravanas do PT, em 1989 e na atual campanha, ela descobriu "um lado sofrido, triste, que nem parece o Brasil que eu achava que era". A mudança, naturalmente, tem de ser operada "por uma pessoa que veio disso; quem nasceu em berço de ouro não vai fazer nada". Ganha uma estrelinha vermelha do PT quem descobrir quem é um e quem é outro.

Marisa não tem nenhum traço da mulher de político que se angustia com um



Marisa vê o lado "triste e sofrido" do Brasil na passagem pela Bahia (acima), relaxa os pés em viagem ao Sul e consola o marido, preso em 1980, no enterro da mãe: "Quem nasceu em berço de ouro não vai fazer nada para mudar"





ANTONIO BELLA



RINO CELSO

domésticas. Com motorista, segurança, um irmão aposentado que a ajuda com as plantas e a bicharada (coelhos, porquinhos-da-índia, codornas, galinhas, cachorros, entre outros) e uma irmã de criação que dá uma força nos momentos de aperto, ela ainda pega no pesado. Cozinha (sem grande entusiasmo), administra o dinheiro, paga as contas, compra todas as roupas do marido (na loja Garbo de São Bernardo) e até arruma as malas dele. Nos comícios, Lula gosta de fazer média com a platéia feminina, contando como volta para casa com a bagagem repleta de camisas sujas para a mulher lavar. É verdade. Mas as roupas de baixo, dele e dos três filhos (o mais velho, Marcos Cláudio, está casado desde 1991), ficam por conta dos próprios.

Os genes italianos da primeira-dama do ABC estão escritos na pele muito clara, na boa ossatura do rosto e no espírito de *mamma* que roda a baiana e vira loba romana para proteger sua tribo. Marisa já comprou briga em filas variadas ao ouvir falar mal do marido. Numa loja de material de construção, desafiou o filho do dono a lhe provar, como dizia em conversa com um cliente, que Lula queria "fazer nome em cima dos metalúrgicos enquanto morava numa bela casa no Morumbi". Marisa usou o "você sabe com quem está falando" ao contrário: reclamou e devolveu a compra, mas voltou atrás, para mostrar que continuava morando ali mesmo em São Bernardo.

De todas as consideráveis crises que já enfrentou, Marisa tem como pior período de sua vida a época em que o filho Sandro passou 45 dias internado no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, com endocardite, uma infecção no coração provocada por bactéria. Ele chegou a ter apenas 10% de chance de sobrevivência e passou um ano em casa, em tratamento e repouso, até poder ser operado pelo cardiologista-mor Adib Jatene.

"A gente dá o sangue pelos filhos", diz Marisa, a título de comentário sobre sua filosofia de vida em geral e, em particular, o escândalo protagonizado por Mirian Cordeiro, durante a campanha de 1989, ao aparecer no programa eleitoral de Fernando Collor para afirmar que seu ex-namorado Lula lhe propusera um aborto. "Fiquei muito abalada por causa das crianças, a filha deles e meus fi-

lhos", relata Marisa, sem alterar a voz, mas com os olhos esverdeados fuzilando. Ela já conhecia Lurian, a filha, mas garante que nunca conheceu Mirian, uma das várias namoradas de Lula, também viúvo na época, que até se casar pela segunda vez expandiu consideravelmente seu currículo amoroso.

O encontro dos dois companheiros já faz parte do folclore petista. Marisa precisava de um documento atestando que um irmão era seu dependente e, portanto, poderia receber atendimento médico do antigo INPS. Responsável pelo setor de benefícios do sindicato dos metalúrgicos, Lula se apresentara como voluntário para tratar pessoalmente do caso de qualquer viuvinha bonita que aparecesse por lá. Seis meses depois, estavam casados, com uma cerimônia civil e uma festa tão animada que retardou em um dia a lua-de-mel em Campos do Jordão. Agora, neste ano, duas décadas depois, casaram-se no religioso, com direito a outra festa, bolo de noiva e champanhe. "Eles estão numa fase muito boa", garante um amigo da família. É de pressupor que já houve fases menos boas.

Lula e Marisa raramente trocam gestos de carinho em público. Ele já foi visto reclamando, em altos brados, dos atrasos dela. Turrone, Marisa costumava dizer que, em caso de vitória, não pretendia ficar "tomando chá com as madames da LBA" e nem sequer se mudar para Brasília, cidade da qual declaradamente não gosta. Para a mulher de um dirigente petista que adora ficar em casa cuidando dos filhos, das plantas e dos bichos, é uma atitude muito simpática. Para a mulher de um chefe de Estado, mesmo depois do desastre Rosane Collor, a mulher que fez o Brasil pensar em presidentes eternamente descasados, estaria criada uma situação politicamente embaraçosa. Hoje, patrulhada por Lula, que chega a vetar entrevistas de Marisa, ela diz que "é melhor deixar ganhar primeiro" para depois se preocupar com o assunto.

"Ela é a única petista que não é fã do Lula. Pode questioná-lo e faz isso, o que é muito difícil quando se trata de um homem com o carisma dele", derrete-se Frei Betto. Marisa pode questionar e até brigar, mas também reserva elogios a que poucos maridos fazem jus. "A maior qualidade do Lula é o coração dele. Tem um coração muito bom", diz ela, que se espanta com a imagem irascível do líder petista. O "sapo barbudo", na intimidade descrita por Marisa, é um anjo de cordura que "nunca vai morrer de infarto se isso for causado por braveza ou nervosismo". ■

marido ausente, exausto ou ligado em outra sintonia. "Às vezes, quando o Lula está muito cansado, eu insisto. Dou uma força, vejo a agenda, digo que ele tem de cumprir", conta Marisa, que só fica irritada mesmo quando o marido decide descansar em casa com a família mas pendura-se ao telefone. Além do apoio político-partidário, Marisa assume as tarefas

**FRANÇA**

Com a folgada vitória de Macron, o eleitor diz não ao medo e ao fanatismo

**PARÁ**

Como evitar que a mineração de ferro e ouro seja uma tragédia ambiental e social

**EUA**

Trump demite o diretor do FBI e reaviva os temores de um novo Watergate



veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2530 - ano 50 - nº 20
17 de maio de 2017



Marisa Leticia,
em foto de 2010

A MORTE DUPLA

Em seu depoimento ao juiz Moro, Lula atribui as decisões sobre o triplex no Guarujá à ex-primeira-dama, falecida há três meses

BRASIL



CHERCHEZ LA FEMME

Em depoimento, Lula atribui as decisões do triplex à falecida esposa e parece sugerir, como nas histórias francesas, que a chave dos mistérios é a mulher

DANIEL PEREIRA E ROBSON BONIN



ESTRATÉGIA

Lula disse ao juiz Sergio Moro que dona Marisa era quem tinha interesse na cobertura do Guarujá

O esperado embate entre o ex-presidente Lula e o juiz Sergio Moro acabou em anticlimax. Não houve vencedores nem vencidos notórios, o que não chega a ser boa notícia para Lula. Acusado de ser o dono oculto do famoso triplex no Guarujá, o qual teria recebido de presente da OAS pelos serviços prestados à empreiteira, Lula teve a oportunidade de fazer o que há muito diz que lhe sonegam: o direito de defender-se. No entanto, Lula confirmou o que não podia negar, negou tudo o que podia e, num gesto que chamou atenção, chegou a apontar o dedo para sua mulher, a ex-primeira-dama Marisa Leticia, morta há três meses depois de sofrer um AVC. Com isso, Lula fez lembrar a ordem mais popular das histórias francesas de detetive quando se pretende esclarecer algum mistério insondável: *cherchez la femme* — ou, siga a mulher.

Segundo Lula, Marisa foi quem se interessou pelo triplex, e não ele. E interessou-se para fazer um investimento, não para morar nem para passar o verão à beira-mar. O juiz Moro perguntou sobre as mensagens telefônicas trocadas por executivos da OAS nas quais o ex-presidente aparece como o beneficiário da reforma do imóvel. “Eu não sou obrigado a responder mensagens que o Ministério Público pegou entre duas pessoas alheias a mim”, respondeu o réu. O juiz perguntou sobre a visita de Lula ao triplex na companhia de Léo Pinheiro, então presidente da OAS. “Fui ver o apartamento, coloquei quinhentos defeitos no apartamento, voltei e nunca mais



BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E
OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

BRASIL

conversei com o Léo sobre o apartamento.” O juiz perguntou por que Marisa Leticia visitou o triplex em 2014, quando discutia com funcionários da OAS benfeitorias no imóvel. Diante da insistência de Moro, Lula afirmou desconhecer documentos assinados por Marisa e não saber por que sua família, na negociação com a OAS, teve condições mais favoráveis do que as de outros proprietários de apartamentos no mesmo edifício. O direito de aquisição do imóvel era de sua esposa, repetia o réu. E repetia de forma enfática, ao tentar afastar-se de qualquer responsabilidade sobre a transação.

Depois de transferir o protagonismo do caso para a ex-primeira-dama, Lula pediu ao juiz Moro para não lhe fazer mais perguntas sobre ela. “É muito difícil pra mim toda hora que o senhor cita minha mulher sem ela poder estar aqui para se defender”, registrou. “Eu não estou acusando ela de nada”, rebateu o juiz. Na réplica, Lula estendeu à esposa o figurino de vítima da força-tarefa da Lava-Jato: “Uma das causas que ela morreu foi a pressão que ela sofreu”. A certa altura, a pretexo de resumir seu próprio papel no caso do triplex, disse: “A verdade é o seguinte, doutor Moro, eu vou repetir: eu não solicitei, não recebi, não paguei nenhum triplex”.

Quando visitou o imóvel na companhia de Léo Pinheiro, Lula disse que foi levado pelo empreiteiro porque ele, o empreiteiro, tinha todo o interesse em lhe vender o apartamento. É uma pena que o juiz Moro não tenha se detido nesse aspecto: afinal, por que um executivo, presidente de uma empresa enorme, se daria ao trabalho de levar cliente por cliente até um imóvel para vendê-lo? Por que um dos maiores empreiteiros do país trabalharia de vez em quando como corretor de imóveis? É indis-

OS MAUS COMPANHEIROS

Os amigos são um problema para Lula. No mensalão, ele alegou que não sabia de nada, se disse traído por pessoas de sua confiança e escapou ileso. No petrolão, a história se repete

**LÉO PINHEIRO**

O ex-presidente da OAS compartilhava da intimidade de Lula. Preso, o empreiteiro confessou que o triplex pertencia a Lula e foi comprado com dinheiro de propina

**JOÃO VACCARI**

O ex-tesoureiro do PT tinha o apelido de “Padre”, tamanha a sua discrição. Preso, ele é acusado de ter negociado dezenas de milhões de reais em propinas, divididas entre o PT e Lula

**JOSÉ CARLOS BUMLAI**

O pecuarista dispunha de passe livre para entrar no Palácio do Planalto. Preso, é acusado de ter participado de operações que resultaram em propinas de 14 milhões de reais para Lula e o PT

**ALEXDRINO ALENCAR**

O ex-diretor da Odebrecht era o elo entre Lula e a empreiteira. Preso, confessou que custeou a reforma do sítio em Atibaia e pagava mesada a parentes de Lula

**JOÃO SANTANA**

O marqueteiro era conselheiro informal de Lula. Preso, confessou que o ex-presidente sabia que a Odebrecht financiava as campanhas dele e de Dilma

tível, por uma lógica elementar, que Léo Pinheiro tinha de estar na visita de Lula por razões especiais — e não por seu mero interesse em negociar uma cobertura com o ex-presidente.

Sentado no banco dos réus, Lula afirmou que não sabia da corrupção na Petrobras e terceirizou responsabilidades por eventuais crimes cometidos. Foram quase cinco horas de audiência. No campo jurídico, Lula procurou não cair em contradição, mas nem sempre foi feliz. A Moro, disse que não sabia da reforma no apartamento e, por isso mesmo, não tratou da obra com Léo Pinheiro. Já em março de 2016, quando foi alvo de condução coercitiva, admitiu em depoimento à Polícia Federal ter tratado de um “projeto” para o imóvel. “Quando eu fui a primeira vez, disse ao Léo que o prédio era inadequado, porque um triplex de 215 metros é um triplex ‘Minha Casa, Minha Vida’, era pequeno. Eu falei: ‘Léo, é inadequado para um velho como eu’. O Léo falou: ‘Eu vou tentar pensar um projeto pra cá’”, contou Lula ao depor à PF. Naquela mesma ocasião, ele deu a entender que dona Marisa havia visitado o triplex depois dessa conversa para verificar se as recomendações feitas pelo casal haviam sido seguidas pela OAS. Na semana passada, no entanto, disse ao juiz que não sabia que a esposa havia voltado ao triplex.

Além das contradições, Lula enfrenta uma artilharia pesada em depoimentos de velhos amigos. Réu na mesma ação, Léo Pinheiro declarou ao juiz Moro que o petista era o proprietário oculto do triplex no Guarujá e que reformou o imóvel a pedido dele e de Marisa. As despesas, narrou o empreiteiro, foram custeadas com dinheiro desviado dos cofres da Petrobras. Pinheiro também contou ter ouvido do ex-presidente um pedi-

PHILIP LOEB/AGF/AL; PHOTOFEST; WALTER PORCOSA; RENATO S. COSTA/REDA; FURBER; PRESS/VEZEMANHOS; WALTER PORCOSA; RENATO S. COSTA/REDA; PHOTOFEST/AL/AL



NO BANCO DOS RÉUS No depoimento ao juiz Sergio Moro, a reedição da estratégia do "eu não sabia de nada"

do para que destruísse as provas de pagamento de propina ao PT no exterior. "Isso nunca aconteceu e nunca vai acontecer", rebateu Lula, ao depor para Moro. Com ironia, ele acrescentou que seu nome se tornara a cartada principal de suspeitos interessados em fechar acordos de delação premiada. "O que aconteceu nos últimos trinta dias, doutor Moro, vai passar para a história como o mês

MV BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E ASSISTA AOS MELHORES MOMENTOS DO DEPOIMENTO DE LULA

Lula, porque foi o mês em que vocês trabalharam, sobretudo o Ministério Público, para trazer todo mundo para falar uma senha chamada Lula."

A senha Lula, eis um problema, tem sido acionada por amigos, e não por inimigos do ex-presidente. Dias depois do depoimento de Léo Pinheiro, o ex-

diretor de Serviços da Petrobras Renato Duque bateu à porta de Moro, numa demonstração de que gostaria de fechar um acordo de colaboração. Contou ter se encontrado com Lula em 2014, num hangar do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, quando a Lava-Jato já estava nas ruas. Na ocasião, Lula teria lhe perguntado se ele havia recebido propina no exterior e, em seguida, determinado que apagas-

PRESENTE A LULA

Na semana de seu primeiro depoimento como réu da Lava-Jato à Justiça, o ex-presidente Lula ganhou aliados inesperados. Em uma decisão que não teve o apoio nem mesmo do Ministério Público, o juiz substituto Ricardo Leite, da 10ª Vara Federal Criminal do Distrito Federal, mandou fechar o Instituto Lula sob o argumento de que existiam indícios "veementes" de que "delitos criminais" haviam sido cometidos

lá. "É como fechar um restaurante porque se negociou o pagamento de propina no local", afirma Davi Tangerino, professor de direito penal da FGV-SP. A defesa de Lula já entrou com pedido de cassação da decisão do juiz.

Na segunda-feira, a juíza Diele Denardin Zydek, da 5ª Vara de Fazenda Pública de Curitiba, proibiu a montagem de acampamentos e a passagem de veículos em áreas próximas ao prédio onde ocorreu o depoimento de Lula ao juiz Sergio Moro. Nesse caso, nem o fato de estar respondendo a um pedi-

do da prefeitura da capital paranaense livrou a magistrada da acusação de parcialidade – apoiadores de Lula logo trataram de divulgar a informação de que ela havia se manifestado contra o petista nas redes sociais mais de uma vez. Faz parte da estratégia dos advogados de Lula alegar que o ex-presidente é vítima de uma perseguição da Justiça. Para eles, decisões judiciais sem lastro ou tomadas por magistrados que consideram natural manifestar suas preferências políticas no Facebook são um presente dos céus.

BRASIL

se todo e qualquer rastro do crime. O encontro, segundo Duque, foi marcado pelo ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto. Em seu depoimento a Moro na semana passada, Lula reconheceu ter estado com Duque no hangar e perguntado sobre contas no exterior. Disse que o ex-diretor negou ter conta lá fora, e assim se encerrou o assunto. A versão é improvável. O ex-presidente afirmou ter procurado Duque depois de ler na imprensa a suspeita de que o subordinado tinha recebido propina no exterior, mas não há registro de reportagem com esse conteúdo em julho de 2014, época do encontro em Congonhas. Além disso, se sua intenção era apenas perguntar se Duque tinha conta no exterior, por que marcar um encontro num hangar? Não bastaria pedir a Vaccari Neto, seu homem de confiança, que fizesse a pergunta? Um encontro num hangar, marcado com antecedência, pressupõe uma conversa relevante e necessária. Lula ainda se contradisse ao se referir a Vaccari. No depoimento, afirmou que não sabia da amizade entre o ex-tesoureiro e Duque, mas, em seguida, informou que

pediu a Vaccari que chamasse o ex-diretor para o encontro no aeroporto.

Em cinco horas de depoimento, Lula também fez críticas duras à imprensa, citando alguns veículos nominalmente, inclusive VEJA. Disse que a imprensa está dedicada a incriminá-lo e que só noticia o que o prejudica. Afirmou que é vítima da maior “caçada jurídica” da história do país e que o objetivo de tanta hostilidade é evitar que ele seja candidato ao Palácio do Planalto em 2018. E completou: “Depois de tudo o que está acontecendo, estou dizendo em alto e bom som que vou querer ser candidato à Presidência da República outra vez”.

A afirmação foi feita após Moro perguntar se era verdade que Lula teria dito, ao final da condução coercitiva de que foi alvo, que seria eleito em 2018 e se lembraria de cada agente envolvido naquela ação. O réu respondeu que não se lembrava dessas colocações. Naquela altura do depoimen-

PIADA DE SALÃO O ex-presidente voou para Curitiba a bordo de um jato de um amigo envolvido no mensalão



JULGAMENTO POLÍTICO É OUTRA COISA

O ex-presidente Lula diz que é vítima de perseguição da Justiça. Os estudiosos Jens Melerhenrich e Devin Pendas, no livro *Political Trials in Theory and History*, citado no blog de Sérgio Praça, de VEJA.COM, descrevem e classificam os julgamentos históricos que podem ser chamados de “políticos”. Nenhum dos casos se aplica a Lula



JULGAMENTO DIDÁTICO

Comum em regimes totalitários, serve para comunicar uma mensagem política com fins “educativos” – objetiva ser um “exemplo” para a sociedade. O exemplo, segundo os autores, é o julgamento, em 1981, de membros do Partido Comunista da China (entre eles, a mulher de Mao Tsé-tung, Jiang Qing) que formavam o Bando dos Quatro. Eles foram condenados à prisão perpétua pela morte de mais de 30000 chineses durante o regime maolista

GETTY IMAGES

JULGAMENTO DESTRUTIVO

Aplica-se em casos de genocídio e crimes de guerra, quando o objetivo é aniquilar o inimigo político, real ou imaginário. Os autores citam o exemplo do julgamento dos criminosos nazistas em Nuremberg (Alemanha), após o fim da II Guerra. O caráter “destrutivo” não se esgota na culpabilização do réu, mas se estende à destruição da sua imagem



HELENA ANDREWS/REUTERS/PHOTO

to, Moro listava iniciativas do ex-presidente que poderiam soar como tentativa de intimidação de autoridades envolvidas na apuração do petrolão, como ações propostas contra integrantes da força-tarefa da Lava-Jato. O juiz lembrou do discurso no qual Lula anunciou que prenderia, caso eleito presidente, aqueles que “mentiram” sobre ele. Lula disse que apenas usara uma força de expressão. Em seguida, provocou o juiz: “No dia em que o senhor for candidato, vai ter muita força de expressão no palanque”. Lula acha que, se a sua candidatura for consolidada, nenhum tribunal terá coragem de condená-lo à prisão. A política intimidaria a Justiça. A tese tem raízes fincadas nos desdobramentos políticos do mensalão. Apesar de seus principais auxiliares terem sido mandados ao xilindró naquele escândalo, Lula nem sequer foi denunciado. Declarou-se traído pelos companheiros, tal como se declara traído agora. Na ocasião, atribuir a culpa a terceiros funcionou. Lula reelegeu-se em 2006 e fez de Dilma Rousseff sua sucessora em 2010. ■



BETTMAN/GETTY IMAGES

JULGAMENTO DECISIVO

Ocorre quando um assunto suscita, entre grupos sociais ou políticos, grande discordância que não se resolve por meio de plebiscito ou de eleições. Os autores exemplificam esse tipo de julgamento com a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, em 1954, que proibiu a existência de escolas separadas para alunos negros e brancos no país



GETTY IMAGES

ASSIM NASCEM AS ESTRELAS
Como funciona a fantástica máquina que produz ídolos sertanejos como Luan Santana

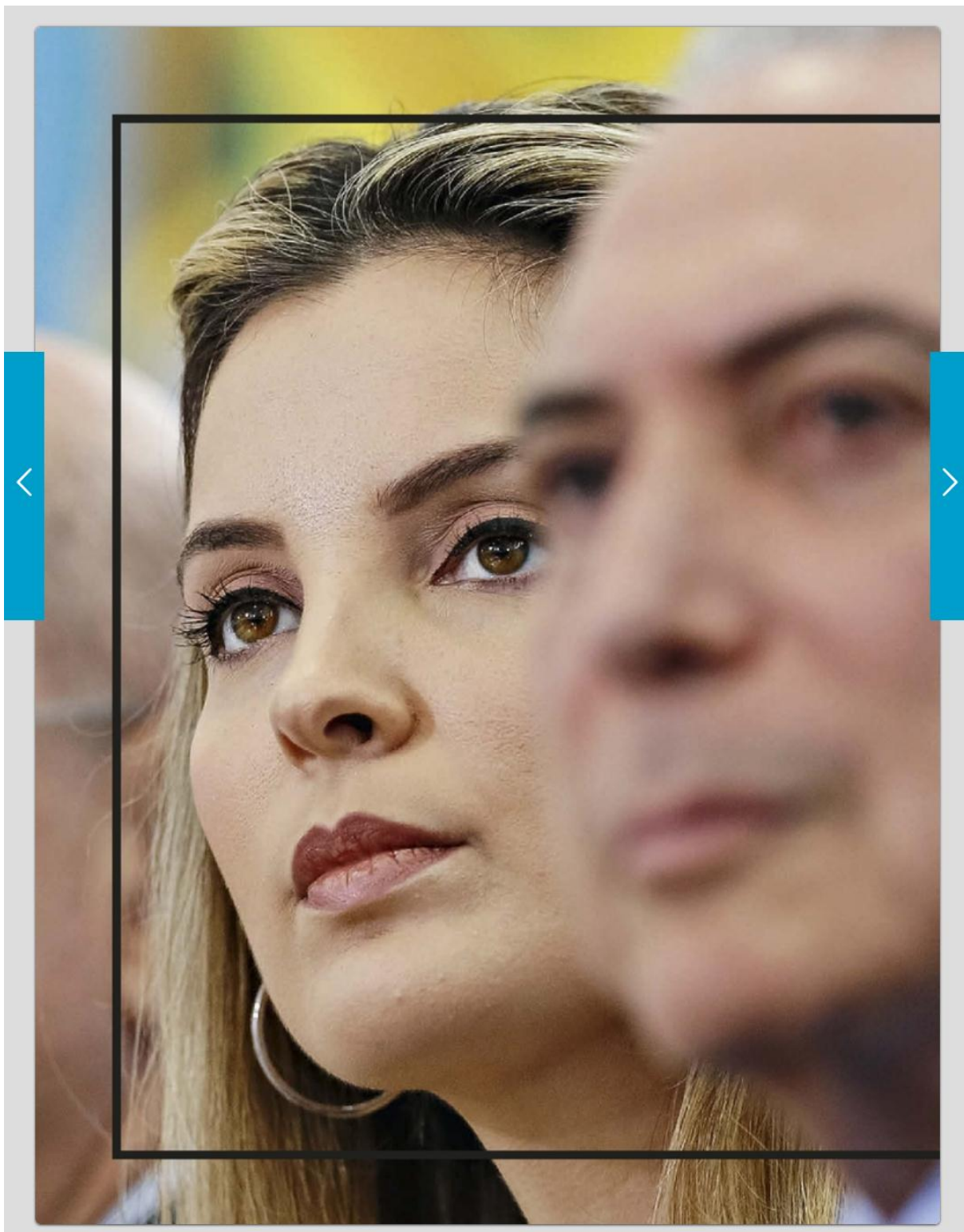
GANHE ATÉ R\$ 18
PARA COMPRAR REVISTAS ABRIL
Página 21

veja
www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2511 - ano 50 - nº 1
4 de janeiro de 2017

**MARCELA TEMER,
A APOSTA DO GOVERNO**

Com uma agenda de aparições nacionais, a jovem e bela primeira-dama vira a grande cartada do Palácio do Planalto para tirar a popularidade do atoleiro



A ESTREIA DE MARCELA TEMER

Com uma agenda nacional que começa a ser cumprida a partir de janeiro, a primeira-dama é a mais nova aposta para tentar alavancar os baixos índices de popularidade do governo

ROBSON BONIN, LARYSSA BORGES E HUGO MARQUES



APONTE A
CÂMERA PARA
ESTAS PÁGINAS
E OUÇA O
TEXTO DESTA
REPORTAGEM

O estereótipo da primeira-dama dedicada a cuidar apenas do marido e da família parecia encaixar-se perfeitamente no perfil de Marcela Temer. Em 2010, quando Michel Temer foi eleito vice-presidente da República, ela nem sequer quis morar em Brasília. Tímida e avessa a badaladoes, preferiu ficar em São Paulo, longe dos holofotes, dedicando-se ao filho, Michelzinho, hoje com 7 anos. A ascensão de Temer ao Planalto, porém, mudou radicalmente os planos de Marcela, embora não o seu comportamento. No papel de primeira-dama desde 21 de agosto, quando Temer assumiu definitivamente a Presidência da República, ela quase não se fez ouvir até agora. Marcela apareceu aqui e ali, sempre de maneira discreta e protegida por seguranças que impedem a aproximação de jornalistas. A ordem era preservá-la, mantê-la afastada das intrigas típicas do poder. Os cuidados tiveram efeito contrário. Em praticamente todos os eventos aos quais compareceu, Marcela chamou atenção, despertou curiosidade e, mesmo sem pronunciar uma palavra, produziu o que os marqueteiros chamam de "uma agenda positiva". Os assessores do presidente Temer decodificaram esses sinais. Perceberam que a ressurreição da figura da primeira-dama pode ajudar a melhorar a imagem do governo, e agora querem alçá-la ao papel de protagonista.

No início do governo, Marcela tornou-se "embaixadora" do Programa Criança Feliz e ganhou um gabinete no Palácio do Planalto. Era uma função meramente protocolar. Nos últimos dois meses, com investimento e foco, a primeira-dama passou a submeter-se a um intenso programa de treinamento,



1



2



4



3

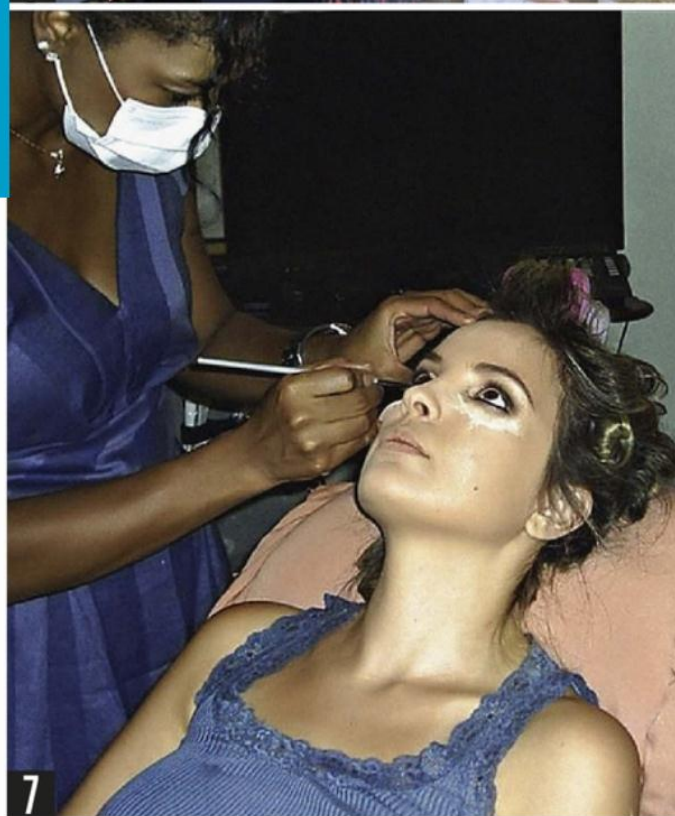


5

OS RETRATOS DA PRIMEIRA-DAMA

Como embaixadora do Programa Criança Feliz, Marcela Temer treina e se prepara para assumir um papel mais visível no governo. Em novembro, sem alarde, ela visitou crianças vítimas de microcefalia em um hospital de Brasília (1). Aos 33 anos, a mulher do presidente chama atenção por onde passa e tem os vestidos copiados no dia seguinte às suas aparições (2). Na adolescência, pensava em seguir a carreira de modelo (3).

Aos 19 anos, ficou em segundo lugar num concurso de miss (4) em São Paulo. A juventude foi passada sem luxos em Paulínia (5). Casada há treze anos com Michel Temer (6), ela se mudou recentemente para Brasília (na foto, no salão de beleza) (7)



que inclui contatos com alguns dos maiores especialistas em políticas para a primeira infância. Marcela já esteve com a chinesa Mary Young, considerada uma referência mundial na área, e com a psicóloga americana Jane Lucas, responsável durante mais de uma década pelo desenvolvimento de programas ligados à primeira infância junto ao Unicef e à Organização Mundial da Saúde. “Nas nossas conversas, Marcela ouve mais do que fala, mas, quando fala, são coisas consistentes. Ela anota muita coisa, pergunta muita coisa, mostra que lê muito. Está concluindo a fase de preparação, de tomar pé do assunto para poder agir”, relata Osmar Terra, ministro do Desenvolvimento Social e tutor da primeira-dama.

A estreia no novo papel está marcada para meados de janeiro. A primeira-dama já agendou visitas a três estados, conversou com empresários e negocia parcerias com a iniciativa privada. Segundo o ministro Osmar Terra, o plano de ação de Marcela Temer foi inspirado num programa coordenado na década de 90 pela então primeira-dama americana Hillary Clinton, que ganhou notoriedade com o sucesso das políticas de assistência voltadas a filhos de imigrantes. O Criança Feliz vai priorizar famílias beneficiárias de programas sociais do governo, como o Bolsa Família, com atenção especial às vítimas da microcefalia.

Não se faz política social sem dinheiro. Em tempos de ajuste fiscal, contar com o empenho da primeira-dama é um diferencial. Quando Marcela atuava apenas de modo protocolar no Criança Feliz, o programa recebeu 20 milhões de reais. Em outubro, ela conseguiu arrancar 400 milhões de reais para 2017. Não foi fácil — nem tão difícil. O Ministério do Planejamento avisou que não seria possível liberar tanto dinheiro, mesmo reconhecendo a



ESPELHO O programa implementado pela ex-primeira-dama Hillary Clinton serve de modelo para Marcela Temer

importância do programa. A seu modo, a primeira-dama enfrentou e venceu a burocracia. Marcela conversou com Temer, que conversou com o ministro, que refez os cálculos. Sem muita resistência, a verba não só foi liberada como ficou acertado o repasse de mais 800 milhões de reais para 2018.

Ninguém admite publicamente, mas, nos bastidores, o Planalto espera que “o frescor que a imagem de Marcela pode prover”, segundo um assessor, renda dividendos também ao governo do marido, visto com simpatia por menos de 10% dos brasileiros e acossado pelo desempenho fraco na economia e pelo avanço da Operação Lava-Jato. Será

um desafio e tanto. “Pelo perfil que o presidencialismo tem, mesmo uma primeira-dama que tenha muito preparo e que seja muito querida não atinge mais que 5% da visibilidade do presidente. É uma posição muito mais decorativa do que qualquer coisa”, diz o cientista político Rubens Figueiredo.

Nascida na cidade de Paulínia, no interior de São Paulo, Marcela passou um pedaço da infância e juventude morando com a mãe, o pai e os dois irmãos numa casa com telhas de amianto, no bairro de Santa Terezinha. Perito dos 17 anos, começou a chamar atenção pela beleza. Quando um tio paterno soube que um concurso de

misses estava sendo organizado na cidade, mandou chamar a menina para que se apresentasse aos organizadores. Magérrima, com quase 1,72 metro de altura, Marcela impressionou o casal Heloísa Mesquita e Paulo Eduardo Berenguel não só pela beleza. “Ela tinha postura”, diz Heloísa. Marcela ficou com o segundo lugar. Pouco tempo depois, participou de outro concurso, o Miss Estado de São Paulo, e também tirou o vice-campeonato. Foi nessa época que, aos 19 anos, conheceu o futuro marido, então com 61. Em campanha para deputado federal, Temer foi convidado a um churrasco numa chácara de Paulínia. Ali, entre

AS MULHERES DOS PRESIDENTES



1



2



3



4

Marly Sarney (1), mulher de José Sarney, foi uma primeira-dama discreta e comandou protocolarmente os programas assistenciais do governo. Rosane Collor (2) fez o contrário: jovem e impulsiva, dava as cartas na área social e foi demitida pelo próprio marido, por se envolver em pesadas denúncias de corrupção. Com alto preparo intelectual, Ruth Cardoso (3), que não gostava da expressão "primeira-dama", construiu as bases para a criação de um amplo programa de proteção social. Geniosa, Marisa Letícia Lula da Silva (4) tentou marcar presença no início do governo, mas acabou se desentendendo com assessores e passou oito anos esquecida

muitos olhares e pouca conversa, surgiu a chama entre eles. A família ficou em festa. Desse dia até a data do casamento não se passou um ano.

Já como senhora Temer e morando no bairro de Alto de Pinheiros, em São Paulo, Marcela deu início à sua lapidação intelectual. Terminou o 3º ano do ensino médio, estudou inglês, mais tarde francês, e entrou para o curso de direito de uma pouco conhecida faculdade, a Fadisp. "Ela ia para o curso de motorista, e aos sábados, nas aulas de especialização, era o marido quem a levava. Houve certa vez uma reunião de estudos para uma prova na casa dela, com direito a explicações do Michel Temer. No dia seguinte, os alunos chegaram afiados na matéria", conta a advogada Fabiana Chiarelli, uma das colegas de turma de Marcela. Em 2009, a primeira-dama apresentou como conclusão de seu curso o trabalho "Fertilização *in vitro* no direito brasileiro". No mesmo ano, nasceu seu filho, Michelzinho. Nesses sete anos, Marcela não exerceu a profissão (ainda não prestou o exame da OAB). Dedicou-se a cuidar da casa, do marido e do filho, a quem leva e busca todos os dias na escola. A rotina deve mudar a partir de agora. Na semana passada, indagada sobre as novas tarefas, a primeira-dama descreveu assim sua missão: "É uma honra ser primeira-dama do Brasil e poder ajudar meu marido. Acho que o governo está indo muito bem, está no caminho certo. Como esposa, quero dar minha contribuição ao país. A forma que encontrei de ajudar o governo foi ser voluntária, auxiliando no desenvolvimento de nossas crianças", disse Marcela Temer a VEJA, por meio de uma nota. A torcida é para que, depois de assumir o centro do palco, suas declarações fiquem um pouco menos protocolares. ■

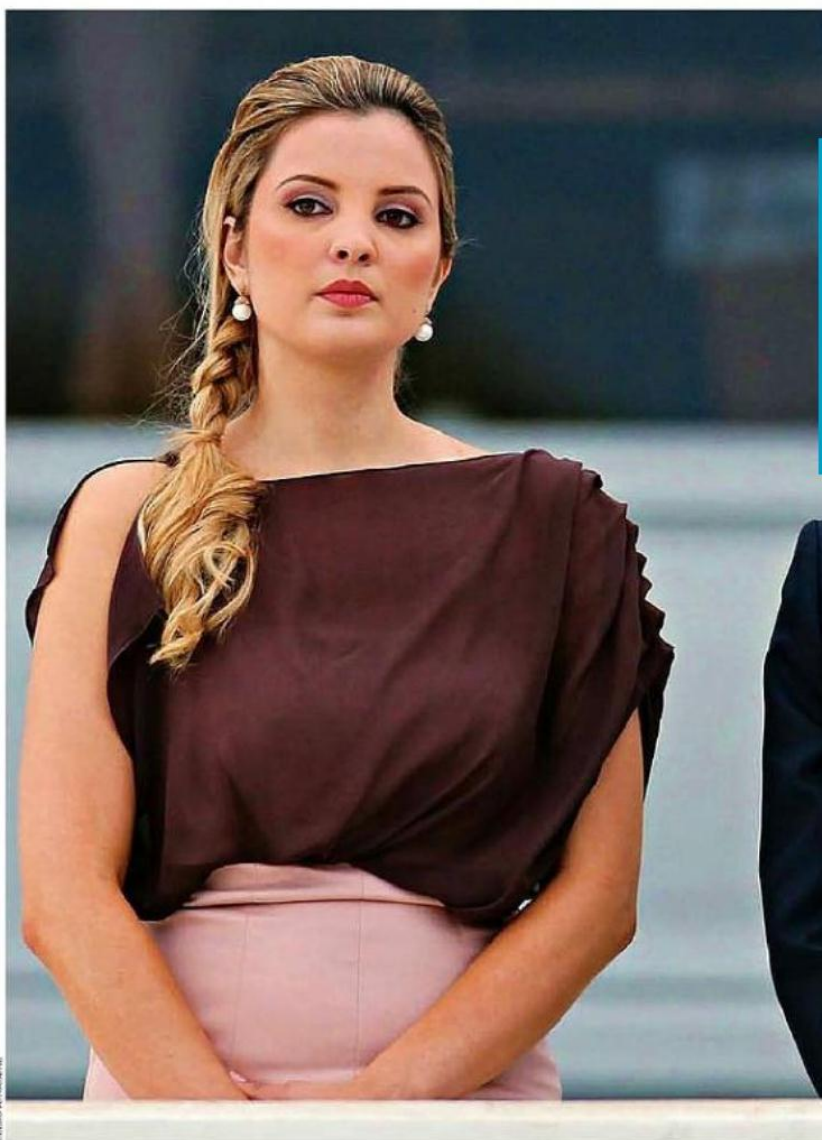
Colaborou Juliana Linhares

Brasil

DENTRO DA FESTA DA

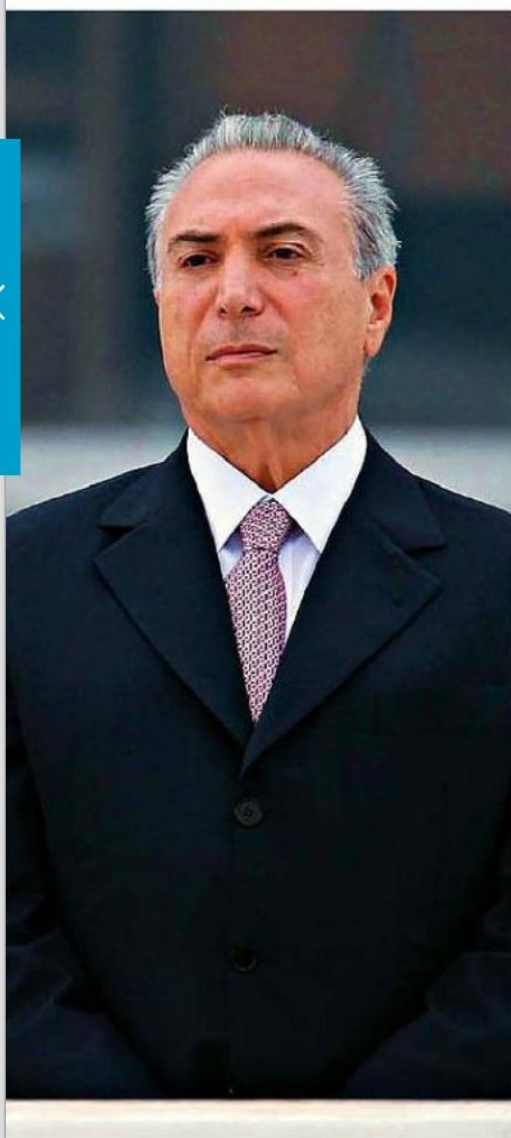
MARCELA, A BELA

A primeira-dama francesa Carla Bruni não deu o ar de sua graça, de seu charme, de todo o seu resto — e, assim, um bando de bigodudos de cabelo acaju ameaçava transformar a cerimônia de posse em um desastre estético. Mas quando **MARCELA TEMER**, de 28 anos, surgiu ao lado do marido, o vice Michel Temer, de 70 (o que são 42 anos para um casal que se ama?), o mármore dos palácios brasileiros esquenciou. Loira, quase um palmo mais alta que o marido e com sinuosidades que nem Oscar Niemeyer seria capaz de imaginar, ela mesmerizou, magnetizou, encantou. Tanto que, durante a posse, seu nome se tornou um dos assuntos mais comentados no Twitter. Ex-candidata a miss e formada em direito, Marcela tinha 19 anos quando conheceu Temer. No primeiro encontro do casal, a moça fez direitinho: levou a mãe, por segurança. As intenções de Temer, no entanto, logo se converteram nas melhores possíveis. Sem nenhum toma lá dá cá, menos de um ano depois, já estavam casados. Em 2009, tiveram um filho, Michelzinho, exibido pelo pai orgulhoso em meio à posse. O penteado de Marcela, arrematado com uma trança lateral, deixou escapar um detalhe que quase ninguém viu: uma tatuagem na nuca, com o nome do marido. “Isso é algo muito íntimo. Prefiro não comentar”, disse a bela.



CELIA PINOBIATI

POSSE



JONNE BORZAR

INIMIGOS NO MESMO METRO QUADRADO

Em se tratando de cerimonial, não existe obra do acaso, e sim gofe. Pois não é que, na fila de cumprimentos a Dilma, deixaram a secretária de Estado americana HILLARY CLINTON, de 63 anos, e o tiramete venezuelano HUGO CHÁVEZ, de 56, ocupar o mesmo metro quadrado? Tse, tse, tse... Na semana em que os Estados Unidos revogaram o visto do embaixador venezuelano em Washington, Hillary teve de estampar um sorriso amarelo (o que não é exatamente um sacrifício, visto constar de sua "job description") e estender a mão ao falasirão "antestadunidense", que é como os perfeitos idiotas latino-americanos gostam de se autodefinir. Com esse tipo de companhia à vista, Hillary, que perdeu o discurso de Dilma no Congresso, foi embora do Itamaraty antes de o coquetel começar. Foi uma visita tipo assim SSS: surgir, sorrir, sumir.

MAMÃE SABE TUUUDO!

A professora aposentada DILMA JANE ROUSSEFF, de 86 ou 87 anos, não importa, sabe tudo. "Ela pediu para ser maquiada duas horas antes da festa e, depois, ficou sentada, durinha, para não estragar a pintura", conta a maquiadora Rose Paz. Na hora de passar o batom, Rose sugeriu uma cor clara. Sugestão recebida e prontamente recusada. "Nada disso. Quero o rosa mais escuro que você tiver. Vai harmonizar com o vestido vermelho", disse a primeira-mãe. Ela sabe, sim, do que fala: já fez até curso de maquiagem (só toma café da manhã depois de colocar uma corzinha no rosto). Alguém duvida de que Dilma Jane será uma estrela de primeira grandeza na vida social brasileira?



ERILDO PEREIRA

COMO SERÁ



BELA, RECATADA E “DO LAR”

A quase primeira-dama Marcela Temer, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice **JULIANA LINHARES**

MARCELA TEMER é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país — e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no

chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do

A "MAR" DO "MI"

Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos

ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. "No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país", conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou — ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era "educadíssima", lembra o cabeleireiro. "Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora", informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela "tem tudo para se tornar a nossa

Grace Kelly". Para isso, falta só "deixar o cabelo preso". Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público poucas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adules-

"Marcela tem tudo para ser a nossa Grace Kelly."

MARCO ANTONIO DE BIAGGI, cabeleireiro

cente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e "mergulhar num outro mundo" — o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: "De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir".

Michel Temer é um homem de sorte. ■